

ANDREA PINTO DE MAGALHÃES

**O serviço Biblioitinerante de uma Biblioteca Municipal:  
*Um estudo de caso***

Dissertação de Mestrado em Educação e Bibliotecas  
Trabalho realizado sob a orientação da  
Professora Doutora Isabel Vaz de Freitas



UNIVERSIDADE  
PORTUGALENSE

DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO E DO PATRIMÓNIO

Maio 2012

## DECLARAÇÃO

Nome: Andrea Pinto de Magalhães

Nº do Cartão de Cidadão: 10749321 7ZX5 Telem.: 914980856

e-mail: [andrea.magalhaes76@gmail.com](mailto:andrea.magalhaes76@gmail.com)

Mestrado

Designação do mestrado: Mestrado em Educação e Bibliotecas

Ano de conclusão: 18/09/2012

Título da dissertação:

**O serviço Biblioitinerante de uma Biblioteca Municipal: *um estudo de caso***

Orientadora:

Doutora Isabel Vaz de Freitas

**Declaro, para os devidos efeitos, que concedo, gratuitamente, à Universidade Portucalense Infante D. Henrique, para além da livre utilização do título e do resumo por mim disponibilizados, autorização, para esta arquivar nos respectivos ficheiros e tornar acessível aos interessados, nomeadamente através dos seu repositório institucional, o trabalho supra-identificado, nas condições abaixo indicadas:**

[Assinalar as opções aplicáveis em 1 e 2]

**1. Tipo de Divulgação:**

**Total.**

**Parcial.**

**2. Âmbito de Divulgação:**

**Mundial (Internet Aberta)**

**Intranet da Universidade Portucalense.**

**Internet, apenas de**  **1 ano**  **2 anos**  **3 anos – até lá, apenas Intranet da UPT**

**Advertência:** O direito de autor da obra pertence ao criador intelectual, pelo que a subscrição desta declaração não implica a renúncia de propriedade dos respectivos direitos de autor ou o direito de a usar em trabalhos futuros, os quais são pertença do subscritor desta declaração.

Assinatura: \_\_\_\_\_

Porto, 18/09/2012

## **Agradecimentos**

À Professora Doutora Isabel Vaz de Freitas pela orientação prestada, recheada de ensinamentos, disponibilidade e incentivo permanentes.

À Coordenadora do Mestrado em Educação e Bibliotecas, Professora Doutora Manuela Barreto Nunes, pela sabedoria e transmissão dos seus ensinamentos, que ao longo dos anos, foi apresentando sempre com o máximo rigor.

Às crianças e professores, pela colaboração na participação deste projecto, pois sem eles nada teria sido possível. E em especial à criatividade e espírito crítico das crianças nas respostas dadas aos inquéritos, que muito contribuíram para uma melhor apreciação dos serviços da Biblioteca Itinerante.

Aos colegas da Biblioteca Municipal de Espinho que, com a sua experiência, me forneceram dados relevantes para este trabalho.

À minha família, pelas horas que deixei de estar com eles, em que o seu apoio e constante encorajamento foram fundamentais para prosseguir a minha meta.

## Resumo

A leitura tem um papel de extrema importância no desenvolvimento da personalidade das crianças; em consequência, a literatura infantil e a forma como é elaborada, incluindo o texto, narrativo ou poético, e as ilustrações, são fundamentais não apenas para o desenvolvimento da personalidade infantil, mas também dos níveis de literacia das crianças. Neste sentido, as Bibliotecas Públicas podem exercer uma actuação de grande influência, através dos serviços que prestam no âmbito da promoção da leitura e da difusão da literatura para a infância. Aqui incluem-se as bibliotecas itinerantes, que fazem chegar a informação onde é mais difícil, pelas mais variadas razões. O serviço de bibliotecas itinerantes, que tem origens no século XIX, foi em Portugal desenvolvido pela Fundação Calouste Gulbenkian entre o início dos anos 50 do século passado e o início da última década do século XX, e permanece vivo nos dias de hoje, através de muitas bibliotecas integradas na Rede Nacional de Bibliotecas Públicas.

O presente trabalho incide sobre a temática das bibliotecas itinerantes, partindo de uma revisão da literatura que abrange quatro temas fundamentais para alicerçar o estudo empírico desenvolvido, a saber, (1) a importância da leitura e escrita na criança, (2) os serviços da Biblioteca Pública no apoio à aprendizagem, (3) a História das Bibliotecas Públicas em Portugal e (4) a História da Biblioteca Itinerante no concelho de Espinho.

O principal objectivo da investigação foi avaliar, nas escolas do 1º ciclo do concelho de Espinho (Esmojães, Guetim, Bouça, Lomba, Quinta da Seara, Espinho 3, Anta 1, Anta 2, Anta 3, Monte, Calvário e Marinha), o serviço prestado pela carrinha Biblioitinerante, através das opiniões dos alunos do 4º ano. Para a sua realização elaborámos um inquérito por questionário, cujos resultados nos permitiram enquadrar os alunos com a leitura, a biblioteca e serviço itinerante, avaliar a qualidade dos recursos disponíveis (humanos e documentais), analisar a influência das visitas da Biblioitinerante e finalmente obter informações sobre os gostos dos alunos em questão, no âmbito dos

temas preferidos para leitura e para a realização de actividades de animação. Como era expectável, existem diferenças nos resultados obtidos, considerando as escolas e a sua localização geográfica nas diversas freguesias do concelho, tendo em conta as características socioeconómicas e culturais das mesmas.

**Palavras-chave:** Biblioteca pública, Biblioteca itinerante, promoção da leitura, literacia no 1º ciclo.

## **Abstract**

Reading has an extremely important role in personality development of children; as a result of that, children's literature and how it is drafted, including the text, narrative or poetic, and the illustrations, are not only fundamental to the development of the child's personality, but also to the literacy levels of children. In this sense, public libraries may have an action of great influence, through the services they provide within the reading promotion and dissemination of literature for children. This includes whether the mobile libraries, which do get the information where it is more difficult, for various reasons. The mobile library service, which has origins in the nineteenth century, was developed in Portugal by the Calouste Gulbenkian Foundation between the early fifties of last century and the beginning of the last decade of the twentieth century, and remains alive nowadays, through many libraries participating in the National Network of Public Libraries.

This work focuses on the theme of mobile libraries, based on a literature review covering four key themes to underpin the empirical study, namely, (1) the importance of reading and writing in children (2) the services of Public Library in the learning support, (3) the history of Public Libraries in Portugal and (4) the history of Mobile Library in the city of Espinho.

The main aim of the research was to evaluate the schools of the first grade of the city of Espinho (Esmojães, Guetim, Bouça, Lomba, Quinta da Seara, Espinho 3, Anta 1, Anta 2, Anta 3, Monte, Calvário e Marinha), the service provided by the Mobile Library through the students' opinions of the fourth year. For its realization we drew up a questionnaire survey, whose results have allowed us to fit students with reading, library and roaming, assess the quality of available resources (human and documentary), analyze the influence of the visits made by the mobile library and finally get information about the tastes of the pupils concerned, under the favorite subjects for reading and for the conduct of entertainment activities. As expected, there are differences in the results obtained, considering the schools and its geographic location in the

different communes of the city, having in consideration its socioeconomically characteristics as well as cultural.

**Keywords:** Public Library, Library touring, reading promoting, literacy in the first

# Sumário

Introdução .....	9
Capítulo 1 – Literacia Infantil .....	12
1.1. O processo de leitura no Desenvolvimento da criança.....	13
1.2. A ilustração e a animação na aproximação entre a criança e o livro	24
1.3. A literacia nas crianças em idade escolar: o 1º ciclo .....	29
Capítulo 2 - Os Serviços da Biblioteca Pública no apoio à aprendizagem	33
2.1. Objectivos e serviços da Biblioteca Pública no apoio à literacia infantil .....	33
2.2. A Biblioteca Itinerante como um serviço de apoio ao ensino .....	40
Capítulo 3 – História das Bibliotecas Itinerantes em Portugal .....	45
3.1. Aparecimento das bibliotecas itinerantes e sua caracterização ....	45
3.2. O perfil dos leitores das bibliotecas itinerantes .....	62
Capítulo 4 - A Biblioteca Itinerante no Concelho de Espinho.....	65
4.1. A Biblioteca Municipal de Espinho e o aparecimento da Biblioteca Itinerante .....	65
4.2. A biblioteca itinerante hoje .....	75
Capítulo 5 – Problemática de Investigação e metodologia .....	79
5.1. Caracterização do público-alvo.....	83
5.2. Análise dos Resultados do Questionário.....	88
5.3. Conclusões gerais .....	158
5.4. Reflexões finais: estratégias a seguir .....	163
Conclusão .....	169
Referências Bibliográficas: .....	171
Anexos .....	176

## Introdução

O conhecimento é uma premissa fundamental para o desenvolvimento das sociedades modernas. E o acesso à informação é um direito consagrado nos mais diversos documentos legais, sendo que as Bibliotecas (públicas ou privadas), têm neste campo um papel de extrema importância.

De acordo com o Manifesto da Unesco sobre Bibliotecas Públicas (1994) “a Biblioteca Pública, porta de acesso local ao conhecimento, fornece as condições básicas para uma aprendizagem contínua, para uma tomada de decisão independente e para o desenvolvimento cultural dos indivíduos e dos grupos sociais”.

A informação e o conhecimento são pilares no combate à iliteracia e ao analfabetismo, sendo que para tal a leitura é um dos meios mais utilizados no sentido de satisfazer a necessidade básica da aprendizagem que contribuirá para o desenvolvimento da personalidade do ser humano.

As Bibliotecas desempenham aqui um papel fundamental como centros de informação privilegiados e o serviço das Bibliotecas Itinerantes que existe por todo o mundo, assume uma posição de elevado relevo na partilha de informação e sua transmissão aos meios sociais e às instituições que, por motivos diversos, não dispõe de capacidade ou possibilidade de aceder a esse mesmo conhecimento.

Segundo Gill (2001), “enquanto serviço público aberto a todos, a biblioteca pública tem um papel fundamental na recolha, organização e tratamento da informação, assim como na oferta do acesso a um vasto leque de fontes de informação”.

Assim, no caso dos sistemas educativos, tem havido um esforço grande na criação e dinamização de bibliotecas escolares. Contudo, muitas vezes não existe possibilidade de se criarem estes organismos, pelo que o recurso às

Bibliotecas Itinerantes se apresenta como uma solução muito positiva, e que poderá trazer resultados na melhoria dos níveis de literacia e conhecimento dos alunos de todos os ciclos de escolaridade.

Pretende-se com este trabalho<sup>1</sup> avaliar a influência do serviço da Biblioteca Itinerante da Biblioteca Municipal de Espinho, no gosto pela leitura dos alunos do 1º ciclo, nomeadamente nos do 4º ano, formulando-se para tal a seguinte questão de partida:

“O que pensam os alunos do 4º ano de escolaridade, das diversas escolas do concelho de Espinho, da visita da carrinha Biblioitinerante?”.

Os objectivos específicos do trabalho serão avaliar os hábitos de leitura dos alunos da amostra; verificar se os alunos já tiveram algum contacto físico e presencial com alguma biblioteca (pública, privada, escolar, etc.); confirmar se a Biblioteca Municipal de Espinho se encontra devidamente divulgada pelas escolas e se os alunos já lá tinham estado; quais os alunos que recorrem ao serviço da biblioteca itinerante, sempre que o mesmo se desloca à escola para a visitar e ser utilizado pelos alunos; analisar o impacto visual da Biblioteca itinerante; saber se o acervo documental existente neste serviço, está de acordo com as necessidades e interesses destes utilizadores; avaliar os recursos humanos disponíveis na Biblioteca Itinerante; saber se as crianças continuarão a visitar a carrinha da Biblioteca itinerante, perante o que lhes é disponibilizado e oferecido.

Utilizar-se-á para tal um inquérito específico feito a todos os alunos do 4º ano, das escolas do concelho de Espinho que não têm biblioteca escolar, no sentido de se poder avaliar a importância do serviço itinerante da Biblioteca como complemento escolar.

O trabalho será desenvolvido em cinco capítulos, estruturados da seguinte forma:

---

<sup>1</sup> Este trabalho não foi efectuado conforme as novas regras do Acordo Ortográfico.

No primeiro capítulo pretende-se analisar a importância da leitura e da escrita na criança, através da avaliação do processo de leitura no desenvolvimento da sua personalidade, da importância da literatura infantil, do estudo da leitura nos diversos níveis psicológicos, da importância das ilustrações. Abordaremos igualmente algumas técnicas de aproximação entre a criança e o livro, bem como algumas opiniões sobre a evolução da literacia no 1º ciclo.

No segundo capítulo, procuraremos identificar os serviços das bibliotecas públicas que mais apoiam a aprendizagem. Para tal, enunciaremos os principais objectivos destas instituições, indicaremos os diversos serviços que as compõem e finalmente debruçar-nos-emos sobre as bibliotecas itinerantes como um serviço de apoio ao ensino.

No terceiro capítulo, analisaremos a história das bibliotecas itinerantes em Portugal, efectuando uma breve descrição sobre o seu aparecimento e caracterização. Procuraremos igualmente identificar as suas principais características, de acordo com as normas internacionais. E finalmente, enunciaremos os diversos métodos utilizados na selecção do fundo documental, bem como a evolução do perfil dos seus utilizadores.

No quarto capítulo, pretendemos restringir esta análise histórica à biblioteca itinerante do concelho de Espinho, sobre a qual irá ser efectuado este estudo. Caracterizaremos os mesmos parâmetros (história, fundo documental, equipa, equipamentos), e avaliaremos igualmente o seu público-alvo e os serviços nela prestados.

O quinto e último capítulo dedicar-se-á exclusivamente à investigação, pretendendo-se identificar a problemática da investigação e a metodologia utilizada. Caracterizaremos também o público-alvo deste estudo, e analisaremos os resultados obtidos através da apresentação de gráficos, bem como as respectivas conclusões do trabalho.

No final da dissertação apresentaremos as referências bibliográficas utilizadas e por último os anexos.

## Capítulo 1 – Literacia Infantil

Aprender a ler e a escrever tornou-se numa necessidade básica, na sociedade moderna, ao longo dos tempos. De acordo com Rebelo (1993), é de extrema importância saber ler e escrever para poder singrar e participar, de forma activa e correcta, no aproveitamento de todas as oportunidades e recursos que ela nos proporciona.

Segundo este mesmo autor, a escrita revelou-se como um importante e eficaz veículo de armazenamento da informação obtida e acumulada ao longo dos tempos. As mensagens são muitas vezes transmitidas de forma escrita, pelo que o analfabetismo é, na sociedade actual, uma forte limitação ao desenvolvimento do indivíduo (começando na criança).

Assim, conclui Rebelo (1993, p. 39) que “Ser, pois, analfabeto, numa sociedade evoluída, é ficar dependente de outros, é ficar limitado, perdendo a oportunidade de usufruir e participar dos recursos enormíssimos de que a sociedade dispõe e oferece aos seus cidadãos.”

Segundo Hamadache et. al (cit por Rebelo, 1993, p. 40), para a UNESCO, em 1958, analfabeto definia-se como “pessoa incapaz de ler e escrever e de compreender uma exposição simples e breve de factos relacionados com a sua vida quotidiana”. Posteriormente e já em 1978, esta definição é revista por este mesmo organismo, completando-a e ajustando-a à realidade:

*“É considerada funcionalmente analfabeta a pessoa incapaz de exercer todas as actividades para as quais se exige a alfabetização, no interesse do seu grupo e da sua comunidade, e também para permitir-lhe continuar a ler, escrever e calcular, em ordem ao seu desenvolvimento próprio e ao da comunidade “. (idem)*

Mas existem definições mais actualizadas de analfabeto. De acordo com o Novo Dicionário do Livro, “Analfabeto é uma pessoa que não teve oportunidade de aprender a ler, mas que pode fazê-lo. Alguém que é completamente iletrado” (Faria e Pericão, 1999, p. 24).

## 1.1. O processo de leitura no Desenvolvimento da criança

A leitura assume um papel preponderante e fulcral, no sentido de permitir que o indivíduo possa enfrentar a sociedade e os desafios que esta lhe coloca.

E, de acordo com o Plano Nacional de Leitura (2007):

*“Para viver com autonomia, com plena consciência de si próprio e dos outros, para poder tomar decisões face à complexidade do mundo actual, para exercer uma cidadania activa, é indispensável dominar a leitura. Determinante no desenvolvimento cognitivo, na formação do juízo crítico, no acesso à informação, na expressão, no enriquecimento cultural e em tantos outros domínios, é encarada como uma competência básica que todos os indivíduos devem adquirir para poderem aprender, trabalhar e realizar-se no mundo contemporâneo.”*

Sim-Sim (2006, p. 7) acrescenta ainda que “A leitura é simultaneamente um acto individual no que isso encerra de processo pessoal de construção de significado, e um acto social, no que envolve de partilha e de desenvolvimento colectivo.”

Para Manzano (1985) existe ainda hoje uma elevada percentagem de insucesso escolar, o qual resulta muitas vezes numa falta de atenção leitora por parte da criança. Como tal, é importante analisar o processo de leitura das crianças, que se pode iniciar na escola, mas que deve ter continuidade em casa. Os pais deverão criar um ambiente propício a que a criança desenvolva hábitos de leitura, num clima de tranquilidade.

*“Hoje é urgente sensibilizarmo-nos e tomarmos consciência da importância da leitura e da literatura infantil no desenvolvimento da compreensão leitora da criança e da passagem gradual que requer o encontro progressivo com a obra literária nos diferentes ciclos [...]” (Manzano, 1985, p.*

Já segundo Castro (2008) a curiosidade e o exemplo obtido através dos outros são factores que motivam a criança a despertar e a criar o gosto pela leitura. É como se compararmos a televisão e o livro – ambos deverão ser igualmente importantes no universo das crianças. E é aqui que os pais deverão desenvolver um papel fulcral, lendo muito e cada vez mais, não só para si mas também para as crianças.

“A criança que houve histórias desde cedo, que tem contacto directo com livros e que seja estimulada, terá um desenvolvimento favorável ao seu vocabulário, bem como a prontidão para a leitura.” (Castro, 2008, p. 5)

Os pais devem ser conhecedores e acompanhar de muito perto os programas educativos dos seus filhos, para poderem transmitir alguma empatia com os livros (quer seja ao nível da leitura, quer seja das ilustrações). Se esta empatia for positiva, tal poderá conduzir a que juntos (pais ou educadores e filhos) sigam no sentido do prazer pela leitura e da descoberta de tudo aquilo que a leitura e o gosto pelo livro podem trazer à criança, conforme expõe Manzano (1985).

Já para Sousa e Gomes (1994), o ambiente que rodeia as crianças é extremamente importante para que elas possam adquirir hábitos de leitura, o gosto pelo livro e o prazer de ler, uma vez que se ela vive num local onde o recurso ao livro está já enraizado de um modo absolutamente natural, é muito mais fácil atingir estes objectivos em condições mais favoráveis. Para estes autores, “só transmite o gosto de ler quem tem enraizada a paixão pelos livros e foi formado no sentido de a saber comunicar.”

“Hoje, mais do que nunca, um leitor forma-se desde o berço” (Sousa e Gomes, 1994, p. 7).

O crescimento do gosto pela leitura e do prazer que representam os livros junto das crianças, permite, segundo Martins (cit por Campos, 2007), identificar três níveis básicos de leitura e que se podem definir como o sensorial, o emocional e o racional, que se inter-relacionam entre si e que podem mesmo ocorrer de forma simultânea durante o acto de ler.

O mesmo autor refere que no nível sensorial, a leitura é uma forma de resposta às questões colocadas pelo ambiente em que vivemos e que nos rodeia. Aqui, a criança utiliza todos os seus cinco sentidos para absorver tudo o que o livro representa para si.

Manzano (1985) considera, dentro deste nível de leitura, muito importante escolher adequadamente o texto para que a criança possa criar uma relação com ele. O que significa escolher adequadamente o texto? Pode ser com muitas ou poucas imagens, sendo que estas auxiliam no entendimento da mensagem, despertando com as cores alguns dos sentidos atrás referenciados. Neste sentido coloca-se ainda uma outra questão: A obra deve assim ser, perfeitamente adequada à idade da criança.

Continuando na análise dos níveis de leitura identificados por Martins (cit. por Campos, 2007), este autor refere o nível emocional, no qual o leitor começa a criar um processo de empatia com os personagens e com o ambiente em que ocorrem os acontecimentos relatados no livro, procurando viver os sentimentos que envolvem a história retratada na obra de forma mais directa e intensa. A criança deixa-se levar, ainda que de forma consciente, pelo enredo do livro. Aqui a criança começa a tomar consciência com o que está a ler. Mais uma vez se deve reflectir sobre a necessidade de adequação do texto à idade da criança e, mais uma vez o bibliotecário deve escolher, o que se considerou, adequadamente o livro de leitura.

No nível racional, refere este mesmo autor que a criança (no papel de leitor) procura desligar-se do personagem e do enredo do livro, assumindo um papel não só compreensivo e de assimilação da informação, mas também uma componente mais crítica. Este nível vai permitir dar sentido ao que se está a ler, questionando o universo real em comparação com o conteúdo da obra e possibilitando um melhor conhecimento e aprofundamento dessa mesma realidade.

Continuando na exploração dos níveis de leitura, surge Rebelo (1993), o qual realça apenas dois níveis de leitura diferenciados: a leitura elementar (básica ou de iniciação) e a leitura de compreensão (mais elaborada e crítica).

Para este autor, a leitura elementar caracteriza-se pelo conhecimento e distinção das letras, pela sua junção e conseqüente criação de grafemas, até à efectiva construção das palavras. Atinge-se o limite deste nível, quando

efectivamente a criança lê as palavras de forma automática e sem necessidade de as soletrar.

A leitura de compreensão envolve já a interpretação dos textos e o entendimento do seu significado, no sentido de adquirir conhecimentos e criar um vocabulário mais vasto e completo.

Na explanação destas teorias, a opinião de Rebelo é significativa porque nos expõe de uma forma mais sucinta, mas ao mesmo tempo abrangente, os níveis de leitura abordados pelos diversos autores apresentados.

Faccini e Bertani, consideram que a literatura tem assim um papel de elevado relevo na sociedade, nomeadamente na sua dimensão crítica e abrangente:

*“Entendemos que o elo que a literatura estabelece entre os seres humanos transcende todas as barreiras temporais. A sensação de ser parte da experiência colectiva através do tempo e do espaço contribui mais para renová-la a cada geração.*

*Talvez aí, podemos encontrar um despertar para a cidadania, para a construção de uma sociedade saudável e culturalmente enriquecida.*

*O que confere à leitura, à escrita e à literatura um lugar de destaque na vida das nações é que, sem elas, a mente crítica – verdadeiro motor das mudanças históricas e melhor escudo da liberdade – sofreria uma perda irreparável.” (Faccini e Bertani, p.19)*

De acordo com o Dicionário do Livro, literatura infantil será o “conjunto de obras que foram especialmente concebidas para crianças” (Faria e Pericão, 1999, p. 372)

Já para Oliveira (2005) o termo literatura é intransitivo e, qualquer que seja o adjectivo que o classifique, é arte e fonte de prazer. Mas tal não significa que ao ser classificada de infantil, essa literatura não significa ter sido feita especificamente para crianças. A literatura infantil é assim aquela que corresponde aos desejos de cada leitor e que se identifique com a sua personalidade.

Para Manzano (1985), é a criança que serve de inspiração ao autor da literatura infantil. Funciona como uma motivação, mas ao mesmo tempo como um estímulo e por vezes uma dificuldade.

Já Mesquita (2010,p. 2-4), numa apresentação feita no âmbito da 7ª Sessão de Ensino de Leitura, promovida pelo Plano Nacional de Leitura, caracteriza a literatura infantil como “uma literatura que tem como destinatário extra textual a criança”. Para este autor, o texto de literatura infantil apresenta-se riquíssimo em termos de vocabulário, de semântica e de estilo apresentados. Procura manifestar “a fantasia, o maravilhoso, o insólito, a excepcionalidade, o enigma, o sortilégio”.

*“A Literatura infantil tem como conteúdos fundamentais: experiências típicas da infância, escritas na perspectiva da criança; personagens infantis ou similares; intrigas simples e directas, centradas na acção; um sentimento de optimismo e de inocência; uma tendência para combinar a realidade e a fantasia Mundo empírico Mundo da literatura infantil.” Judith Hillman (cit por Mesquita, 2010, p. 5)*

É contudo fundamental conhecer e abordar a realidade da literatura infantil. A forma como a mesma é redigida tem sido alvo de diversas críticas, quer quanto à sua forma, quer quanto ao seu conteúdo.

Segundo Manzano (1985), há um desafio constante nas obras de literatura infantil. É importante, considerar os diferentes níveis de leitura e os diferentes níveis de compreensão de leitura, das crianças a quem essas mesmas obras se destinam. Para esta autora, se os escritores ao redigirem as suas obras, “tiverem em conta as leis da psicologia evolutiva e as características da linguagem infantil, a criança abre-se facilmente à leitura”. Isto permitirá à própria criança desenvolver o seu espírito crítico e a sua capacidade de destrinção e escolha das obras que mais lhe interessam.

Coelho (cit por Caldin, 2001) lista algumas das características chave: a força e o poder que tem a palavra e a constante preocupação que os autores devem ter em como contar a história; o conflito que se gera entre os pensamentos racional mágico; a situação actual da sociedade e a crise de valores que nela está instalada; a redescoberta do livro e da leitura como fontes de informação e do saber; e a constante mudança dos padrões da sabedoria e do conhecimento.

Para Caldin (2001), os textos literários direccionados à criança já se apresentam mais adequados a uma realidade mais moderna, provocando a

discussão e a crítica, despertando o prazer e o gosto pelo acto de ler, próprios deste tipo de leitores.

*“(...) a narrativa para interessar à criança deve evitar descrições longas, utilizar o discurso directo, conter um diálogo envolvente com personagens sem complexidades e apresentar um final feliz. A literatura infantil, um género tido como “menor”, fruto da cultura oral, legitima-se na escritura e constrói seu espaço, seu discurso, sua teoria.” (Caldin, 2001, p. 11)*

Há contudo outros críticos que definem a forma como é redigida a literatura infantil, como nos é referido por Soriano (cit por Fontes, 2009, p. 4)

*“A literatura para a juventude é uma comunicação histórica (quer dizer, localizada no tempo e no espaço) entre um locutor ou um escritor adulto (emissor) e um destinatário criança (receptor) que, por definição, de algum modo, no decurso do período considerado, não dispõe senão de forma parcial da experiência do real e das estruturas linguísticas, intelectuais, afectivas e outros que caracterizam a idade adulta.”*

Azevedo (2006), considera que o tipo de discurso na literatura infantil, deve ter não só uma componente racional, como também poética. E isto porque, segundo este autor, ao ser racional, consegue analisar, diferenciar e identificar as partes de um todo que constitui a obra em questão; mas deverá ser igualmente poética, de forma a sintetizar e ser capaz de unir e interligar elementos contraditórios do discurso subjacente às obras de literatura infantil.

Consolidando a ideia anterior introduzida por Azevedo (2006), deve ser referido que as imagens metafóricas são exemplos de recurso típico ao discurso poético.

Segundo este autor, estas lacunas podem ser cobertas pela arte e pela literatura, quer seja infantil ou não. É através dos textos de ficção e da linguagem poética, que os assuntos subjectivos, que dependem apenas de opiniões pessoais, emoções, conflitos, discussões e controvérsias, possam ser considerados como suporte ao preenchimento dessas lacunas.

É neste sentido que o autor refere:

*“Trata-se, creio, de um lamentável equívoco deixar de fora do âmbito escolar, ou do universo educacional oficial, as questões subjectivas, os aspectos psicológicos e emocionais; as contradições e ambiguidades; as vivências concretas; a efemeridade humana; as questões do imaginário colectivo e dos imaginários individuais entre outros temas relevantes e relativos.” (Azevedo, 2006, p. 6)*

Aliás, Azevedo (2006), considera assim que a literatura infantil e juvenil assume um papel destacado na sociedade e no crescimento interior da criança: é através dela que o jovem leitor pode fazer face, através da ficção e do discurso poético, à diversidade dos temas humanos com que se deparam no quotidiano e que possam, de algum modo, afectar a sua realidade e o seu mundo. Trata-se assim de uma literatura de tipo relacional, mas ao mesmo tempo, diversificada e complexa.

No seguimento desta questão, o autor refere-nos que as obras de literatura infantil não devem ser caracterizadas por textos impessoais e meramente objectivos. Essa função está direccionada para os livros didácticos e para os manuais escolares, os quais “basicamente, pretendem exprimir verdades estabelecidas ou têm como objectivo informar, ensinar, (...) recomendar ou orientar sobre determinado assunto.” (Azevedo, 2006)

Segundo ele, esta linguagem deverá assentar no uso de metáforas, imagens, ironias, duplos sentidos, bem como privilegiar o recurso a repetições, rimas, entre outras figuras linguísticas. Perante a ficção e o discurso poético, abandona-se uma linguagem meramente utilitária e fria, para se passar a estar diante de um texto que se nos apresenta como matéria viva, passível de invenção e grande experimentação.

É este contacto com textos de linguagem subjectiva que se revela um ponto motivador da literatura infantil. São textos, eles mesmos carregados de ficção e poesia, que não restringem de maneira alguma a utilização da linguagem com a liberdade que se pretenda.

A relação entre o autor e o leitor é um aspecto do qual não nos podemos abstrair, já que a obra de literatura infantil enquadra-se na realidade cultural em que ambos os sujeitos referidos se inserem.

Segundo Manzano (1985), a leitura infantil, pela intensidade de imaginação e fantasia que os textos escritos transmitem, têm um papel de enorme importância sobre o “leitor-criança” uma vez que é nesta altura que a criança está num processo de desenvolvimento da sua personalidade.

Para Piaget (1995), há várias fases que, ao nível psicológico, influenciam o processo de leitura nas crianças. Para este autor, a partir dos 3 anos as crianças evidenciam alguma capacidade de organizar o seu mundo, os seus desejos, alguns dos seus pensamentos. Mas é dos 4 até aos 7 anos, que a criança desenvolve um imaginário definido como um “pensamento mágico”. Interpreta de diversas formas uma determinada realidade, graças ao seu enorme potencial de fantasia, com o qual detectam o simbolismo da obra em si, sem contudo serem capazes de o referir correctamente. É pois importante que as palavras e as imagens constantes dos livros de literatura infantil, sejam colocadas de modo a proporcionar às crianças momentos de prazer. Nesta primeira fase indicada por Piaget, é importante acompanhar as crianças, nos processos de aceitação e/ou de rejeição a que estão sujeitas, na sua livre interpretação dos textos lidos, pois à sua volta gravitam naturalmente os factores socioeconómicos do mundo contemporâneo. E este acompanhamento pode (e deve) ser feito, quando a criança realça junto da família ou do seu ambiente natural, com a sua interpretação, os interesses que detectou na obra (talvez até mais importante do que a exactidão com que associa o texto à imagem, apesar de ambos se inter-relacionarem).

Para o mesmo autor, a partir dos 7 anos, a criança começa a afastar-se do mundo da fantasia, e a caminhar no sentido do pensamento lógico. Começa a querer saber algo mais sobre a realidade que a rodeia, começa a expressar os seus valores pessoais, a definir a sua personalidade de forma mais vincada. Começa a assumir a sua capacidade crítica e de selecção das obras, e a ver neles uma resposta às questões sobre si própria e sobre o mundo que a rodeia. O desenvolvimento deste egocentrismo infantil, nesta idade, resulta do próprio facto de o seu pensamento ainda ser frágil. A fantasia torna-se apenas um instrumento que permite à criança ir conhecendo o mundo que a rodeia, através das associações que faz entre a obra que está a ler e a realidade com que se depara. A criança procura assumir o papel do protagonista, vivendo intensamente a história, como se da sua própria vida se tratasse.

Ainda de acordo com Piaget (1995), é a partir dos 10 anos que a criança desenvolve o seu processo crítico de forma mais intensa, como uma continuidade daquilo que já começou a fazer na etapa anterior. A sua leitura torna-se mais orientada, tendo em conta a receptividade à mensagem que é transmitida pelo texto e o impacto que possa ter no comportamento do leitor. Começam a restringir as suas escolhas em função dos autores ou das temáticas abordadas, tornando-se cada vez mais selectivos. A própria inter-relação dos veículos de transmissão das histórias tem um papel relevante nesta selectividade (o facto de a história poder passar na televisão ou no cinema, pode influenciar a escolha do leitor).

Manzano (1985), por seu lado, identifica outras variáveis que podem condicionar ou influenciar a leitura infantil, a sua aceitação, a sua interpretação e a própria contribuição para o desenvolvimento da personalidade da criança: a utilização de algumas figuras de estilo, que despertam na criança aspectos que lhe permitem assimilar de forma mais real a informação que capta, como é o caso da utilização de aliterações e metáforas; a utilização do discurso directo afasta as crianças da reflexão, conduzindo-as a uma actuação mais directa sobre os acontecimentos relatados, e assumindo o diálogo como comprometimento com a acção desenvolvida em torno do protagonista; as redundâncias que habitualmente existem nos textos de literatura infantil (bem como nos textos de uma forma geral), e que permitem aos leitores a criação de diversas versões que os levam a comunicar as suas reacções e informações das formas mais díspares - é esta variável que permitirá à criança reinterpretar a informação e seguir o desenrolar da história, no sentido de a manter integrada numa leitura compreensiva e agradável, ainda que complexa. A liberdade criada pode, contudo, ser posta em causa, se esta redundância assumir um carácter de resumo ou de adaptação.

*“Um conjunto variado de recursos como o lugar-comum, o tom exagerado e hiperbólico; o uso de redundâncias; o tom de confiança; as brincadeiras com palavras (aliteração e trocadilhos), as rimas e refrões; recursos enfáticos como a reiteração, a enumeração; repetições de palavras; o uso da alegoria; metáforas; o estilo coloquial etc., mas note-se, não para fazer experiências formais com a linguagem e, sim, com o intuito de divertir, seduzir e prender a atenção do ouvinte.” Paul Zumthor (cit por Azevedo, 2006, p. 12)*

Segundo Vieira (2011), a forma de compreensão dos textos também varia ao longo dos diversos escalões etários onde se detectam alterações dos níveis psicológicos atrás abordados; para tal, considera sete etapas que vão dos 15 meses aos 11 anos, etapas estas que passamos a descrever e onde podemos entender a forma de compreensão dos textos, por parte das crianças:

Numa primeira etapa, que vai dos 15 meses até os 3 anos é caracterizada acções de movimento. As histórias devem ser rápidas e curtas e de preferência devem ser inventadas. Devem ter, por norma, uma gravura em cada página, mostrando coisas simples e visualmente interessantes. Nesta fase, a criança sente grande necessidade de agarrar no livro.

Numa segunda etapa entre os 2 e os 3 anos, as histórias querem-se rápidas, com um texto curto e de uma emática simples, com poucos personagens, de preferência associadas à relação da criança. As imagens devem ser grandes e a história deve ser contada com ritmo adequado. A criança acredita que tudo à sua volta tem vida, e por isso a história é como se fosse real e estivesse mesmo a acontecer.

No escalão entre os 4 e os 6 anos, que identificamos como terceira etapa, as obras devem retratar situações do próprio quotidiano familiar da criança. A apresentação de determinadas características, como a presença constante e incisiva das ilustrações, com textos preferencialmente curtos, que podem e devem ser utilizados (através da narração ou da dramatização) pelo adulto, para que a criança entenda a inter-relação entre o “mundo real”, onde vive, e o “mundo da palavra”, que existe na obra. Estas imagens devem estar ligadas a situações sugestivas ou de certo modo atraentes para a criança. Elas gostam de ouvir a história várias vezes.

Vieira (2011) refere-nos que a partir dos 6 anos, as crianças começam a interessar-se pela leitura e pela escrita. Já começa a denotar um grande interesse pelo significado das coisas. O seu egocentrismo é menor, já incluindo outras pessoas no seu universo (que anteriormente era fechado) e agindo numa perspectiva de cooperação. O seu pensamento começa-se a tornar

lógico, mas ainda numa fase embrionária. Só age e pensa a partir do real. Os textos já se começam a tornar mais extensos, mas mantendo as imagens como elemento predominante, capaz de destacar o fantástico e o encantamento, que exercem um grande fascínio sobre a criança.

Ao analisar a faixa etária dos 7 anos, a autora alerta-nos sobre a presença do adulto com um papel estimulador assume um papel de destaque, uma vez que a criança já distingue e entende palavras simples e complexas. Isto permite à criança descobrir que pode, sozinho, comunicar com o mundo da escrita, entendendo com maior facilidade o conteúdo dos textos.

A partir dos 8 e 9 anos, a criança já domina o mecanismo da leitura. O seu pensamento é lógico e organiza-se de uma forma mais activa, que lhe permite raciocínios e formas de interpretação mais correctas. O adulto deixa de ter apenas um papel de motivador, actuando igualmente como um auxílio perante as dificuldades e como instigador de reacções e crítica à própria leitura. Os textos devem ser completos (com princípio, meio e fim), ainda que simples e objectivos, para uma mais fácil compreensão. O humor, o inesperado, o realismo e a fantasia revelam-se muito importantes nesta fase.

Finalmente, esta autora menciona, ao analisar o escalão etário entre 10 e 11 anos, que a criança consolida o domínio do acto de leitura e compreensão do sentido e da realidade expressa nos livros. A leitura baseia-se na reflexão, numa maior concentração, permitindo ao leitor alargar a sua percepção do mundo. Nesta o espírito crítico assume-se como uma fonte de conhecimento e entendimento do texto que compõe a obra de literatura infantil. O papel do adulto deixa de ser importante.

Manzano (1985) refere-nos ainda que a leitura não deve ser maçadora ou desinteressante para a criança, e como tal, o autor deve ter a preocupação de suscitar interrogações, favorecendo o aprofundamento do tipo de leitura que se deseja e o gosto pela leitura.

Existe ainda um outro aspecto que esta autora considera que deve ser tido em conta, é a relação que a criança cria com a personagem. É este um dos aspectos que permitem à criança enraizar-se com a comunicação constante na obra e dirigir-se ao encontro do seu sentido. Por norma, os autores escolhidos pelas crianças são aqueles que conseguem captar a sua atenção, através da relação directa entre a realidade e a fantasia, permitindo-lhe realizar uma experiência única e inovadora de viver e sentir a aventura desenvolvida em torno e pelo protagonista.

Jolibert (1994) coloca-nos uma questão simples e prática, e que consideramos importante responder – “Ler, para quê?”

Esta autora procura classificar, de acordo com os seus objectivos principais, os motivos pelos quais lemos (ou devemos ler), e que se aplicam tanto às crianças como aos adultos. Assim, as crianças devem ler não só para responder à necessidade de viver com os outros, no nosso quotidiano, mas também para comunicar com o exterior, para descobrir as informações das quais necessitamos no dia-a-dia, para fazer algo concreto (brincar, construir, concluir um projecto), para alimentar e estimular o imaginário ou mesmo para se documentar, no âmbito de uma pesquisa que esteja a ser efectuada.

## **1.2. A ilustração e a animação na aproximação entre a criança e o livro**

A aproximação entre a criança e o livro torna-se cada vez mais importante e deve ser uma preocupação de pais, educadores e mesmo dos bibliotecários.

Segundo Mesquita (2010), há que promover actividades de “animação leitora”, o que define da seguinte forma, citando Carmen Olivares: “É um acto consciente realizado para produzir uma aproximação afectiva e intelectual a um livro concreto, para que este produza uma estima genérica face aos livros”.

Manzano (1985) refere-nos que, para além dos aspectos já focados e que, na maior parte das vezes surgem como um entrave na relação entre a criança e o livro, e conseqüentemente ao aumento dos níveis de literacia, à criação e dinamização do gosto pela leitura e ao desenvolvimento da personalidade de cada indivíduo, torna-se imprescindível definir objectivos específicos, ainda que não absolutamente rígidos.

Esta autora destaca dentro destes objectivos, o possibilitar a descoberta do(s) livro(s), o desenvolver na criança o prazer de ler, o ajudar a descobrir a diversidade de livros, o exercitar o espírito crítico e a expressão oral e o desenvolver a compreensão da leitura. Em suma, desenvolver a competência literária.

Contudo, e ainda de acordo com a autora mencionada, para que estes encontros de animação leitora se realizem, deve existir um mediador (que poderá ser o pai, o educador ou mesmo o bibliotecário), cujas funções se revelarão fundamentais para a sua promoção. Deverá esta pessoa, junto da criança, despertar o interesse para determinado livro, divulgar as obras e os autores, elucidá-la acerca dos temas disponíveis, antecipar e preparar os momentos da realização de abordagem aos livros, ser um exemplo de leitor e acima de tudo, auxiliar as crianças na leitura e acompanhá-las nos comentários críticos que pretendam efectuar.

Para Magalhães & Alçada (1988), existem algumas metodologias que poderão ser utilizadas para aproximar a criança do livro, como sejam mostrar o livro à criança, enquanto este é lido, permitindo que seja ela mesma a desfolhá-lo, recorrer à leitura partilhada em voz alta ou ainda pedir à criança para ler uma história em voz alta (sozinha ou, preferencialmente de forma participativa, dividindo diálogos).

Estas mesmas autoras referem que é igualmente importante, numa fase simultânea ou imediatamente posterior, avaliar estas experiências, estes encontros (provocados ou previamente acordados), e que nos permitirão concluir da aproximação da criança ao livro e à literatura infantil, como fonte de

desenvolvimento da sua personalidade e de enriquecimento pessoal. Cumpre assim avaliar aspectos como a atenção e o grau de participação das crianças, a compreensão e o sentido crítico, a ampliação do vocabulário e a criação de novas ideias, e acima de tudo, a sua capacidade de síntese, que acaba por definir um claro entendimento da obra.

Segundo Manzano (1985), existem factores sociais e culturais que condicionam e desfavorecem a comunicação activa entre o livro e o leitor. Mas para esta autora, aquela que será possivelmente, a causa principal para justificar este fenómeno, será a proliferação dos meios audiovisuais pelas crianças. Torna-se assim urgente encontrar novas metodologias e espaços onde se possa estimular o hábito e gosto pela leitura, ainda que para tal se provoquem contrastes entre o livro e o audiovisual, de forma a combater esta passividade cada vez maior do indivíduo (e neste caso, da criança), face ao livro.

Ainda segundo Manzano (1985), é cada vez mais difícil cultivar actos de leitura na era da imagem. Através dos meios audiovisuais, a presença da imagem exerce um fenómeno (consciente ou inconsciente) didáctico e psicológico sobre as crianças. Consciente, fundamentalmente nos momentos da formação dos indivíduos (durante a infância e a pré-adolescência); inconsciente, porque eles estão completamente envolvidos e rodeados por um mundo audiovisual.

Contudo, ainda assim, esta autora diz-nos que, utilizando a leitura e o seu aspecto recreativo, as capacidades reflexivas, conceptuais e abstractas da criança, que ficam condicionadas na sua expansão e dinamização pelos meios audiovisuais, podem ser controladas e projectadas num sentido positivo, trazendo de novo à construção da personalidade e à formação da criança, um papel de enorme relevo.

*“A ilustração na literatura para a infância aparece como uma linguagem de acesso mais imediato, auxiliando o leitor a interagir com a palavra. As duas linguagens compartilham o mesmo suporte, e na ilustração, geralmente, predomina o figurativo, referindo modelos da natureza ou figuras fantásticas oriundas do imaginário. A natureza figurativa é de reconhecimento rápido e permite ao leitor estabelecer conexões com o mundo e elaborar redes interpretativas. Ilustração – uma linguagem autónoma? A produção do livro de literatura infantil implica um produtor do texto verbal (escritor) e outro das imagens (ilustrador), que cria e recria a história.” (Mesquita, 2010, p. 11)*

Manzano (1985) refere-nos igualmente que a imagem e a palavra, apesar de diferentes, devem estabelecer entre si uma relação muito próxima, representando-se como intérprete uma da outra, ou seja, estabelecer entre ambas uma relação de inter-dependência que permita à criança (e ao leitor) uma mais fácil interpretação do texto. Com isto, a criança pode “saborear” simultaneamente a imagem de forma não só contemplativa, mas também sensorial.

*“A ilustração do livro infantil não é aquilo que serve apenas para o pequeno leitor decifrar o texto. O livro é uma obra de arte que, mais do que educar pedagogicamente falando, tem o poder de desenvolver o potencial de sensibilidade presente no ser humano. O livro infantil é um produto bastante peculiar, pois conjuga interpretação de texto, projecto gráfico, inúmeras técnicas de ilustração, além dos mais diversos recursos das artes gráficas disponíveis.”*  
(Carneiro, 2008, p.61)

Para Manzano (1985), o ilustrador não é um fotógrafo ou um repetidor do conteúdo da história para a qual cria as imagens! Ele mostra-nos com as imagens, a sua percepção da história. Mas para tal, e à semelhança do autor, deverá ter em conta a criança a quem se dirige e criar-lhe uma motivação adicional para a interpretação do texto. Deve ter a preocupação em transmitir não só os aspectos facilmente visíveis, mas também os aspectos que podem ter um maior impacto psicológico sobre o leitor, como sejam as atitudes, os movimentos, as relações socioculturais, as reacções, etc.

E a imagem deve ter uma sequência e uma colocação específicas, que enriqueçam o texto; deve apelar aos aspectos como a sensibilidade e a imaginação, enriquecendo o vocabulário das crianças.

*“A Literatura infantil, bem como a imagem impressa em seus livros, podem comunicar vários sentimentos que devem ser vivenciados pelas crianças: alegria, tristeza, descoberta, medo, enfim, o universo da criança que precisa ser explorado e trabalhado para que ela cresça construindo conhecimentos que lhe permitam lidar com esses sentimentos.”* (Carneiro, 2008, p.61)

Utilizando a velha máxima de que “cada caso é um caso”, o mesmo se aplica à ilustração na literatura infantil, a qual deverá fugir do banal e assumir um papel criativo e inovador.

Ao analisarmos o que diz Petrini (cit por Manzano, 1985), acerca da interpretação infantil das ilustrações, existem igualmente vários estádios que importa destacar e enunciar

Assim, para Petrini, no primeiro estádio, dos 3 aos 6 anos, a ilustração deve ser o mais possível fiel à realidade, pois é nesta fase que a criança reconhece as cores, que procede a imitações espontâneas e sucessivas, e onde inicia a projecção de impulsos afectivos para com tudo e todos os que o rodeiam.

O mesmo autor considera que no segundo estádio, que vai dos 6 aos 10 anos, a ilustração deve assumir um papel de estímulo, já que é nesta fase que a criança começa a organizar os seus processos de conhecimento (inicia a escolaridade). A imagem torna-se para ela não só um estímulo de enriquecimento pessoal, mas também de abertura social e serve de apoio ao relato e às descrições da realidade e do imaginário. As imagens metafóricas assumem assim aqui um papel preponderante.

No terceiro e último estádio identificado, conforme referido por este autor, a partir dos 11 anos, o ilustrador deve ter a preocupação em conseguir descrever, de forma metafórica, as vozes. As ideias sugeridas pelo texto e as ideias sugeridas pela ilustração contribuem de forma considerável para um aumento da interpretação e compreensão da obra. A imagem deve transmitir o mistério, o ritmo e as sequências, o indefinido ou o concreto, o tempo, o espaço, os sentimentos do protagonista e dos restantes personagens.

Torna-se muito importante avaliar e respeitar a forma como a criança actua perante a imagem com que se depara. Segundo Manzano (1985), inicialmente, a criança interpreta a imagem de forma autónoma, abstraindo-se do texto e criando a sua própria narração; posteriormente, tenta ler o texto, prescindindo da imagem e da interpretação que inicialmente fez da mesma; finalmente proceda, mediante ambas as interpretações que fez, à compreensão global da imagem e do texto.

### **1.3. A literacia nas crianças em idade escolar: o 1º ciclo**

É importante avaliar neste trabalho, a evolução da literacia no 1º ciclo em Portugal (nomeadamente na segunda metade que compreende os 3º e 4º anos).

Salgado (2001) diz-nos que ao longo dos anos, o fenómeno da alfabetização foi sendo uma questão prioritária das sociedades desenvolvidas e conseqüentemente de Portugal. Para avaliar esta problemática, realizou um estudo sobre a importância da leitura e da escrita na sociedade actual no que respeita à empregabilidade e ao insucesso escolar. O conceito de literacia que surge em Portugal e a sua relação com o insucesso escolar levaram esta autora a levantar uma questão importante – qual a relação da competência de leitura e o insucesso e abandono escolares?

Apesar de o seu estudo incidir sobre uma região específica do país, este estudo permitiu obter conclusões tão importantes como a existência de baixos níveis de leitura associados aos reduzidos indicadores de literacia que se verificam em vários níveis de escolaridade, incluindo os alunos do 1º ciclo.

Salgado conclui que, por outro lado os temas do insucesso escolar e da aprendizagem e gosto da leitura devem residir igualmente nos métodos propostos pelos educadores para a resolução destas questões. É o caso da inexistência de motivação para a leitura, já que a maior parte das crianças avaliadas nunca tinham pegado num livro para ler. Nas escolas do 1º ciclo, as crianças não são motivadas à leitura, mas são sim sujeitas a resolver manuais complexos e repletos de símbolos e também não são conduzidas a entender o que estão a ler ou o que significa ler.

*“Os actos praticados só têm um objectivo para a criança: a avaliação imposta pela professora. A leitura não é praticada para atingir um objectivo funcional, socialmente útil. Quando é preciso ler para responder a uma necessidade, são sempre os bons alunos que o fazem - «lêem mais depressa» -, diz-se.” (Salgado, 2001, p. 4).*

Esta autora detectou alguns obstáculos ao desenvolvimento da leitura, que impede melhores resultados ao nível da literacia. Assim, as crianças aprendem a ler de forma maquinal, sentindo enormes dificuldades em compreender e interpretar os textos e obras que lêem. Por outro lado, o sistema educativo actual e a pedagogia existentes não estão preparados para aceitar alterações à metodologia do ensino da leitura. E por fim, o facto de as estratégias de leitura propostas impedirem que as crianças possam, por livre iniciativa, desenvolver o seu nível literário – em muitos casos estão impedidas de ler ou utilizar palavras ou grafemas que “ainda não deram”, levam a que muitas vezes possam criar bloqueios e desinteresse pelo próprio gosto pela leitura.

Salgado conclui que, na maior parte das vezes muitas crianças apenas conseguem ler de forma correcta e activa - com prazer, com capacidade crítica e de compreensão adequadas, quando essa leitura é feita em casa, com o apoio das famílias ou nas bibliotecas, em sessões devidamente preparadas e adequadas a esse fim.

Martins e Sá (2008) desenvolveram um trabalho no âmbito da literacia no 1º ciclo e da necessidade da criação de hábitos continuados de leitura.

*“Vivemos hoje numa sociedade baseada na informação e na gestão adequada do conhecimento. Neste contexto, é fundamental desenvolver competências de literacia, nomeadamente no domínio da compreensão na leitura” (Martins e Sá, 2008, p. 2).*

Para estas autoras, várias questões se levantaram durante a realização deste trabalho, e que importa revelar. Assim, conceitos como o acto de ler, o despertar o interesse pela leitura e o incentivo à leitura por prazer, a necessidade da frequência de bibliotecas e ainda quais as actividades de leitura mais adequadas ao desenvolvimento de competências fundamentais para o desenvolvimento da personalidade.

“Quando se deve ensinar ao aluno o que é ler, por que ler, para que ler, quando ler, como ler em cada uma das disciplinas?” (Foucambert, cit por Martins e Sá, 2008, p. 3)

As autoras concluem que o desenvolvimento da literacia nos mais jovens é um processo de enorme importância para a dinamização e aquisição de conceitos, métodos e gosto pela leitura e pela escrita. É nesta altura que quer o trabalho do professor do 1º ciclo, quer o dos pais, quer ainda o da Biblioteca, assume um papel preponderante.

*“(…) a leitura não deve ser uma prática apoiada na mera decifração, ela deve ser sim uma leitura-compreensão capaz de evocar no leitor as potencialidades do material impresso, i.e., o alargamento dos seus conhecimentos e da sua imaginação, permitindo-lhe também o acesso às mais variadas formas de escrita.” (Pinto, cit. por Martins e Sá, 2008, p.4)*

Por outro lado, conforme nos referem Martins e Sá (2008), a leitura e a escrita, e a sua aprendizagem, dependem directamente do nível em que a linguagem oral da criança se situa. A criança aprende a falar porque atribui um conceito, um sentido específico a uma mensagem que lhe foi transmitida, nomeadamente aos que considera mais significativos.

Para Silva (2007), o acto de ler é um meio e uma ferramenta fundamental no acesso ao saber, fundamentais para que a criança se vá tornando autónoma, adquirindo conhecimentos que a poderão diferenciar em campos tão diversos da sociedade como o emprego e a inserção social.

Esta autora considera que a iliteracia pode ser motivada por antecedentes familiares ou mesmo pelo próprio sistema educativo, onde nem sempre a pedagogia utilizada é a melhor.

*“A luta contra a iliteracia é imprescindível, na medida em que realiza e reforça a liberdade individual e permite a igualdade de acesso a todos os direitos fundamentais. Este combate não pode ser apenas uma tarefa dos professores, mas deve contar igualmente com o empenho de toda a sociedade e de todas as administrações públicas.” (Silva, 2007, p. 5)*

Já para Martins e Sá (2008), o processo de leitura é complexo e depende de várias componentes, nomeadamente da linguagem oral, do processamento visual, da percepção e reconhecimento das palavras escritas, da cognição e de factores pessoais como sejam a vontade que a criança tem de aprender e os seus interesses pessoais. É a rotina diária de leitura, realizada nas salas de

aula, em casa ou noutros meios (como sejam as Bibliotecas), que auxilia as crianças na sua motivação para aprender e criar o gosto pela leitura.

*“Qualquer metodologia do ensino da leitura deverá contemplar actividades de leitura real e significativa para as crianças e não meros exercícios repetitivos de sílabas ou palavras que anulem o prazer de aceder ao significado.” (Martins e Sá, 2008, p. 5)*

Para estas autoras, esta prática deve ser continuada e aproveitada através dos mais diversos recursos existentes na comunidade onde a criança se insere (nomeadamente a família e as bibliotecas), de forma a proporcionar-lhes meios e criar-lhes hábitos de leitura permanentes.

*“Ler é hoje fundamentalmente aceder ao conhecimento através da reconstrução da informação contida no texto, o que implica uma íntima e permanente interacção entre o leitor e o texto. O leitor torna-se um construtor do significado e a leitura transformou-se na grande porta de acesso ao conhecimento. É esta a base da literacia plena, uma supracapacidade promotora de transformação pessoal e social.» (Inês Sim-Sim, cit por Prole, 2005, p. 3)*

Segundo Calixto (1996), o papel das bibliotecas é de enorme relevo para a literacia já que são decisivas neste processo, devido ao facto de possuírem recursos de informação variados e em quantidade, sistemas de gestão de informação e pessoal especializado.

Para este autor, há fortes indicadores de que as bibliotecas são instituições apropriadas para prestar e promover acções de apoio ao desenvolvimento da literacia. Mas no caso de Portugal, só realizando um estudo mais aprofundado, se poderá esclarecer a forma como as diferentes bibliotecas estão na realidade a desempenhar as suas funções neste campo.

## **Capítulo 2 - Os Serviços da Biblioteca Pública no apoio à aprendizagem**

Sendo a Biblioteca um local onde existe uma grande variedade de livros, aquela não pretende ser de maneira nenhuma um espaço onde a sua função seja “[...] não deixar ler, de esconder, de ocultar o livro.” (Eco, 1983, p. 16), mas pelo contrário um local dinâmico onde a disponibilidade da informação não tenha limite, através do livre acesso às estantes.

As bibliotecas não devem assim ser um mero armazém de livros, conforme constata Cabral (1996, p. 37), ao mencionar que “A ideia de que uma biblioteca, sendo um depósito, possa ser um armazém é absolutamente assustadora”.

Para esta autora, as bibliotecas converteram-se, ao longo do tempo, num espaço de cultura, de lazer e essencialmente num espaço pedagógico. Passou a ser visto como um local escolhido, por excelência, para a leitura e escrita, para o acesso à informação e, igualmente, para as mais diversas acções de formação dos seus utilizadores.

### **2.1. Objectivos e serviços da Biblioteca Pública no apoio à literacia infantil**

Conforme referido no Manifesto sobre Bibliotecas Públicas (1994) “a biblioteca pública - porta de acesso local ao conhecimento - fornece as condições básicas para uma aprendizagem contínua, para uma tomada de decisão independente e para o desenvolvimento cultural dos indivíduos e dos grupos sociais”. Para além desta função, gere uma outra, não menos importante e que diz respeito à promoção da leitura, através de estratégias que aproximam o leitor que não tem por hábito recorrer à biblioteca, de forma espontânea.

Por sugestão de Tabet (cit por Nunes, 1996, p. 145) “os bibliotecários devem criar condições para pôr as pessoas em permanente estado de tentação perante os livros [...]”. Nunes (1996) acrescenta igualmente que as novas bibliotecas devem ajudar o leitor a descobrir os “tesouros desconhecidos”, deixando-o em permanente motivação para continuar a visitar os serviços da biblioteca e conseqüentemente para o incitar a ler.

Para este mesmo autor, os serviços disponibilizados pelas Bibliotecas, devem incidir nas áreas da educação, informação e desenvolvimento pessoal, abrangendo igualmente o lazer e a recreação.

No que diz respeito à educação, e de acordo com o Manifesto acima referido (1994), a biblioteca deve “apoiar a educação individual e a autoformação, assim como a educação formal a todos os níveis”.

Sendo a educação um dos objectivos principais das Biblioteca públicas, estas têm de ter sempre presentes iniciativas que apoiem a educação formal e informal, que acompanha o indivíduo ao longo da sua vida. Segundo a Declaração Universal dos Direitos do Homem, adoptada e proclamada pela Assembleia Geral das Nações Unidas em 1948, o seu artigo 26º defende que:

*“1. Toda pessoa tem direito à instrução. A instrução será gratuita, pelo menos nos graus elementares e fundamentais. A instrução elementar será obrigatória. A instrução técnico-profissional será acessível a todos, bem como a instrução superior, esta baseada no mérito.*

*2. A instrução será orientada no sentido do pleno desenvolvimento da personalidade humana e do fortalecimento do respeito pelos direitos humanos e pelas liberdades fundamentais. A instrução promoverá a compreensão, a tolerância e a amizade entre todas as nações e grupos raciais ou religiosos [...]”*

Há um destaque, nesta declaração, no que respeita ao ensino obrigatório. Ainda assim, a UNESCO nas suas Directrizes sobre os Serviços da Biblioteca Pública (1998) (cit por Martins, 2010, p. 46) já contempla a educação ao longo da vida, incluindo esta última em contextos informais como o trabalho ou a vida diária. Hoje em dia já se incluem novas terminologias relacionadas com a educação que são a “formal”, a “não formal” e a “informal”, sendo que a educação formal se associa à aprendizagem decorrida na escola, durante os anos de estudo curricular. É uma aprendizagem estruturada, gradual, que

decorre desde a pré-primária até ao grau universitário e que se desenvolve em estabelecimentos de ensino devidamente reconhecidos pelo Ministério da Educação.

A mesma autora refere que, por outro lado, a educação informal resulta de uma aprendizagem espontânea, decorrente do dia-a-dia do indivíduo, das suas experiências culturais, do convívio com os amigos, do seu seio familiar, as quais se apresentam carregadas de valores e crenças, fruto das suas vivências do quotidiano.

Finalmente, e não menos importante, a educação não formal igualmente mencionada por Martins (2010), que muitas vezes é confundida com a educação informal, tem uma noção distinta. Segundo Gohn (2006) (cit por Martins, 2010, p. 48) a educação não formal:

*“É aquela que se aprende “no mundo da vida”, via os processos de partilha de experiências, principalmente em espaços e acções quotidianas [...] é um processo de capacitação para a cidadania, de capacitação para o trabalho, de organização comunitária e de aprendizagem dos conteúdos escolares em ambientes diferenciados”.*

Podemos perceber, perante esta noção, que a educação não formal é transmitida através dos diversos grupos com quem interagimos. A aprendizagem faz-se por grupos educativos que acompanham a vida e o processo de aprendizagem do indivíduo (fora do contexto escolar) e que intencionalmente transmitem o saber, complementando, e não duplicando, os recursos disponíveis em outros locais. Conforme Martins (2010, p. 48) “O principal objectivo deste tipo de educação é formar o indivíduo para ser um cidadão activo e desenvolver habilidades e competências várias. É dada uma grande ênfase à questão da cidadania.”

É aqui que se inclui o papel das bibliotecas na prestação de apoio à educação não formal, cooperando “[...] com outras organizações no sentido da utilização de recursos de informação”. (Gill, 2001, p. 21).

Para este autor, o acesso à informação é outro dos objectivos cruciais da Biblioteca. Para isso torna-se fundamental que a Biblioteca faça a recolha da

informação e a sua respectiva organização, para posteriormente disponibilizá-la aos utilizadores. Com isto, pretende-se igualmente construir uma memória do passado, recolhendo elementos para a constituição do seu fundo local e “guardando” a história que pertence à sua comunidade, para a poder tornar acessível aos seus utilizadores.

Refere ainda Gill (2001), que outra das funções das Bibliotecas Públicas é a contribuição para o desenvolvimento pessoal do indivíduo. O Ser humano é, por si só, alguém com vontade própria e com objectivos de vida definidos com carácter crescente e progressivo. Ninguém gosta de se acomodar ao que tem, querendo sempre mais e melhor; assim, o desenvolvimento pessoal de cada um é um objectivo próprio e legítimo.

Para Usherwood (1989), as Bibliotecas Públicas assumem aqui um papel preponderante e de destaque na sociedade, pois permitem não só o acesso à informação escrita, mas a toda a informação verbalizada através de discussões, debates, colóquios ou meras conversas. Disponibilizar aos seus utilizadores o acesso a obras tão diversas e completas sobre a literatura e o conhecimento, e muitas das vezes raras, apresenta-se como uma contribuição de enorme valor por parte destas instituições. Também o simples facto de proporcionar informação relevante e adequada, pode permitir ao indivíduo suprir as suas necessidades e competências básicas.

Este autor realça-nos igualmente o desenvolvimento cultural como outra das funções com enorme contributo, para as comunidades onde se inserem. Junto destas, as Bibliotecas Públicas são um foco importante de desenvolvimento cultural e artístico, colaborando na sua definição e sustentação. É nas Bibliotecas Públicas, e com acesso a todos, que devem estar disponíveis todos os registos de história e cultura da comunidade, bem como deverão existir meios de acesso à informação para culturas diferentes, devido ao recente fenómeno da imigração.

Gill (2001) menciona que também a disponibilização do seu espaço para a organização e divulgação de actividades e eventos culturais, atribui às

Bibliotecas Públicas uma função relevante, porquanto a diversidade cultural das comunidades é um factor fundamental para o seu desenvolvimento.

O papel social das Bibliotecas Públicas como um espaço de carácter eminentemente público (pela sua definição), e de encontro entre os membros de uma mesma ou de diversas comunidades, é outra das mais relevantes funções e objectivos das bibliotecas. Isto porque, por exemplo, e segundo Gill (2001) em localidades com poucos espaços públicos disponíveis, estas instituições podem assumir um papel de “sala de estar da comunidade”, constituindo assim uma experiência social muito positiva.

Por outro lado, o facto de as Bibliotecas Públicas terem de permitir o acesso para todos, garante que o problema social da exclusão – quer por deficiências, quer por pertença a grupos minoritários – seja combatido de uma forma concreta e proactiva, através da disponibilização de equipamentos e de registos em suportes específicos.

*“Não é possível construir o futuro e afirmar a nossa identidade cultural se não possuímos bibliotecas abertas a todos – bibliotecas que sejam refúgio de memória, presença do quotidiano, espaço de interrogação.” (Nunes, 1996, p. 101)*

Como referido anteriormente, as Bibliotecas Públicas revelam-se como instituições de elevada importância para as comunidades, e como tal, o tipo de serviços que disponibilizam aos seus utilizadores deve ser pensado, estruturado e organizado, de forma a permitir que a informação esteja disponível de um modo rápido e eficaz para a satisfação das suas necessidades.

Ranganathan (1931) definiu 5 leis que se adequam à caracterização dos serviços das bibliotecas públicas:

“1ª - Os livros são para serem usados; 2ª - Todo o leitor tem o seu livro; 3ª - Todo o livro tem o seu leitor; 4ª - Poupe o tempo do leitor; 5ª - A biblioteca é um organismo em crescimento”

Desta forma, e segundo Gill (2001), podemos destacar como serviços principais de uma Biblioteca, o empréstimo de documentos, o serviço de

referência, a informação à comunidade e a criação de programas de formação para utilizadores. Também a forma e o suporte sob os quais é disponibilizada a informação, é cada vez mais um aspecto a ter em conta nos serviços das Bibliotecas, uma vez que o aparecimento de novas tecnologias (a internet, a digitalização de informação, etc.), permite ao indivíduo aceder à informação de forma mais rápida e eficaz.

Gascuel (1987) refere ainda as actividades de animação e de cariz cultural, que ajudam a divulgar os serviços da Biblioteca e a integrar e aproximar o leitor dos livros, ou seja, a conduzir e auxiliar o utilizador a “viajar” e a descobrir o mundo dos livros e da informação.

Esta autora refere igualmente que, como se tem vindo a constatar ao longo dos tempos, a biblioteca pretende ser um local de animação com grande impacto na vida cultural da comunidade onde se insere. Pretende assim com estas actividades ser uma forma de quebrar a rotina dos utilizadores, desencadeando o seu espírito e poderes crítico e criativo.

Já Gill (2001) reforça o papel da animação numa biblioteca, sendo que este deverá abranger todas as faixas etárias, atraindo desta forma uma grande diversidade de público. Desde encontros com escritores, revelando alguns talentos desconhecidos, até exposições de artistas ou do próprio património da Biblioteca, a animação pode assumir várias formas.

Na sua obra utilizada como referência bibliográfica para este trabalho, este autor considera que todos estes serviços deverão estar disponíveis para toda a comunidade e utilizadores que o pretendam, independentemente do seu sexo, raça, idade, estatuto social, etc. Incluem-se igualmente e com um destaque importante os serviços e as condições adequadas a cidadãos com necessidades especiais, facilitando a acessibilidade à informação, de acordo com o que se encontra estabelecido pelas mais diversas legislações e normativos nacionais e internacionais.

Mas ainda segundo o mesmo autor, os serviços poderão ser diferenciados no caso dos adultos, dos jovens e das crianças. Centrando-nos neste último caso,

uma vez que é este escalão etário que é objecto do nosso trabalho (crianças do 4º ano do primeiro ciclo), importa referir que as bibliotecas deverão estar dotadas de determinado tipo de equipamentos, de materiais e de actividades, que permitam à criança descobrir o livro e criar o prazer pela leitura.

A animação direccionada para as crianças, que de acordo com Nunes (1996) são “[...]leitores de hoje que, amanhã, não podemos perder” deverá incluir ateliers adaptados a cada faixa etária, consoante o seu nível de desenvolvimento. Actividades lúdicas em torno da animação do livro, como a “Hora do Conto”; concursos de leitura e escrita; espectáculos de representação que envolvam a encenação dos livros abordados; sessões de poesia ou dramatizações que poderão ser demonstradas a todos os grupos de crianças.

Para este autor, estas são formas de atrair e motivar as crianças a utilizarem as bibliotecas e os seus mais diversos serviços, quer como complemento de educação e aprendizagem, quer de enriquecimento cultural, quer ainda de desenvolvimento da sua personalidade. Esta motivação deve ser instigada desde cedo, pois tal poderá contribuir para que continuem a ser seus utilizadores no futuro. E mesmo ao nível de utilização de meios electrónicos, dever-se-ão, no caso das crianças, criar mecanismos de formação para que elas possam retirar o máximo proveito dos documentos que se encontrem sob este formato.

Há contudo, por vezes, impedimentos na disponibilização da informação à comunidade onde a Biblioteca se insere. Devem-se assim criar soluções que permitam colmatar estas lacunas, e que segundo Gill (2001), poderão passar por serviço ao domicílio a diversos níveis e destinatários (pessoas impedidas de sair de casa, empregados de fábricas, pessoas hospitalizadas ou reclusas, etc.), pela disponibilização de equipamentos para cidadãos portadores de deficiência ou dificuldades de aprendizagem, ou mesmo serviços para grupos étnicos ou de cidadãos com dificuldades de integração na sociedade.

Ainda segundo Gill (2001), outra das soluções poderá passar pela criação de transportes especiais, levando os documentos e a informação até aos

utilizadores e cidadãos de zonas mais isoladas, como sejam as bibliotecas itinerantes.

## **2.2. A Biblioteca Itinerante como um serviço de apoio ao ensino**

De acordo com a sua génese, as Bibliotecas Itinerantes há várias décadas que vêm prestando um importante serviço de promoção da leitura junto dos estabelecimentos de ensino. Habitualmente estão equipadas com um elevado número de títulos em circulação e disponibilizam obras sobre ciências naturais, ciências sociais, medicina, tecnologia, arte, literatura portuguesa e estrangeira, entre outros.

*“A biblioteca itinerante seduz pelo seu aspecto: cor, inscrições no exterior, portas transparentes, iluminação natural por clarabóias ou artificial por elementos instalados no tecto [...]” (Gascuel, 1987, p. 230)*

Contudo, segundo Gill (2001) existem diversas formas de apresentar as bibliotecas itinerantes, por todo o mundo, havendo exemplos de barcos na Noruega e na Indonésia, bicicletas e burros no Peru, camelos no Quénia, carroças no Zimbabwe e bicicletas motorizadas na Holanda.

Já para Martins (2010), as bibliotecas itinerantes são dos serviços de extensão das bibliotecas, aqueles que se têm revelado mais dinâmicos nos últimos anos. Desde os tempos em que os livros eram uma raridade e ainda eram poucos os que sabiam ler, há relatos de homens que viajaram pelo mundo, com um enorme espírito aventureiro, que difundiram e saciaram a sede de sabedoria e cultura das populações mais isoladas. Eram os bardos, trovadores ou jograis, que mesmo sem livros, falavam aos outros com uma linguagem poética ou literária. Nos finais do século XIX, começaram a surgir as primeiras bibliotecas itinerantes como hoje as conhecemos, e que hoje se encontram espalhadas pelos quatro cantos do mundo.

Segundo Arranz (cit por Martins, 2010), presidente da Associação dos Profissionais de Bibliotecas Móveis de Espanha, se existir um cidadão que não

possa aceder a uma biblioteca será necessária a existência de mais bibliotecas itinerantes. Já Stringer (cit por Martins, 2010) é da opinião que deveria haver mais bibliotecas itinerantes, pela sua utilidade e capacidade de chegar a sítios difíceis.

*“As bibliotecas itinerantes foram, e continuam a ser, um excelente meio de aproximar as populações da informação e de conhecimento. Infelizmente não chegam aos locais mais recônditos e não conseguem dar as respostas que seriam desejáveis no combate à iliteracia. Este facto é bastante mais visível nos países com maiores carências ou em vias de desenvolvimento.” (Martins, 2010, p. 34)*

Arranz (2009), numa apresentação feita no âmbito do 1º Encontro Internacional de Bibliotecas Itinerantes, realizado na Batalha, faz uma breve análise da importância e relação entre as TIC's e as Bibliotecas Públicas (incluindo as Itinerantes). Entre os finais dos anos 80 e o início dos anos 90, estas instituições estavam dotadas de alguns computadores pessoais e sistemas integrados de gestão bibliotecária, instalados em grandes centros bibliotecários e com um âmbito geográfico muito reduzido; entre os finais do Séc. XX e os princípios do Séc. XXI generaliza-se o livre acesso e o uso da Internet (e-mail, listas de distribuição, partilha de registos, website de bibliotecas), surgem pequenos e médios centros bibliotecários, com novos serviços de comunicação, catalogação e informação e o seu âmbito geográfico alarga-se a toda a rede global; para o século XXI, prevê-se uma forte dinamização destes serviços, com o recurso a tecnologia barata, ligeira, fácil de usar e adquirir, imediata e adaptável, a utilização da Web social, aplicando-se estes instrumentos fundamentalmente em pequenos centros bibliotecários, sempre continuando num âmbito geográfico global.

Para este autor, as TIC permitem assim às Bibliotecas Itinerantes fortalecer ainda mais o seu carácter de uma extensão sempre dinâmica de uma extensão do serviço de Biblioteca Pública, permitindo-lhe uma maior flexibilidade, serviços personalizados e fácil comunicação; a integração dos sistemas bibliotecários torna-se presente e activa e começa-se a acabar com as diversas barreiras ao acesso à informação – espaciais (aumento da oferta documental e de serviços), temporais (disponibilizando aos utilizadores mecanismos com

maior capacidade de utilização, permanência e interação) e psicológicas (melhorando a imagem, a comunicação e a informação através do recurso a meios mais modernos e de utilização mais fácil e participativa – páginas web, blogs, redes sociais).

Stringer (2009) realça alguns dos aspectos mais importantes no que diz respeito às Bibliotecas Itinerantes, aquando de uma apresentação igualmente realizada no âmbito do 1º Encontro Internacional de Bibliotecas Itinerantes, realizado na Batalha.

Como coordenador de uma equipa da IFLA, responsável pela actualização das directrizes referentes às Bibliotecas Itinerantes, este autor destaca alguns dos motivos que justificam a existência e a utilidade deste serviço. Para Stringer (2009), “são uma componente-chave das bibliotecas públicas na entrega de serviços [...] podem agir como uma experiência para um serviço permanente”, podendo ainda “cobrir as comunidades dispersas e nómadas”. São unidades que “prestam um serviço personalizado e amigável”. Revela-se como “um ponto de contacto em cada comunidade e de elevada qualidade”. A equipa da Biblioteca Itinerante “[...] deve ser apta, forte e estável, capaz de suportar o frio e o calor, ser simpática, acolhedora, determinada e, acima de tudo, zeladora”, sendo no fundo, “o rosto da biblioteca para a maioria dos seus leitores”.

Segundo este autor, todos os funcionários e utilizadores devem ser envolvidos no planeamento do itinerário a seguir, devendo adequar os tempos de paragem à sua utilização (por exemplo, maiores nas escolas). Deve igualmente revelar-se como “um serviço de frequência que satisfaça as necessidades dos utilizadores”. Este serviço deve incentivar e dinamizar parcerias com outras instituições – escolas, creches, hospitais, centros prisionais, etc. – e cada vez mais deve recorrer à utilização das TIC’s para permitir uma maior e melhor satisfação das necessidades imediatas dos seus utilizadores.

Vilá (2005) considera que “promover a leitura na biblioteca móvel é pensar todos os dias como fazer os nossos documentos mais atraentes para os nossos utilizadores”. Para esta responsável pelo “Bibliobus de Tagament”

(Espanha) cada utilizador deve ser tratado e considerado individualmente e deve-se procurar assegurar que a sua procura por informações de lazer e cultura nunca será esquecido. É também de extrema importância a divulgação deste serviço e do trabalho que lá é efectuado. O recurso aos mais diversos meios de comunicação para enunciar este serviço, é fundamental e qualquer um deles – brochuras, internet, redes sociais e mesmo a mensagem que possa ser transmitida pelos utilizadores – pode ser igualmente relevante.

O trabalho com as escolas primárias é igualmente de elevado interesse para os responsáveis deste serviço. A população escolar é uma das que goza da Biblioteca Móvel, pela simples razão de que existe uma enorme preocupação em adequar o cronograma desta ao calendário e horário escolar. Isso facilita a execução de um serviço de proximidade e colaboração com as escolas e de fornecimento de documentação para os seus projectos educativos, conforme nos refere este autor.

Em Portugal, o Estado tem aproveitado ao longo dos tempos os diversos Quadros Comunitários de Apoio da Comunidade Europeia, através dos programas do QREN, para dotar as diversas Bibliotecas Públicas de serviços mais eficazes e completos, onde se enquadram os “Serviços de Bibliotecas Itinerantes”. Em 2009 é lançado o segmento “Rede de Equipamentos Culturais - Bibliotecas Públicas e Arquivos Públicos”, no âmbito do Programa “Eixo Prioritário III – Valorização e Qualificação Ambiental e Territorial” incluído no “QREN 2007-2013” para Portugal.

Neste programa estão incluídos importantes apoios para as Bibliotecas Públicas, quer sejam na criação e ampliação de Bibliotecas Públicas Fixas (quer ao nível das obras, quer de equipamento) quer ainda na aquisição e apetrechamento de Bibliotecas Itinerantes (desde que enquadradas por uma Biblioteca Pública).

Em Portugal a metodologia utilizada para este tipo de serviço, é a das carrinhas itinerantes que, para além de servirem a comunidade em geral e nomeadamente as povoações mais afastadas das localidades onde se

encontram sedeadas as Bibliotecas centrais, se têm revelado como um importante instrumento de apoio às escolas e à componente educacional, através de visitas regulares nomeadamente às escolas que não dispõem de bibliotecas escolares.

## Capítulo 3 – História das Bibliotecas Itinerantes em Portugal

De acordo com Faria e Pericão (1999, p. 68), biblioteca itinerante é:

*“Biblioteca ou, por vezes, serviço de uma biblioteca pública que utiliza um veículo devidamente equipado de modo a poder colocar documentos à disposição de utilizadores que, por razões de distância, não têm acesso fácil às instalações da biblioteca; é também designada biblioteca móvel ou bibliobus; percorre periodicamente pequenas comunidades, bairros urbanos, zonas rurais, etc., lugares onde o acesso do livro é mais difícil. Biblioteca de empréstimo. Biblioteca móvel. Biblioteca circulante.”*

### 3.1. Aparecimento das bibliotecas itinerantes e sua caracterização

As necessidades culturais e de conhecimento que se foram verificando ao longo dos anos foram sempre uma vontade das populações.

Segundo Neves (2005), em Portugal, a ideia de Bibliotecas Populares surge em plena época de monarquia constitucional, mais concretamente em 1870.

Este autor faz-nos uma breve resenha histórica, destacando datas marcantes na evolução cronológica das Bibliotecas Públicas, incluindo a história das Bibliotecas Itinerantes:

Assim, segundo ele, em 1911, por decreto publicado na 1ª República, proclama-se a intenção de através da criação de bibliotecas, permitir o acesso aos livros por parte dos cidadãos, tornando-os uma ferramenta de enorme utilidade no desenvolvimento da literacia e da conquista do conhecimento, num país fortemente marcado pelo analfabetismo. É nesta altura que se começam a falar em bibliotecas “móveis”. Nos finais da 1ª República, o número de bibliotecas públicas era já de 50; contudo, com a implantação do Estado Novo, mais concretamente em 1926, o número viu-se reduzido a menos de metade e com reduzida utilização. As bibliotecas, nesta fase, funcionavam apenas como locais de conservação do espólio bibliográfico existente e de difícil acesso aos

seus conteúdos, sempre sob um forte controlo dos mecanismos políticos de censura, que procuravam assegurar a segurança do Estado.

Em meados do século passado, o número contabilizado de bibliotecas municipais era de 84, mas na maior parte dos casos, não passavam de meras salas de leitura, com reduzida documentação disponível e passível de ser consultada.

Neves (2005), destaca com um realce especial o ano de 1953: é aqui que surge a primeira biblioteca móvel moderna, sob a égide de Branquinho da Fonseca, o qual, aproveitando o facto de ser escritor e desempenhando as funções de responsável máximo (Conservador Bibliotecário) do Museu-Biblioteca Conde Castro Guimarães, em Cascais, empreende a criação de um serviço itinerante de acessibilidade às populações limítrofes, aos livros – eram os “carro-biblioteca”, também chamados de “Biblioteca-circulante”. Esta viatura tinha como missão principal, deslocar-se pelas povoações limítrofes – junto a escolas, associações, etc., - proporcionando o acesso aos diversos documentos existentes, através de um mecanismo de empréstimo domiciliário, aos habitantes dessa região.

Este mesmo autor, e de acordo com os registos históricos existentes, relata-nos que, tomando por base esta experiência, a Fundação Calouste Gulbenkian convida em 1958, José Manuel Branquinho da Fonseca para organizar e dinamizar um serviço móvel de bibliotecas a que vai chamar de Serviço de Bibliotecas Itinerantes e que vai dirigir durante cerca de 16 anos. Para esta instituição, afigurava-se de extrema importância assegurar a continuidade da procura pelo conhecimento, satisfazendo as curiosidades despertadas no ser humano no contacto com a escrita:

*“[...] quando o homem, por qualquer motivo, não se interessa pelo livro e não busca a sua convivência, o livro tem de procurar e interessar o homem, para o servir, quer instruindo-o, quer recriando-o.” (in Boletim Informativo nº 5, Série II, 1966, p. 153).*

Este serviço dirigia-se às populações de todo o país, excepto dos grandes centros urbanos e pretendia privilegiar o interior do país e as populações de

zonas rurais. E uma das formas mais concretas e correctas de o fazer era “desenvolver o gosto pela leitura, elevando o seu nível mental e espiritual” (in Boletim Informativo nº 1, Série I, 1960, p. 4).

*“Os livros vos darão um melhor conhecimento da história da vossa pátria e da dos outros povos – o que é dizer: da história da civilização e do mundo. Completarão e aperfeiçoarão o vosso saber profissional; ensinar-vos-ão o vosso saber profissional; ensinar-vos-ão até outro ofício se acaso o pretenderdes. E nas horas de folga, poderão proporcionar-vos divertimentos e prazeres espirituais do mais elevado valor.” (in Boletim Informativo nº 1, Série I, 1960, p. 8).*

Nesta altura são criadas 15 bibliotecas itinerantes, aumentando rapidamente o seu número para perto de meia centena de unidades móveis. Uma das primeiras a ser criada foi a da Batalha, tendo sido numerada pela Fundação Calouste Gulbenkian com o nº 1 (terá sido criada no segundo semestre de 1958).

Em 1961, a Fundação Calouste Gulbenkian efectua um investimento importante, com a homogeneização deste inovador projecto, ao adquirir 47 viaturas da Marca Citroën. “Muitos portugueses viram então um livro pela primeira vez” (Neves, 2005, p. 3)

Ainda na exposição desta evolução cronológica apresentada pelo autor que temos vindo a mencionar, é-nos relatado que no ano seguinte, o número de leitores atinge as três centenas de milhar e o volume de documentos emprestados ultrapassa os 3 milhões de unidades. É este crescimento rápido e exponencial que leva a que a Fundação Calouste Gulbenkian crie o conceito de bibliotecas fixas, as quais passam a ser instaladas nos principais concelhos com mais população e em locais chave – edifícios municipais, hospitais, prisões, organismos de índole cultural, entre outros, criando o Serviço de Bibliotecas Itinerantes e Fixas da Fundação Calouste Gulbenkian, composto não só pelas então dinâmicas 52 unidades itinerantes, mas também por 107 bibliotecas fixas, que se viriam a revelar de enorme importância para a manutenção das primeiras.

O papel das Bibliotecas Itinerantes desenvolvido pela Fundação Calouste Gulbenkian assumiu enorme relevo durante o período da “ditadura salazarista”,

uma vez que permitiu a criação e o desenvolvimento do gosto pela leitura, através da sua rede de bibliotecas, numa época em que o acesso aos livros era muito difícil, sempre fortemente controlado pelos mecanismos de censura.

Os anos seguintes culminam, ainda segundo Neves (2005), em 1972 quando a Fundação Calouste Gulbenkian dá como concluída a expansão da sua rede, com 166 unidades fixas e 62 unidades móveis.

Após o 25 de Abril de 1974, em que foi implantada a democracia em Portugal, as bibliotecas itinerantes continuaram a ser asseguradas pelos serviços da Fundação Calouste Gulbenkian, se bem que com uma tendência de redução do número de unidades.

É igualmente neste ano que, diz-nos Neves (2005) na sua resenha histórica, motivado por uma forte indefinição nas políticas de investimento cultural do país, e com o declínio da rede de Bibliotecas fixas e itinerantes da Fundação Calouste Gulbenkian, é elaborado o “Manifesto da Leitura Pública em Portugal”, com o objectivo de combater as elevadas taxas de analfabetismo e os baixos índices de leitura e de introduzir na agenda política e nas prioridades de desenvolvimento socioeconómico e cultural do país, a necessidade de criar locais públicos adequados para a promoção da prática da leitura.

Outra data de enorme relevo é o ano de 1987. Este autor, na sua abordagem cronológica à evolução das Bibliotecas Públicas, destaca o início do “Programa Nacional de Leitura Pública”, criado pela Secretaria de Estado da Cultura, com o objectivo de habilitar o País de uma rede de modernas bibliotecas de serviço público. De acordo com este Programa, consubstanciado no relatório emanado por aquele organismo público “Leitura pública: rede de bibliotecas municipais”, as novas bibliotecas públicas municipais seriam criadas em conjunto pelas administrações central e local, repartindo em partes iguais não só as questões relacionadas com o edifício e sua apresentação física, mas também na sua organização e aquisição do fundo documental. É assim durante a década de 90 que surgem novas bibliotecas públicas, tendo o seu número atingido mais de 250 unidades fixas.

Entre 1981 e 1996, alargam-se as funções e missões destas bibliotecas públicas, que deixam de ser unicamente de recolher, tratar e difundir documentos, mas também de proporcionar um maior engrandecimento e crescimento cultural dos cidadãos, através da realização de visitas, exposições, colóquios, debates, conferências e animações, bem como aproximar esses mesmos cidadãos aos diversos organismos e entidades locais e nacionais. Mas este surgimento de novas bibliotecas públicas em Portugal, leva à extinção da rede de bibliotecas fixas e móveis da Fundação Calouste Gulbenkian, levando a que as povoações que outrora beneficiaram deste serviço de inestimável valor fossem de novo votadas ao abandono no que concerne ao acesso fácil ao elemento fundamental do conhecimento – o livro. Esta questão não estava prevista no Programa Nacional de Leitura Pública, para a qual o referido relatório atrás mencionado era omissivo. E é com base nos princípios constantes em “Os serviços da Biblioteca Pública: directrizes da IFLA/UNESCO” que, a partir da segunda metade dos anos 90, a ideia das bibliotecas móveis assume de novo um papel de enorme relevo face ao problema da exclusão social. A rede de bibliotecas públicas procura assim criar de novo o conceito de bibliotecas móveis, mais adequadas à realidade actual, melhor equipadas e consonantes com as políticas culturais existentes.

Finalmente, e de acordo com o relato de Neves (2005), em 19 de Dezembro de 2002, a Fundação Calouste Gulbenkian extingue este serviço, entregando às autarquias não só as unidades móveis e fixas de que dispunha, mas também todo o seu espólio documental de inestimável e incomensurável valor.

A necessidade de modificar a escassez de recursos e de reestruturar todo o programa de serviço ao cidadão, calendarizações de visitas e obtenção de rápidos resultados, leva a que seja empreendido um esforço suplementar, por parte dos diversos municípios envolvidos. Há que criar mais unidades móveis, e é fundamental que surja uma maior cooperação entre esses mesmos municípios, para que seja recriada a rede de bibliotecas móveis. Um grupo de trabalho é então criado para empreender um novo conceito, consubstanciado na estratégia do serviço móvel da Fundação Calouste Gulbenkian, na nova

metodologia e conceitos do Programa Nacional de Leitura Pública e na experiência adquirida e acumulada nos últimos anos.

*“A presente comunicação, bem como o trabalho de recolha associado, pretende marcar, de forma simbólica, o início de uma discussão em torno da necessidade do associativismo, cooperação e partilha entre a comunidade de bibliotecas itinerantes emergente” (Neves, 2005, p.8)*

De acordo com os registos actuais, consultados através do “site” A Nave Voadora, da autoria de João Henriques, o território nacional está praticamente coberto pela Rede de Bibliotecas Públicas (os últimos dados oficiais são de Janeiro de 2011, de acordo com o Directório de Bibliotecas Itinerantes, onde o número de bibliotecas ascendia a 336), sendo que apenas 66 concelhos dispõem de bibliotecas itinerantes.

No Distrito de Aveiro temos a Bibliomóvel de Arouca, a Biblioteca Itinerante de Aveiro, a Biblioteca Itinerante de Castelo de Paiva, a Biblioteca Itinerante de Espinho, a Biblioteca Itinerante de Estarreja e a Bibliomealhada; já no Distrito de Beja existe o Serviço Itinerante de Leitura de Almodôvar, a Biblioteca Itinerante de Castro Verde, a Biblioteca Andarilha-Beja e a Biblioteca Itinerante de Moura; o Distrito de Braga tem quatro unidades, que são a Biblioteca Itinerante de Cabeceiras de Basto, a Biblioteca Móvel de Esposende, a Biblioteca Itinerante de Guimarães e a Bibliomóvel de Vila Nova de Famalicão.

No Distrito de Bragança temos apenas a Biblioteca Itinerante de Mirandela e no Distrito de Castelo Branco, a Bibliomóvel de Proença-a-Nova.

O Distrito de Coimbra tem a Biblioteca Itinerante de Cantanhede, a Bibliomóvel de Coimbra, a Bibliomóvel da Lousã e a Biblioteca Itinerante da ADFP, em Miranda do Corvo. No Distrito de Évora só existe a Biblioteca Itinerante do Redondo e no Distrito de Faro, a Biblioteca Itinerante de Loulé.

O Distrito da Guarda tem duas unidades que são a Biblu-Biblioteca Itinerante de Aguiar da Beira e a Biblioteca Itinerante da Guarda.

No Distrito de Leiria este serviço está distribuído pelas Bibliotecas Itinerantes de Alvaiázere, da Batalha, do Bombarral, de Pombal e de Porto de Mós;

O Distrito de Lisboa tem diversas unidades no concelho, identificadas por Bibliotecas Itinerantes de Lisboa, e tem ainda a Biblioteca Itinerante de Sintra e a Bibliomóvel de Vila Franca de Xira. No Distrito de Portalegre apenas existe a Biblioteca Itinerante de Marvão.

No Distrito do Porto temos nove unidades móveis, e que são a Biblioteca Itinerante de Felgueiras, a Biblioteca Itinerante de Gondomar, a Bibliomóvel de Lousada, a Biblioteca Itinerante da Maia, a Biblioteca Itinerante de Matosinhos, a Biblioteca Itinerante de Paredes, a Bibliomóvel de Penafiel, o Bibliocarro do Porto e a Biblioteca Itinerante de Vila do Conde;

Já no Distrito de Santarém existem a Biblioteca/Ludoteca Itinerante de Alcanena, a Biblioteca Itinerante de Torres Novas e a Biblioteca Itinerante de Mação. Por seu lado, no Distrito de Setúbal só existe uma unidade – o Bibliobus do Montijo.

No Distrito de Viana do Castelo estão em funcionamento a Biblioteca Rural Itinerante de Monção, a Biblioteca Itinerante de Ponte da Barca, a Bibliomóvel de Valença do Minho e a Biblioteca Itinerante de Viana do Castelo.

Os Distritos de Vila Real e Viseu têm, juntos, quinze serviços de biblioteca itinerante: o primeiro apresenta-nos a Biblioteca Itinerante de Alijó, a Biblioteca Itinerante de Mesão Frio, a Ludoteca/Biblioteca Itinerante de Montalegre (LuBiM), a Bibliomóvel de Murça, a Biblioteca Itinerante de Peso da Régua, a Bibliomóvel de Santa Marta de Penaguião e a Biblioteca Itinerante de Vila Real; já o segundo, indica-nos a Biblioteca Móvel de Armamar, a Biblioteca Itinerante de Castro Daire, a Biblioteca Itinerante de Cinfães, a Biblioteca Itinerante de Lamego, a Biblioteca Itinerante de Moimenta da Beira, a Bibliomóvel de São João da Pesqueira, a Bibliomóvel de São Pedro do Sul e a Biblioteca Itinerante de Vouzela.

Nos Arquipélagos dos Açores está em funcionamento a Biblioteca Itinerante da Madalena (Ilha do Pico – Açores), enquanto no Arquipélago da Madeira não existe qualquer Biblioteca Itinerante.

De acordo com o que nos é transmitido pelo Boletim Informativo nº 2 da Fundação Calouste Gulbenkian, as Bibliotecas itinerantes eram vistas como extensões móveis das Bibliotecas fixas, com o objectivo de levar aos núcleos populacionais mais afastados dos grandes centros urbanos, o conhecimento e a cultura a que habitualmente não têm acesso, quer por questões socioeconómicas, quer por questões logísticas e de proximidade, quer por quaisquer outros motivos considerados relevantes.

Segundo Neves (2005) as bibliotecas itinerantes apresentavam-se como “carros-biblioteca”, em viaturas devidamente identificadas e que começaram por ser da Marca CITRÖEN. Por outro lado, os recursos humanos destinados a assegurar o funcionamento destas bibliotecas eram compostos por um motorista (que também assumia as funções de auxiliar) e um encarregado, responsável por aquela unidade de biblioteca itinerante e cuja “principal função consiste na orientação dos leitores” (Boletim Informativo nº 6 da F.C.G., 1962, p. 220). O encarregado não necessitava de ser uma pessoa com algum curso específico, nem sequer precisava de ser diplomado; precisava apenas de ser alfabetizado, ter alguma cultura geral, gosto pelos livros e pela leitura e apetência para o contacto directo com as populações. O encarregado era o primeiro responsável por assegurar que os fins educativos, culturais e recreativos a que se destinavam as bibliotecas itinerantes eram desenvolvidos.

Neves (2005) diz-nos também que os depósitos dos livros eram inicialmente da responsabilidade das autarquias que, em parceria com a Fundação Calouste Gulbenkian, armazenavam e serviam de depósito de alguns livros, mediante a cedência das instalações; contudo, o ónus das despesas cabia quase exclusivamente à Fundação. Por outro lado, os livros encontravam-se arrumados e organizados em prateleiras, num sentido ascendente e de acordo com as idades dos utilizadores a que se destinavam, com os assuntos e com o seu grau de complexidade - cada unidade móvel dispunha de cerca de 2.000 volumes, que se repartiam pelas mais variadas áreas de interesse, com maior destaque para a literatura.

*“No carro-biblioteca há, em geral, cerca de dois mil volumes arrumados nas estantes. A arrumação obedece a um plano que facilita ao leitor a mais rápida procura: nas prateleiras de baixo, os livros para crianças; nas do meio, a literatura de ficção, de viagens, biografias, etc.; nas de cima, os livros menos procurados, de filosofia, poesia, ciência e técnica.” (in Boletim Informativo nº 6, 1961,p. 220)*

Neves (2005), reforça ainda o papel das actividades desenvolvidas nas Bibliotecas Itinerantes, quando nos refere que a animação da leitura e a criação de actividades de promoção dos livros e da leitura (exposições, debates, leituras de contos e poesias, encontros com autores, etc.) foram sendo introduzidas a partir de inícios dos anos 90, revelando ainda hoje ter sido um dos mais importantes serviços que ainda hoje são prestados pelas Bibliotecas Itinerantes.

Hoje em dia as bibliotecas itinerantes apresentam, de acordo com o Manifesto da IFLA sobre Bibliotecas Públicas (onde se incluem as bibliotecas itinerantes), objectivos, fins e missões perfeitamente identificados, e que se caracterizam fundamentalmente pelo desenvolvimento pessoal e intelectual dos leitores, pelo combate à iliteracia da informação, pela criação e manutenção nos leitores, do hábito e prazer da leitura, da aprendizagem e da utilização das bibliotecas, pela disponibilização de iguais possibilidades de aquisição e utilização da informação e pela possibilidade do acesso e do conhecimento à cultura local, regional e nacional.

Contudo existem algumas diferenças marcantes na sua constituição e composição físicas. Ao nível da bibliografia disponível, existe uma maior diversidade de temas, procurando-se contemplar todas as classes da CDU, e ainda a disponibilização de alguns periódicos; é possível consultar e requisitar documentos sobre forma digital (CD's e DVD's); ao nível do público-alvo, foram-se alargando os utilizadores deste serviço, deixando de ser preferencialmente destinado ao apoio às populações rurais e mais afastadas dos grandes centros e às populações escolares, para apoiar e divulgar o livro e a cultura junto de outras instituições como lares de idosos, hospitais e estabelecimentos prisionais; ao nível do equipamento, o recurso a viaturas de

maiores dimensões, melhor equipadas (algumas incluindo já equipamento informático) e com melhores condições ambientais e de utilização, bem como modernas acessibilidades para cidadãos com mobilidade reduzida; e ao nível dos serviços prestados, com a possibilidade de, em alguns casos, visualização de filmes, audição de registos sonoros (CD's) e o acesso e consulta à Internet.

De acordo com as novas Directrizes da IFLA para Bibliotecas Móveis, publicadas em 2010, existem actualmente regras base a serem consideradas na preparação, elaboração e criação de uma unidade de serviço de biblioteca móvel. Este documento aborda, aspectos fundamentais na preparação de todo um serviço que se pretende seguro, económico, produtivo e adequado aos objectivos para o qual foi traçado.

Assim, antes de mais, a necessidade de envolver os organismos governativos – nacionais, regionais e locais -, bem como a importância das parcerias com instituições públicas e privadas, são de enorme importância para o sucesso na criação de uma unidade de biblioteca móvel.

*“The responsibility for establishing and developing library services may rest with any tier of government, from national to local depending on the country's constitution and legislation with regard to devolution of government functions. As library services are public good which are provided free or virtually free of charge to users revenue is provided from taxes and rates depending on the tier of government responsible.” (in IFLA, 2010, p.6)*

É igualmente importante fazer (ou utilizar os resultados já existentes) um estudo sobre o meio envolvente sobre o qual será aplicado este serviço, bem como analisar e avaliar o público-alvo e as suas necessidades. Desta análise resultam informações importantes e de enorme relevo para uma correcta gestão de uma biblioteca móvel, como sejam as rotas, os horários e mesmo a caracterização do fundo documental necessário.

*“When considering the introduction of a mobile library service careful planning must be given to its operating schedule so that maximum use is made of the vehicle and optimum value can be gained from the service.” (in IFLA, 2010, p.13)*

Entrando em campos mais específicos, este documento avalia igualmente questões tecnológicas, económico-financeiras e ambientais, ergonómicas e de

mobilidade, como sejam, os custos do veículo e sua manutenção - sugerindo a “sponsorização” da mesma.

*“Mobile library vehicles vary greatly in cost depending on the type of vehicle chosen, the quality of fittings, import duties, local market forces and technical standard.” (in IFLA, 2010, p.15)*

Também o tipo de veículo a utilizar - considerando as janelas e a sua dimensão, o ambiente interno (existência de ar condicionado, ventilação), o acesso a cidadãos de mobilidade reduzida, a disposição interna do mobiliário e equipamentos, a possibilidade de existência de serviços de apoio (bar, wc, etc.), a segurança interior e exterior da viatura e os procedimentos de emergência -, o mobiliário a escolher – as dimensões, o material de concepção do mobiliário, o equipamento disponível, incluindo TIC’s e a disposição de mobiliário e equipamento.

*“There is a range of furniture and equipment which should be standard on any mobile library. Smaller vehicles are very restricted in space and priority is generally given to maximizing the number of volumes carried.” (in IFLA, 2010, p.44)*

De acordo com estas mesmas directrizes, há ainda outros aspectos, e que podem provocar um maior impacto na motivação dos utilizadores deste serviço para a leitura, e que se relacionam com as questões dos recursos humanos e do acervo documental disponível:

Em termos de recursos humanos, as directrizes são para que haja um cada vez maior profissionalismo e envolvimento dos funcionários das Bibliotecas no Serviço de Bibliotecas Móveis. Os seus elementos têm o dever de contribuir para que este serviço seja cada vez mais eficaz e profícuo (p.ex., todos deverão contribuir para a execução dos itinerários, com sugestões em função dos seus conhecimentos e informações).

As equipas deverão ser constituídas não só por técnicos especializados, mas também por indivíduos sem formação específica (estudantes da área bibliotecária, pessoal não qualificado e mesmo voluntários). O envolvimento de todos e a partilha de informações e experiências são de extrema importância.

*“Management should encourage participation but not make it compulsory as an unwilling member of staff is unlikely to provide the commitment and level of service is required.” (in IFLA, 2010, p.50)*

Contudo, estas equipas devem ser alvo de formação específica para este tipo de serviço, o qual exige conhecimentos específicos (p.ex., conhecimento das classes documentais, métodos de consulta do catálogo, etc.).

O número de funcionários deve ser adequado ao volume de documentos consultados/requisitados através daquele serviço, não havendo uma regra específica, até porque cada vez mais o recurso a consultas “on-line” não exige uma presença física tão numerosa; outro aspecto tem a ver com a própria dimensão da viatura.

Já no que respeita ao acervo documental que constitui o catálogo disponível (nomeadamente para consulta directa), este documento diz-nos que o mesmo deve ser definido de acordo com uma política interna estabelecida pelos órgãos directivos da Biblioteca, onde os objectivos pretendidos por esta instituição possam ser assegurados, bem como satisfeitas as necessidades da população à qual se destinam. Sobre este assunto são feitas algumas considerações quanto ao tipo de documentos a incluir neste fundo, e que se referem fundamentalmente às quantidades em questão bem como à sua rotatividade. Não esquecer contudo, que esta escolha depende em grande parte do público a quem se destina.

*“The stock of a mobile should aim to reflect the community’s need for recreation, information, education and culture. Each community is unique and the library’s collection should reflect this. It is necessary that collections meet specialist as well as general needs.” (in IFLA, 2010, p.54)*

Desta forma, deve o catálogo (e o respectivo fundo documental disponível) ser constituído não só por livros (que deverão versar sobre os mais variados assuntos), mas também por registos sonoros e de vídeo (CD’s e DVD’s) e ainda recursos “on-line”. A ligação à Internet revela-se igualmente e cada vez mais como um serviço de extrema importância e procura, para a consulta de documentos de todo o tipo, pelo que deverá ser sempre ponderado como um aspecto prioritário no acesso a documentos.

*“Whilst books, in both hard and soft covers continue to be mainstay of the mobile library, resources in other formats are now in common use. In many cases, they provide the only means of satisfying a users needs. Cd’s, CD-ROM’s, DVD’s and on-line resources must be considered part of the library resources.” (in IFLA, 2010, p.55)*

Ainda de acordo com as Directrizes da IFLA para Bibliotecas Móveis, quanto à quantidade de documentos que constituem o fundo documental do Serviço Móvel, tal depende não só de características demográficas da área de abrangência do mesmo, mas também das próprias dimensões da viatura utilizada (podem ir de um número aproximado de 1.500 unidades para uma pequena carrinha do tipo “Van”, até mais de 7.000 em casos de viaturas pesadas com atrelados – os chamados “semi-reboques”).

Segundo Melo (2004), o Fundo Documental para as Bibliotecas Itinerantes foi sofrendo alterações e ajustamentos ao longo dos anos. Não foram apenas factores políticos que estabeleceram regras ou condicionaram a escolha dos documentos que poderiam fazer parte do espólio disponível para as Bibliotecas Itinerantes, mas também a própria evolução dos níveis de literacia dos utilizadores e as próprias escolhas e sugestões que aqueles foram efectuando desde a criação deste inovador serviço pela Fundação Calouste Gulbenkian.

*“O fundo inicial do departamento sectorial da FCG, o Serviço de Bibliotecas Itinerantes (SBI), foi elaborado tendo em consideração os objectivos inicialmente estipulados, ou seja, para o conjunto da população e atendendo a especificidades etárias (crianças, adolescentes e adultos)”. (Melo, 2004, p. 2)*

Este autor diz-nos também que a literatura foi sempre a principal área disciplinar escolhida, ainda que fossem contempladas todas as que constituíam a CDU – Classificação Decimal Universal – com especial destaque para as ciências (quer sociais, quer humanas, quer puras e mesmo aplicadas) e para textos informativos dos mais variados temas.

*“Dentro da literatura, além da consagração de certa literatura nacional oitocentista (Camilo, Júlio Dinis e Eça, sobretudo), também se deu especial relevância à literatura modernista, o que granjeou um grande auditório para as obras dos próprios directores e outros funcionários superiores do Serviço, todos eles ficcionistas e alguns também ensaístas.” (Melo, 2004, p. 3)*

No estudo elaborado por este autor, o primeiro catálogo das Bibliotecas Itinerantes era composto por 1674 registos e foi divulgado no Boletim

Informativo nº 1, publicado em Outubro de 1960. Era constituído por 1674 documentos, e que segundo as regras constantes da circular nº 1 da Fundação Calouste Gulbenkian, datada de 1 de Agosto de 1957, previam unicamente livros de “literatura para adultos”, “literatura para crianças”, “história” e “assuntos técnicos diversos”. O catálogo inicial era constituído por todas as classes documentais da CDU.

*“Pela distribuição na CDU, constata-se que a literatura (sem a linguística e a história literária) representava perto de 2/3 do fundo (63%), enquanto a história (incluindo biografia) e os “assuntos técnicos” (equiparados às ciências aplicadas) detinham valores minoritários (embora relevantes) em tornos dos 7 e 13% respectivamente.” (Melo, 2004, p.3)*

No campo da literatura, a questão etária era igualmente relevante. A literatura para crianças e adolescentes continha cerca de 520 documentos (aproximadamente 31% do total de títulos do catálogo) e a que se destinava a adultos era constituída por 24% dos documentos do catálogo inicial.

Dos diversos autores constantes nesta oferta bibliográfica existente no primeiro catálogo do Serviço de Bibliotecas Itinerantes, conforme nos é apresentado no Boletim Informativo nº 1 da Fundação Calouste Gulbenkian (1960) destacam-se nomes como Júlio Verne, Charles Perrault, Enid Blyton, Hans Christian Andersen e os Irmãos Grimm, bem como Sophia de Mello Breyner Andresen, Fernando de Castro Pires de Lima e Ana de Castro Osório na literatura para crianças (até 14 anos); Adolfo Simões Müller e Henrique Lopes Mendonça na escrita para adolescentes; na literatura para adultos, apresentavam-se obras dos tradicionais e mais conceituados escritores nacionais, como Luís de Camões, Camilo Castelo Branco, Eça de Queirós, Aquilino Ribeiro, Júlio Dinis, Alexandre Herculano; também os mais destacados novelistas e romancistas estrangeiros, como Victor Hugo, Honoré de Balzac e Leo Tolstoi. Mas muitos outros autores e obras, sobre as mais variadíssimas temáticas se podiam encontrar no catálogo de obras constantes no Catálogo dos Livros das Bibliotecas da Fundação Calouste Gulbenkian, em 1960.

Melo (2004) relata-nos igualmente que a Ditadura salazarista imposta pelo Estado Novo impunha regras rígidas na divulgação de algumas obras, o que

limitava o crescimento e maior diversidade do acervo documental disponível; contudo, a Fundação Calouste Gulbenkian foi introduzindo de forma progressiva e cuidada, diversas obras que eram muitas vezes proibidas ou contrárias aos ideais do regime, compromisso que foi sendo assumido com a presença de títulos e temáticas de autores ligados ao regime nos catálogos do Serviço de Bibliotecas Itinerantes.

*“As bibliotecas da FCG representariam, assim, uma boa oportunidade para disponibilizar obras como O crime do padre Amaro, dada a perseguição, a que eram votadas e tendo em conta que não estavam oficialmente proibidas. De facto, este livro, em particular, era tão censurado que não era preciso ser proibido.”*  
(idem, 2004, p. 5)

Melo (2004) relata-nos que o acervo bibliográfico foi sendo reforçado ao longo dos anos seguintes, com a aquisição de novos documentos pelos serviços centrais da Fundação, que posteriormente os distribuía pelas diversas bibliotecas de acordo com os pedidos e as necessidades, sempre sob a supervisão e decisão superior ponderada dos responsáveis superiores. Um dos serviços constantes das Bibliotecas Itinerantes da Fundação Calouste Gulbenkian era o empréstimo de algumas obras que não existissem na biblioteca a que determinado leitor recorria habitualmente. Assim, o leitor podia solicitar a requisição de determinado título para a sua biblioteca (e que poderia existir ou não no espólio documental da Fundação Calouste Gulbenkian), mas sempre e só mediante autorização do Director do serviço:

*“Os leitores poderão solicitar o empréstimo de livros que a biblioteca não possua, devendo justificar os seus pedidos, os quais serão ou não atendidos, conforme a Direcção dos serviços julgar conveniente”* (in Boletim Informativo nº 7, Série I, 1963, p. 278).

Esta regra demonstrava que o sistema de escolha de obras era “limitado” e “condicionado” por um poder centralista e discriminativo, estando concentrado na figura do director dos serviços.

Melo (2004), diz-nos que em 1963, com a criação da Biblioteca Central de Empréstimo, os livros que não tinham uma utilização/requisição elevada ou que tinham um preço elevado eram então guardados naquele serviço, permitindo uma maior gestão e controlo da utilização dos mesmos. Assim, após a leitura

do livro pelo requisitante, e caso não houvesse uma nova reserva, este tipo de obras era de imediato devolvido à Biblioteca Central de Empréstimo. Estes livros tinham uma identificação especial (nos catálogos eram assinalados com um asterisco, estavam marcados fisicamente com uma fita oblíqua colada na lombada e eram colocados em estantes inacessíveis aos leitores). Surgem, por outro lado, no início dos anos 70, recomendações para que os encarregados das bibliotecas itinerantes aconselhem vivamente aos leitores, a escolha por livros de autores portugueses.

Melo (2004) relata-nos que, após o 25 de Abril de 1974, as prioridades de escolha dos livros constantes dos catálogos das bibliotecas itinerantes da Fundação Calouste Gulbenkian alteram-se, deixando de ser fundamentalmente de literatura, história e ciências aplicadas, para serem constituídos por maior volume de títulos de obras sobre política e sociedade “por pressão dos trabalhadores do SBI”.

*“Paralelamente à introdução de novas obras, houve igualmente uma depuração dos fundos bibliográficos, tendo-se retirado e destruído as obras mais ligadas ao regime anterior, à semelhança do que ocorrera nas «bibliotecas populares» a cargo da Direcção-Geral da Educação Permanente.” (Melo, 2004, p.11)*

Ainda, segundo este autor, ao longo dos anos, os conteúdos bibliográficos do catálogo disponível para bibliotecas itinerantes foram sendo alargados em quantidade e ajustados ao nível das componentes das diversas classes documentais da CDU. Verifica-se uma quebra substancial nas classes de literatura e nas ciências aplicadas, com a contrapartida ao nível das ciências sociais e humanas.

“A escolha e avaliação dos livros adquiridos ou oferecidos à Fundação Calouste Gulbenkian foi, na maior parte das vezes, feita por pessoas exteriores a este organismo.” (Melo, 2004).

Estes especialistas compunham uma chamada “Comissão de Leitura” e tinham por missão analisar e avaliar o conteúdo dos textos, nomeadamente no que concerne à sua aceitação pelo regime ditatorial existente, bem como à sua qualidade para integrar os catálogos das bibliotecas da Fundação Calouste

Gulbenkian – ainda que a decisão final coubesse sempre à Direcção do Serviço de Bibliotecas Itinerantes.

A Comissão de Leitura era fundamentalmente composta por escritores da época, e por intelectuais de conhecida reputação, como alguns professores universitários. Pretendia-se com isto representar as diversas ideologias e sensibilidades, bem como as diversas áreas de especialidade sobre as quais versavam os livros analisados e escolhidos.

*“A Fundação organizou um Conselho de Leitura, composto de pessoas que há muito se impuseram, não só pelo valor da sua cultura, mas também pelo equilíbrio dos seus ideais, embora, como convém, para eliminar todo o risco de proselitismo literário, filosófico, social ou político, representem várias correntes ou tendências do pensamento contemporâneo”. (in FCG, imp. 1961, p. 155)*

Mas segundo Melo (2004), o trabalho desta Comissão nunca foi facilitado. “Até 1974, esta Comissão teve que lidar com a censura oficial aos livros, o que restringia a priori o leque de obras para avaliação”.

É neste ano que a mesma é extinta, sendo substituída nas suas funções pelo Conselho Directivo do Serviço de Bibliotecas Itinerantes. Melo (2004) referenos que a proposta do Conselho Directivo do Serviço de Bibliotecas Itinerantes baseava o seu método de escolha e aquisição de livros em 7 premissas:

*a) colaboração com editores e autores (mas “sem favoritismos nem dependências”) para a edição de livros de interesse “real, ao mais baixo custo”(“sobretudo” textos para menores de idade; b) aquisição mais célere dos livros recém-editados; c) reformulação dos critérios de selecção para o “fundo geral” (recusa das “compras de favor” e “prioridade absoluta à aquisição das obras de autores contemporâneos nunca adquiridas ou compradas em quantidades diminutas”, mesmo tendo que ignorar eventuais pareceres em contrário da Comissão; d) atribuição de funções de avaliação de livros em tempo integral a empregados da sede do Serviço; e) tomada em consideração das “indicações” e dos pareceres “expressamente solicitados” aos encarregados e ajudantes de bibliotecas quanto a “novos títulos a adquirir”; f) possibilidade de solicitação de pareceres a outros indivíduos que não aos avaliadores a tempo inteiro e aos encarregados e ajudantes de bibliotecas (“inspectores, críticos literários, licenciados em Filologias, Pedagogos, etc.”); g) aquisição da “quantidade efectivamente necessária” de cada obra” (Melo, 2004, p. 17)*

Ainda segundo este autor, a Comissão de Leitura abraçou então igualmente uma importante função. Deixou unicamente de escolher os livros, para assumir um papel de orientadora de leitura. “A própria escolha dos livros (...) implicaria sempre uma selecção, donde uma escolha não neutral.”

Mas esta escolha e avaliação dos livros obedeciam a “uma grelha de classificação de livros definida previamente por Branquinho da Fonseca e que obrigava a uma complexa distribuição dos livros por idades e/ou grupos etários (...) e por grau de dificuldade de leitura/interpretação.” (Melo, 2004, p. 20). Para tal, fora estabelecida uma “sinalética própria”, caracterizada pela “colagem na lombada do livro de uma etiqueta colorida numa certa posição”. A cor, referia-se à classe/subclasse da CDU e a posição (topo, meio ou em baixo) identificava o grau de dificuldade – por exemplo, “para as crianças e adolescentes, havia uma cor específica, o verde.” (idem)

### **3.2. O perfil dos leitores das bibliotecas itinerantes**

*“O projecto bibliotecário da Gulbenkian tinha implícito que o público-alvo era aquele que não tinha acesso a uma divulgação corrente da cultura letrada. Estes eram então a parcela maioritária da população, por isso, o projecto era inicialmente um projecto de educação popular e, nesta, de educação popular pós-escolar.” (Melo, 2004, p. 23)*

Quando foi criado o projecto das Bibliotecas Itinerantes pela Fundação Calouste Gulbenkian, o que os seus responsáveis tinham em mente era que este serviço deveria ser destinado a todos aqueles que não pudessem ter acesso à divulgação de obras escritas. Dado que grande parte da população portuguesa era analfabeta ou com baixos índices culturais, este projecto pretendia ter um carácter de educação popular e, dentro deste, de educação popular “pós-escolar”.

José Azeredo Perdigão, primeiro presidente da Fundação Calouste Gulbenkian, destacava num discurso proferido em 1961, estes objectivos primordiais:

*“De entre os múltiplos e difícilimos problemas que a educação comporta, um deles é sem dúvida o da educação pós-escolar, em especial para aqueles que não levaram a sua instrução além dos seus estudos primários. [par.º] A escola primária fornece, aos seus alunos, fundamentalmente, um mero instrumento de cultura – o saber ler e escrever – sem o qual a possibilidade de alargar os horizontes do conhecimento e de intensificar a vida de relação são altamente diminuídas. [par.º] Não basta, todavia, aprender a ler e escrever. É preciso ler sempre e*

*regularmente; mas para que o povo leia, torna-se indispensável, não só despertar e manter nele o gosto pela leitura, mas também facilitar-lhe os meios de o satisfazer.” (in Boletim Informativo nº 5, Série II, p. 153)*

Segundo Melo (2004), foram os mais novos a serem beneficiados com as bibliotecas itinerantes, o que veio a ter uma grande repercussão no tipo de leituras mais requisitadas. As preferências dos leitores das bibliotecas itinerantes da Fundação Calouste Gulbenkian recaíam fundamentalmente sobre a literatura, relegando para um plano inferior as outras classes documentais da CDU. Dentro da área da literatura, a predominância fez-se sentir mais nos livros para crianças e adolescentes, com mais de 2/3 das preferências globais – nesta área incluíam-se igualmente livros intimamente ligados aos programas de índole escolar, ainda que a maioria seriam livros de “entretenimento”.

*“O reconhecimento unânime dos professores primários das regiões servidas pelas Bibliotecas (cerca de um terço do país), de que as crianças que as frequentam têm melhor aproveitamento escolar, é mais uma prova do que afirmamos” (in Boletim Informativo nº 1, Série I, p. 4)*

Outro grupo de leitores que se foi assumindo de forma crescente ao longo dos anos, junto das bibliotecas itinerantes, foram o das “domésticas” e dos “agricultores”. “Os livros das Bibliotecas Itinerantes são (...) preciosos auxiliares do lavrador”, grupos estes representativos do tipo de sociedade em que se vivia.

*“As bibliotecas Itinerantes criadas pela Fundação Calouste Gulbenkian, dadas as suas possibilidades de penetração no meio rural, constituem valioso instrumento numa campanha de elevação do nível técnico da nossa agricultura. O livro e o folheto são processos tradicionais de vulgarização agrícola e ainda hoje constituem a forma mais generalizada de divulgar, junto do agricultor, os ensinamentos técnicos e os princípios de administração susceptíveis de aumentar o rendimento.” (in Boletim Informativo nº 2, Série I, 1961, p. 56).*

Melo (2004) refere-nos que, por outro lado, os catálogos existentes não deixavam examinar com certezas as características dos leitores, pois dadas as rígidas regras de funcionamento e requisição de livros existentes, bem como pelo facto de os funcionários e encarregados deverem orientar as escolhas, surgiam por vezes constrangimentos às reais necessidades ou interesses dos leitores. As regras tiveram igualmente de ser “aligeiradas” e “adequadas” à realidade com que se deparavam os seus responsáveis.

A questão da idade do leitor não significaria que o livro não fosse adequado para um determinado escalão etário – havia a regra de que os adultos não podiam ler livros de crianças e adolescentes, nem tão pouco o contrário. Por outro lado, o estatuto socioeconómico e profissional dos leitores tornava-se igualmente um errado indicador das capacidades e habilitações literárias e culturais das pessoas que frequentavam as bibliotecas itinerantes. Existem casos relatados no Boletim Informativo nº 2, da Fundação Calouste Gulbenkian, publicado em Janeiro de 1961, que espelham a importância das bibliotecas itinerantes na vida das povoações que dificilmente teriam acesso às mais diversas publicações, as quais em muitos casos só conheciam de “ouvir falar”.

*“[...]imagens que ficam na retina para sempre... Centenas de garotos acolhendo com vivas a Biblioteca à sua chegada... o desgosto de algumas crianças que ainda não sabem ler e cujos olhos se enchem de lágrimas... a expressão extasiada do pequeno que leu o seu primeiro conto de fadas... o grupo de pescadores da Nazaré correndo do barco para a Biblioteca, escorrendo água, cheirando a peixe, trazendo ainda no olhar a labuta da faina e o infinito azul do oceano...”. (in Boletim Informativo nº 2, Série I, 1961, p. 55)*

Em suma, os utilizadores deste serviço podem-se classificar em 2 importantes escalões etários – as crianças e adolescentes e os mais idosos. No caso das crianças, como um suporte à vida escolar, e no caso dos mais velhos, como uma ferramenta de entretenimento e de aquisição de conhecimentos que, ao longo dos anos, lhes foram vedados, por questões socioculturais, económicas ou políticas.

## Capítulo 4 - A Biblioteca Itinerante no Concelho de Espinho

### 4.1. A Biblioteca Municipal de Espinho e o aparecimento da Biblioteca Itinerante

Dada a exiguidade de informação sobre o aparecimento e recente evolução da Biblioteca Itinerante no concelho de Espinho, recorreremos não só á consulta da pouca bibliografia existente, mas também à utilização de uma entrevista a actuais e a ex-funcionários da Biblioteca Municipal de Espinho, para a obtenção de dados que nos permitissem apresentar uma breve resenha histórica desta Instituição, e cujas perguntas apresentaremos em anexo.

*“A falta de uma Biblioteca Pública em Espinho terá sido uma das maiores lacunas culturais na sua história, apesar de em 1919 ter sido doada à Câmara Municipal, por António Joaquim Matos a sua biblioteca particular para a criação de uma Biblioteca Municipal.” (Quinta, 1999, p. 159)*

Conforme nos relata Quinta (1999), só em 1935 a Biblioteca Municipal começou a funcionar com um horário determinado. Foi sempre subvalorizada por não ter local fixo onde estivesse instalada, nem uma equipa que a dinamizasse, pelo que foi aberta e encerrada várias vezes.

Ainda segundo este autor, o espólio de livros da Câmara foi enriquecido com a oferta da biblioteca do industrial Augusto Gomes, em Maio de 1945.

Quinta (1999) refere-nos igualmente que em 1970 a Fundação Calouste Gulbenkian instalou a biblioteca fixa no concelho de Espinho, a nº 164, antigo edifício de “O Nosso Café” (hoje já demolido), “uma biblioteca com 4.000 livros que sempre funcionou em pleno durante 24 anos, até ser integrada, em 1994, na Biblioteca Municipal, activada em Maio de 1986 [...]”, num dos edifícios do antigo Colégio de N<sup>a</sup> S<sup>a</sup> da Conceição, que entretanto tinha sido adquirido pelo Município.

Segundo informações recolhidas junto dos actuais funcionários da Biblioteca, entrevistados no âmbito deste trabalho, a Biblioteca Municipal transfere-se para as actuais instalações no Salão Nobre da Piscina Solário Atlântico, tendo-se entretanto aproveitado uma outra área desocupada deste edifício, para instalar a secção Infanto-Juvenil da BME, a qual após algumas obras de adaptação, é inaugurada em Março de 2005.

Ainda segundo alguns dos entrevistados, o serviço de biblioteca itinerante surge entre finais de 2002 e inícios de 2003, quando a Fundação Calouste Gulbenkian oferece à Biblioteca Municipal de Espinho uma das suas carrinhas utilizadas como Biblioteca Itinerante até ao seu cancelamento.

Aproveitando assim esta oferta, os responsáveis da Biblioteca Municipal de Espinho encetam então junto das autoridades do concelho, negociações para o início da prestação deste serviço às comunidades locais, culminando com a apresentação de um plano de trabalho e de um normativo para a criação da “Biblioespinho” em finais de Janeiro de 2003.

Segundo os funcionários da Biblioteca Municipal de Espinho que consultamos, e de acordo com um memorando que nos foi facultado, e que estava na posse de um destes elementos, o objectivo deste serviço seria efectuar um serviço inovador que representasse uma mais-valia para o concelho.

*“Quer-se um serviço dinâmico, ligado aos agentes de educação e cultura, aos seus projectos educativos e aos seus programas culturais. Temos por objectivo atingir os mais variados públicos e com especial incidência a infância e juventude que não têm espaço próprio nas actuais instalações da biblioteca. Pretendemos uma forte ligação às escolas colmatando as insuficiências das bibliotecas escolares e reforçando as suas potencialidades. O dinamismo deste serviço passa por atingir novos públicos e dar resposta a cidadãos com dificuldades motoras em se deslocarem ao edifício da biblioteca.” (in memorando da Biblioteca Municipal de Espinho, para apresentação do novo serviço de biblioteca itinerante, Dezembro de 2002)*

São igualmente definidas neste documento as normas de utilização, que procuravam salvaguardar os objectivos atrás identificados, bem como um correcto funcionamento deste serviço, envolvendo e responsabilizando as entidades e cidadãos abrangidos. Este serviço pretendia ser assim uma extensão da biblioteca para a satisfação das necessidades culturais, cognitivas

e literárias de diversas entidades, como seriam as Escolas do concelho, o Hospital Distrital de Espinho, os diversos Centros de Idosos e as várias Associações Culturais e Recreativas existentes em Espinho e espalhadas pelas suas freguesias.

Contudo, e após consulta efectuada a um dos responsáveis pelo documento atrás citado, “este serviço nunca chegou a conseguir atingir os seus objectivos, não só por um baixo nível de divulgação do mesmo, mas também por questões de ordem política, que nunca deixaram que este serviço fosse uma prioridade para a divisão cultural e educativa do município.” A inexistência inicial e posterior dificuldade em estabelecer roteiros definidos para rentabilizar este serviço, bem como uma insuficiente periodicidade dos mesmos, revelou ser outro dos entraves ao triunfo desta iniciativa.

Outro dos motivos revelou ser a mudança de instalações do anterior espaço (antigo Colégio Nossa Senhora da Conceição) para o actual (Salão Nobre da Piscina Solário Atlântico) durante o ano de 2004, por necessidades de utilização daquele primeiro espaço como valência educativa dos núcleos escolares do concelho.

Este serviço teve assim uma existência efémera, “relacionada fundamentalmente com alterações na direcção da Biblioteca e com a definição de novas prioridades”. Por outro lado, a necessidade de custear a manutenção deste serviço, bem como a obrigatoriedade de uma eficaz gestão de fundo documental, levaram a que o mesmo fosse suspenso e repensado no seu conteúdo e na sua forma, levando à sua suspensão em inícios de 2004.

De acordo com uma das funcionárias consultadas, “este interregno durou cerca de 2 anos, até que em 2006, com o início do novo ano lectivo e juntando os interesses de diversos organismos locais – as escolas primárias, preparatórias e secundárias, as escolas profissionais, a universidade sénior, as juntas de freguesia – às fortes pretensões dos novos responsáveis da Biblioteca Municipal de Espinho em reactivar este serviço, consegue-se criar a nova “Bibliotinerante” de Espinho, que permanece em funcionamento actualmente.”

Desta vez, procurou-se identificar os erros do passado, de forma a evitar que o mesmo não se tornasse de novo efémero, mas sim que constituísse uma efectiva mais-valia no serviço itinerante de apoio ao cidadão do concelho, que pelos mais variadíssimos motivos, não pudesse recorrer à utilização do edifício fixo da Biblioteca Municipal.

Assim, e de acordo com uma das funcionárias entrevistadas, “o Município tratou de identificar os organismos e colectividades a quem o serviço deveria ser prestado, estabeleceram-se rotas pré-definidas em consonância com a disponibilidade de ambas as partes, criou-se um fundo documental mais diversificado e em diversos suportes disponíveis, e – como forma de justificar e dinamizar o serviço e a rotatividade documental – reduziu-se o prazo de empréstimo para 15 dias (contra os anteriores 90 dias), ainda que com um igual prazo de renovação”.

Pese embora o posterior aparecimento dos Pólos fixos da Biblioteca Municipal nas freguesias de Anta e Paramos, e da criação e dinamização da Rede de Bibliotecas Escolares do concelho (6 unidades fixas), “a Biblioitinerante continuou a assegurar o serviço junto de outras escolas e entidades do concelho, apresentando novas actividades, reforçando o seu fundo documental e procurando assegurar a satisfação das necessidades dos diversos utilizadores que a ele recorrem.”

“Podemos dizer que, desta vez, a biblioteca itinerante em Espinho veio para ficar.”

De acordo com a informação prestada por uma ex-funcionária, a viatura que foi oferecida em 2002 pela Fundação Calouste Gulbenkian era um modelo utilizado naquela época, e cuja apresentação era uniformizada e estandardizada de acordo com os parâmetros pré-definidos por aquele organismo.

Trata-se de uma Renault (Fotografia nº 1), modelo utilizado desde a década de 90 e nos últimos de existência deste serviço pela Fundação Calouste Gulbenkian.



Fotografia nº 1

Está equipada com estantes fixas, com capacidade para mais de 2.500 livros e um pequeno posto de atendimento, onde eram registados os empréstimos.

Este serviço inicialmente foi feito através de registo manual em fichas próprias, cuja cópia nos foi apresentada, e que posteriormente eram lançadas no serviço informatizado de empréstimo da biblioteca fixa. Daí a necessidade de todos os utilizadores do serviço itinerante terem de estar registados como leitores.

Apenas em 2009 foi introduzido o registo de empréstimo informatizado na carrinha, como forma de otimizar o serviço. Passou a ser utilizado um “scanner” para leitura de códigos de barras quer dos cartões de leitor quer dos dados do documento consultado e requisitado.

Ao nível dos recursos humanos disponíveis, em 2003 o serviço era assegurado por 1 ou 2 funcionários, sendo que um deles asseguraria a função de motorista e o outro, a de técnico especializado.

Actualmente, este serviço é assegurado por 2 técnicas especializadas e experientes, com capacidade e conhecimentos para assegurar um serviço

eficaz e que vá de encontro às necessidades dos utilizadores, e que contribuíram com informação relevante, no âmbito da entrevista que utilizamos neste trabalho. Dada a prestação deste serviço a crianças e a pessoas de idade mais avançada (idosos), tem havido uma forte preocupação dos responsáveis da biblioteca em dotar os seus recursos humanos de uma equipa que crie fortes empatias com estes núcleos de utilizadores, captando a sua atenção, ajudando na escolha dos documentos e sugerindo determinado tipo de documentos, assegurando não só uma maior rotatividade dos documentos existentes, mas também uma diversificação nos hábitos literários dos utentes da Biblioitinerante.

O serviço “on-line”, nomeadamente o recurso à internet e a utilização de meios informatizados de pesquisa e consulta de documentos, ainda não se encontra disponível, por um lado porque a viatura actual não está equipada com infra-estruturas adequadas para o efeito, bem como não dispõe de espaço suficiente para a instalação de postos de acesso à internet e por outro porque foi adquirida recentemente uma nova carrinha para a prestação deste serviço, muito mais moderna e melhor equipada, e que deverá entrar em funcionamento com a abertura ao público do novo edifício da Biblioteca Municipal.

De acordo com os funcionários entrevistados, no ano de 2003, quando o serviço foi criado, o seu fundo documental foi inicialmente constituído por dois núcleos fundamentais de bibliografia. As colecções para infância e juventude eram um das partes mais importantes do seu conteúdo, e sendo o restante acervo documental constituído por colecções de programas educativos específicos. O funcionamento deste serviço obrigava à inscrição dos leitores na Biblioteca municipal e contemplava o empréstimo domiciliário por prazos até 90 dias. Talvez fosse este extenso prazo, um dos principais problemas com que se depararam os responsáveis, para uma maior dinamização do serviço e da rotação de documentos.

As visitas às entidades envolvidas eram registadas em fichas próprias, pelos funcionários do serviço itinerante e a cujas cópias tivemos igualmente acesso; contudo, estes registos revelavam-se incipientes e limitavam-se a contabilizar

os documentos emprestados. Não havia uma preocupação em procurar questionar os utilizadores sobre satisfação do serviço, sugestões de leitura ou de documentos, bem como actividades complementares que pretendessem ver desenvolvidas quer pela biblioteca itinerante, quer pela fixa.

Em 2006, com a reactivação do serviço após o interregno temporal de 2 anos atrás referido, através da criação da Biblioitinerante, “o fundo documental passou a contemplar não só as colecções para crianças e jovens e as colecções adequadas aos programas educativos existentes, mas também um importante e diversificado núcleo documental adequado a adultos, contemplando diversos autores nacionais e estrangeiros, bem como livros de cariz mais técnico e específico (como exemplo deste último caso, refiram-se diversos livros de culinária muito procurados pelos utilizadores dos lares de idosos e centros de dia visitados pela Biblioitinerante).”

Por inexistência de dados registados, não é possível quantificar com exactidão o número de documentos que constituíam o fundo documental, aquando da criação da Biblioteca Itinerante em 2003. Contudo, e de acordo com informações recolhidas junto de funcionários que executaram esse serviço, em 2003 a “Biblioespinho dispunha de um acervo documental de aproximadamente 2.000 livros.”

O mesmo problema ocorre quanto aos documentos que constituíram o fundo documental inicial em 2006. Tal facto prende-se com a inexistência de um suporte informático que permitisse quantificar devidamente essa quantidade, criando um registo efectivo do mesmo.

Contudo, desde 2009 e com a introdução de plataformas e aplicações informáticas mais modernas, bem como com o registo informatizado do serviço de empréstimo directamente no local, é possível quantificar e qualificar o fundo documental existente na Biblioitinerante. Assim, podemos identificar os 3.293 documentos que compõe o catálogo disponível neste serviço, quer quanto ao tipo de suporte, quer quanto às classes documentais da CDU:

- Quanto ao tipo de suporte (e de acordo com a classificação da Bibliobase):
  - ✓ Monografias (AM)
  - ✓ Projectão e vídeo (GM)
  - ✓ Áudio (JM)
  - ✓ Multimédia (JM)
- Quanto às classes documentais da C.D.U.:
 

✓ Classe 0 – Generalidades	- 216
✓ Classe 1 – Filosofia	- 10
✓ Classe 2 – Religião	- 56
✓ Classe 3 – Ciências Sociais	- 433
✓ Classe 5 – Ciências Naturais	- 303
✓ Classe 6 – Ciências Aplicadas	- 122
✓ Classe 7 – Artes	- 399
✓ Classe 8 – Literatura	- 1562
✓ Classe 9 – Geografia	- 192

Quanto aos utilizadores a quem se destinava este serviço, e de acordo com os funcionários consultados da Biblioteca Municipal de Espinho e que trabalhavam em 2003, o serviço itinerante criado pelos responsáveis da Biblioteca Municipal, direccionava-se para um público-alvo muito genérico. Pretendia estender os serviços da biblioteca municipal não só às escolas do concelho, mas também aos lares de idosos, ao hospital local e às mais diversas associações culturais e recreativas das diversas freguesias.

Era um “projecto fortemente ambicioso, mas que procurava colmatar algumas das lacunas reconhecidas por todos, no âmbito das valências de apoio literário e educativo que ainda grassavam pelo concelho de Espinho.” Contudo, a existência de “meios reduzidos para fazer face a estas necessidades” e a inicial “ineficiência deste serviço, bem como as dificuldades com que se foram

deparando ao longo do primeiro ano”, revelaram-se entraves ao alcance destes objectivos. Assim, na primeira experiência existente deste serviço, o público-alvo acabou por se circunscrever fundamentalmente ao apoio às escolas do concelho.

Com a reactivação deste serviço em 2006, de acordo com as fontes entrevistadas, e conforme referido anteriormente, houve uma forte preocupação em evitar os erros do passado, se bem que mantendo-se fiel aos princípios que constituíram a sua génese. Procuraram-se identificar efectivamente os alvos a quem dirigir este serviço, alargando-se a outras entidades que até então não usufruíam do acesso à Biblioteca itinerante do concelho – exemplos disso são a Santa Casa da Misericórdia, jardins-de-infância privados, centros sociais em Silvalde e em Anta, etc.

Ao nível dos serviços prestados, em 2003 apenas se mostrava disponível “o empréstimo individual domiciliário e o empréstimo em caixas (este dirigido às escolas e outras entidades).”

Com o ressurgimento da Biblioitinerante em 2006, procurou-se alargar a panóplia de serviços prestados a outras áreas, “introduzindo-se serviços adicionais e complementares - os quais, apesar de tudo, estavam já previstos no serviço inicial, apenas não desenvolvidos pelos motivos atrás referidos.”

Assim, a partir dessa data passam a ser disponibilizados “programas de cooperação” com grupos específicos (terceira idade, grupos de risco, imigrantes), “serviço de Bibliopiscina” e “biblioteca/ludoteca na praia”, “hora de conto”, etc.

Estes serviços vieram a conferir à Biblioteca Itinerante do concelho de Espinho um papel ainda mais destacado na dinamização da importância do livro e da literacia no concelho, contribuindo de forma efectiva para um constante, diversificado e redimensionado contacto com a informação e com a leitura, nas suas mais diversas formas.

“O aparecimento dos pólos fixos da Biblioteca Municipal de Espinho e a criação da Rede de Bibliotecas Escolares do concelho de Espinho é um trabalho que resulta como uma consequência efectiva das necessidades da população local.” E, como se verificou, através do forte contributo da “Biblioespinho” e da “Biblioitinerante”.

Assim, e de acordo com a informação que nos foi prestada por alguns dos funcionários entrevistados, foram criados os Pólos de Anta (2005) e de Paramos (2006), numa forma efectiva de colaboração entre a Biblioteca Municipal de Espinho e as Juntas de Freguesia respectivas. Aqui foram criadas unidades próprias, mas com dependência funcional e documental daquela.

Por outro lado, foi criada igualmente ao longo dos últimos 5 anos, uma Rede de Bibliotecas Escolares no concelho, de acordo com orientações específicas da R.B.E. – Rede de Bibliotecas Escolares – existente a nível nacional, e na qual o núcleo existente em Espinho se insere.

Existiam já bibliotecas em algumas das escolas do concelho, mas houve necessidade de efectuar uma forte reestruturação e redimensionamento em todas elas. Em outros casos, foram criadas de raiz unidades próprias, construídas de raiz de acordo com as especificações e orientações pré-definidas.

Assim, e por ordem cronológica da sua criação (de acordo com o novo modelo de Bibliotecas escolares), existem em Espinho 6 bibliotecas escolares:

- Biblioteca Escolar do Agrupamento de Escolas Sá Couto
- Biblioteca Escolar do Agrupamento de Escolas Domingos Capela
- Biblioteca Escolar da Escola EB1/ JI Espinho 2
- Biblioteca Escolar da Escola Secundária Dr. Manuel Gomes de Almeida
- Biblioteca Escolar da Escola Secundária Dr. Manuel Laranjeira
- Biblioteca Escolar da Escola EB1/ JI da Quinta da Marinha

Refira-se contudo que o aparecimento destas novas unidades (quer os Pólos quer as Bibliotecas escolares), em nada vem fragilizar o serviço da Biblioitinerante no concelho, servindo sim como um complemento importante para o auxílio ao ensino, permitindo assim que o serviço móvel de biblioteca existente possa alargar o seu âmbito de actuação a outras actividades e junto de outras entidades que até à data não possam ainda usufruir do mesmo.

## **4.2. A biblioteca itinerante hoje**

Trabalho na Biblioteca Municipal de Espinho desde 2005 e sou a responsável pela programação e gestão da mesma desde há 2 anos.

Em 2009, o Município de Espinho candidatou-se a um programa do QREN, no sentido de conseguir adquirir uma carrinha nova e obteve desta forma o seu financiamento. Desta forma, e por falta de documentação, os dados a seguir foram recolhidos e transmitidos por mim, uma vez que acompanhei todo o processo.

A autarquia adquiriu em 2011 uma nova viatura para a prestação do serviço de biblioteca itinerante, o que aliado à abertura da nova Biblioteca Municipal (inaugurada em Maio de 2011), indicia uma forte aposta do município na área cultural e literária.

A nova viatura é uma Mercedes (Fotografia nº 2), equipada já com estantes fixas mais modernas e acessíveis, e dotada de 2 postos de acesso à internet móvel, que se prevê disponibilizar já a partir da sua entrada em funcionamento.



Fotografia nº 2

A sua capacidade de armazenamento permitirá constituir um fundo documental com cerca de 4.000 livros, reforçando assim o actual acervo disponível para os seus utilizadores, e que é de aproximadamente 3.300 documentos.

Em termos de recursos humanos, não está prevista alteração ao número de técnicos a prestarem este serviço; contudo, e pelo facto de haver uma maior exigência de recursos para a nova biblioteca fixa, poderá ser necessário reduzir a intensidade das rotas pré-definidas, procurando reactivar o serviço em pleno a partir do início do próximo ano lectivo. Para tal está previsto um plano de recrutamento de meios humanos adicional, o qual deverá estar concluído ainda em 2011. Refira-se contudo que não se pretende parar com a Biblioitinerante, procurando assegurar os serviços mínimos prestados por esta unidade e a satisfação dos seus habituais utilizadores.

Este investimento, que orçou em cerca de 50.000 euros, e que foi financiado por projectos disponibilizados pela tutela, pretende acima de tudo melhorar e incrementar a qualidade e os níveis de serviço itinerante da Biblioteca Municipal de Espinho, sempre com o firme objectivo de cumprir a principal missão para a qual foi criada – levar o livro a quem mais precisa.

Actualmente, o público-alvo da Biblioitinerante está perfeitamente identificado e é constituído pelas seguintes escolas e entidades:

- Escolas e Jardins de Infância públicos
  - ✓ EB1 de Guetim
  - ✓ JI de Guetim
  - ✓ JI/EB1 de Esmojães
  - ✓ JI/EB1 de Anta 1
  - ✓ JI/EB1 de Anta 2
  - ✓ JI/EB1 de Anta 3
  - ✓ JI/EB1 Quinta da Seara (Silvalde)
  - ✓ EB1 do Calvário (Silvalde)
  - ✓ JI/EB1 da Marinha (Silvalde)
  - ✓ JI/EB1 da Bouça (Paramos)
  - ✓ JI/EB1 da Lomba (Paramos)
  - ✓ JI/EB1 de Espinho 3
  - ✓ JI/EB1 do Monte (Paramos)
- Escolas e Jardins de Infância privados
  - ✓ Atchim
  - ✓ Mãe galinha
  - ✓ Portugal dos Pequeninos
  - ✓ Centro Infantil Paroquial de Silvalde
- Instituições de apoio social e lares
  - ✓ Centro Social de Paramos
  - ✓ Lar da Santa Casa da Misericórdia
  - ✓ Centro Social S. Tiago – Silvalde
  - ✓ Associação S. Francisco Assis – Anta

Todas estas entidades são visitadas pelo menos uma vez por mês, em horários e de acordo com uma escala pré-definida e acordada entre todos, excepto se previamente for acordado outro horário ou data específicas.

Durante o Verão e toda a época balnear, existe igualmente um serviço itinerante da Biblioteca Municipal denominado de “Bibliopiscina” e que, como o próprio nome indica, realiza-se na Piscina Municipal Solário Atlântico. Este serviço disponibiliza aos utentes daquela unidade, a leitura de periódicos bem como algumas actividades lúdicas para as crianças, nomeadamente “Hora do Conto” entre outras.

## Capítulo 5 – Problemática de Investigação e metodologia

Na realização deste trabalho tivemos como principal objectivo observar e analisar a pergunta de partida: “O que pensam os alunos do 4º ano de escolaridade, das diversas escolas do concelho de Espinho, da visita da carrinha Biblioitinerante?”

Os objectivos gerais deste trabalho são:

- a) Verificar se rapazes e raparigas do 4º ano têm comportamentos e gostos idênticos perante a carrinha;
- b) Verificar se ao nível das escolas do concelho há diferenças entre os comportamentos e gostos dos seus alunos face à carrinha.

Este trabalho tem ainda outros objectivos específicos, com vista a responder à questão a que nos propusemos elaborar, os quais passamos a enunciar:

- a) avaliar os hábitos de leitura dos alunos da amostra;
- b) verificar se os alunos já tiveram algum contacto físico e presencial com alguma biblioteca (pública, privada, escolar, etc.);
- c) confirmar se a Biblioteca Municipal de Espinho se encontra devidamente divulgada pelas escolas e se os alunos já lá tinham estado;
- d) quais os alunos que recorrem ao serviço da biblioteca itinerante, quando o mesmo se desloca à escola para visitar e ser utilizada pelos alunos;
- e) analisar o impacto visual da Biblioteca itinerante;
- f) saber se o acervo documental existente neste serviço, está de acordo com as necessidades e interesses destes utilizadores;

- g) avaliar os recursos humanos disponíveis na Biblioteca Itinerante;
- h) saber se as crianças continuarão a visitar a carrinha da Biblioteca itinerante, perante o que lhes é disponibilizado e oferecido.

De acordo com Bardin (1977), a análise de conteúdo é:

*“Um conjunto de técnicas de análise das comunicações visando obter, por procedimentos, sistemáticos e objectivos de descrição do conteúdo das mensagens, indicadores (quantitativos ou não) que permitam a inferência de conhecimentos relativos às condições de produção/recepção (variáveis inferidas) destas mensagens.”*

Assim, para a realização deste trabalho utilizamos o inquérito por questionário como método de investigação para a recolha de informação, uma vez que ainda segundo esta autora, os inquéritos são um dos tipos de documentos que podem ser submetidos a análise documental. Este inquérito, apresentado aos alunos da amostra, foi planeado especificamente para este estudo, tendo em conta os objectivos e hipótese, que iremos descrever neste capítulo. É apresentado de forma clara, é objectivo e exaustivo e, considerando o público-alvo, optou-se por uma estruturação simples e facilmente entendível pelas crianças, composta na sua grande maioria por respostas fechadas do tipo “sim/não”. (Alvira Martín, 2004)

Procuramos assim elaborar um questionário que fosse de fácil compreensão, com uma esmagadora maioria de respostas fechadas, as quais foram tratadas de forma estatística; contudo, de modo a entender um pouco melhor a percepção dos alunos face à importância da leitura e do serviço itinerante da Biblioteca, colocamos algumas perguntas abertas, em cuja análise foram aplicados os procedimentos do método de Bardin (1977), que nos permitiram obter resultados importantes face à análise efectuada.

Por outro lado, a amostra utilizada revelou-se representativa da população alvo, uma vez que a quase totalidade dos alunos do 4º ano das escolas do concelho de Espinho foram objecto do questionário utilizado, uma vez que são estes que utilizam o serviço da Biblioitinerante.

Segundo Bardin (1977, p. 97), “a análise pode efectuar-se numa amostra desde que o material a isso se preste. A amostragem diz-se rigorosa se a amostra for uma parte representativa do universo inicial.”

O questionário obedeceu a regras previamente definidas. Desta forma, procuramos elaborar as perguntas de forma clara, objectiva e estruturada, introduzindo nas mesmas os objectivos do trabalho e hipótese formulada.

A amostra, por seu turno, envolveu as variáveis de maior relevo, como sejam a idade e o sexo, bem como as escolas do concelho que representam ainda assim, realidades sociais diversas. Optamos, segundo o modelo de Alvira Martín, 2004 por uma “amostra por conglomerados”, incidindo sobre a quase totalidade dos alunos do 4º ano de escolaridade das escolas do concelho de Espinho.

Contrariamente ao esperado, algumas das desvantagens previstas com a utilização deste tipo de recolha de dados, não se verificaram. Assim, aspectos como o tempo e o custo, não se apresentaram como um obstáculo, uma vez que foi feito em horário de funcionamento da Biblioitinerante, contando com absoluta colaboração quer dos professores quer dos alunos envolvidos. Por outro lado, o tipo de respostas verificou-se suficiente e adequado aos objectivos do trabalho, sendo que nas perguntas abertas as respostas dos alunos permitiram uma análise eficaz das mesmas, conduzindo a interessantes conclusões. Finalmente, podemos assegurar que não existiu qualquer manipulação das respostas dos alunos, bem como uma total resposta às perguntas constantes do questionário apresentado.

Para a aplicação dos questionários, foi utilizado o serviço da Biblioitinerante já existente, de acordo com a programação das visitas às escolas, para a entrega dos respectivos questionários junto dos alunos, de forma previamente combinada com os respectivos professores. As perguntas foram feitas pelas funcionárias da carrinha itinerante, após um prévio acordo com as professoras. Solicitaram que as crianças se deslocassem à carrinha, sendo então entrevistadas individualmente e por turma.

Em todas as questões elaboradas, tivemos como variáveis de análise, o sexo e a idade dos alunos, bem como a escola que frequentam. As variáveis de análise são aquilo a que Bardin (1977, p. 104) chama de "unidades de registo":

*"A unidade de registo é a unidade de significação a codificar e corresponde ao segmento de conteúdo a considerar como unidade de base, visando a categorização e a contagem frequencial. A unidade de registo pode ser de natureza e de dimensões muito variáveis."*

Procuramos igualmente ordenar e estruturar as 20 questões em quatro áreas de análise, ou seja, em quatro categorias. "A categorização tem como primeiro objectivo (da mesma maneira que a análise documental), fornecer, por condensação, uma representação simplificada dos dados brutos". (Bardin, 1977, p.119). Para esta autora, a criação de categorias na realização e aplicação de questionários por inquérito, deve respeitar algumas regras básicas como sejam a exclusão mútua (cada elemento não deve constar em mais do que uma categoria), a homogeneidade (a mesma dimensão da análise), a pertinência (adaptabilidade à análise escolhida), a objectividade e fidelidade (definição clara das variáveis tratadas) e a produtividade (produção de resultados férteis). A primeira área engloba as questões 1 a 8, e teve como objectivo enquadrar os alunos com a leitura, a Biblioteca de Espinho e o serviço de biblioteca itinerante. A segunda área situa-se entre as perguntas 9 e 13 e pretendeu analisar não só os recursos humanos e a sua qualidade, mas também a adequabilidade da bibliografia disponível na biblioteca itinerante, segundo a perspectiva e necessidades dos alunos. A terceira área, talvez a mais relevante para a obtenção de conclusões no que concerne à influência provocada pela acção das visitas da Biblioteca itinerante nestes alunos, agregou as perguntas 14 a 18. Finalmente, reservamos as duas últimas questões para uma análise mais crítica por parte dos alunos, quer relativamente ao acervo documental e actividades existentes de acordo com os seus gostos e as suas necessidades, quer ainda no que diz respeito à apresentação física e organização interna da carrinha utilizada neste serviço.

## 5.1. Caracterização do público-alvo

Este estudo tem como objectivo a análise da influência do serviço de Biblioteca itinerante (Biblioitinerante) sobre os alunos do 4º ano do concelho de Espinho. A escolha recaiu sobre alunos do 4º ano, dado poderem entender melhor os objectivos pretendidos com o questionário apresentado, pela sua capacidade de leitura e escrita mais desenvolvidas (dentro do universo do 1º ciclo, o único abrangido por este serviço), pela sua maior autonomia na resposta às questões colocadas e também pelo número elevado de alunos do total dos 4 anos do 1º ciclo.

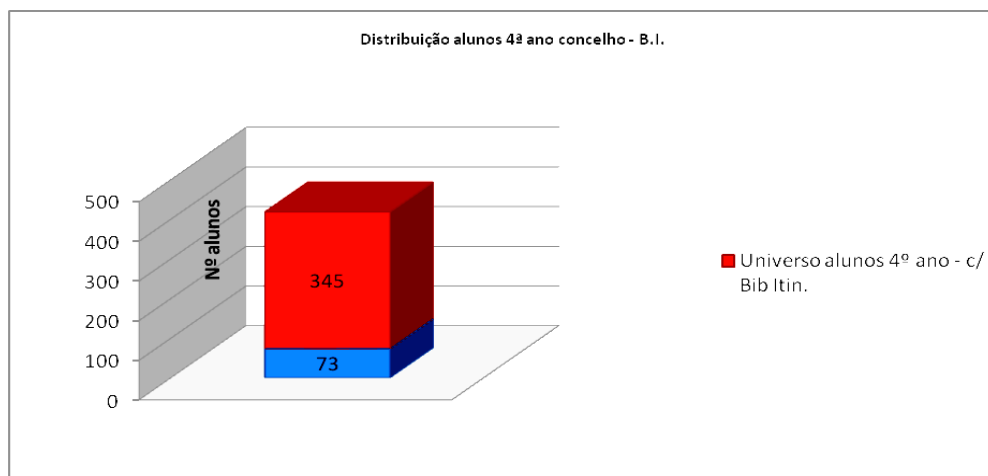


Gráfico nº 1

O universo de alunos do 4º ano do concelho de Espinho é composto por 418 crianças, distribuídas por 13 escolas. Destas, à data em que foi efectuado o presente questionário, apenas uma delas (Espinho 2) dispunha de Biblioteca Escolar, o que a excluiu da amostra a utilizar neste estudo e motivo pelo qual não é alvo da visita da Biblioitinerante.

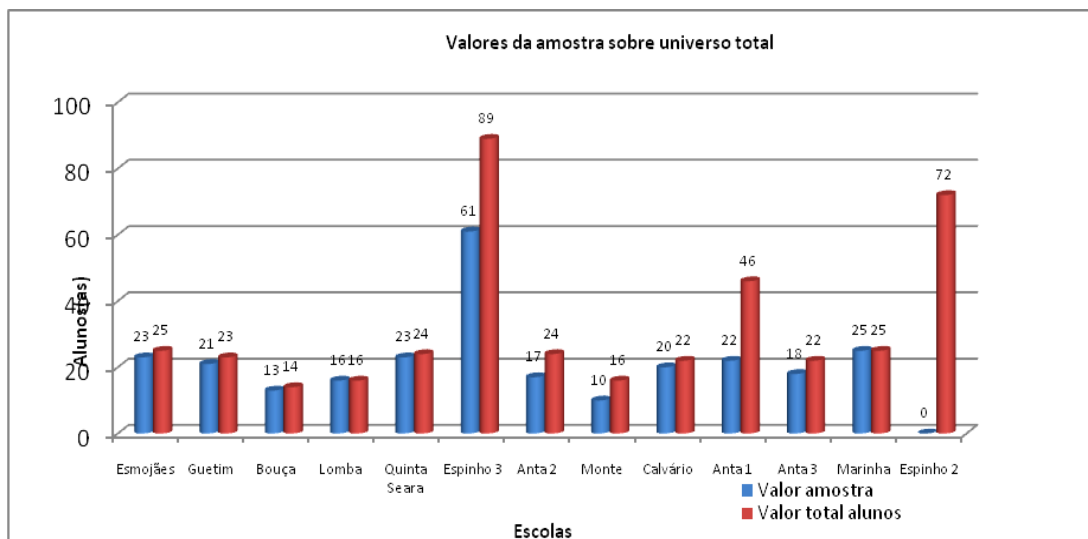


Gráfico nº 2

Nas 12 escolas, alvo do inquérito, existe uma grande disparidade do número de alunos, sendo que no caso da escola E.B.1 Bouça apenas existem 14 alunos (3,35 % do universo global) enquanto na E.B.1 Espinho 3, estão inscritos 89 alunos (21,3 % do universo global).

Considerando a globalidade das escolas, a média de alunos seria de 32; contudo, este valor reduz-se para 29 no universo composto apenas pelas escolas que usufruem da Biblioteca itinerante.

Excluindo a escola “Espinho 2”, o nosso público-alvo é constituído por 345 alunos, repartidos pelas 12 escolas que não dispõem de uma Biblioteca Escolar. A nossa amostra efectiva representou 77,75 % deste valor, o que correspondeu a 269 crianças com respostas ao questionário apresentado.

Pelo facto dos questionários terem sido conduzidos pelos funcionários, com a colaboração dos professores, a nossa amostra é bastante significativa.

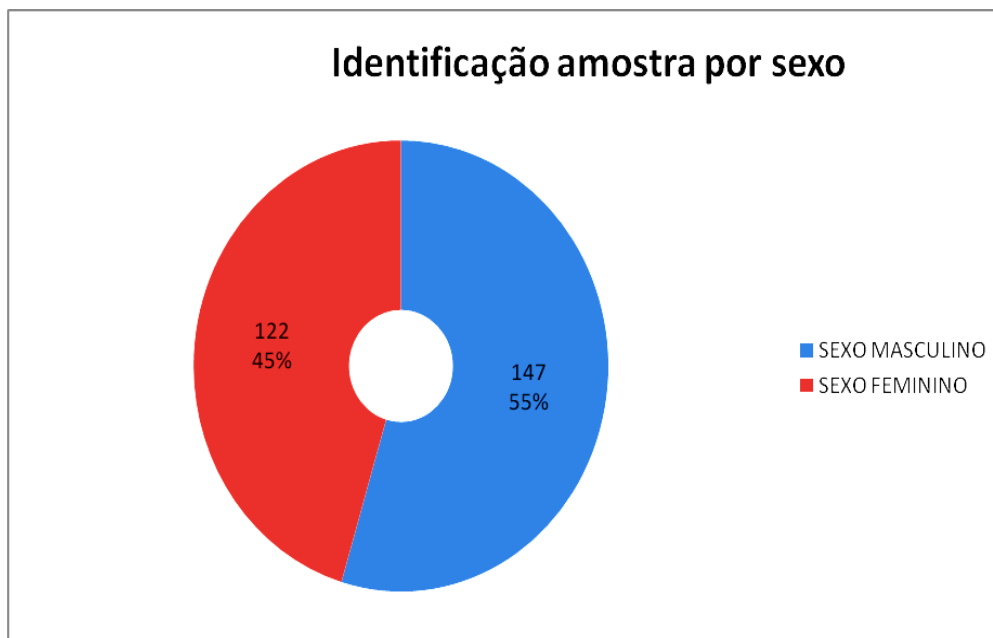


Gráfico nº 3

Numa análise mais detalhada a esta amostra, verificamos que 54,65 % eram do sexo masculino e os restantes 45,35 % eram do sexo feminino. A repartição da amostra por escola está evidenciada no gráfico que se segue.

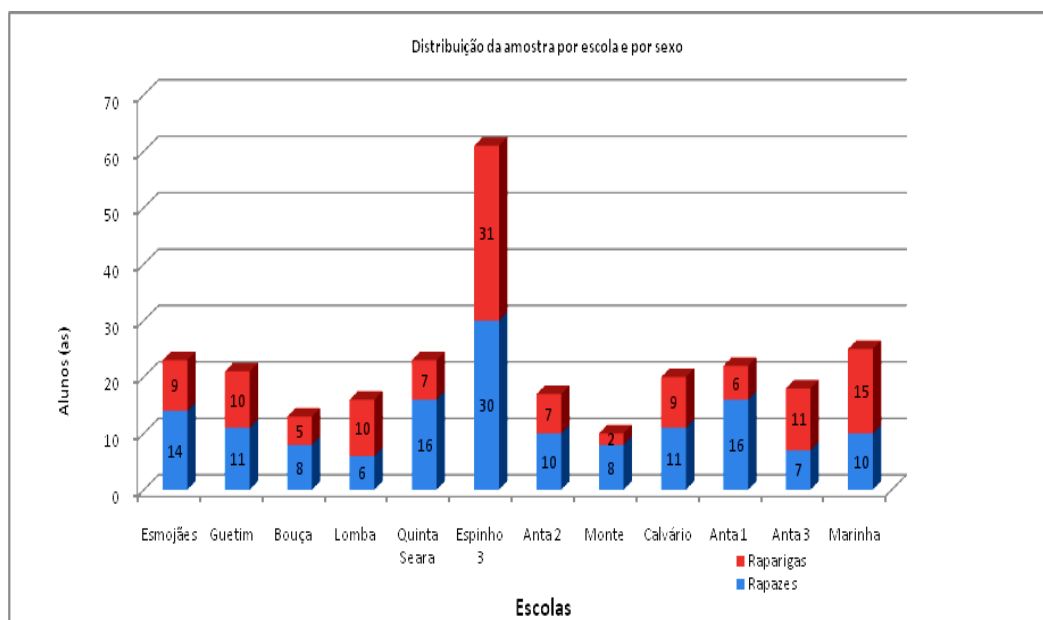


Gráfico nº 4

A média de idades da amostra é de 9,18 anos, o que se enquadra nos parâmetros normais para este ano de escolaridade.

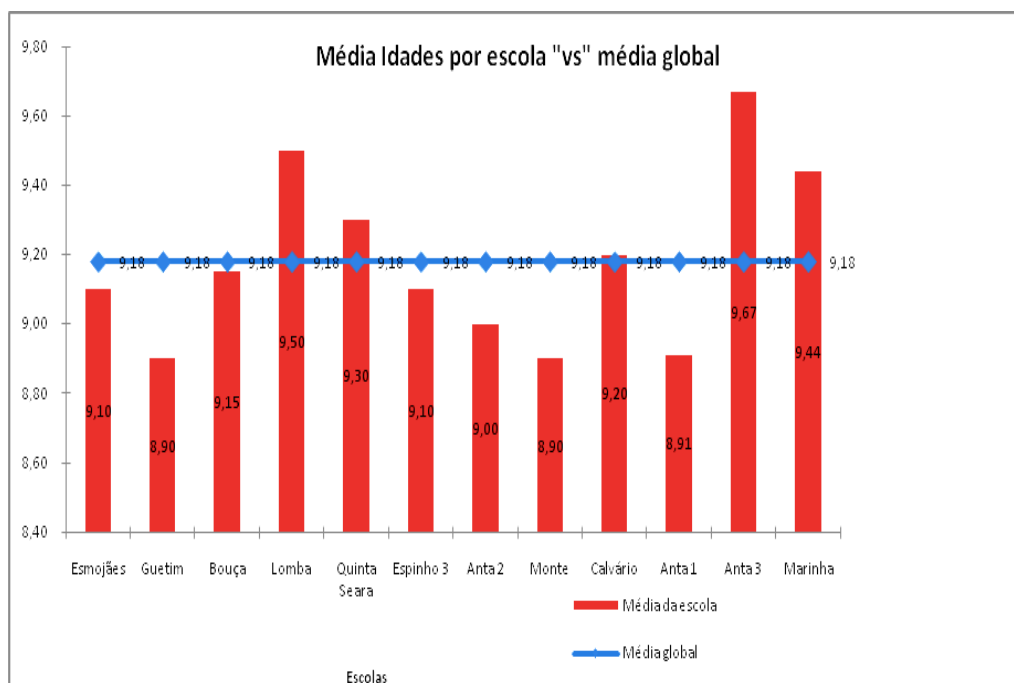


Gráfico nº 5

Há contudo 2 casos em que a média de idades é superior a 9,5 anos (Lomba = 9,50 e Anta 3 = 9,67), o que poderá ser justificado com o insucesso escolar que se verifica nestas escolas.

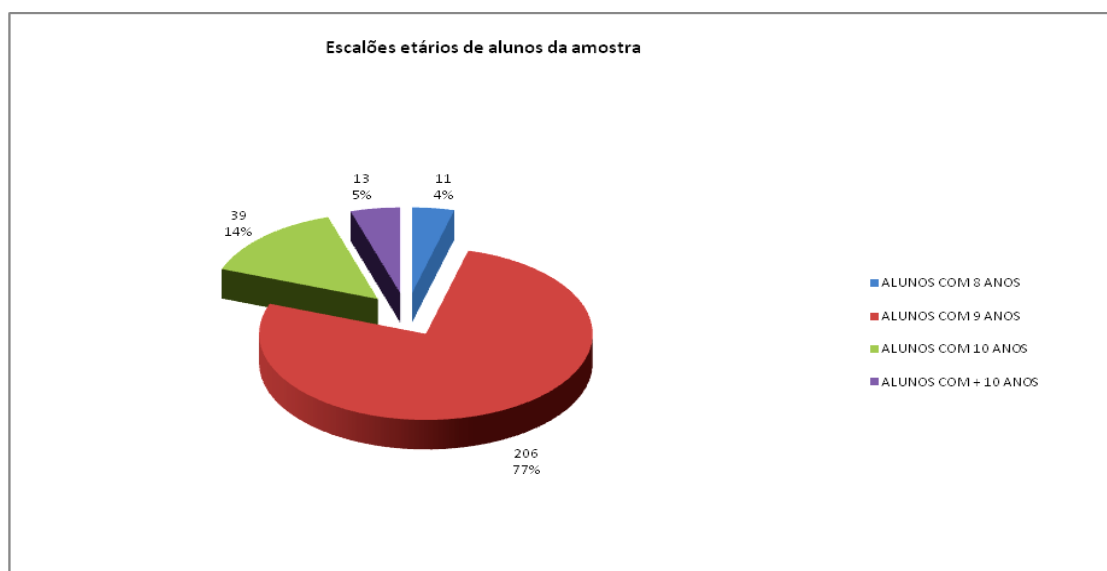


Gráfico nº 6

Sendo a frequência de escola, uma variável de análise de dados, é importante situar as 12 escolas analisadas nas 5 freguesias do concelho. Consultada

informação dos diversos portais electrónicos das respectivas freguesias, podemos caracterizá-las da seguinte forma:

- Na freguesia de Espinho, localiza-se apenas uma escola com um universo de 89 alunos do 4º ano (relembro que da amostra foi excluída a Escola E.B. 1 Espinho 2 pelo facto de dispor de Biblioteca Escolar), que representam 21,3 % do total. Esta freguesia caracteriza-se por ser a principal e a mais desenvolvida em termos sociais e económicos, com a existência dos principais serviços e organismos públicos, áreas de lazer (casino), zonas comerciais, transportes (estações ferroviária e de camionagem), entre outros.
- As escolas de Esmojães, Anta 1, Anta 2 e Anta 3, localizam-se na freguesia de Anta, a qual das restantes quatro é a que mais próximo fica do centro da cidade, beneficiando assim das valências anteriormente mencionadas para a freguesia de Espinho. Esta freguesia representa 30,3 % dos alunos que compõem a amostra. Apesar de ter igualmente alguma componente rural, é talvez a menos sujeita a este tipo de actividade, apresentando-se desta forma como uma freguesia de características socioeconómicas semelhantes às de Espinho. Há contudo uma escola (Anta 3), que se revela mais problemática em termos de comportamento e de resultados escolares, pelo facto de se situar no interior de um bairro social, com conhecidos problemas de exclusão social, de dificuldades económicas, de drogas.
- Na freguesia de Guetim, existe apenas uma escola da amostra, representando 7,8 % deste universo. É igualmente nesta freguesia que se localizam algumas das principais indústrias deste concelho, pelo que o nível socioeconómico e cultural dos

seus habitantes se poderá assemelhar às duas freguesias anteriores.

- A freguesia de Silvalde caracteriza-se pela existência de alguma indústria e de uma forte componente piscatória. Aqui situam-se as escolas de E.B.1 Quinta da Seara, E.B.1 Calvário, E.B.1 Marinha. Estas 3 escolas albergam 25 % das crianças que compõem a amostra.
- A última freguesia do concelho de Espinho aqui analisada é a de Paramos, na qual se situam as escolas da Bouça, Lomba e Monte, representando 33 % do total das escolas, mas apenas 22 % do universo de alunos da amostra utilizada neste trabalho. Esta freguesia é predominantemente caracterizada por actividades agrícola, pecuária e piscatória, sendo igualmente aquela que mais dista do centro deste concelho.

Estas duas últimas freguesias (Silvalde e Paramos), pelas suas características, são aquelas que apresentam um maior índice de alunos com idades superiores à média (p.ex., na escola da Bouça todos os alunos têm idade igual ou superior a 10 anos e na escola da Marinha, 44 % das crianças enquadram-se no escalão etário atrás mencionado). É igualmente nestas duas freguesias que reside a maior parte da comunidade cigana que existe no concelho e que historicamente apresenta elevados índices de absentismo e insucesso escolar.

## **5.2. Análise dos Resultados do Questionário**

Vamos em seguida apresentar os resultados obtidos numa óptica de “pergunta a pergunta”, para mais facilmente serem expostos e avaliados.

### ***Pergunta 1 – GOSTAS DE LER?***

Pretendemos com esta questão avaliar os hábitos de leitura dos alunos da amostra.

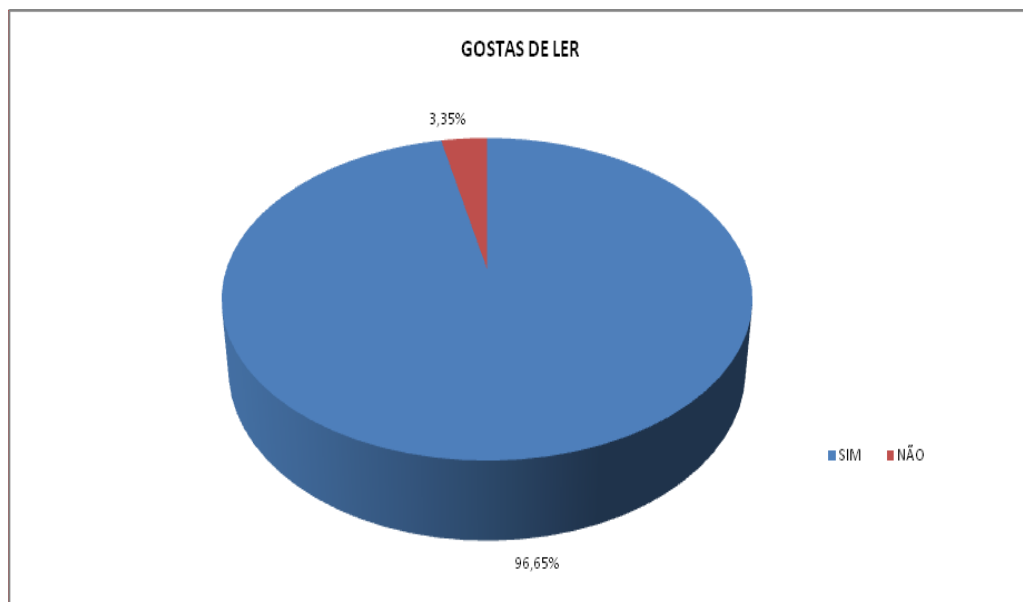


Gráfico nº 7

Verifica-se que a sua esmagadora maioria respondeu afirmativamente (96,65%), ou seja, os alunos que frequentam a carrinha gostam de ler.

De facto os funcionários da carrinha observam que os alunos estão muito motivados para a visita, o que poderá justificar a resposta obtida nestes gráficos.

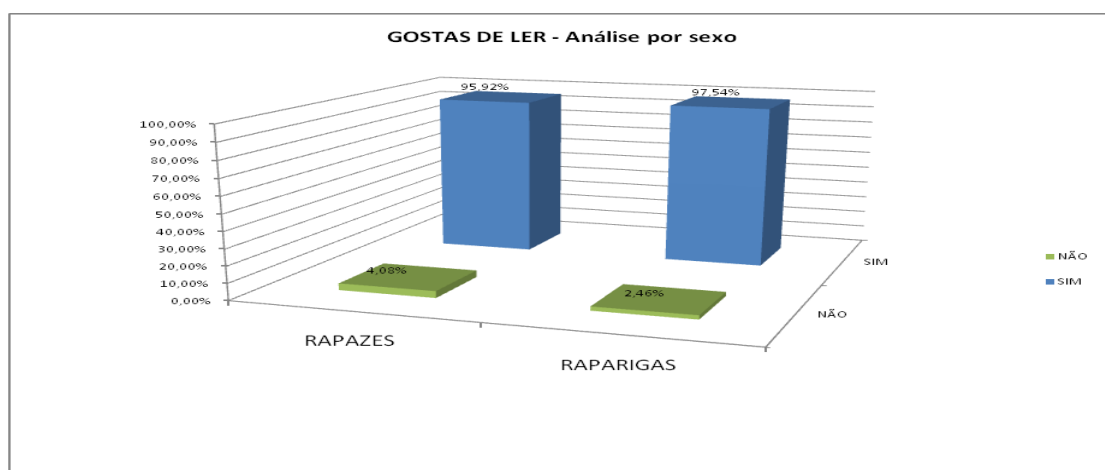


Gráfico nº 8

Destes, 97,54% são raparigas, enquanto os resultados nos rapazes são um pouco inferiores (95,92%), revelando-se em ambos os casos uma forte apetência pelo gosto de ler.

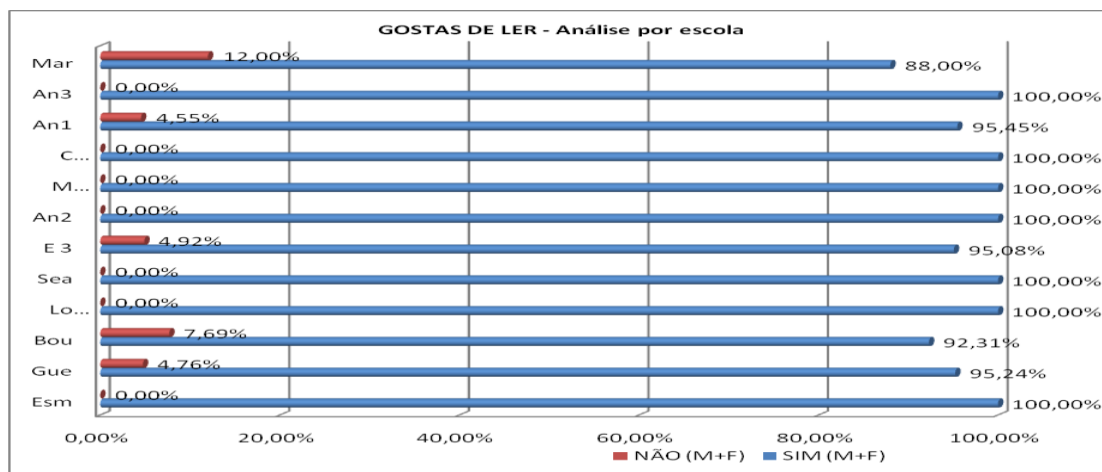


Gráfico nº 9

Se analisarmos os dados obtidos, numa óptica individual por escola, verifica-se que as respostas negativas são mais preponderantes nas escolas da Marinha (12,00 % dos seus alunos), Bouça (7,69 %) e Guetim, Anta 1 e Espinho 3 (aproximadamente 5,00 %).

Analisando as respostas positivas, nas restantes escolas o índice de respostas afirmativas é de 100 %, verificando-se um elevado gosto pela leitura nos alunos destas escolas.

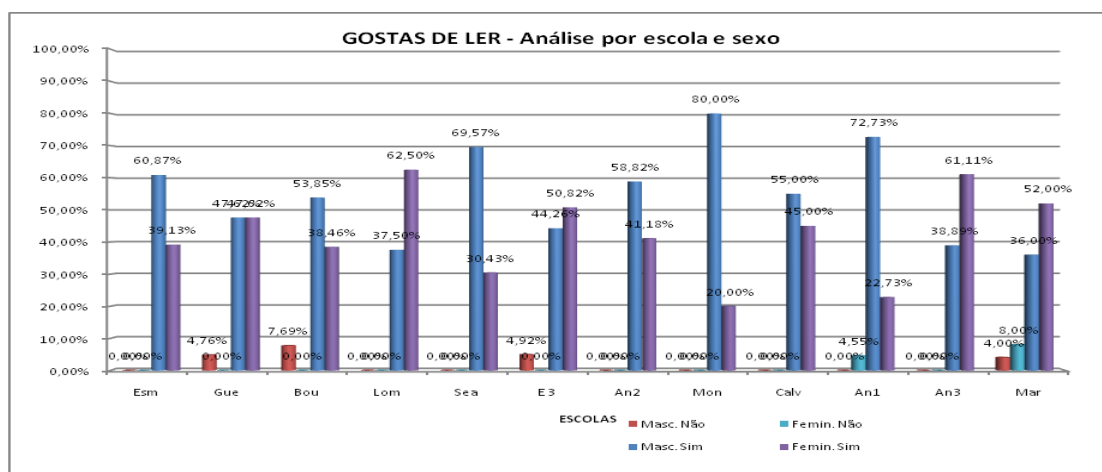


Gráfico nº 10

Nas escolas de Marinha e Anta 1, as respostas negativas têm um peso superior nas raparigas (8,00 % e 4,55 % respectivamente), enquanto nas restantes escolas atrás mencionadas as respostas negativas são apenas dos rapazes.

Já no caso dos alunos que efectivamente gostam de ler, verificamos que os rapazes têm maior preponderância nas escolas de Monte e Anta 1, enquanto que as raparigas se destacam mais nas escolas de Anta 3 e Marinha.

### **Pergunta 2 – JÁ VISITASTE ALGUMA BIBLIOTECA?**

Pretendemos com esta questão verificar se os alunos já tiveram algum contacto físico e presencial com alguma biblioteca (pública, privada, escolar, etc.).

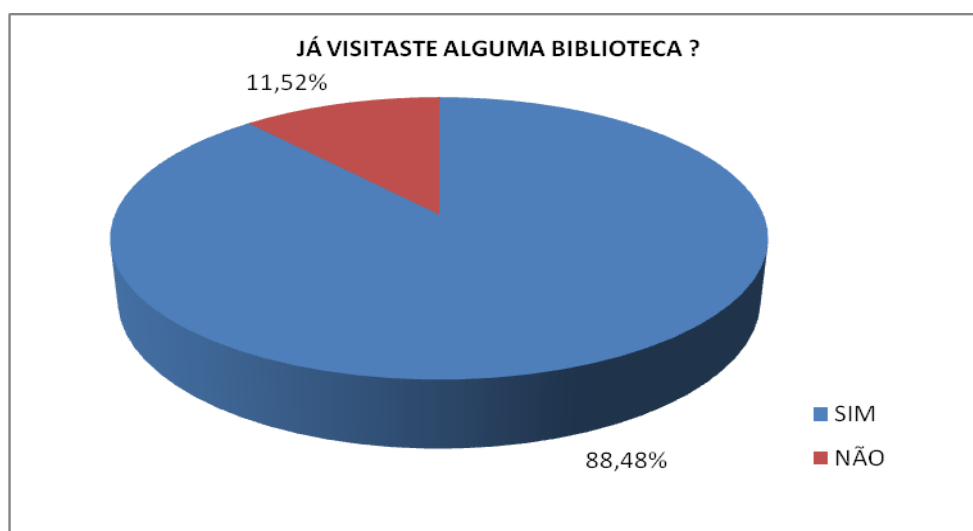


Gráfico nº 11

Verifica-se que grande parte dos inquiridos respondeu afirmativamente (88,48 %).

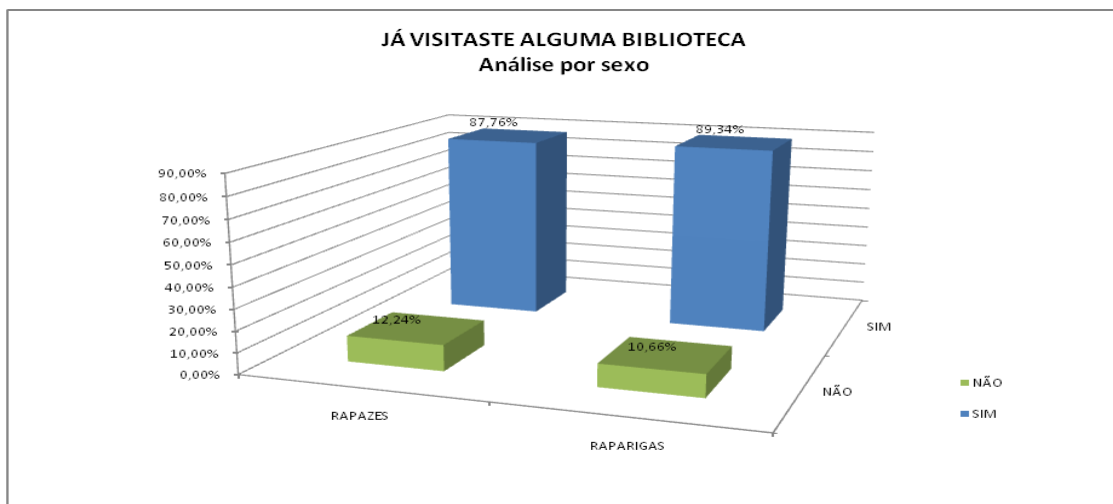


Gráfico nº 12

Os resultados são superiores nas raparigas (89,34 %) do que nos rapazes (87,76 %). Revela-se ainda assim que já existiu um contacto efectivo com uma Biblioteca.

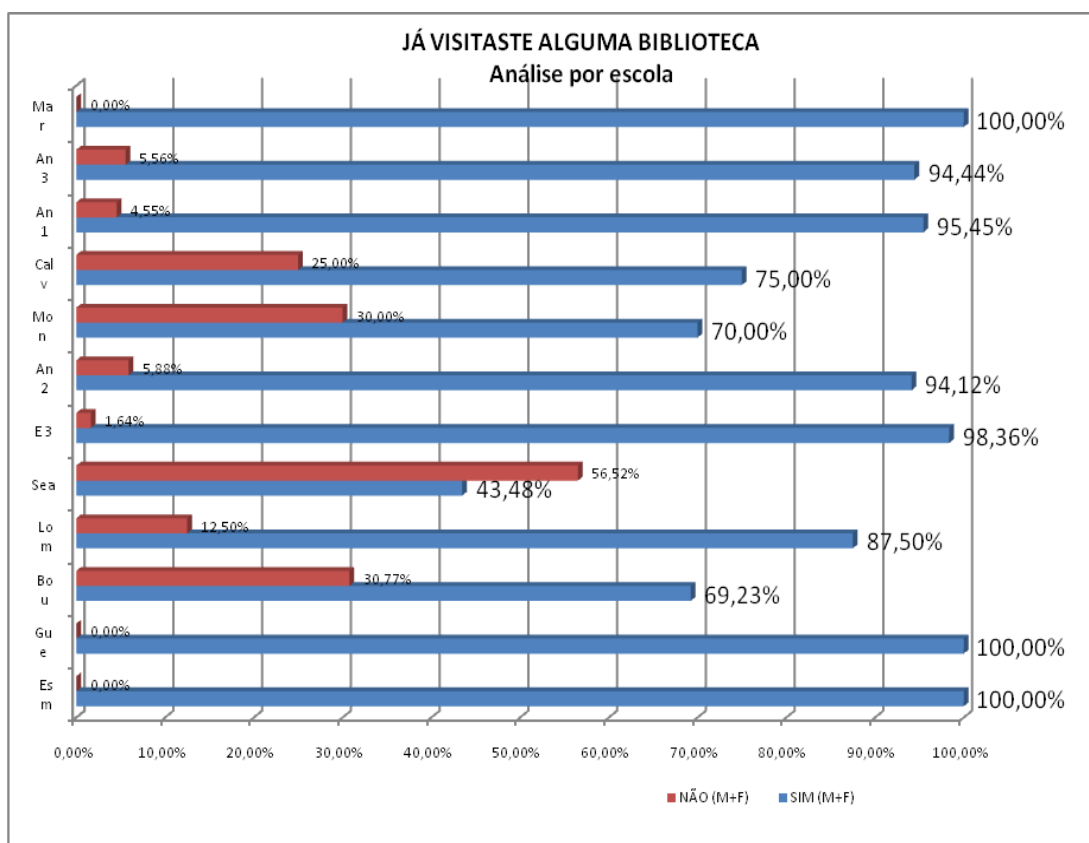


Gráfico nº 13

Se analisarmos os dados obtidos, numa óptica individual por escola, verifica-se que as respostas negativas são mais preponderantes nas escolas da Quinta da Seara (56,52 % dos seus alunos), Bouça (30,77 %), Monte (30,00 %) e Calvário (25,00 %). Tal facto poderá ser motivado por estas escolas se situarem em locais bastante distantes da Biblioteca Municipal.

Nas escolas de Esmojães, Guetim, Marinha (todos com 100 %), bem como em Espinho 3 (98,36 %) e em Anta 1 (95,45 %), a quase totalidade dos alunos já visitou uma biblioteca.

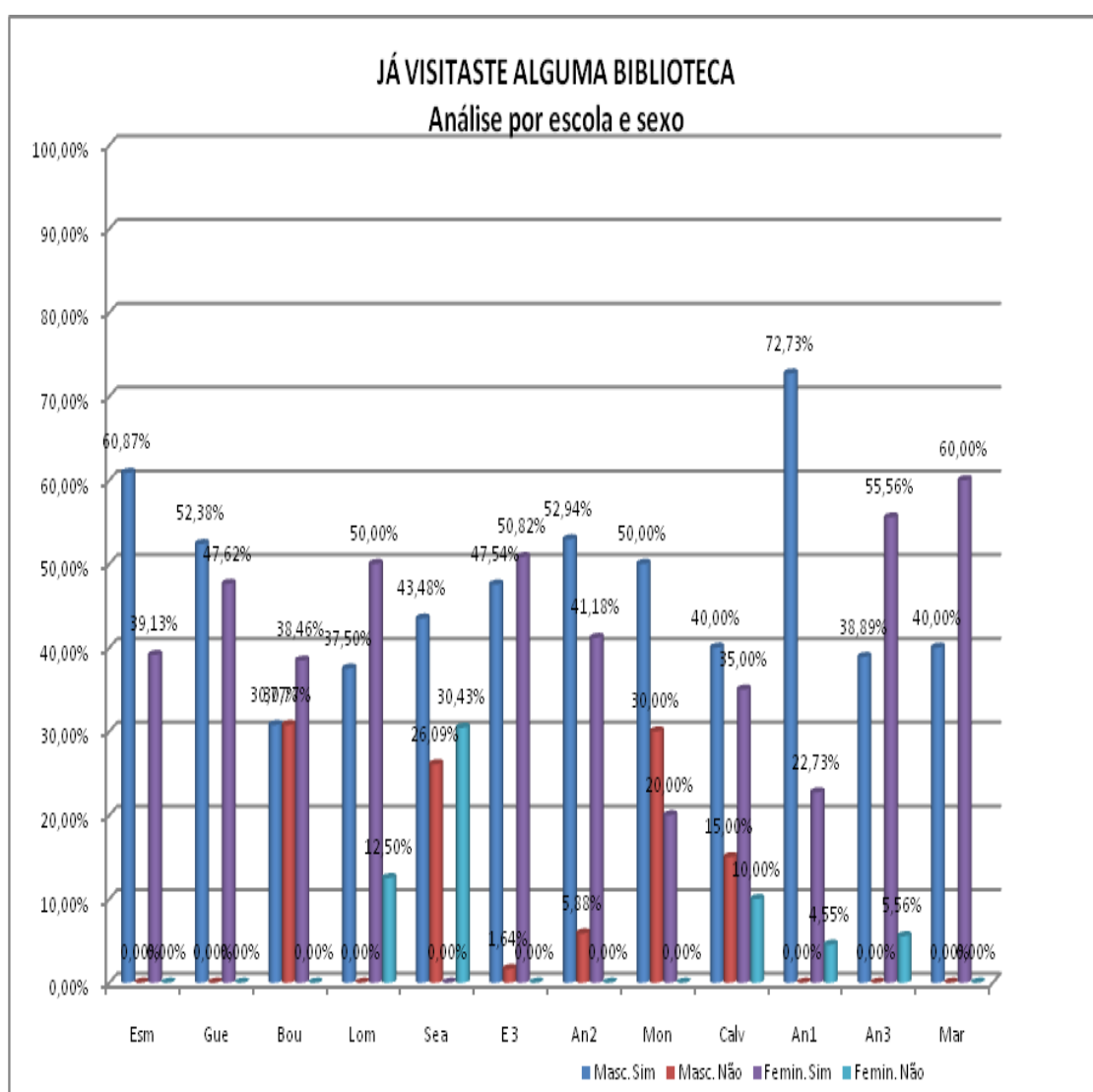


Gráfico nº 14

Na escola de Quinta da Seara a resposta negativa tem um peso superior nas raparigas (30,43 %), enquanto nas restantes escolas atrás mencionadas as respostas negativas são maiores nos rapazes (30,77 %, 30,00 % e 15,00 % respectivamente).

Contudo, nas escolas de Esmojães e Anta 1, as respostas positivas têm um maior peso nos rapazes (60,87 % e 72,73 %, respectivamente), enquanto que nas raparigas, isso acontece fundamentalmente nas escolas de Marinha (60,00 %) e Anta 3 (55,56 %).

### **Pergunta 3 – CONHECES A BIBLIOTECA MUNICIPAL DE ESPINHO?**

Com esta questão, quisemos confirmar se a Biblioteca Municipal de Espinho se encontra devidamente divulgada pelas escolas.

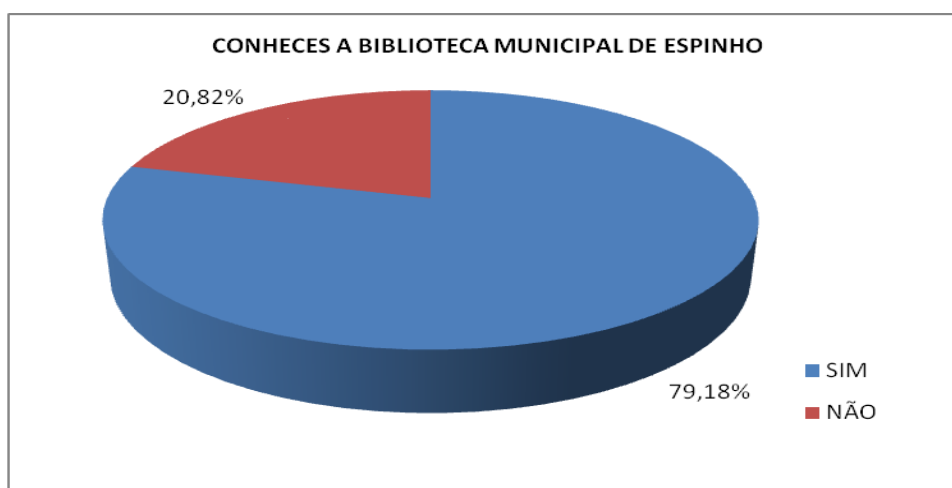


Gráfico nº 15

Verifica-se que grande parte dos inquiridos conhece a Biblioteca Municipal de Espinho (79,18 %).

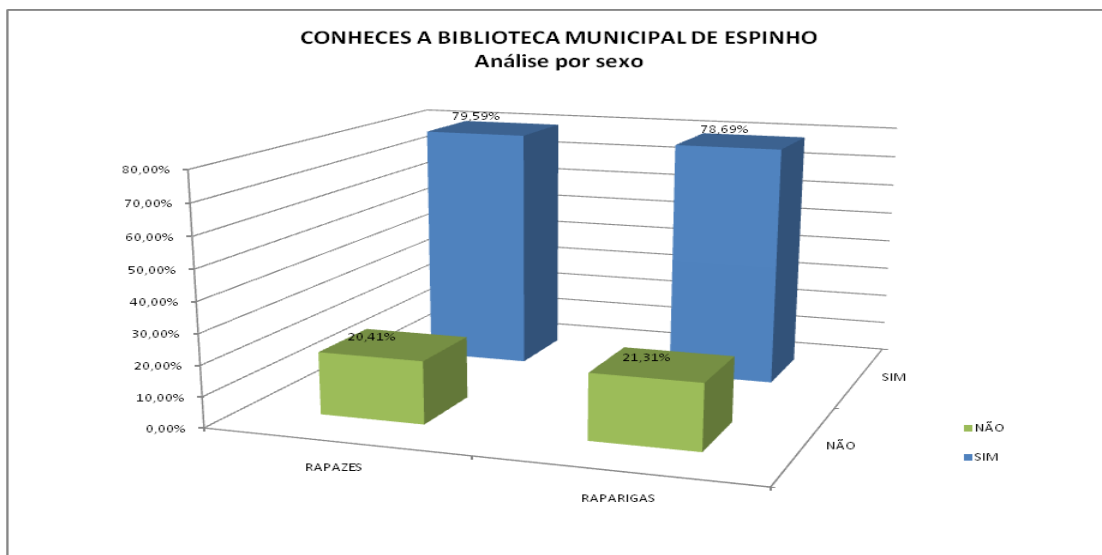


Gráfico nº 16

Os resultados mantêm-se superiores nos rapazes (79,59 %) face aos das raparigas (78,69 %). O conhecimento da Biblioteca Municipal de Espinho é elevado e distribui-se de forma semelhante pelos dois sexos.

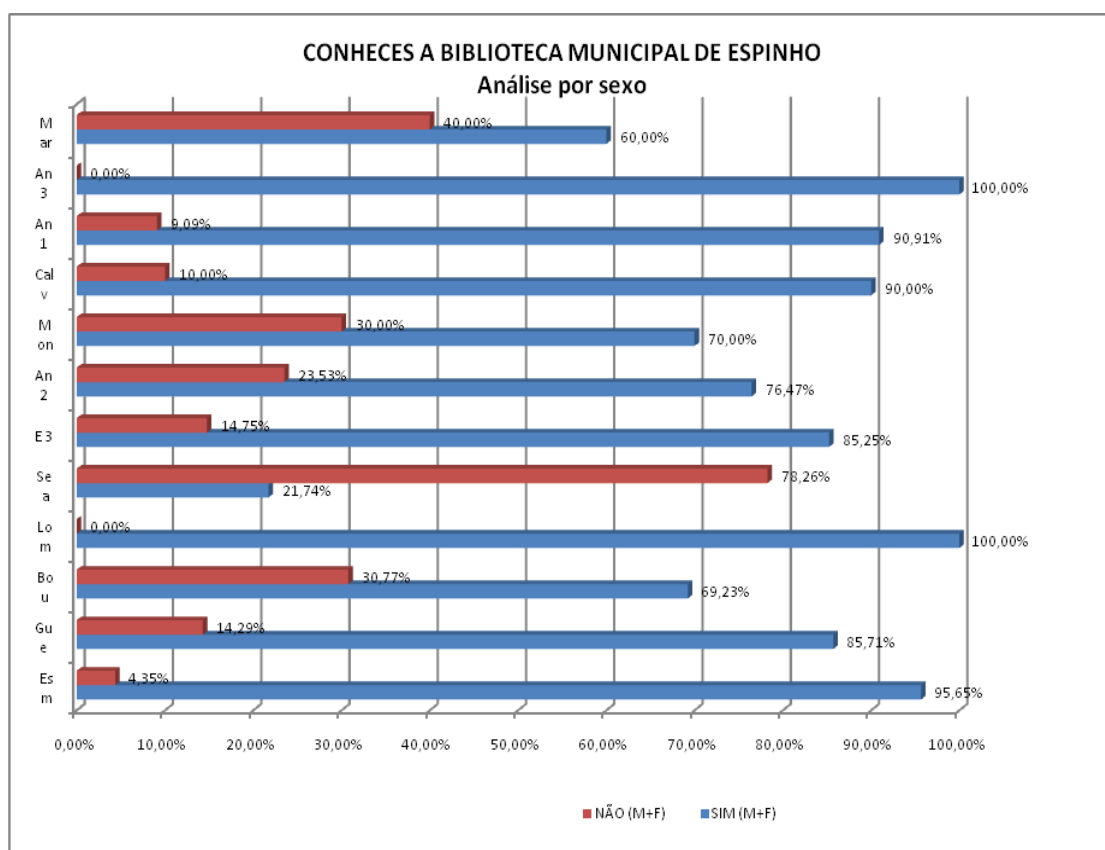


Gráfico nº 17

Se analisarmos os dados obtidos, numa óptica individual por escola, verifica-se que as respostas negativas são mais preponderantes nas escolas da Quinta da Seara (78,26 % dos seus alunos), Marinha (40,00 %), Bouça (30,77 %) e Monte (30,00 %).

As escolas da Lomba e Anta 3 são as únicas onde a totalidade dos alunos do 4º ano conhecem a BME, seguindo-se Esmojães com 95,65 % dos alunos.

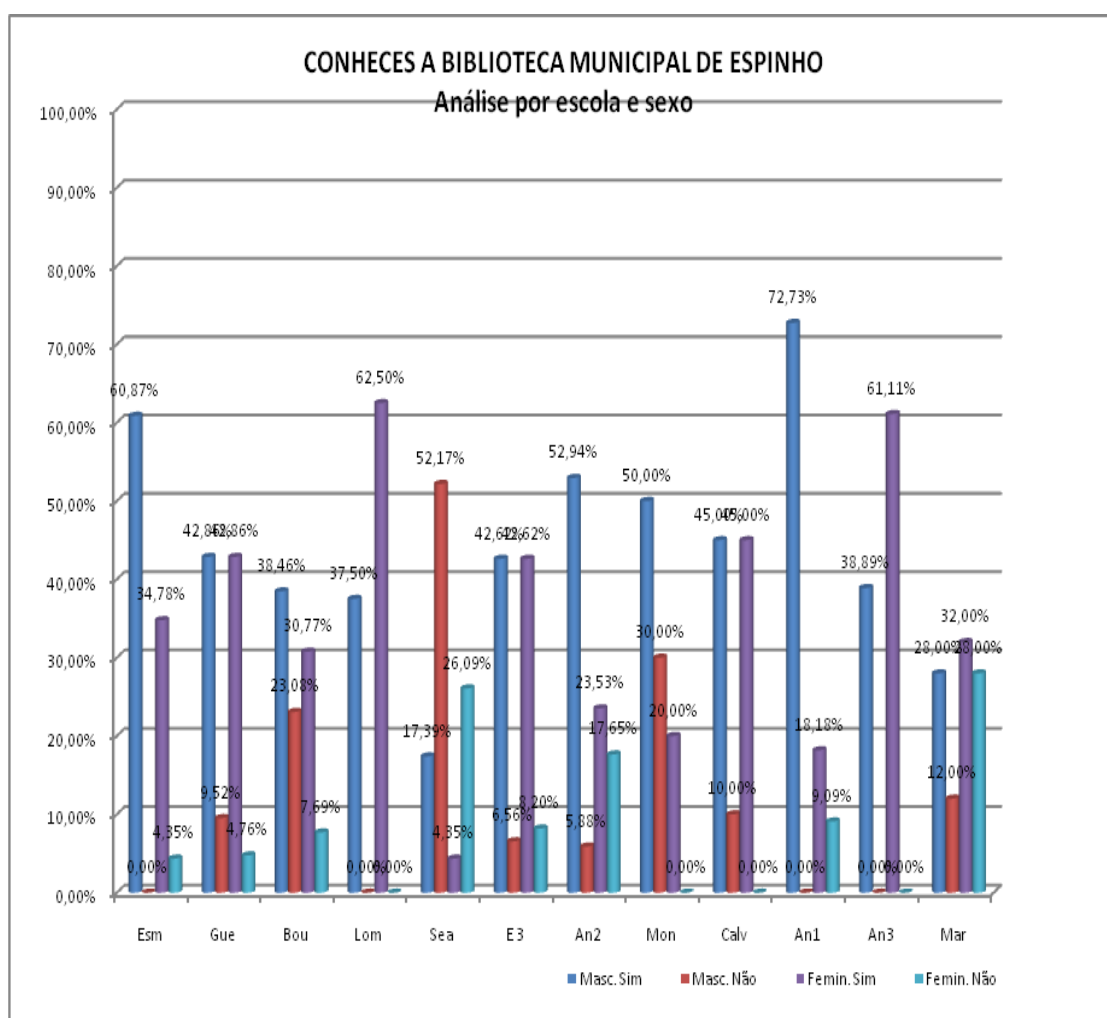


Gráfico nº 18

Na escola de Quinta da Seara e Monte, as respostas negativas têm um peso superior nos rapazes (52,17 % e 30,00 %), enquanto nas restantes escolas atrás mencionadas (Marinha e Bouça), as respostas negativas são maiores nas

raparigas (28,00 % e 7,69 % respectivamente). Verifica-se aqui uma significativa diferença, sem que contudo consigamos explicar o seu motivo.

Analisando os casos dos alunos que conhecem a Biblioteca Municipal de Espinho, os rapazes destacam-se mais nas escolas de Anta 1 (72,73 %) e Esmojães (60,87 %); já no caso das raparigas, os valores são mais elevados nas escolas de Lomba e Anta 3 (62,50 % e 61,11 %, respectivamente).

#### **Pergunta 4 – ESTÁ INSCRITO NA BIBLIOTECA?**

Esta pergunta é importante para verificar no universo da amostra, quais os alunos que se encontram inscritos na Biblioteca Municipal de Espinho, dado ser uns dos requisitos fundamentais e necessários para usufruírem do serviço itinerante em análise.

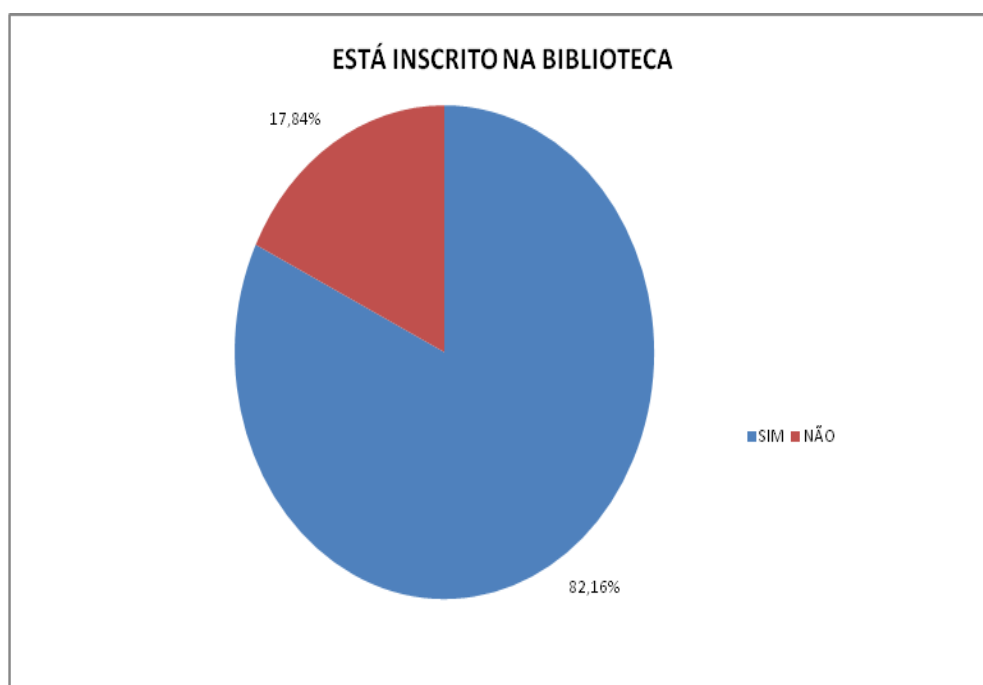


Gráfico nº 19

Verifica-se que uma grande parte dos inquiridos está inscrita na Biblioteca (82,16 %).

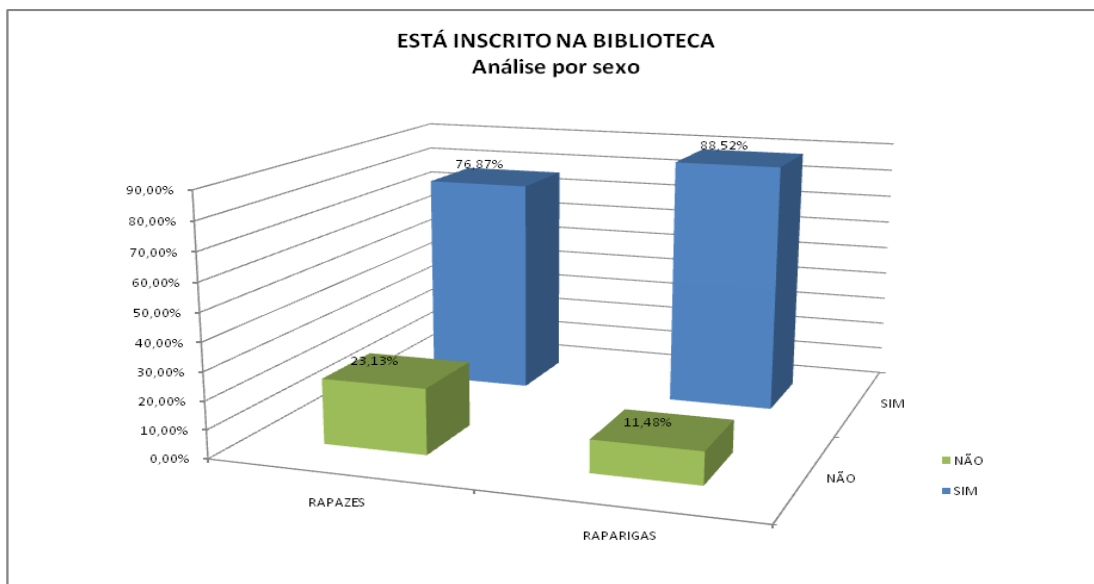


Gráfico nº 20

Os resultados são superiores nas raparigas (88,52 %) do que nos rapazes (76,87 %). Apesar de na amostra o peso de rapazes ser superior, verifica-se que existe um maior número de inscrições ao nível das raparigas.

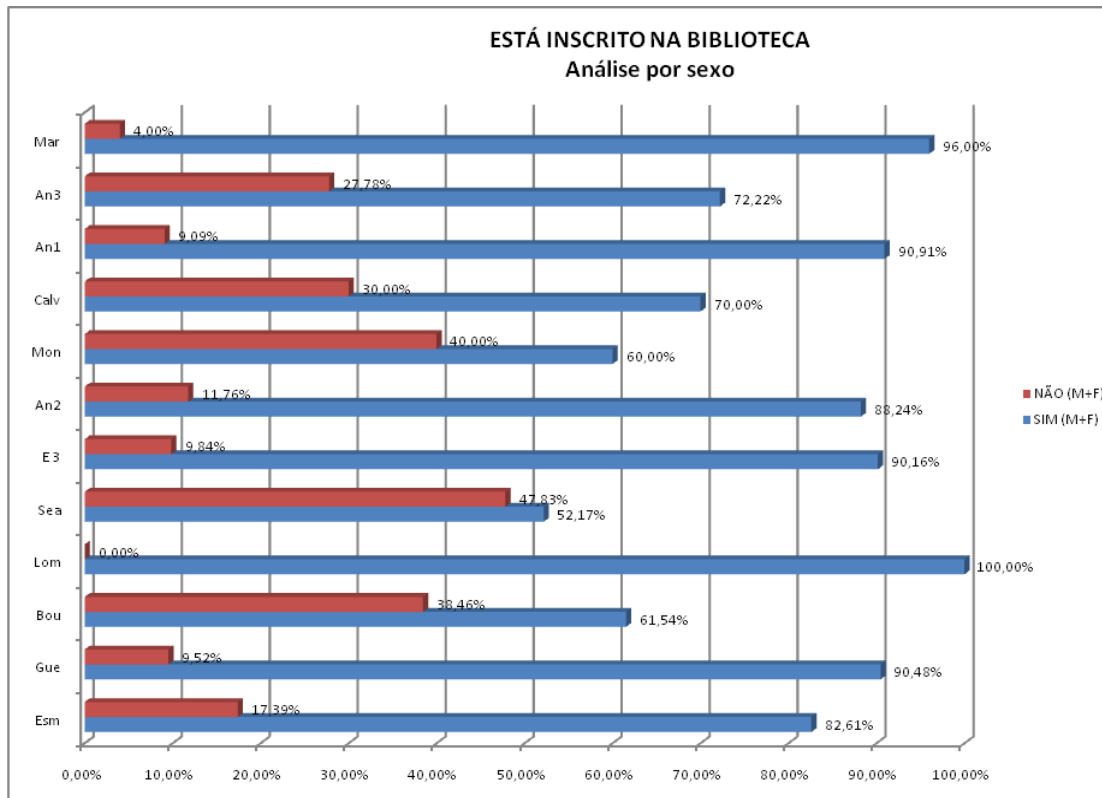


Gráfico nº 21

Se analisarmos os dados obtidos, numa óptica individual por escola, verifica-se que as respostas negativas são mais preponderantes nas escolas da Quinta da Seara (47,83 % dos seus alunos), Monte (40,00 %), Bouça (38,46 %) e Calvário (30,00 %).

Apenas a escola da Lomba tem a totalidade dos seus alunos do 4º ano inscritos na BME, seguindo-se a Marinha com 96,00 %.

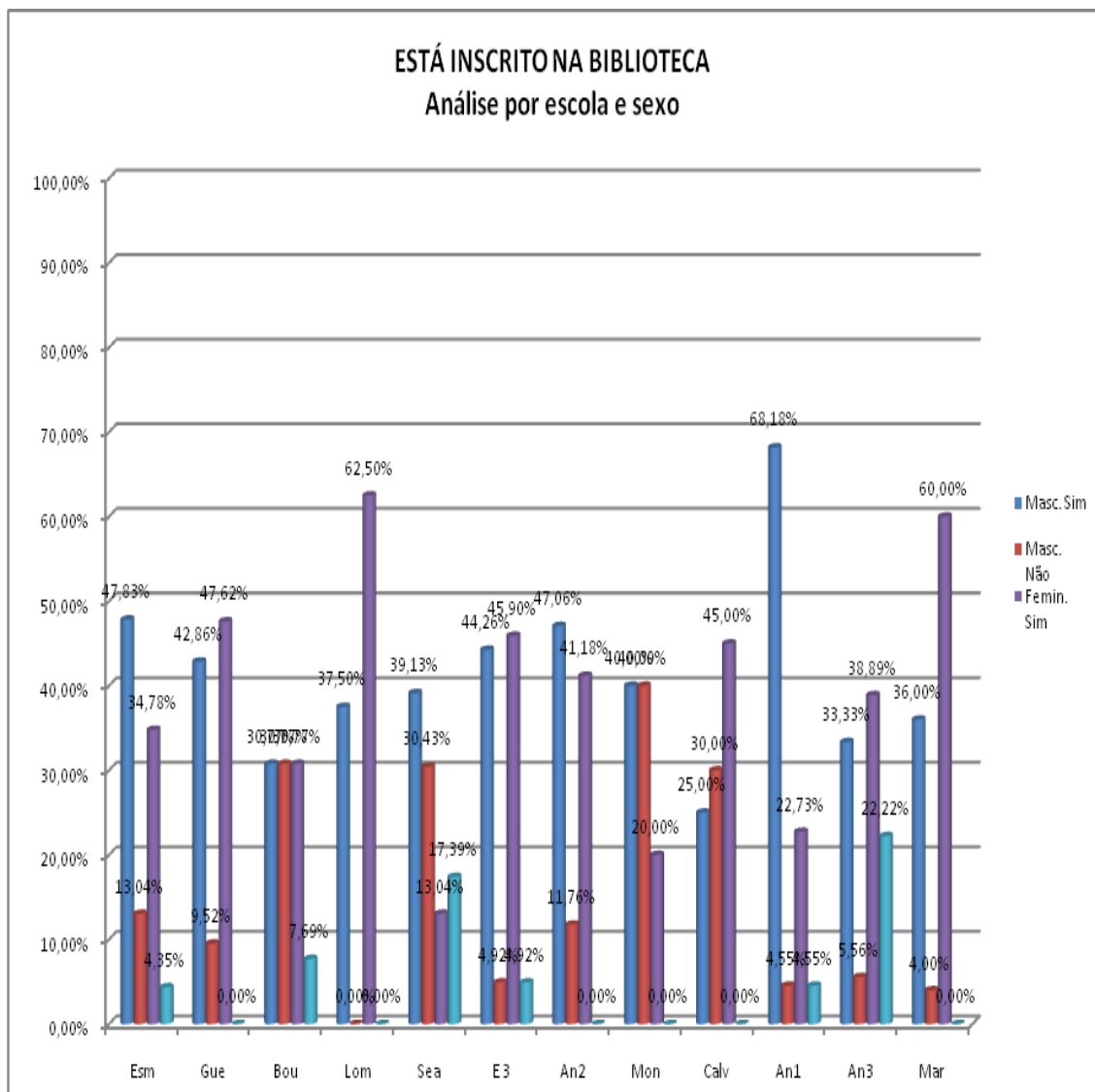


Gráfico nº 22

Nestas quatro escolas, onde as respostas são negativas, curiosamente o peso relativo é superior nos rapazes (Monte com 40,00 %, Bouça com 30,77 %, Calvário com 30,00 % e Esm com 13,04 %).

Quinta da Seara 30,43 % e Calvário 30,00 %), o que indicia uma maior utilização dos serviços da biblioteca por parte das raparigas.

Ao nível dos rapazes, é nas escolas de Anta 1 e de Esmojães, que estes apresentam uma maior taxa de inscrição na biblioteca, enquanto que nas raparigas, estes valores são superiores nas escolas da Lomba e da Marinha.

### **Pergunta 5 – COSTUMAS VIR À CARRINHA – BIBLIOTECA ITINERANTE?**

Esta pergunta pretende ajudar a verificar no universo da amostra, quais os alunos que recorrem ao serviço de biblioteca itinerante, quando o mesmo se desloca à escola para visitar e ser utilizada pelos alunos.

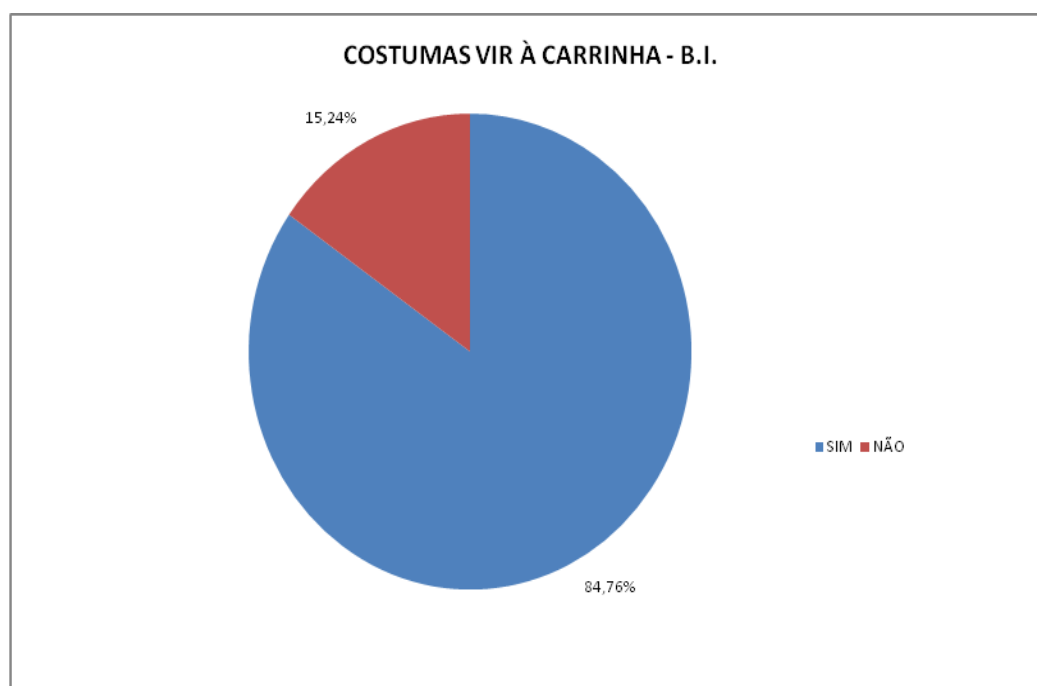


Gráfico nº 23

Grande parte dos inquiridos, perante esta questão, respondeu que costuma visitar a Biblioitinerante, sempre que esta vai à sua escola (84,76 %).

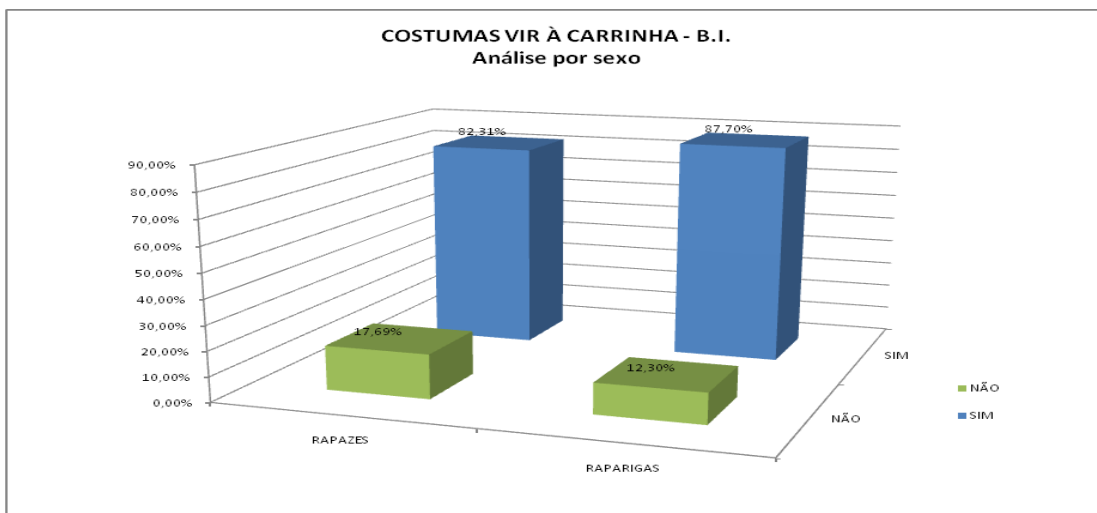


Gráfico nº 24

Os resultados são superiores nas raparigas (87,70 %) do que nos rapazes (82,31 %). Apesar de na amostra o peso de rapazes ser superior, verifica-se que existe um maior número de inscrições ao nível das raparigas.

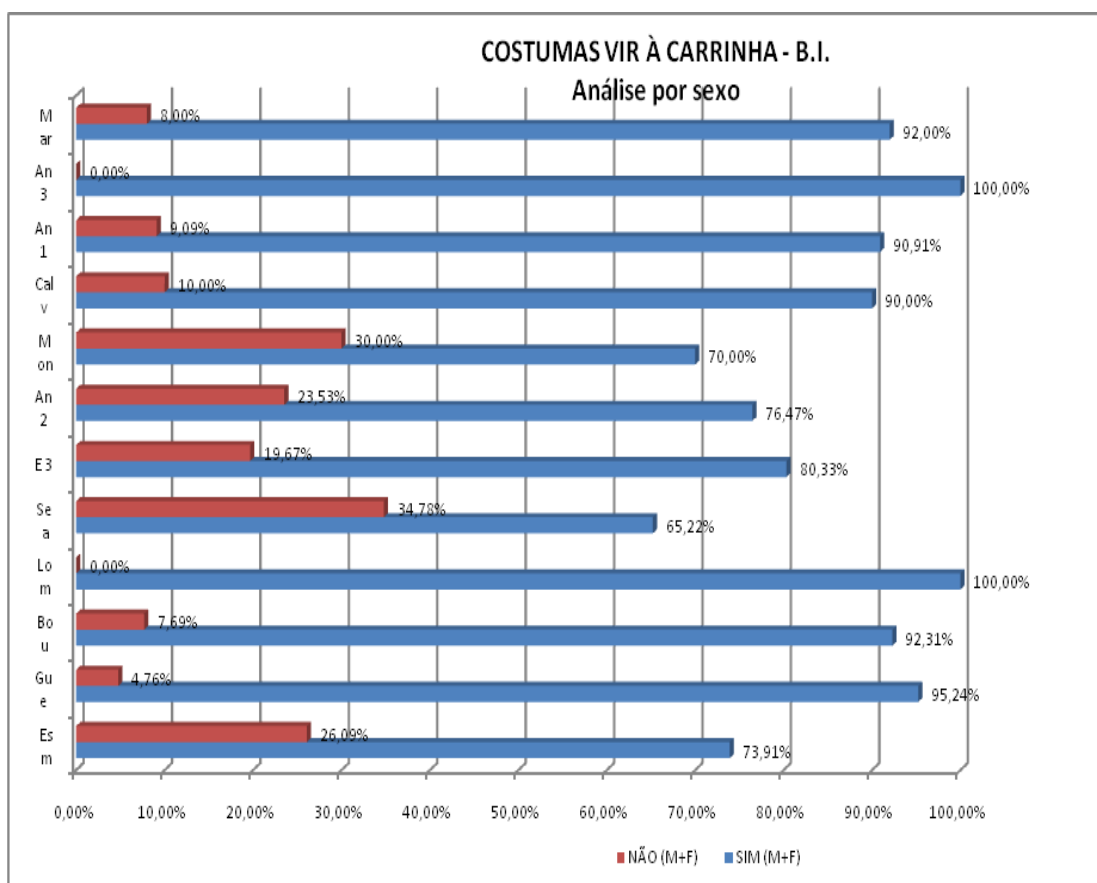


Gráfico nº 25

Se analisarmos os dados obtidos, numa óptica individual por escola, verifica-se que as respostas negativas são mais preponderantes nas escolas da Quinta da Seara (34,78 %), Monte (30,00 %) e Esmojães (26,09 %).

É nas escolas da Lomba e Anta 3 que a assiduidade da presença dos alunos é completa (100 %), aquando da visita da Biblioteca itinerante aquelas escolas, seguindo-se Guetim com 95,24 %.

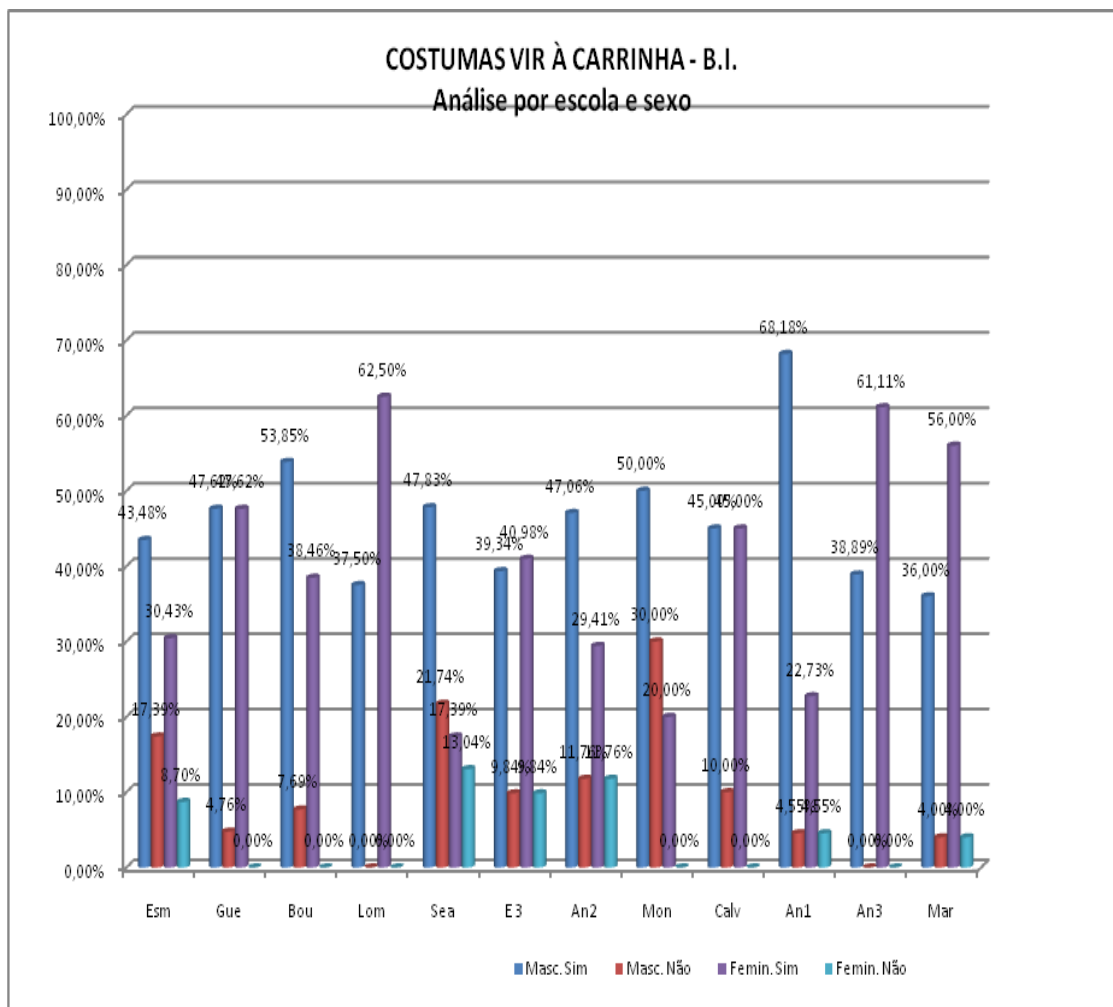


Gráfico nº 26

Nestas três escolas, onde as respostas são negativas, curiosamente o peso relativo é superior nos rapazes (Monte com 30 %, Quinta da Seara com 21,74 % e Esmojães com 17,39 %), o que indicia uma maior frequência dos serviços da biblioteca por parte das raparigas.

Por seu lado, as escolas que apresentam maior utilização deste serviço são as de Anta 3 e Lomba, no caso das raparigas, e Anta 1 e Bouça no caso dos rapazes.

**Pergunta 6 – SE RESPONDESTE SIM, VENS SEMPRE QUE ELA VISITA A ESCOLA? SE RESPONDESTE NÃO, PORQUÊ?**

Com esta pergunta pretendemos verificar quais os que efectivamente recorrem ao serviço da Biblioitinerante sempre que a carrinha se desloca à escola, e por outro lado, conhecer e avaliar os motivos e justificações para a não utilização desse serviço.

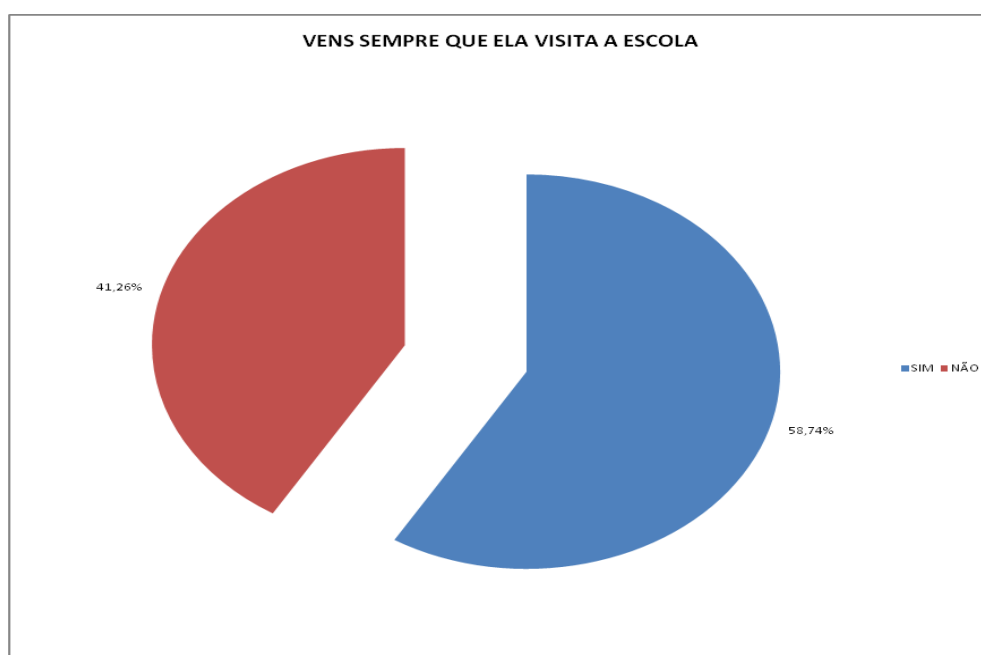


Gráfico nº 27

Verifica-se que 41,26 % dos inquiridos respondeu que quando a Biblioitinerante se desloca à escola, não a visita sempre.

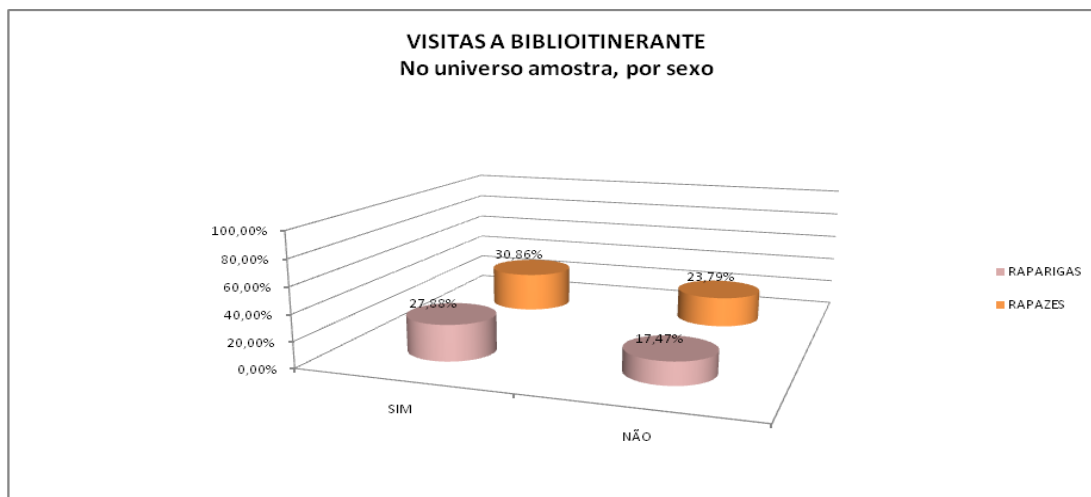


Gráfico nº 28

Destes, 23,79 % são rapazes e 17,47 % são raparigas.

Ao analisarmos os motivos para a não visita à biblioteca itinerante, foram consideradas 6 razões para esse facto – “Não quer ler”, “Não vai á carrinha”, “Não tem cartão (ou esquece-se do cartão)”, “Receio de multa”, “Não conhece a biblioteca itinerante” e “Não tem disponibilidade para a visita”.

A escolha destas 6 categorias teve por base as respostas dadas pelos alunos, sendo que passarei a identificar a respectiva categoria consubstanciada em 2 ou 3 exemplos de respostas dadas pelas crianças:

**“NÃO QUER LER”** teve em conta respostas como “porque por vezes não me apetece ler” ou “porque às vezes não quero livros”; **“NÃO VAI À CARRINHA”**, teve em conta respostas como “Porque não vou à carrinha”, “Porque me esqueço quando ela vem à escola” ou “Porque tenho livros em casa”; **“NÃO TEM CARTÃO”** levou em conta respostas como “Porque perdi o cartão da biblioteca”, “Porque não tenho cartão” ou “Porque ainda não estou inscrito”; **“RECEIO MULTA”** é fundamentalmente “Porque não quero pagar multa” ou “Porque me esqueço do livro”; **“NÃO CONHECIA A BIBLIOTECA ITINERANTE”** tem por base precisamente essa resposta; e finalmente **“DISPONIBILIDADE DO ALUNO”**, considerou respostas tão variadas como “Porque às vezes tenho coisas importantes para fazer”, “Porque às vezes não

posso”, “Porque é só uma vez por semana” ou “Porque nem sempre é para a nossa classe”.

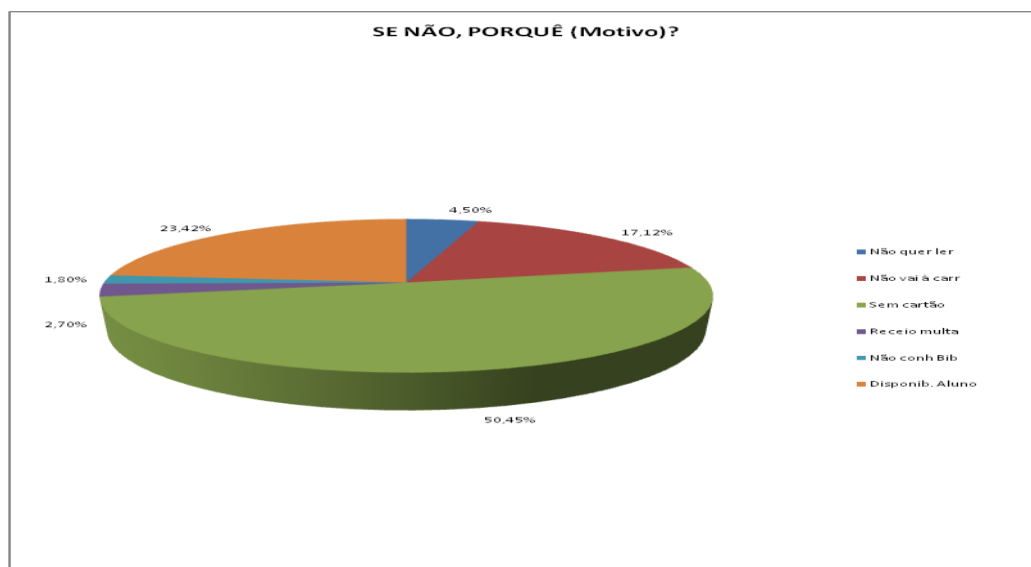


Gráfico nº 29

Destes motivos atrás mencionados, a ausência de cartão (ou o seu esquecimento) é o principal argumento utilizado pelos alunos para a sua baixa assiduidade, aquando da visita de biblioteca itinerante à sua escola (50,45 %); o outro motivo mais relevante é o da disponibilidade do aluno (23,42 %), o que se poderá dever a dificuldades na conjugação de horários.

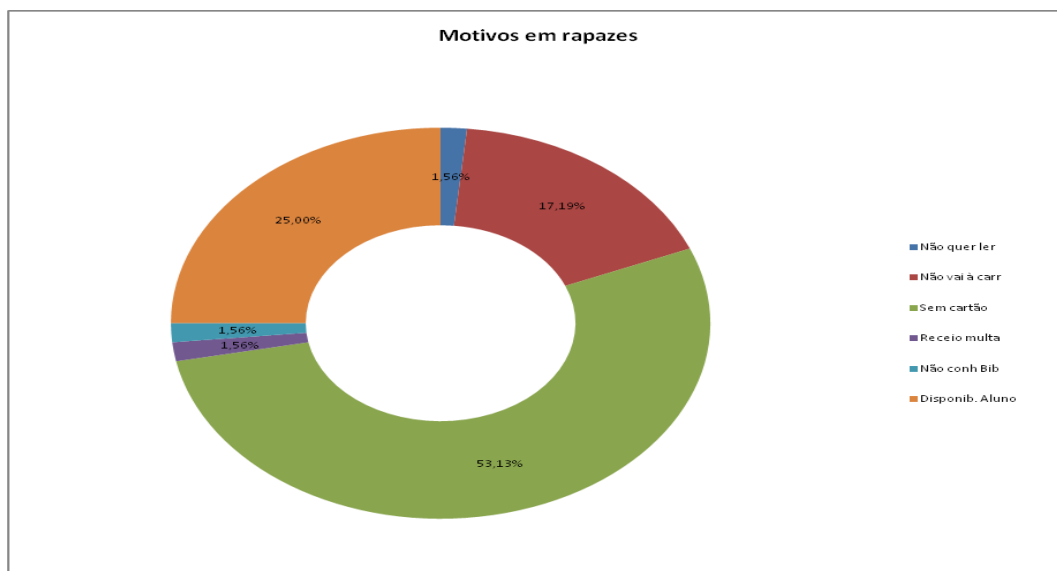


Gráfico nº 30

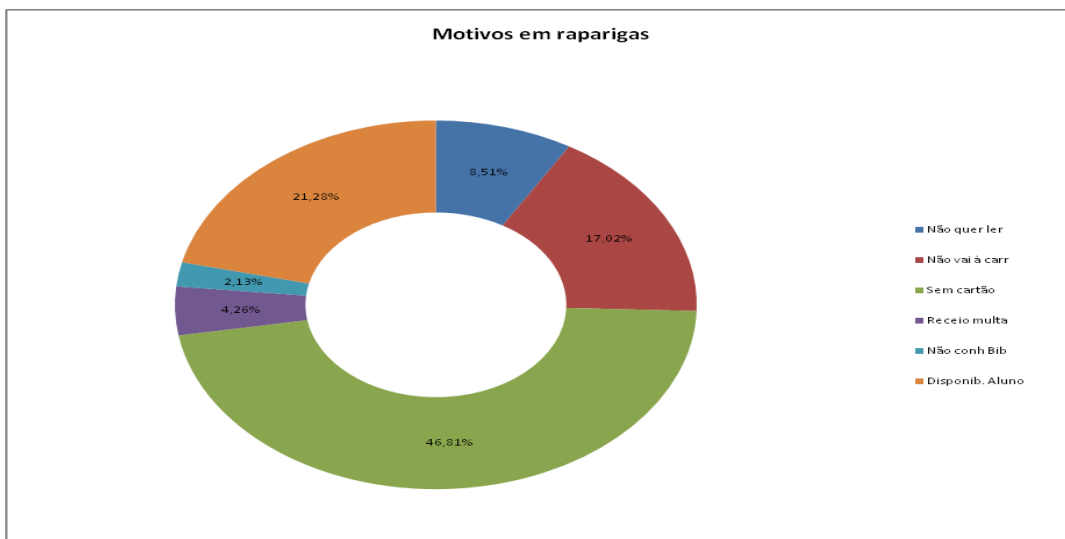


Gráfico nº 31

Analisando os motivos por sexo, verifica-se que este não tem influência no nível de respostas, uma vez que para os dois motivos atrás indicados, o peso é da ordem dos 53 % e 25 % nos rapazes e dos 47 % e 21 % nas raparigas, respectivamente. Assim, em ambos os casos são estes os motivos de maior relevo na não visita a este serviço, quando o mesmo se desloca às escolas.

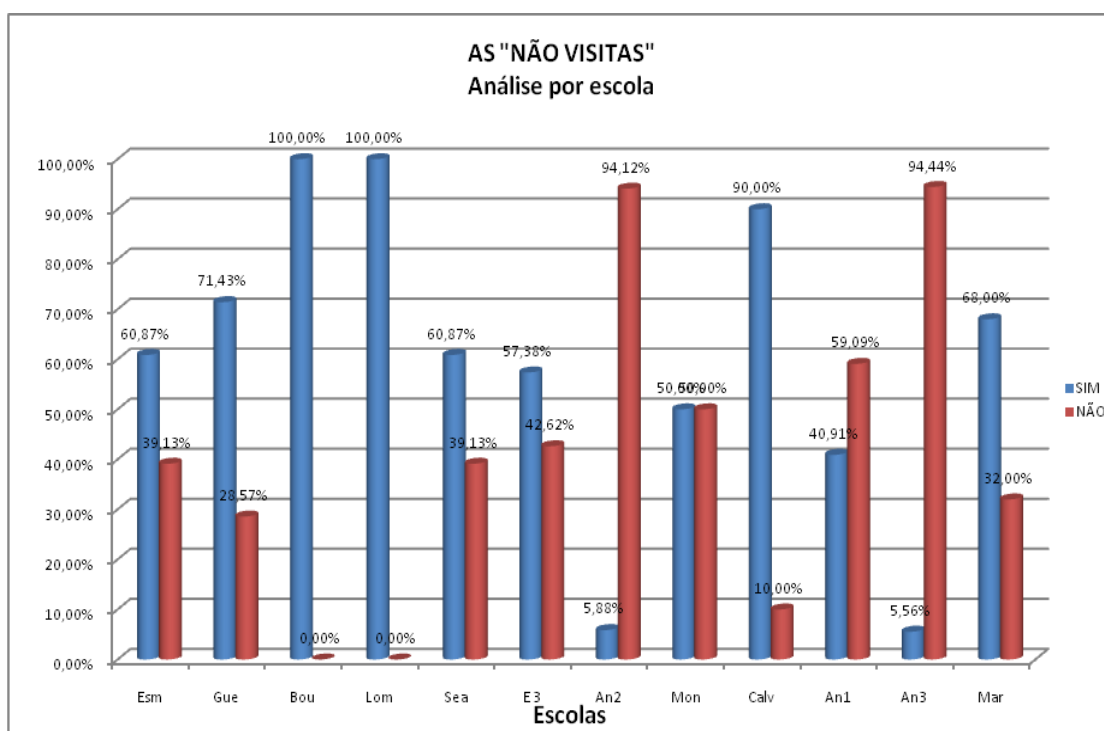


Gráfico nº 32

Se analisarmos os dados obtidos, numa óptica individual por escola, verifica-se que as respostas negativas são mais preponderantes nas escolas de Anta 1, Anta 2 e Anta 3, com respectivamente 59,09 %, 94,12 % e 94,44 % dos seus alunos a afirmarem que não vão sempre visitar a Biblioitinerante.

Nestas três escolas, onde as respostas são negativas, o peso relativo é superior nos rapazes apenas nos casos de Anta 1 e Anta 2, contrariamente a Anta 3, o que indicia uma maior utilização dos serviços da biblioteca por parte das raparigas.

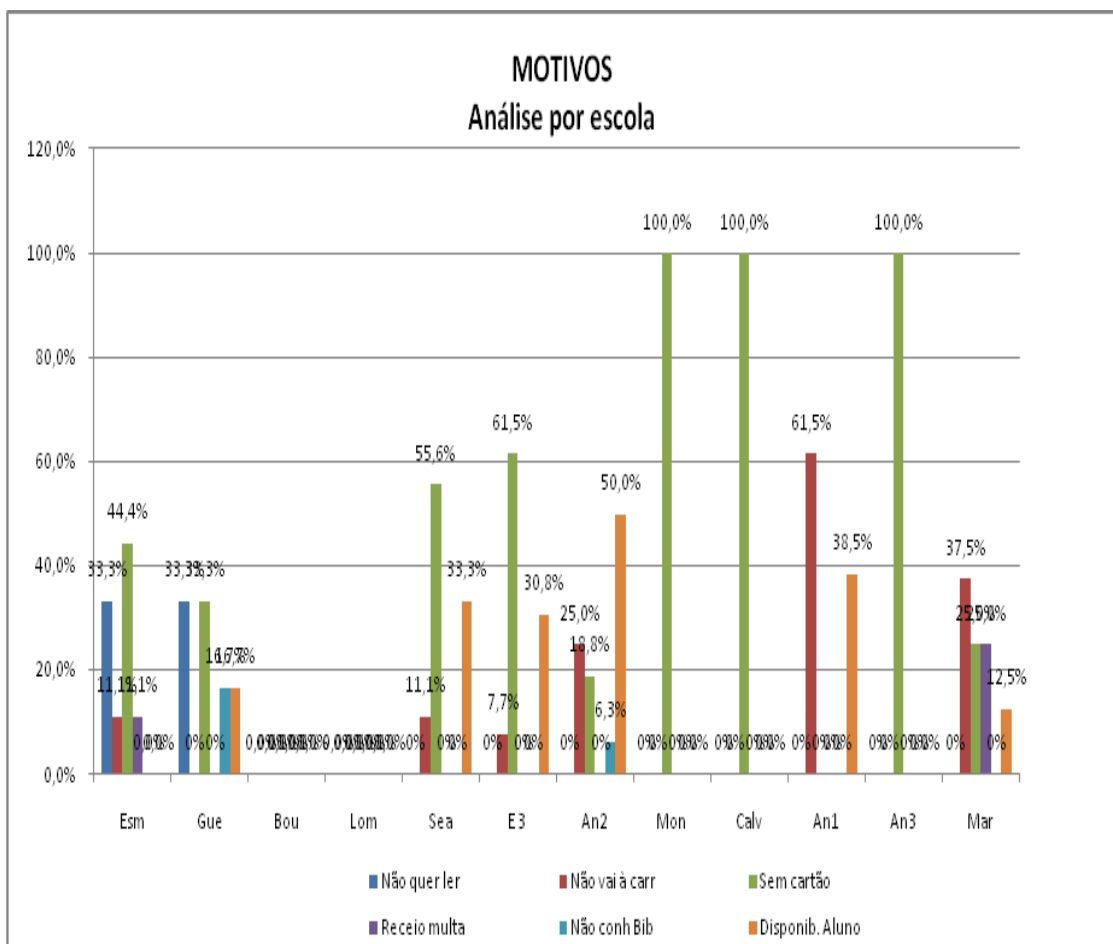


Gráfico nº 33

No que respeita aos motivos da não visita, numa óptica por escola, destaque para as escolas de Anta 3, Calvário e Monte, onde a totalidade dos alunos alega o facto de não ter cartão (ou esquecer-se do cartão), o qual se verifica igualmente em Espinho 3 (61,50 %), enquanto na escola de Anta 1, o motivo é

“não vai à carrinha” (61,50 %) e em Anta 2 é “disponibilidade do aluno”, em 50 % dos casos dessa escola.

### **Pergunta 7 – GOSTAS DO ESPAÇO INTERIOR DA CARRINHA?**

Esta questão pretende desde logo analisar o impacto visual sobre os alunos, do aspecto interior da Biblioteca Itinerante, o que poderá igualmente afectar os seus níveis de motivação (pela organização dos livros, luminosidade, arejamento, etc.)

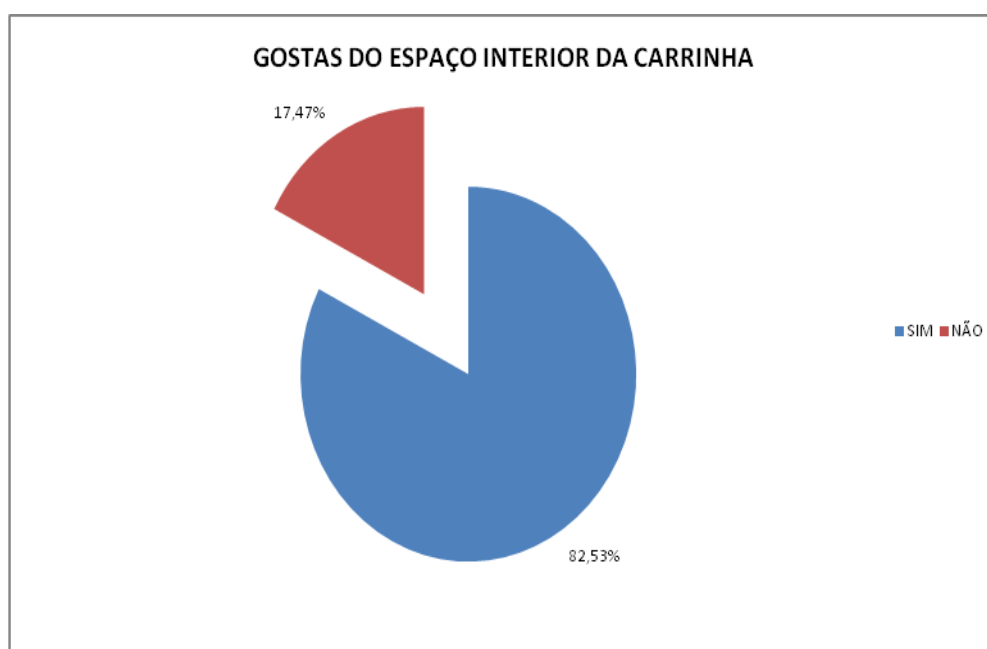


Gráfico nº 34

Verifica-se que grande parte dos inquiridos gosta do espaço interior da carrinha (82,53 %).

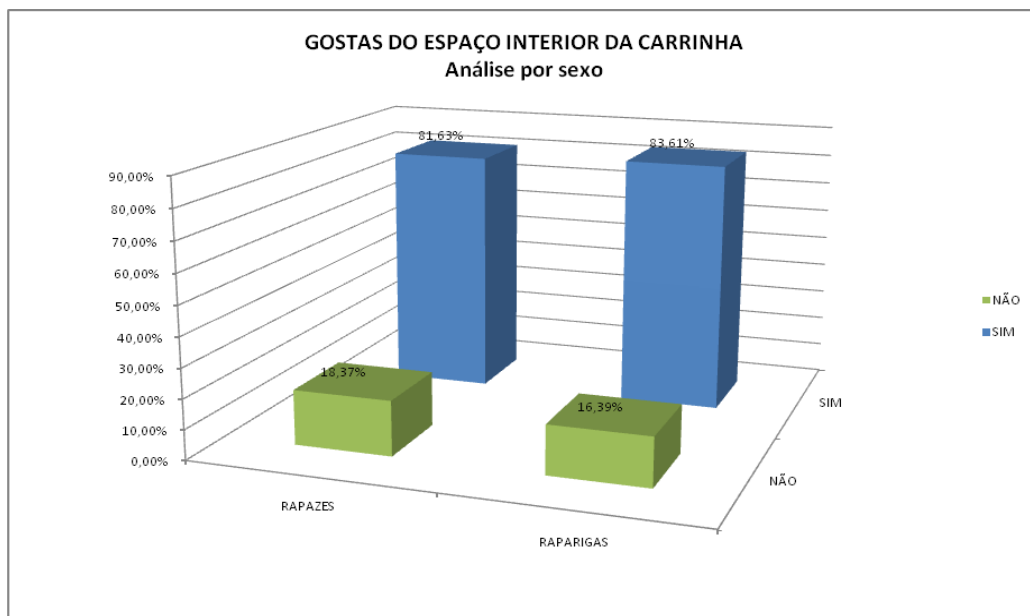


Gráfico nº 35

Os resultados são superiores nas raparigas 83,61 % do que nos rapazes 81,63 %. Verifica-se que é nas raparigas que o aspecto interior da carrinha assume uma maior importância na motivação para a utilização do serviço.

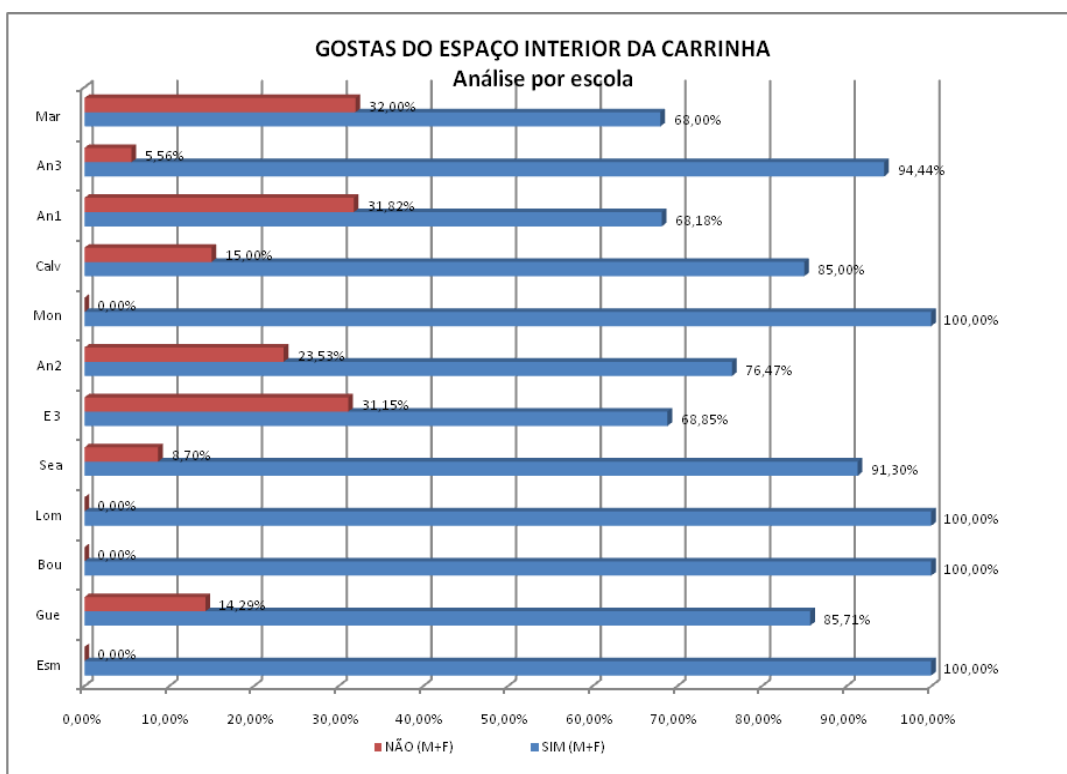


Gráfico nº 36

Se analisarmos os dados obtidos, numa óptica individual por escola, verifica-se que as respostas negativas são mais preponderantes nas escolas da Marinha (32,00 %), Anta 1 (31,82 %) e Espinho 3 (31,15 %).

O aspecto interior da carrinha é integralmente aceite como adequado aos olhos das crianças, em 100 % dos casos no que diz respeito às escolas de Esmojães, Bouça, Lomba e Monte.

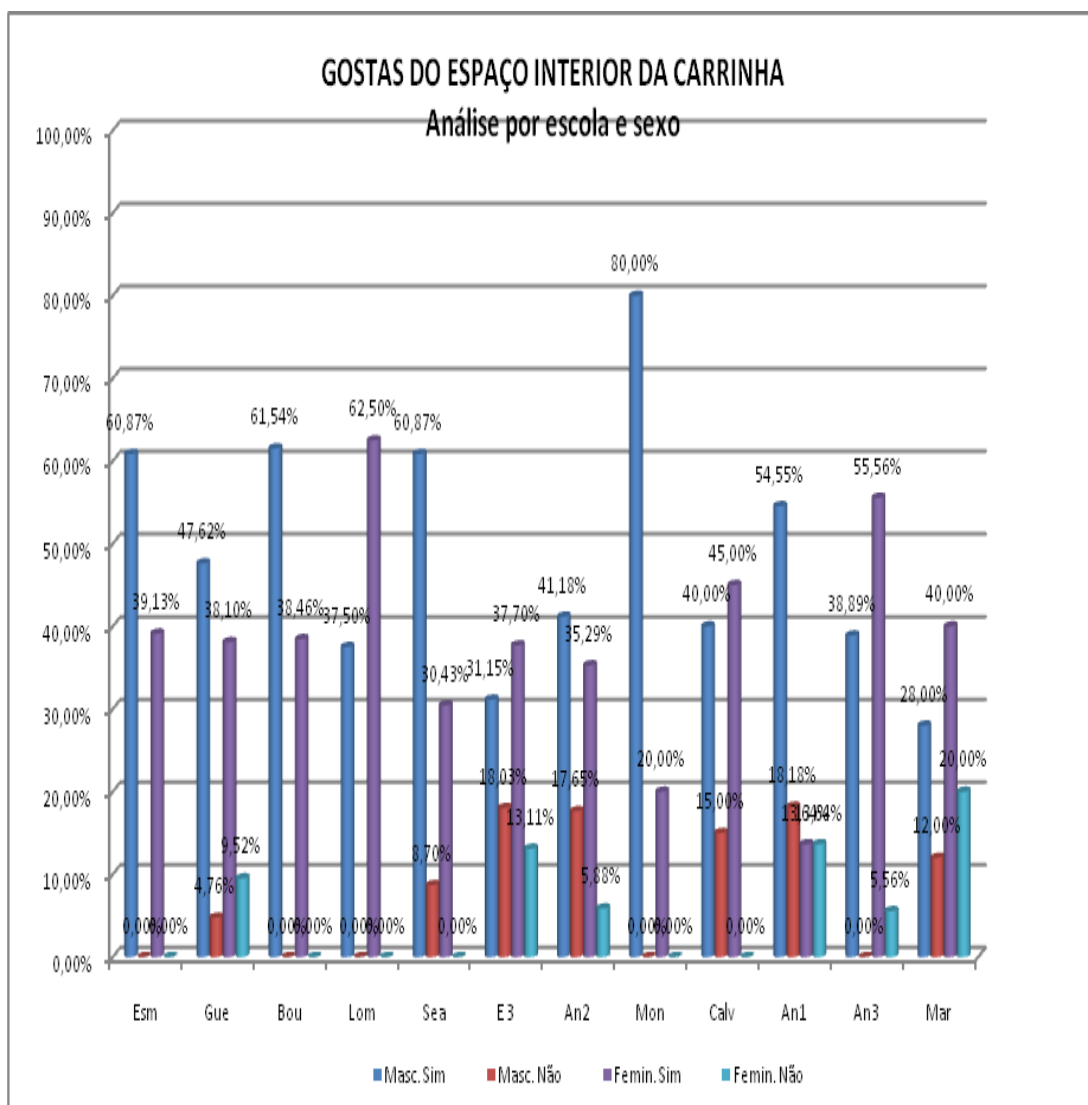


Gráfico nº 37

Nestas três escolas, onde as respostas são negativas, no caso da Marinha o peso relativo é superior nas raparigas (20,00 %), enquanto que em Anta 1 e Espinho é superior nos rapazes (18,18 % e 18,03 %, respectivamente). Isto

permite-nos verificar que de uma maneira geral (com a excepção indicada), as raparigas fazem uma avaliação mais positiva do aspecto interior da carrinha.

Por outro lado, é nas escolas de Monte e Bouça que os rapazes demonstram mais gostar do espaço interior da carrinha (80,00 % e 61,54 %), enquanto que as raparigas demonstram esse sentimento com maior incidência nas escolas de Lomba (62,50 %) e Anta 3 (55,56 %).

### **Pergunta 8 – ACHAS QUE A CARRINHA É BONITA POR FORA?**

O aspecto visual exterior, a decoração, as cores, os logótipos, a dimensão da carrinha, são de facto (paralelamente ao aspecto interior da carrinha) factores que também se podem revelar motivadores para a utilização do serviço da carrinha da Bibliotinerante.

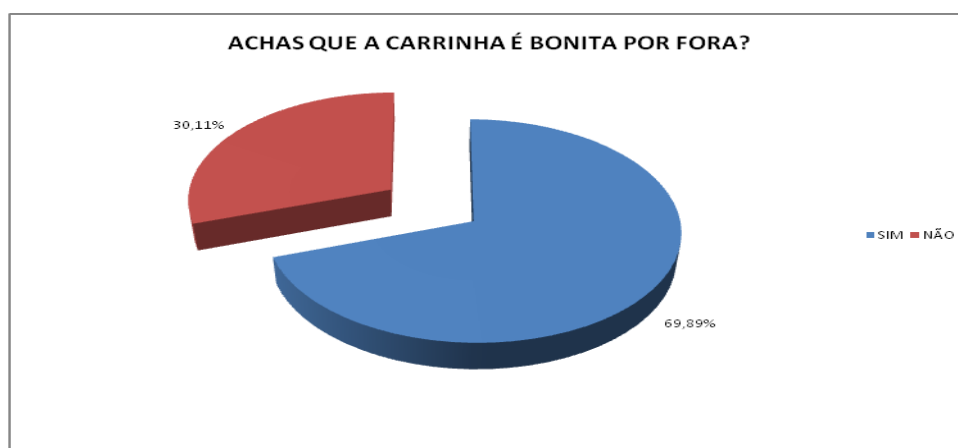


Gráfico nº 38

Verifica-se que pouco mais de dois terços dos inquiridos respondeu que a carrinha é bonita por fora (69,89 %). Enquanto os restantes 30,11% não consideram apreciam o aspecto exterior da carrinha.

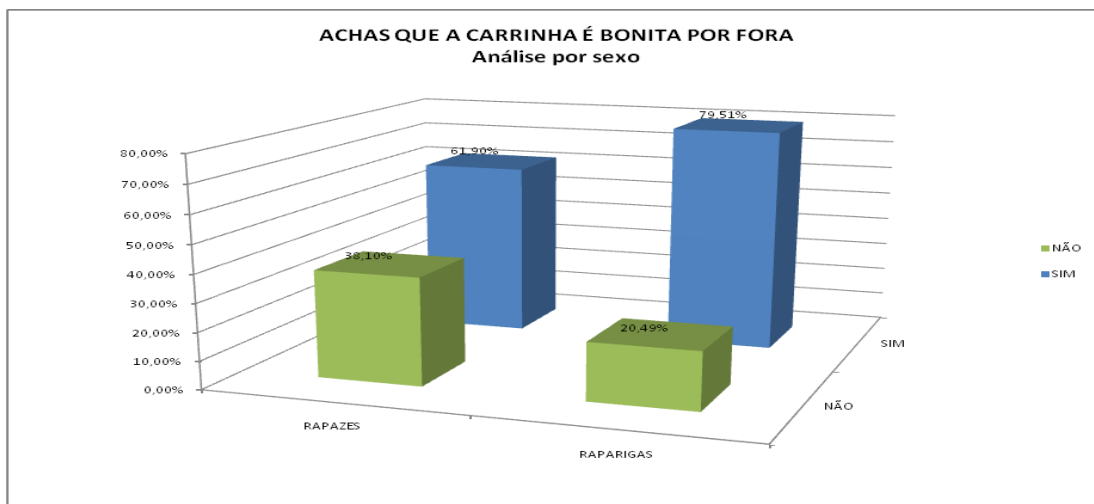


Gráfico nº 39

Os resultados são superiores nas raparigas (79,51%) face aos rapazes (61,90 %).

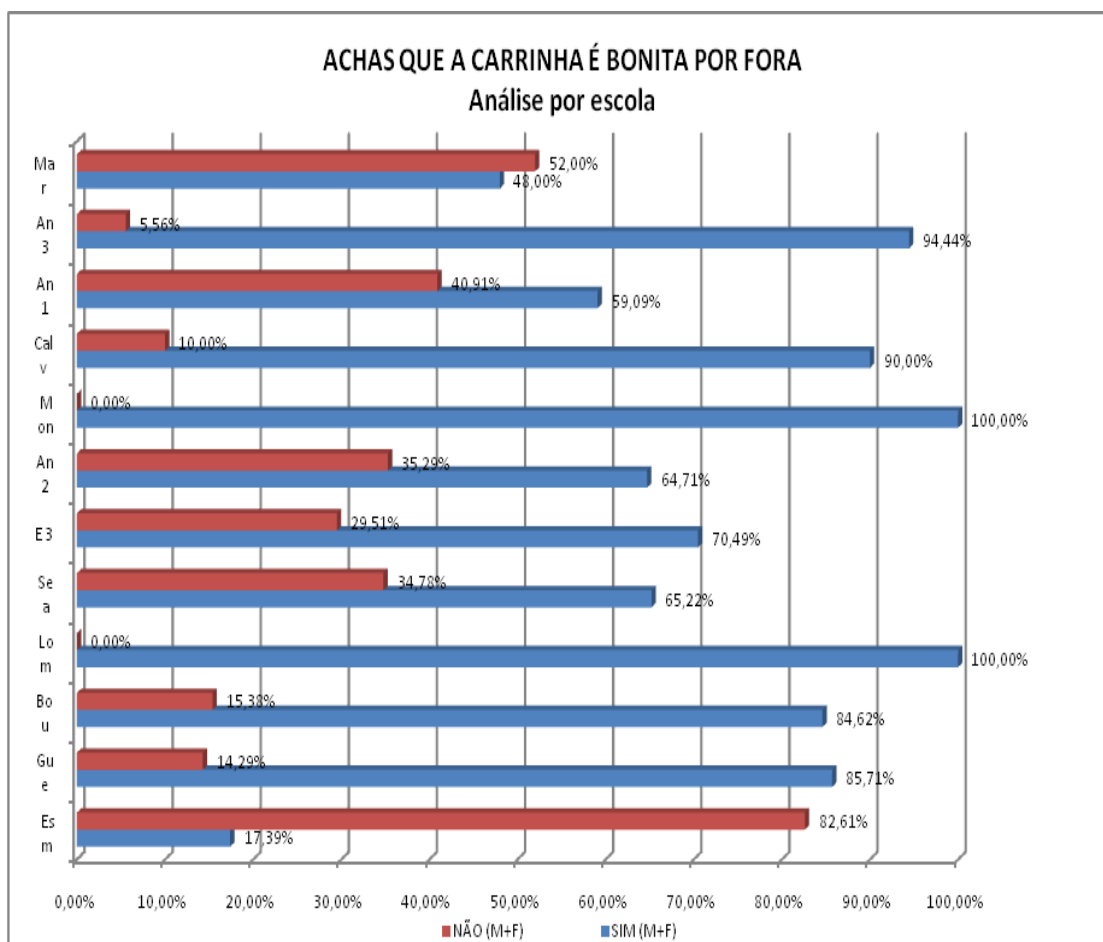


Gráfico nº 40

Se analisarmos os dados obtidos, numa óptica individual por escola, verifica-se que as respostas negativas são mais preponderantes nas escolas da Esmojães (82,61%), Marinha (52,00%), Anta 1 (40,91%), Anta 2 (35,29%) e Quinta da Seara (34,78 %).

É também nas escolas da Lomba e Monte que os alunos consideram, na sua totalidade, que a carrinha é bonita por fora.

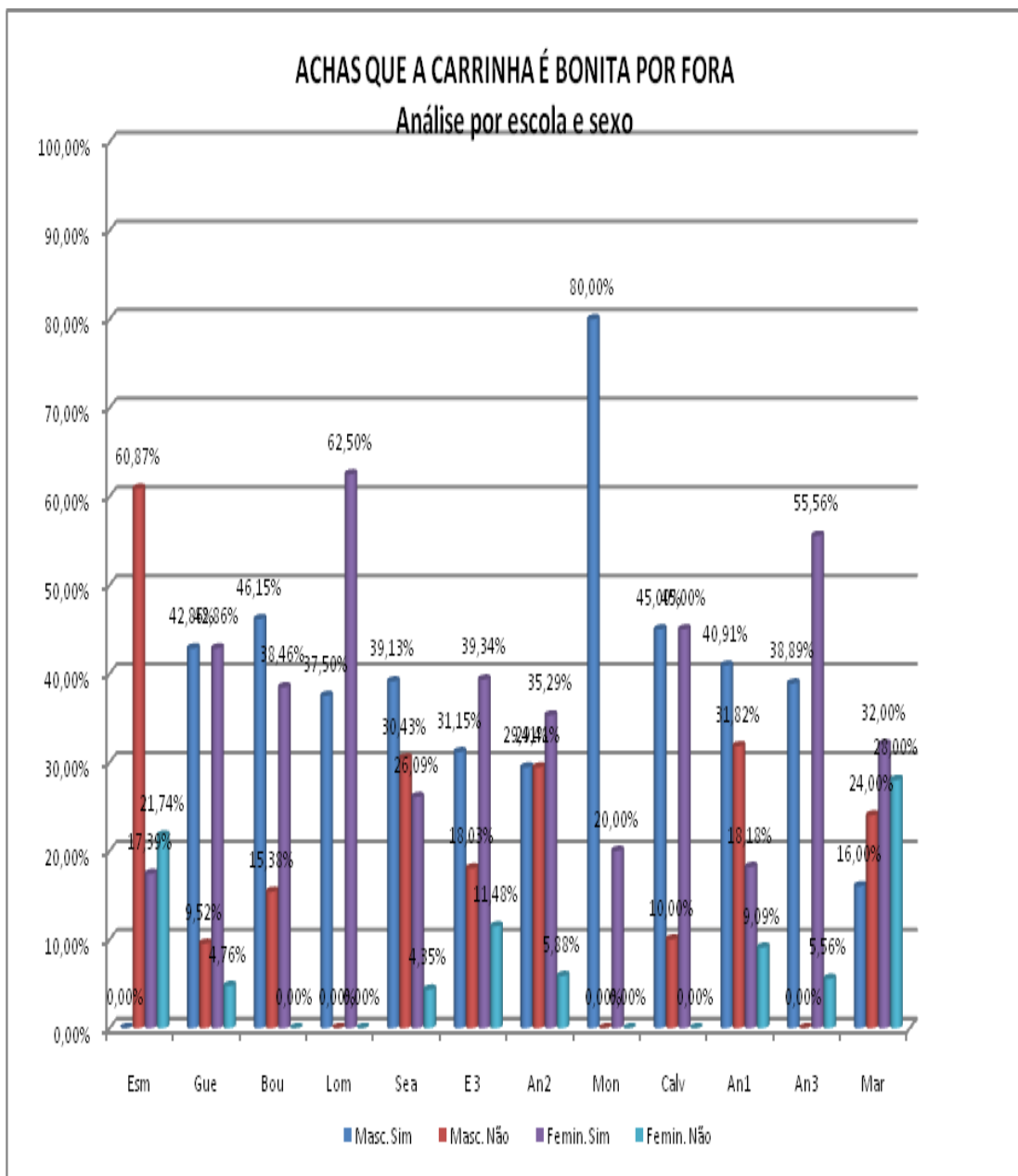


Gráfico nº 41

Nas cinco escolas onde as respostas são negativas, com excepção da Marinha, onde as raparigas têm um peso de 28,00 %, é nos rapazes que se verifica uma maior crítica ao aspecto estético exterior da carrinha (60,87 % em Esmojães, 31,82 % em Anta 1, 29,41 % em Anta 2 e 30,43 % na Quinta da Seara).

Por outro lado, as raparigas dão as maiores respostas positivas nas escolas de Lomba e Anta 3 (62,50 % e 55,56 %), enquanto que os rapazes se destacam neste aspecto nas escolas de Monte e Bouça.

### **Pergunta 9 – GOSTAS DOS LIVROS QUE A CARRINHA TEM PARA TE EMPRESTAR?**

Aqui entramos mais na definição dos gostos dos alunos do 4º ano (crianças com idade média de 9 anos), procurando saber se o acervo documental existente neste serviço, está de acordo com as necessidades e interesses destes utilizadores.

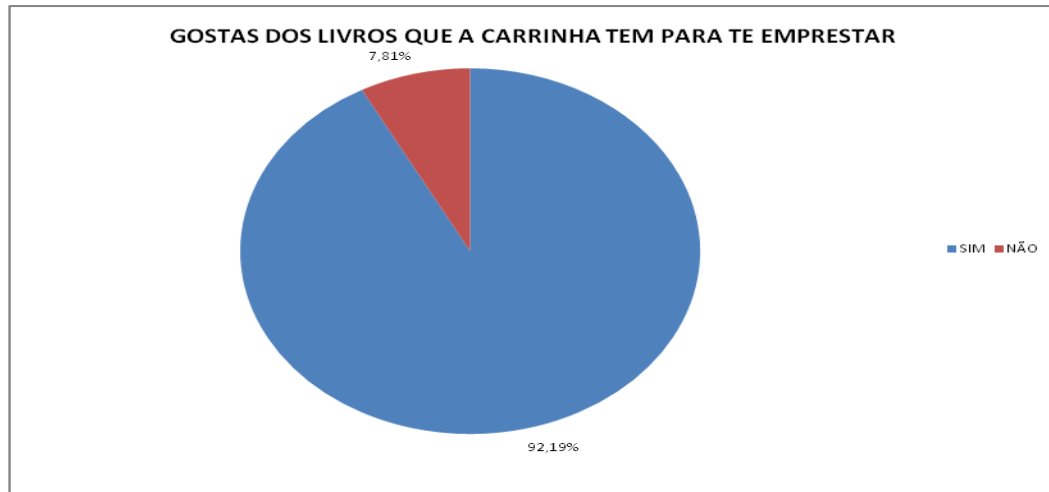


Gráfico nº 42

Perante esta questão, a esmagadora maioria dos inquiridos respondeu que gosta dos livros que a carrinha tem para emprestar (92,19 %).

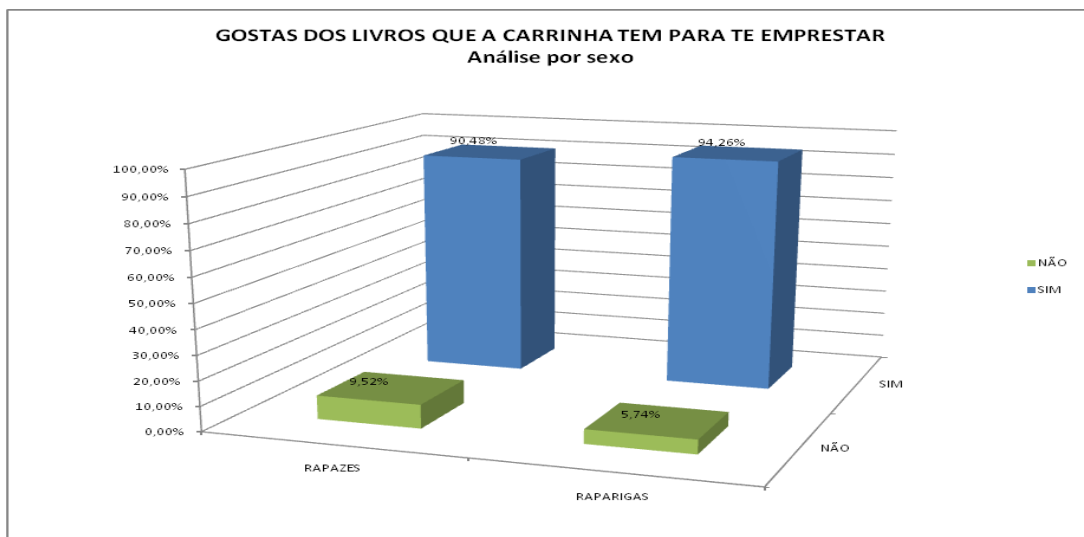


Gráfico nº 43

Os resultados são superiores nas raparigas (94,26 %) comparando com os rapazes (90,48 %). As raparigas demonstram uma maior aceitação dos livros disponíveis na Biblioteca itinerante.

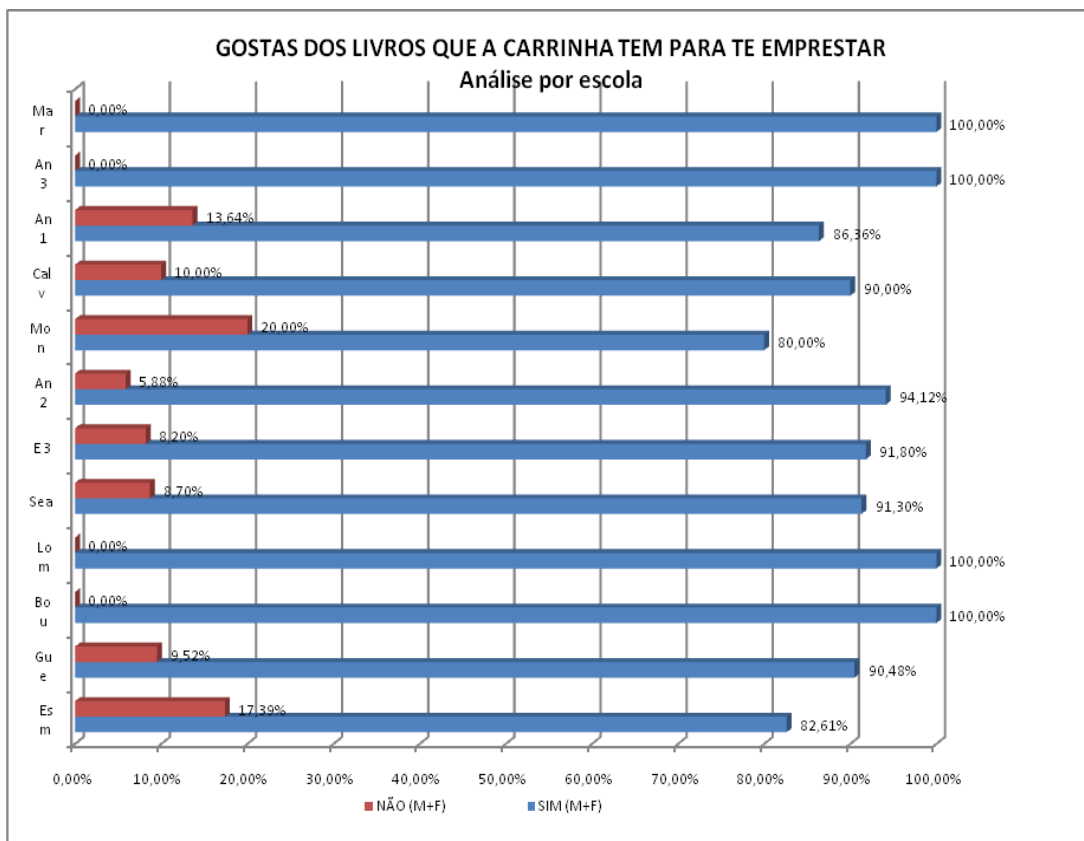


Gráfico nº 44

Se analisarmos os dados obtidos, numa óptica individual por escola, verifica-se que as respostas negativas são mais preponderantes nas escolas do Monte (20 %) e Esmojães (17,39 %)

Nas escolas da Bouça, Lomba, Anta 3 e Marinha, todas as crianças se manifestam satisfeitas com os livros que constituem o fundo documental disponibilizado pela biblioteca itinerante.

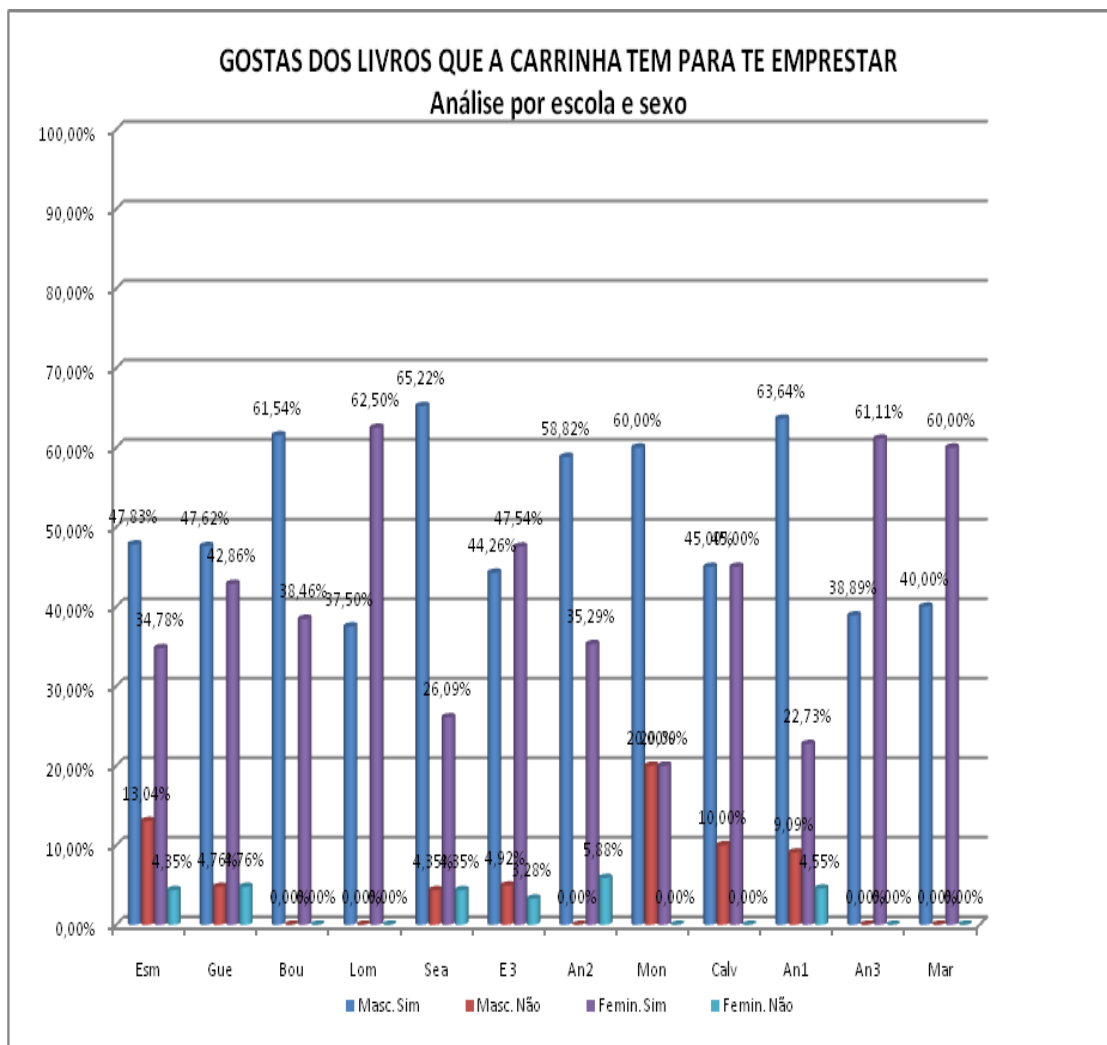


Gráfico nº 45

Nestas duas escolas, onde as respostas são negativas, os resultados são superiores nos rapazes (a totalidade das respostas negativas na escola do Monte 20,00 % e 13,04 % no caso de Esmojães), o que vai de encontro a uma

maior aceitação do acervo documental por parte dos inquiridos do sexo feminino.

Os rapazes gostam dos livros que a carrinha tem para emprestar, em maior número nas escolas de Seara e Anta 1, enquanto que as raparigas das escolas de Lomba e Anta 3 são das que mais evidenciam este gosto.

**Pergunta 10 – ACHAS QUE OS LIVROS QUE REQUISITAS NA CARRINHA TE AJUDAM A APRENDER MAIS?**

Esta pergunta pretende associar o serviço da Biblioitinerante ao conhecimento e à aprendizagem, objectivo primordial da sua existência, e o impacto que tal provoca nas crianças, tendo igualmente subjacente a motivação para a aprendizagem e leitura.

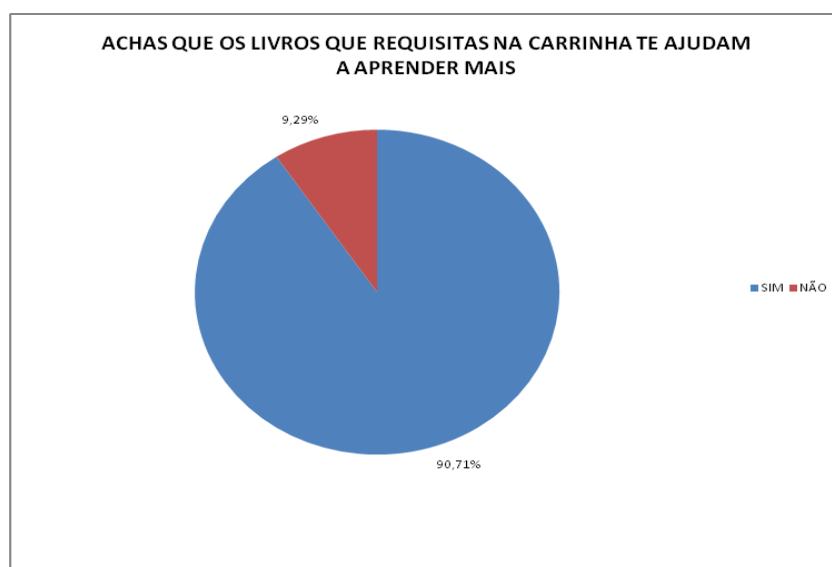


Gráfico nº 46

Aqui, também a quase totalidade dos inquiridos respondeu que os livros que requisita na carrinha ajudam a aprender mais 90,71%. Seria interessante, numa análise a efectuar em outro trabalho, verificar se as crianças responderam de uma forma consciente.

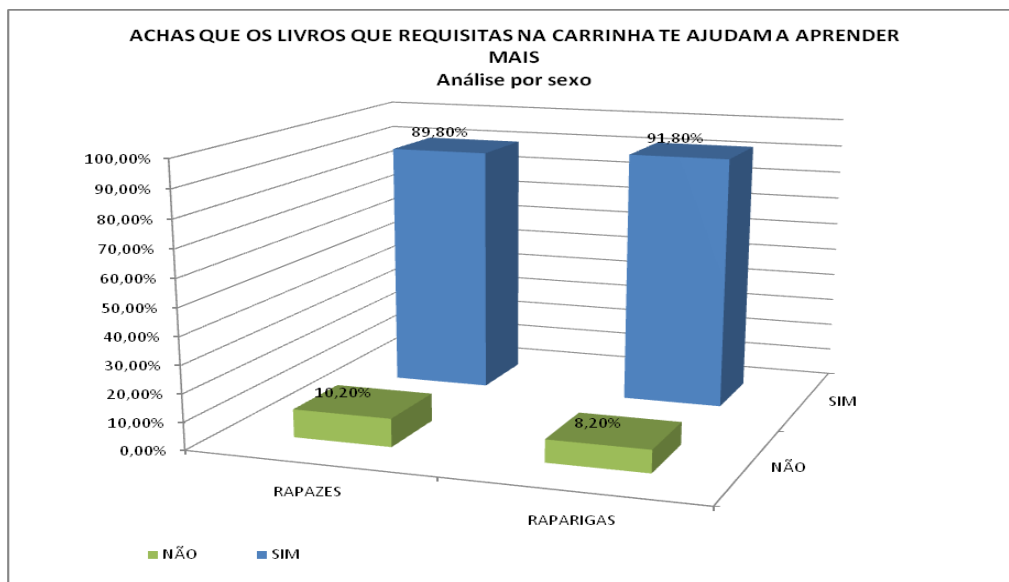


Gráfico nº 47

Os resultados são superiores nas raparigas 91,80 % do que nos rapazes 89,80 %. Verifica-se assim que as raparigas identificam-se mais com o acervo documental existente, como uma fonte de aprendizagem importante neste serviço.

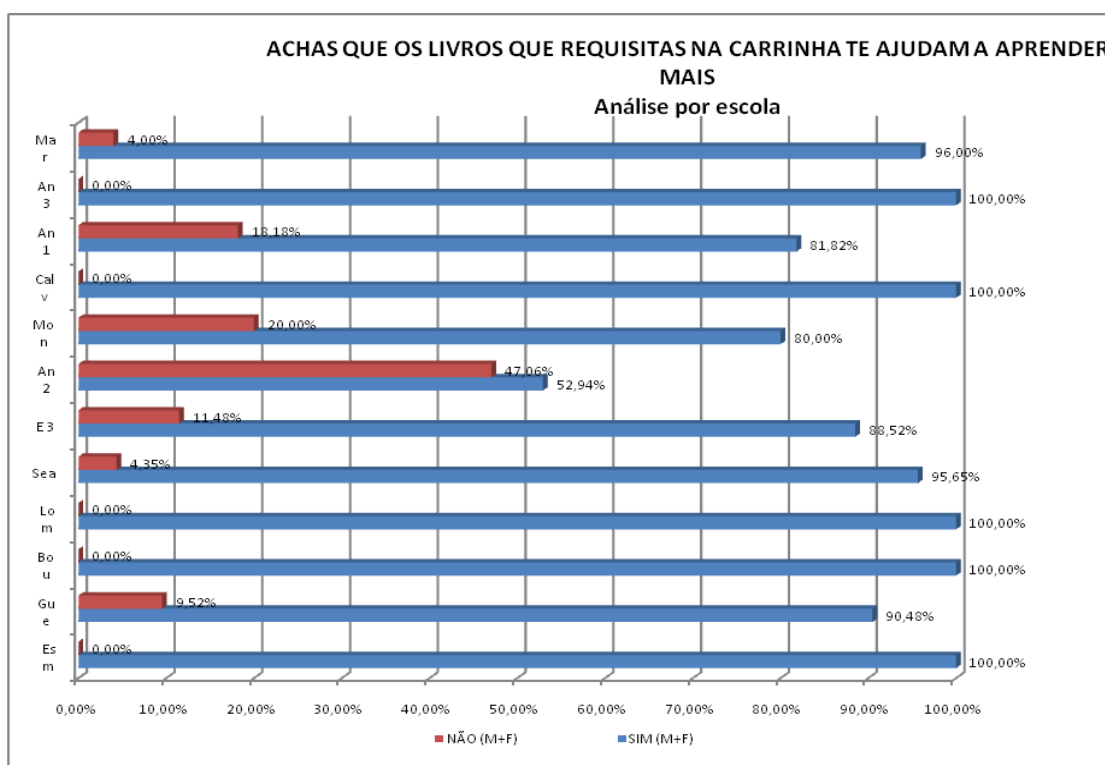


Gráfico nº 48

Se analisarmos os dados obtidos, numa óptica individual por escola, verifica-se que as respostas negativas são mais preponderantes nas escolas da Anta 2 (47,06 %) e Monte (20,00 %)

As escolas de Lomba, Bouça e Anta 3, que consideraram pela totalidade dos seus alunos que os livros disponibilizados eram do seu gosto, também afirmam que estes os ajudam a aprender mais, juntando-se a eles, também na sua totalidade, os alunos das escolas de Esmojães e Calvário, e com percentagens ligeiramente inferiores a Marinha (96,00 %) e Quinta da Seara (95,65 %).

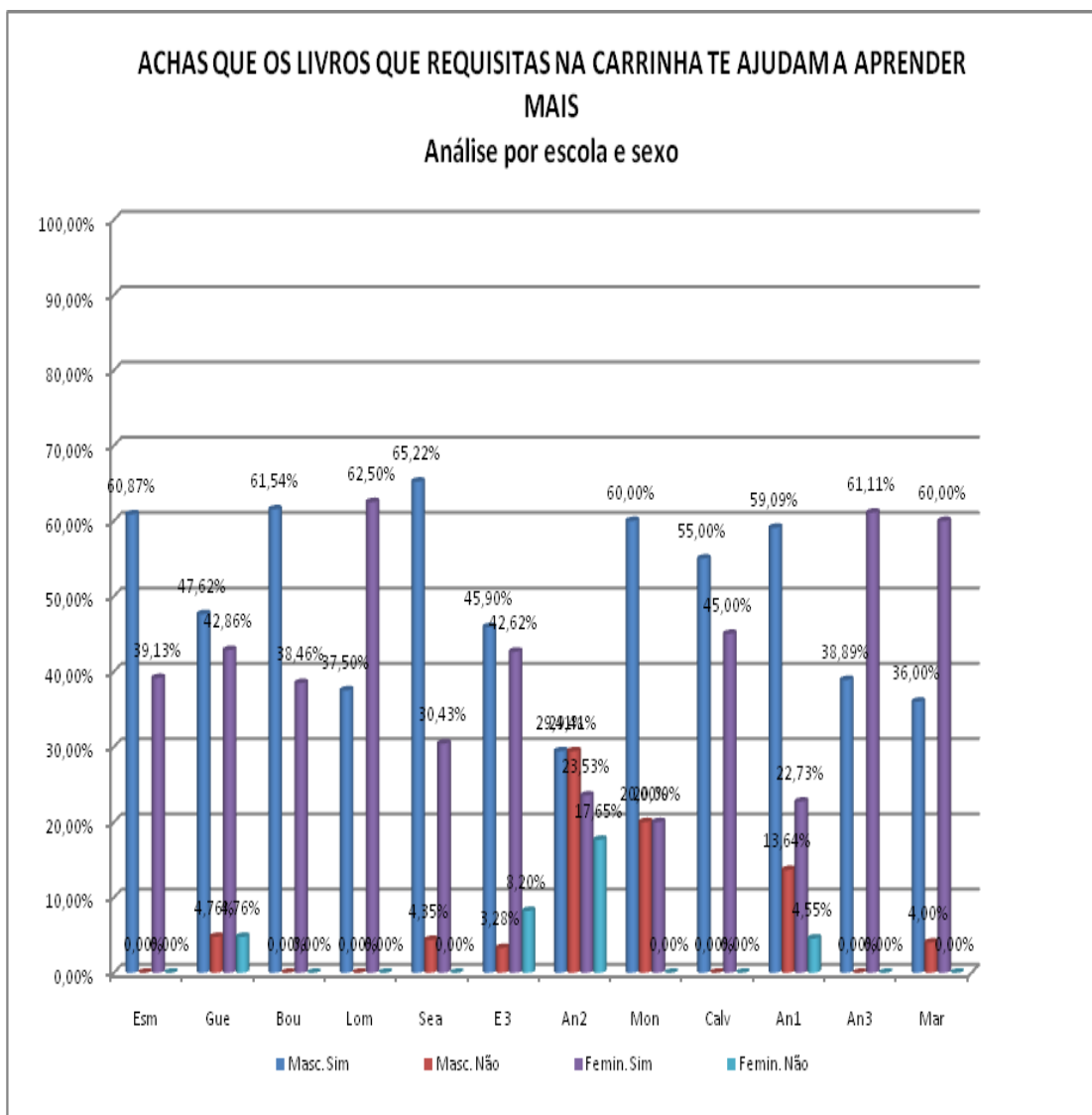


Gráfico nº 49

Nestas duas escolas, onde as respostas são negativas, curiosamente o peso relativo é superior nos rapazes (29,41 % e 20,00 %, respectivamente), o que indicia uma maior utilização dos serviços da biblioteca por parte das raparigas.

Nas escolas onde estes serviços são mais utilizados pelos rapazes, destaque para Seara e Bouça (65,22 % e 61,24 %, respectivamente), enquanto no que concerne às raparigas, a maior preponderância existe nas escolas de Lomba e Anta 3.

### **Pergunta 11 – ENCONTRAS RAPIDAMENTE OS LIVROS QUE GOSTAS?**

Os gostos das crianças são sempre um elemento fundamental para se contribuir para a sua satisfação. E como tal, se os livros dos quais elas gostam fizerem parte dos documentos disponíveis, os níveis de motivação para a leitura e para a aquisição de conhecimentos poderão sair reforçados. O fácil acesso aos documentos e o constante acompanhamento das necessidades destes utilizadores, são um factor que procuramos avaliar com os dados desta questão.

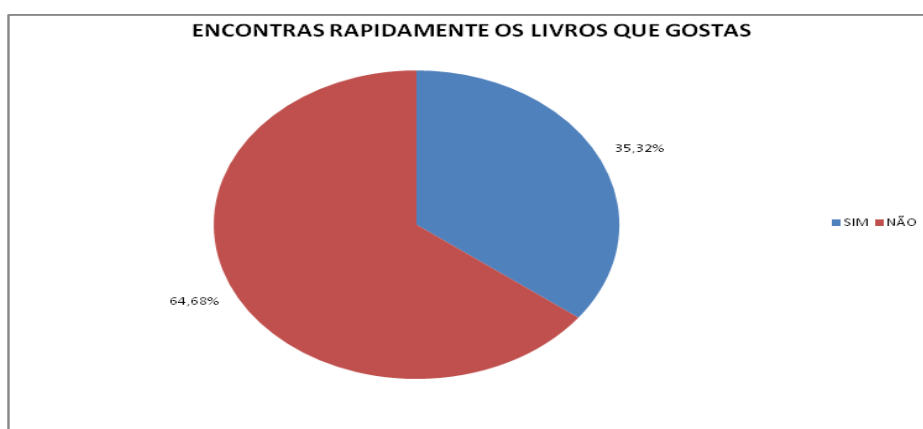


Gráfico nº 50

Esta pergunta apresenta uma forte percentagem de respostas negativas, com 64,68%, ou seja, os alunos não encontram rapidamente os livros que pretendem.

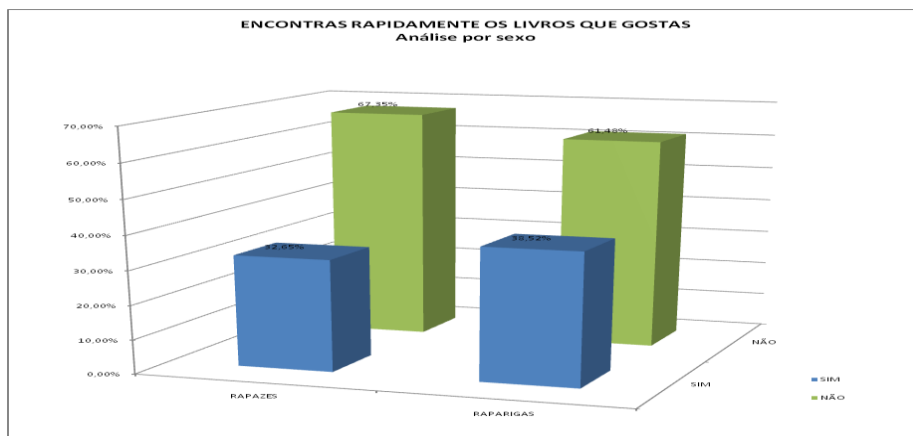


Gráfico nº 51

Os resultados são idênticos, com maior preponderância nos rapazes (67,35 %) face aos das raparigas (61,48 %).

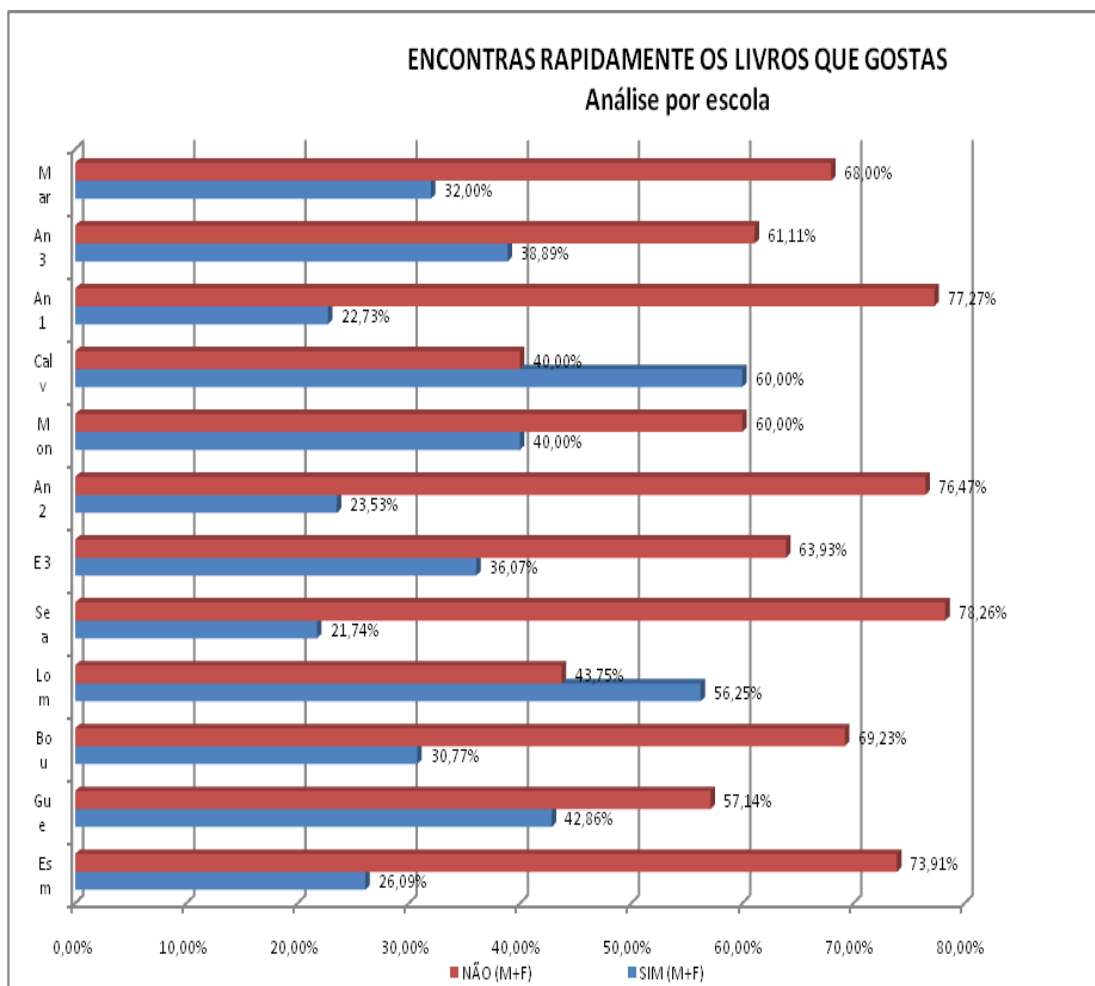


Gráfico nº 52

Analisando as escolas individualmente, estes resultados assumem um maior relevo na Quinta da Seara (78,26 %), Anta 1 (77,27 %), Anta 2 (76,47 %) e Esmojães (73,91 %), em contraste com as escolas de Lomba (43,75 %) e Calvário (40,00 %).

Dos alunos que afirmaram encontrar rapidamente os livros que procuram, a escola do Calvário apresentou um resultado de 60 % do seu universo, a Lomba com 56,25 % e Guetim com 42,86 %.

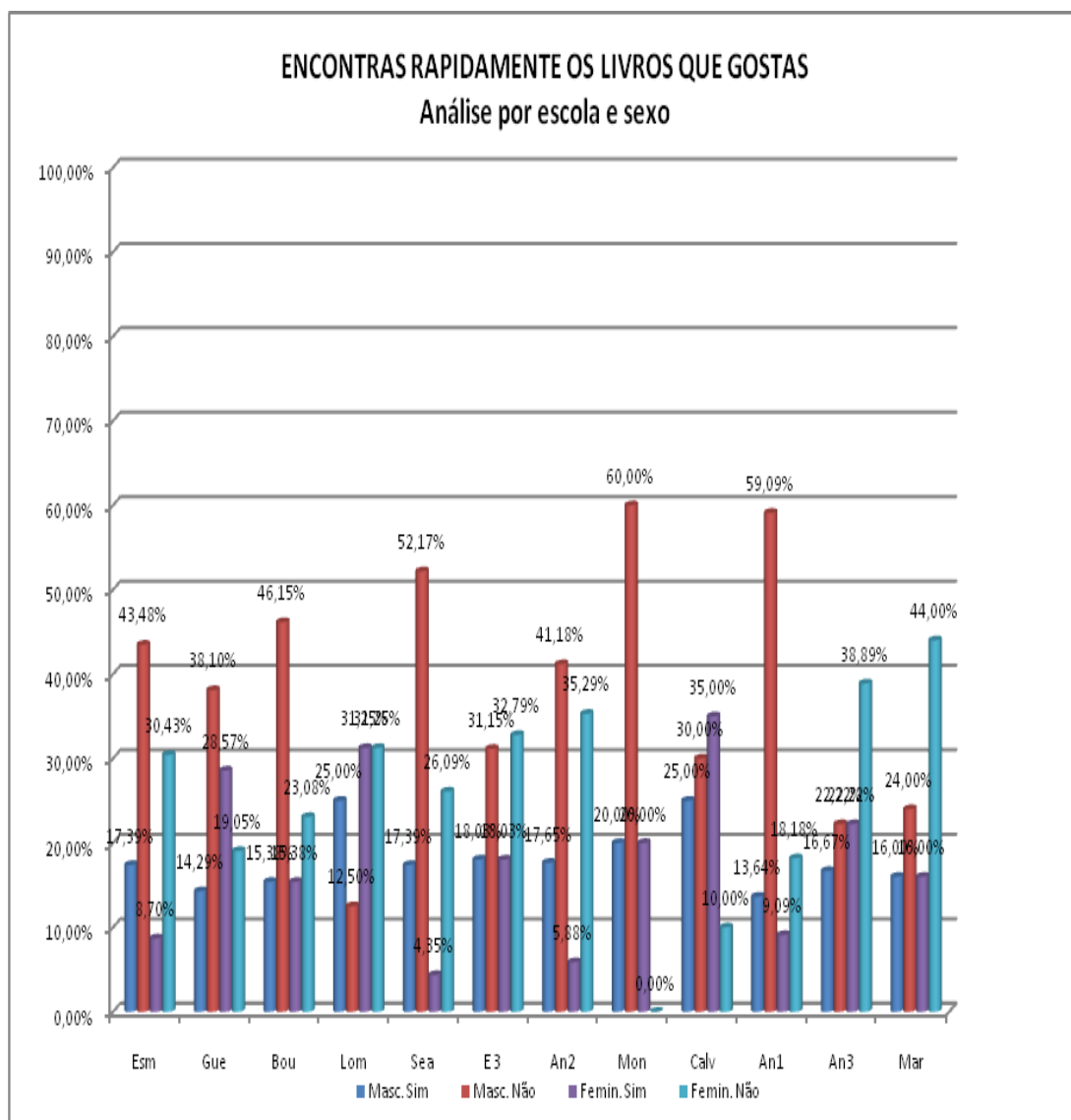


Gráfico nº 53

As respostas negativas verificadas, são mais significativas nos rapazes no caso daquelas três escolas, onde as crianças consideram que não encontram com facilidade os livros que pretendem consultar (52,17 %, 59,09 % e 41,18 %, respectivamente).

**Pergunta 12 – AS FUNCIONÁRIAS QUE TE ATENDEM NA CARRINHA, SÃO SIMPÁTICAS?**

Os recursos humanos disponíveis, a sua simpatia, nível de responsabilidade, conhecimento e capacidade de empatia junto das crianças, são igualmente um factor potencial de motivação para o recurso a este serviço, para a leitura e para a aquisição de conhecimentos.

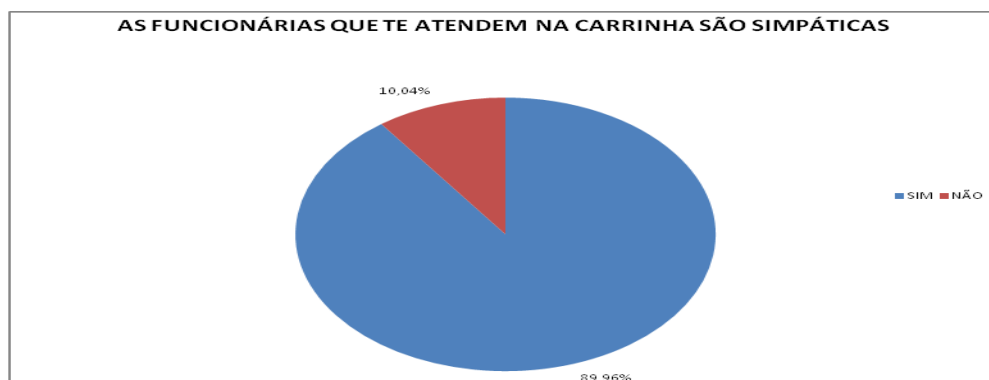


Gráfico nº 54

Verifica-se que grande parte dos inquiridos respondeu que as funcionárias que os atendem na carrinha são simpáticas 89,96 %.

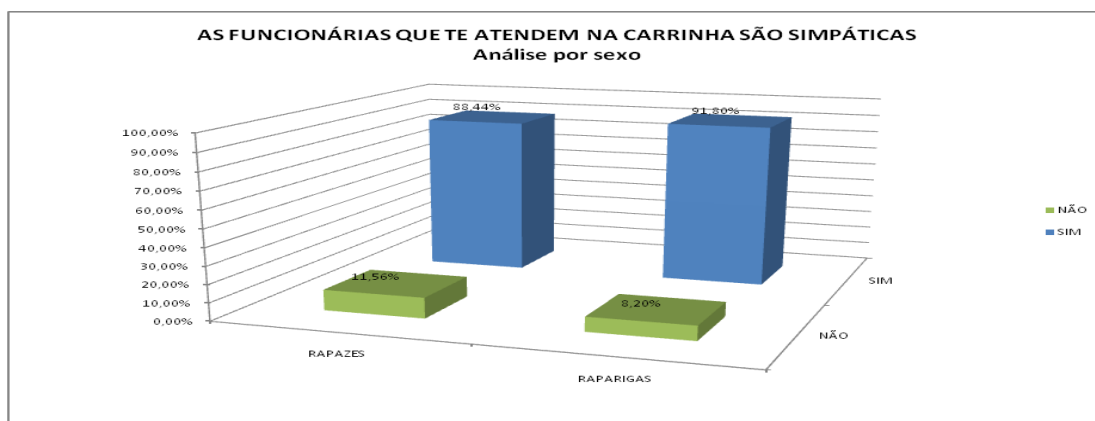


Gráfico nº 55

Os resultados são superiores nas raparigas 91,80 %, do que nos rapazes 88,44 %. Apesar de na amostra o peso de rapazes ser superior, verifica-se que as raparigas sentem uma maior empatia com as funcionárias da biblioteca itinerante.

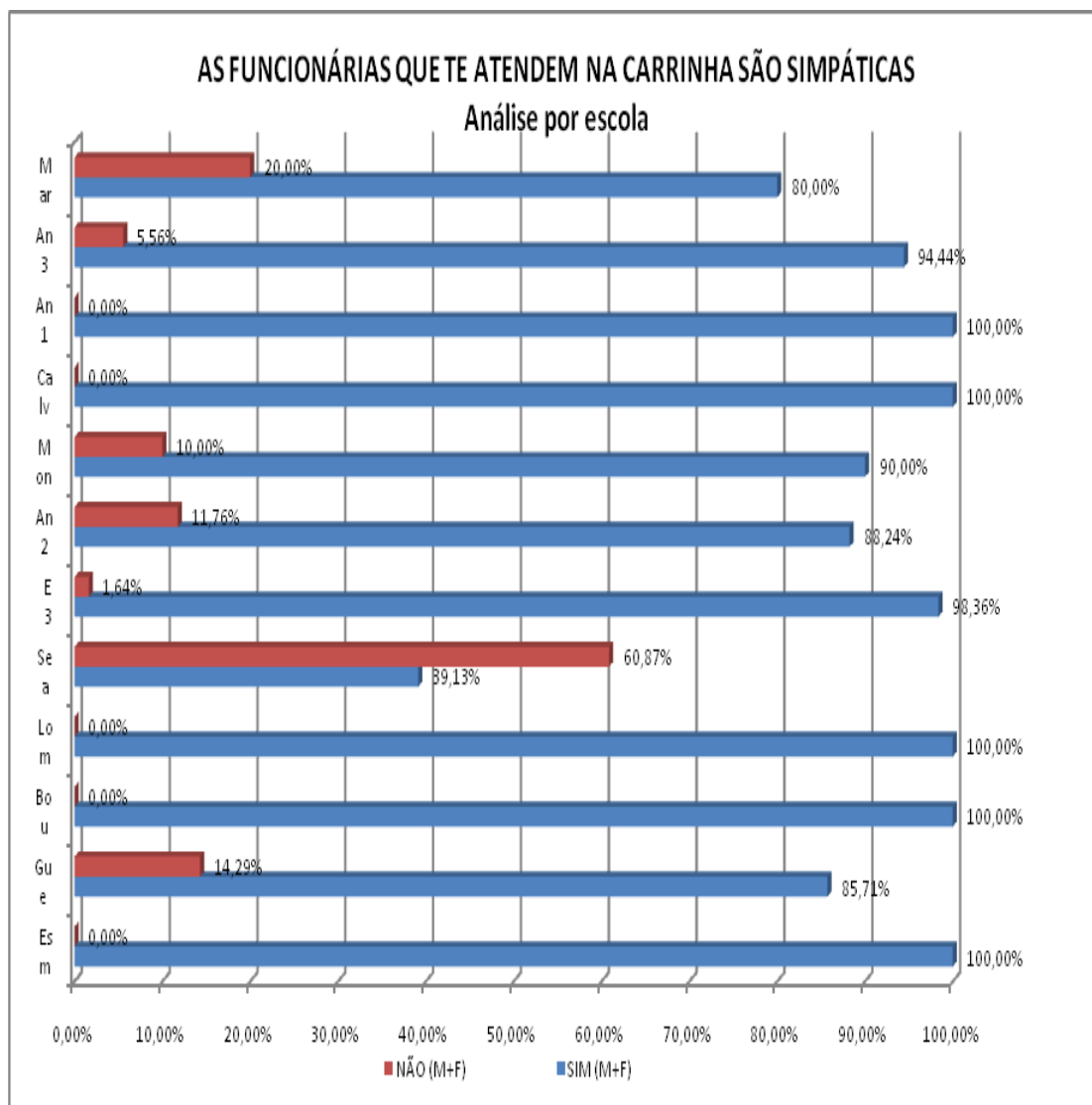


Gráfico nº 56

Se analisarmos os dados obtidos, numa óptica individual por escola, verifica-se que as respostas negativas são mais preponderantes nas escolas da Quinta da Seara (60,87 %) e Marinha (20,00 %).

Em Esmojães, Bouça, Lomba, Calvário e Anta 1, todos os alunos destacaram positivamente a simpatia das funcionárias da Biblioitinerante. Em Espinho 3, os valores aproximaram-se substancialmente da totalidade, com 98,36 %.

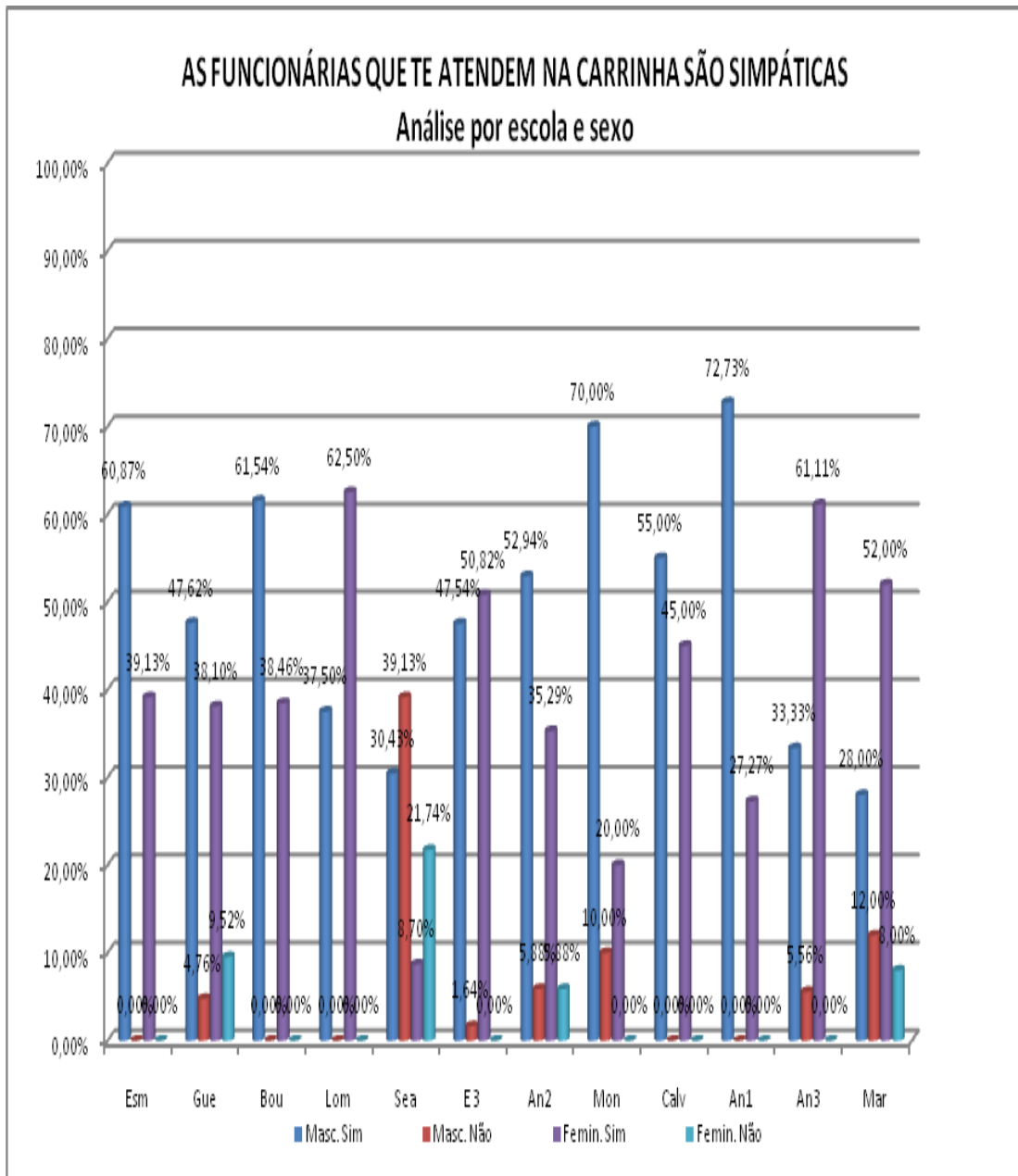


Gráfico nº 57

Nestas duas escolas, onde as respostas são negativas, curiosamente o peso relativo é superior nos rapazes (39,13 % e 12,00 % respectivamente, face a 21,74 % e 8,00 % nas raparigas).

A simpatia é destacada por um maior número de rapazes nas escolas de Monte e Anta 1, enquanto que nas escolas de Lomba e Anta 3 é onde as raparigas mais relevam a simpatia das funcionárias da carrinha itinerante.

**Pergunta 13 – AS FUNCIONÁRIAS QUE TE ATENDEM, AJUDAM-TE NA ESCOLHA DOS LIVROS?**

Como sequência da questão anterior, o papel das funcionárias deste serviço revela-se fundamental, se assumirem um papel colaborante e disponível para a apresentação dos documentos aos alunos, procurando saber exactamente o que pretendem, ir de encontro às suas pretensões e mesmo sugerindo novas temáticas, no sentido de criar uma maior apetência e motivação pelos vários documentos e temas existentes no acervo documental disponível.



Gráfico nº 58

Verifica-se que pouco mais de metade dos inquiridos respondeu que as funcionárias que os atendem, ajudam-nos na escolha dos livros (56,51 %).

A razão deste resultado parece-nos prender-se com o escasso tempo que as crianças têm disponível para visitar a carrinha. A frequência deste serviço normalmente ocorre durante o intervalo e a adesão é bastante grande, sendo difícil gerir o tempo que têm para poder prestar um bom serviço de referência.

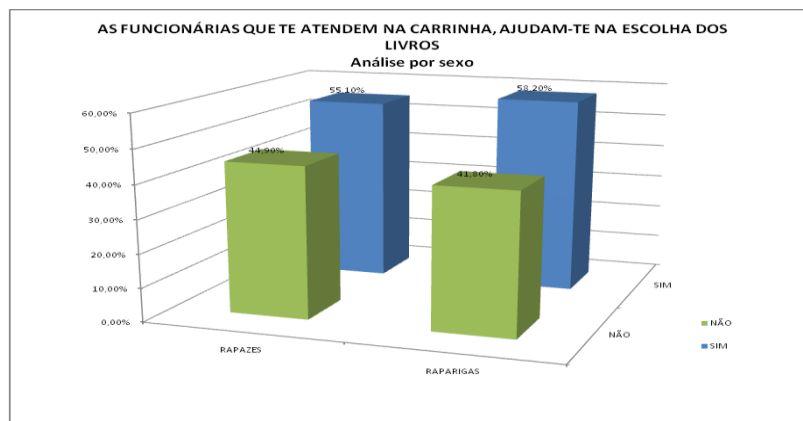


Gráfico nº 59

Os resultados são maiores nas raparigas (58,20 %) do que nos rapazes (55,10 %). Há assim um valor elevado de crianças que consideram que as funcionárias não contribuem da forma que elas pretenderiam, para as ajudar a escolher os livros mais indicados ou mesmo pretendidos.

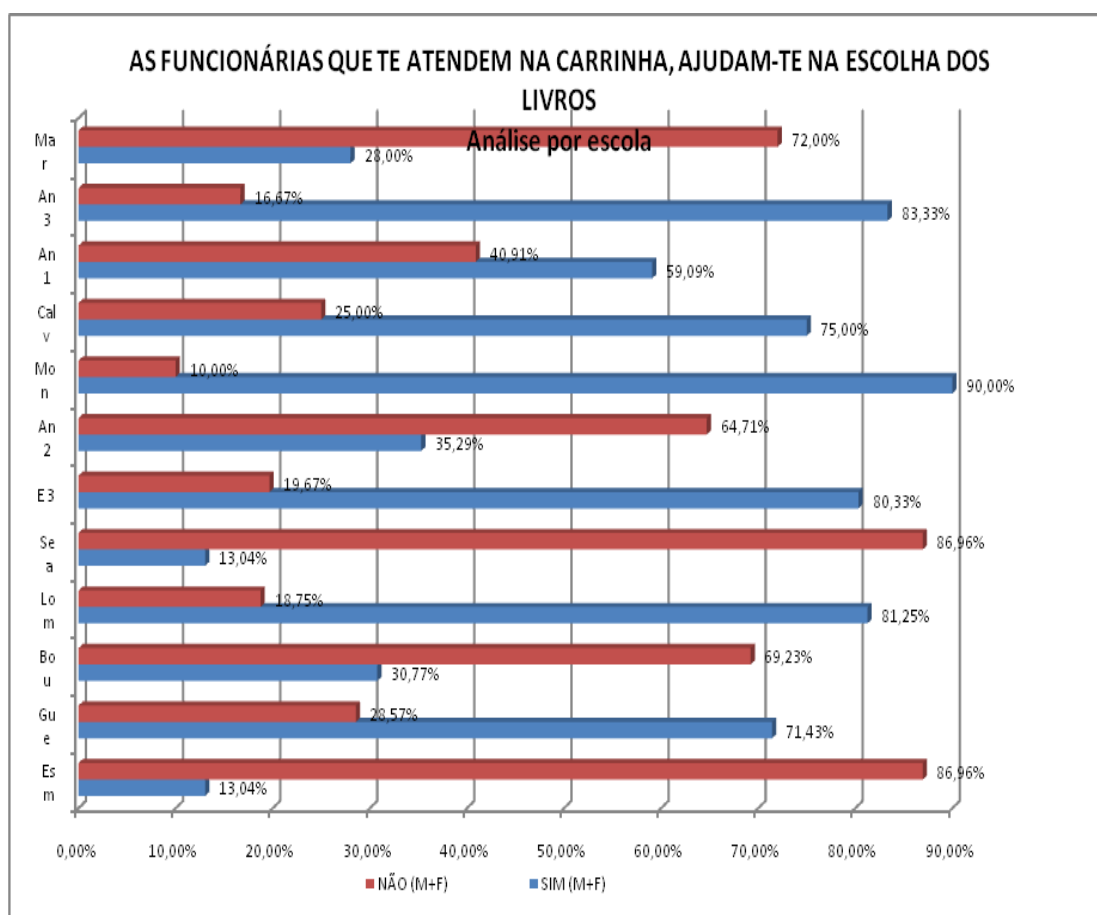


Gráfico nº 60

Se analisarmos os dados obtidos, numa óptica individual por escola, verifica-se que as respostas negativas são mais preponderantes nas escolas de Esmojães e Quinta da Seara (ambas com 86,96 %), Marinha (72,00 %), Bouça (69,23 %) e Anta 2 (64,71 %).

As escolas onde os alunos viram de forma mais positiva o apoio das funcionárias da Biblioteca itinerante são a do Monte com 90,00 %, Anta 3 com 83,33 % Lomba com 81,25 % e Espinho 3 com 80,33 %, não sendo significativa a diferença.

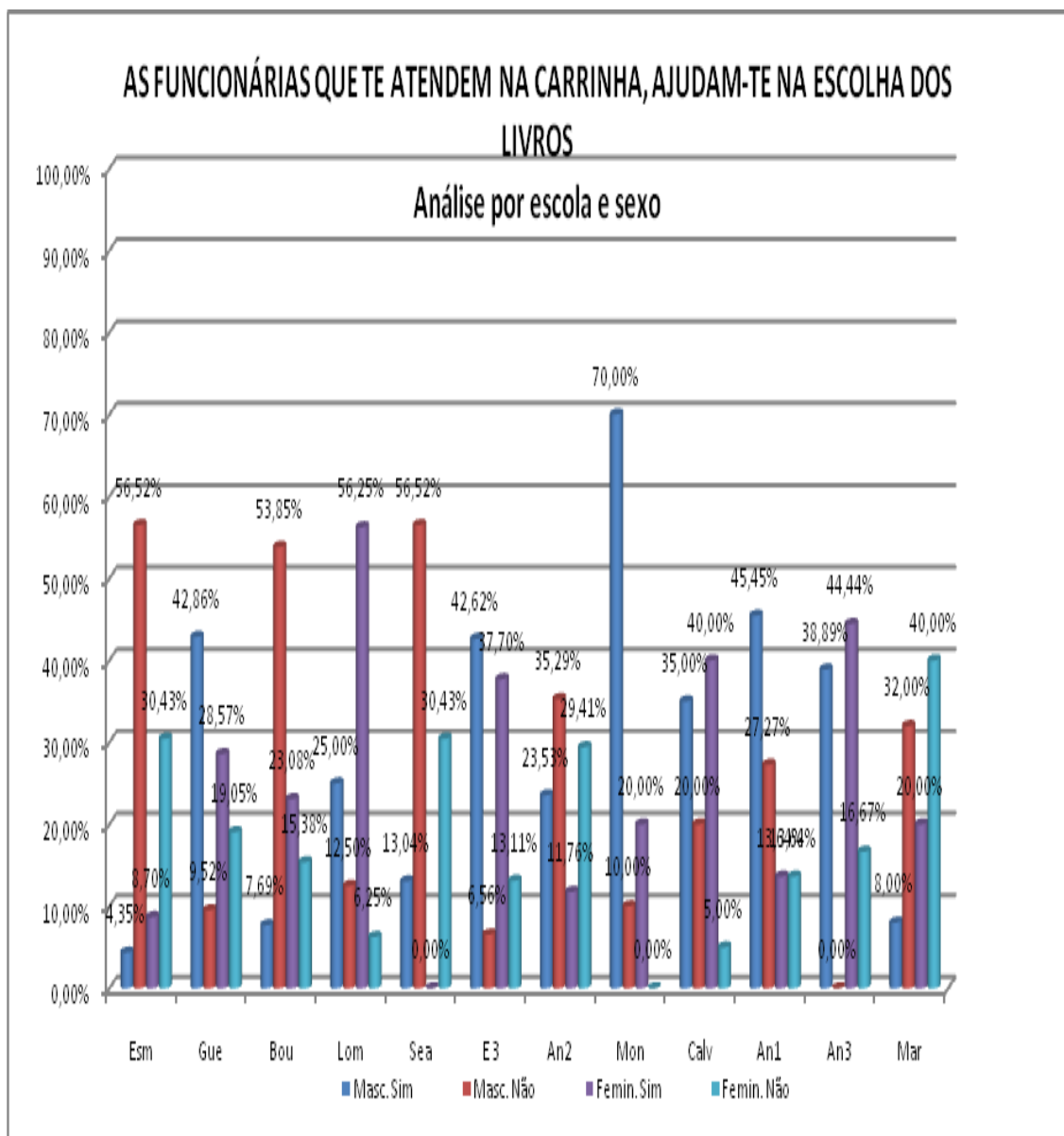


Gráfico nº 61

Nas quatro escolas, onde as respostas negativas apresentam um peso relativo superior, os rapazes destacam-se em todas elas, com excepção da Marinha, onde 40 % das raparigas entendem que as funcionárias não ajudam na escolha dos livros.

Nos casos onde a ajuda é tida como um aspecto mais positivo, as escolas de Monte e Espinho 3 têm o maior número de rapazes, enquanto que a escola da Marinha é aquela onde existe o maior número de raparigas com resposta positiva.

**Pergunta 14 – ACHAS IMPORTANTE A CARRINHA VIR À TUA ESCOLA?  
SE SIM, PORQUÊ?**

O serviço de Biblioitinerante deverá ser sempre visto pelas crianças como uma necessidade adicional e complementar à satisfação das suas necessidades. Deve ser visto como algo importante, assumindo assim uma função motivadora relevante para a aprendizagem.

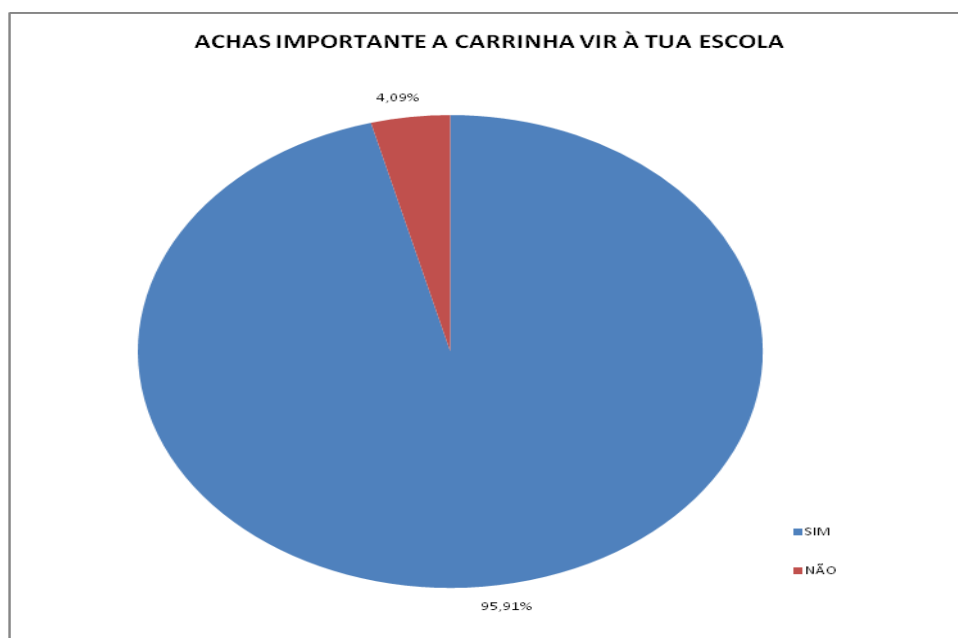


Gráfico nº 62

Nas respostas obtidas, a quase totalidade dos inquiridos respondeu afirmativamente (95,91 %).

Ao analisarmos os motivos para o facto de ser importante a biblioteca itinerante se deslocar à escola, foram considerados 4 argumentos positivos – “Tem livros que servem para aprender”, “Substitui a deslocação á biblioteca”, É uma forma de animação” e “Porque é bom ler”.

Estes argumentos foram agrupados nestes 4 temas, pela análise ao tipo de respostas dadas pelos alunos. Assim, justificamos a escolha destes argumentos da seguinte forma:

“**LIVROS PARA APRENDER**” foi escolhido por respostas como “Porque os livros servem para aprender”, “Porque os livros ensinam coisas”, “Porque podemos ir lá buscar livros para aprender” e “Porque é muito importante ler em qualquer idade para se aprender”; “**DESLOCAÇÃO À BIBLIOTECA**” considerou respostas como “Porque quem não pode ir à Biblioteca, vai à carinha”, “Porque como não posso ir à biblioteca, ela vem até mim e assim posso requisitar os livros que quero ler mas não posso comprar”, Porque nem todos podem ir à BME” e “Porque é importante a carrinha trazer livros à escola.”; “**ANIMAÇÃO**” teve como argumentos “Porque é tudo imaginação, pois eu acho que os livros não ajudam muito” e “Porque lemos mais e divertimo-nos muito”; “**É BOM LER**” avaliou respostas como “Porque é bom ler”, “Porque gosto de ler histórias bonitas” e “Porque as crianças começam a gostar mais de ler”



Gráfico nº 63

Destes motivos atrás mencionados, a existência de **livros para aprender** é o principal argumento utilizado pelos alunos para a importância da visita de biblioteca itinerante à sua escola (74,03 %); o outro motivo mais relevante é o facto de ser **bom ler** (20,16 %), o que indicia que o livro e a leitura são instrumentos desejados pelos alunos avaliados.

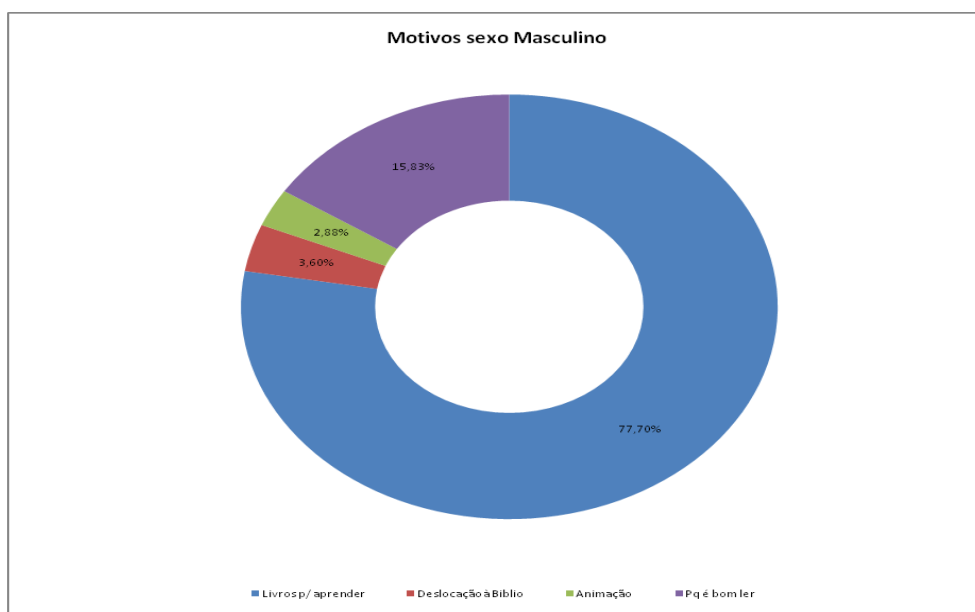


Gráfico n.º 64

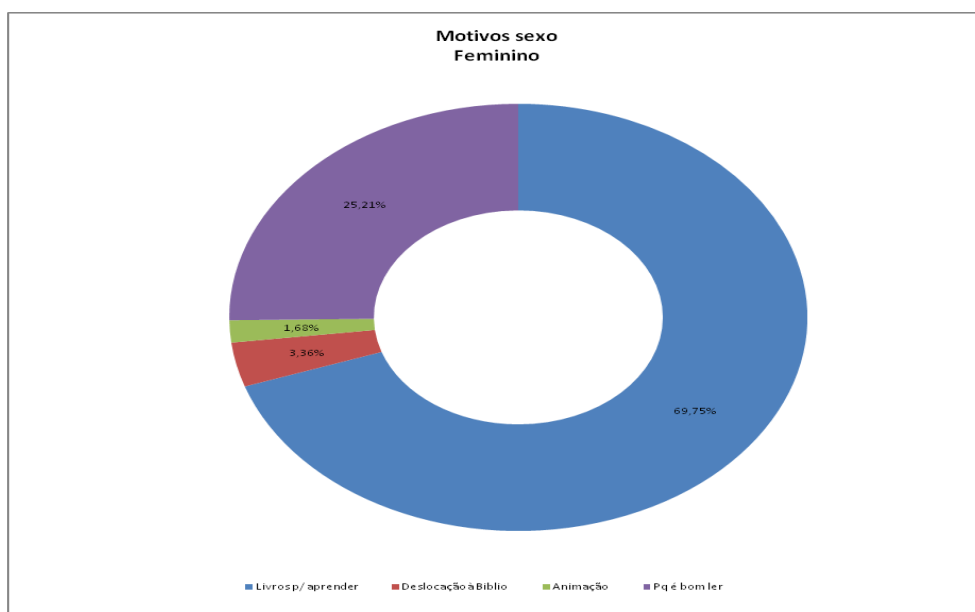


Gráfico n.º 65

Analisando os motivos por sexo, verifica-se que este não tem influência no nível de respostas. Dos dois motivos atrás indicados (“livros para aprender” e “bom ler”), o maior destaque vai para o primeiro, com um valor substancialmente superior, quer ao nível dos rapazes (78 %) quer das raparigas (cerca de 70 %). Assim, será este o motivo de maior relevo invocado pelos alunos, na análise da importância da visita da carrinha da Biblioitinerante à sua escola.

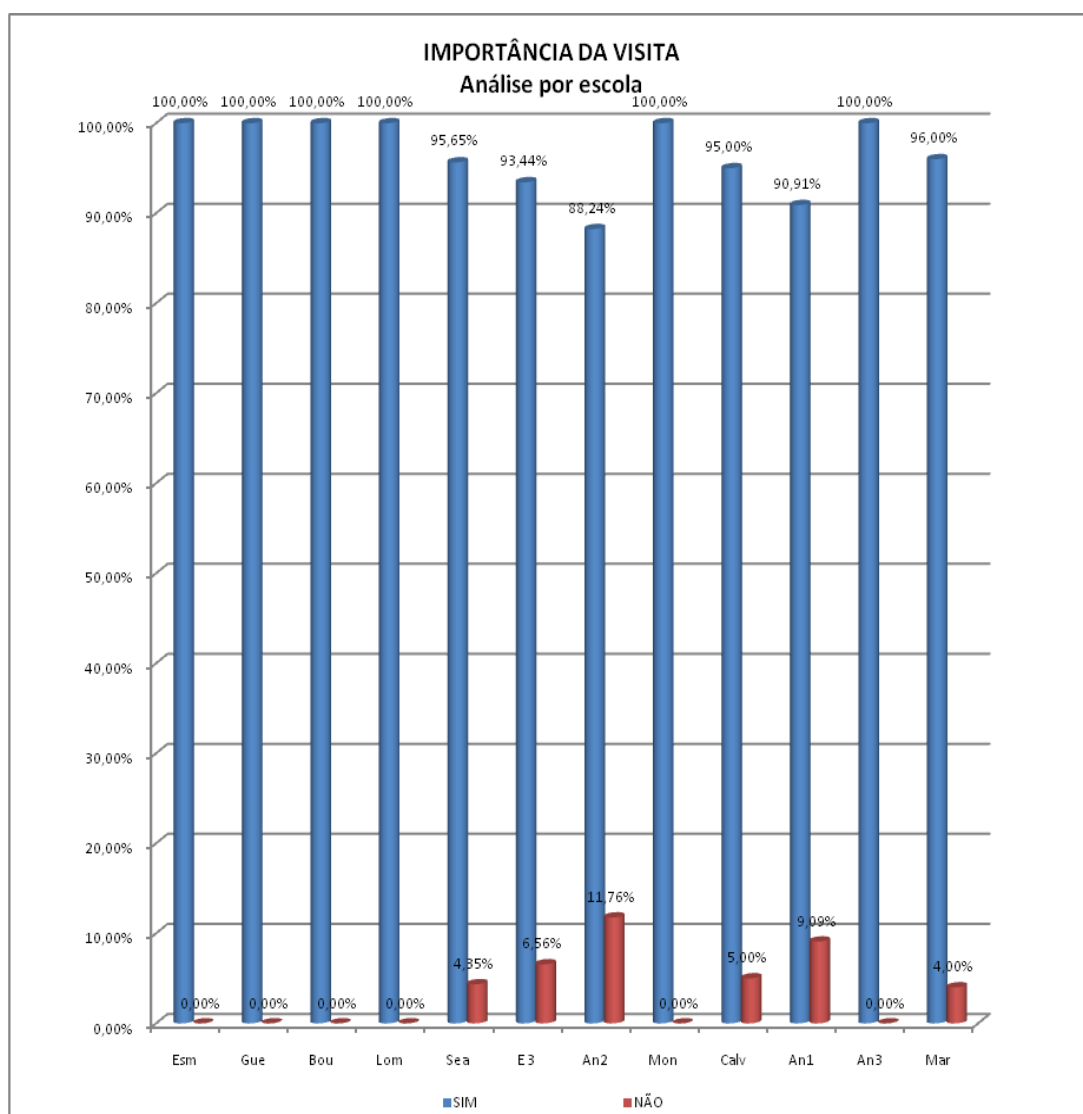


Gráfico nº 66

Se analisarmos os dados obtidos, numa óptica individual por escola, verifica-se que as respostas negativas são mais relevantes, ainda que de forma residual

nas escolas de Anta 1 e Anta 2, com respectivamente 11,76 % e 9,09 % dos seus alunos a afirmarem que não consideram importante a visita da Biblioitinerante ao seu estabelecimento de ensino.

Nestas duas escolas, onde as respostas são negativas, o peso relativo é superior nos rapazes no caso de Anta 1 (totalidade das respostas negativas), sendo que em Anta 2 o peso relativo é igualmente distribuído pelos rapazes e raparigas (4,55 % em cada um dos casos).

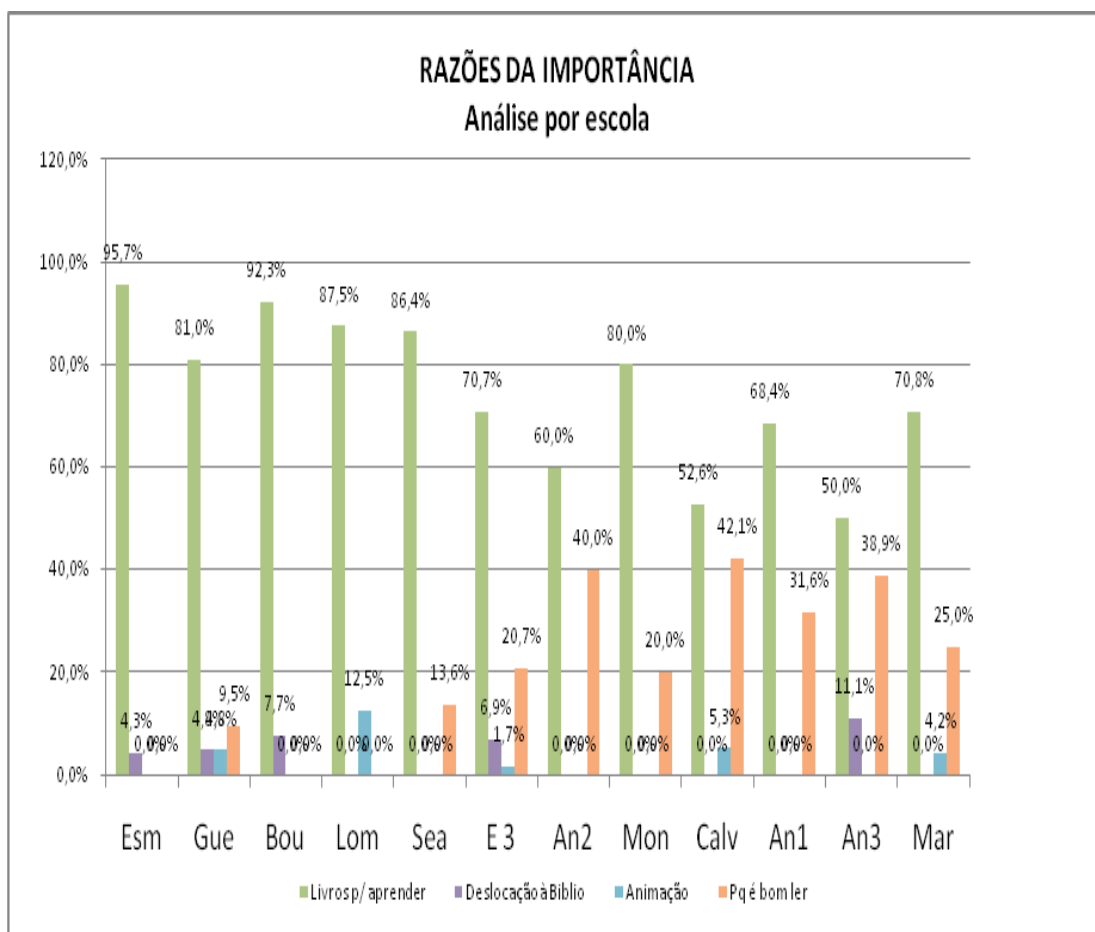


Gráfico nº 67

No que respeita aos motivos evocados para avaliação da importância da visita da Biblioitinerante, numa óptica por escola, o facto de esse mesmo serviço “ter livros que servem para aprender” é o mais mencionado pelos alunos em todos os casos, sendo de destacar Esmojães (95,70 %), Bouça (92,30 %), Lomba (87,50 %) e Quinta da Seara (86,40 %). Apesar de em todas as escolas ser

este o motivo mais escolhido pelos alunos, destaque para a escolha por “Porque é bom ler”, por 42,1 % dos alunos do Calvário, 40,00 % dos alunos de Anta 2, 38,89 % dos alunos de Anta 3 e 31,60 % no caso dos alunos de Anta 1.

**Pergunta 15 – CONSIDERAS QUE A VISITA DA CARRINHA É IMPORTANTE PARA QUE OS MENINOS E MENINAS COMECEM A GOSTAR DE LER? SE SIM, PORQUÊ?**

Esta questão, complementar à anterior, procura incidir mais sobre os aspectos da leitura em si, e pela utilização e recurso aos livros na dinamização de práticas de leitura por parte desta faixa etária (normalmente já possuidora de um nível aceitável de vocabulário e entendimento dos textos analisados).

Curiosamente, as respostas a esta questão apresentem, na sua globalidade, os mesmos resultados da anterior.



Gráfico nº 68

Verifica-se que 95,91 % dos inquiridos respondeu a visita da carrinha é importante para que os alunos comecem a ler, sendo que destes, 54,65 % são rapazes e 45,35 % são raparigas (peso relativo sobre o total da amostra).

Ao analisarmos os motivos para o facto de os alunos considerarem que a visita da carrinha é importante para que as crianças comecem a ler, foram detectadas 3 razões para esse facto – “Desenvolve a imaginação”, “Cria o gosto pela leitura” e “Gera conhecimento”.

A escolha destes motivos, em função das diversas respostas dadas pelos alunos, foi agrupada desta forma, conforme passo a justificar com alguns exemplos de comentários feitos pelas crianças:

**“DESENVOLVE A IMAGINAÇÃO”** é um dos motivos considerados, dando como exemplo respostas dos alunos, tais como “Porque alguns livros são divertidos”, “Porque os livros são importantes para a imaginação”, “Porque os livros são fixos”, “Porque ler livros é divertido e dá para imaginarmos” e “Porque os meninos ficam felizes e sonham”; **“CRIAR GOSTO POR LER”** justifica-se com respostas como “Porque são mais novos e mais malandros a ler, por isso é importante para começarem a gostar”, “Porque é importante ler”, “Porque aprendemos a ler”, “Porque aprendemos a ler e lemos para os pais” e “Porque é uma coisa que nos inspira a ler”; **“CONHECIMENTO”** foi agregado como um motivo, tendo por base respostas como “Para adquirirmos conhecimentos”, “Para aprender coisas novas”, “Porque ficamos a aprender mais coisas nos livros” e “Porque sei ler, mas se ler mais vou melhorando cada vez mais”

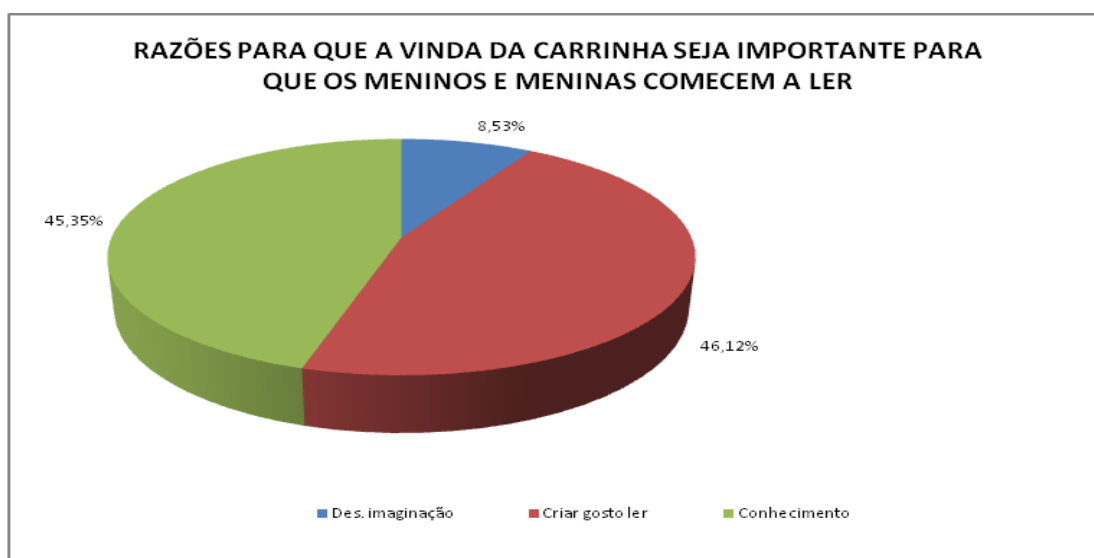


Gráfico nº 69

Destes motivos atrás mencionados, existe uma distribuição quase equitativa entre a criação do gosto pela leitura e a aquisição/geração de conhecimento, com 46,12 % e 45,35 % das escolhas dos alunos (respectivamente). O facto de ambos poderem estar intimamente ligados, leva-nos a complementar as respostas dadas na questão anterior.



Gráfico nº 70



Gráfico nº 71

Analisando os motivos por sexo, verifica-se uma alternância no peso das escolhas efectuadas, uma vez que são mais os rapazes que optam pela aquisição/geração do conhecimento (46,10 % contra 43,26 % da escolha do motivo “criação gosto pela leitura), enquanto nas raparigas o motivo mais invocado é a criação do gosto pela leitura (quase 50 % das raparigas). Contudo, em ambos os casos são estes os motivos evocados pela quase totalidade das crianças.

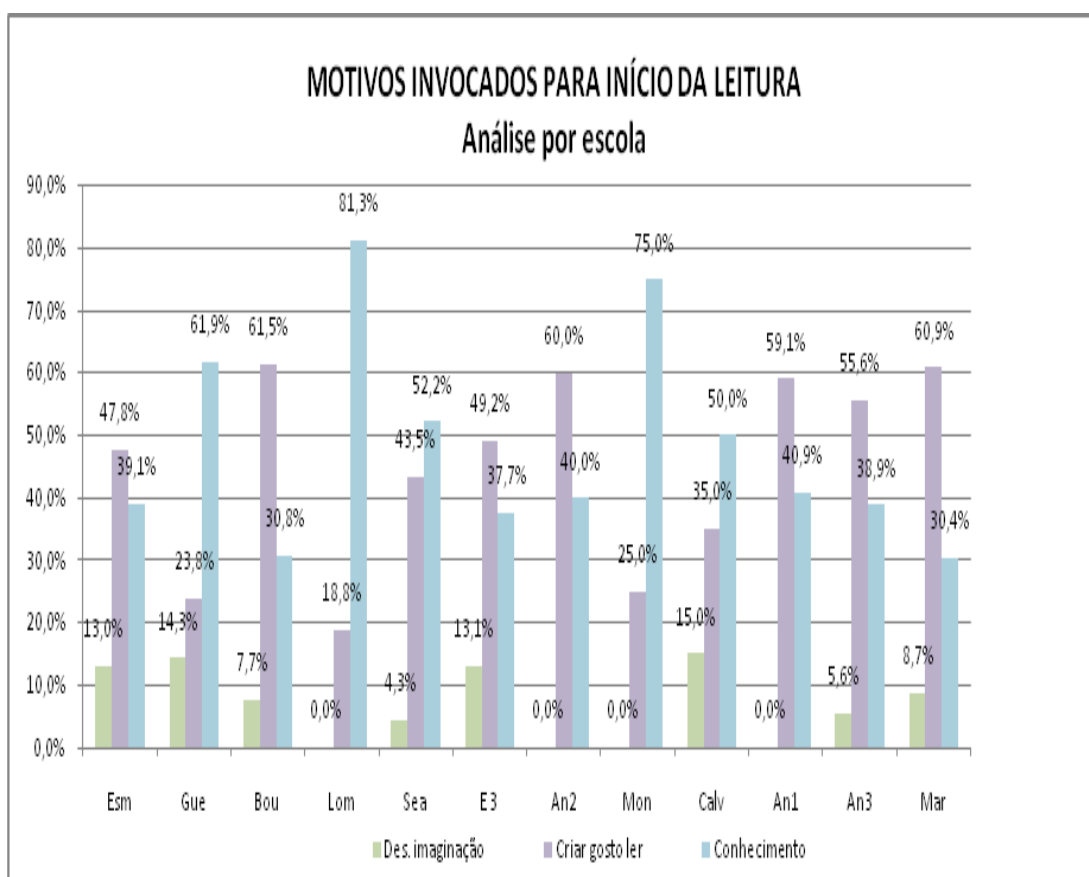


Gráfico nº 72

No que respeita aos motivos evocados para avaliação da importância da visita da Bibliotinerante para que as crianças comecem a ler, numa óptica por escola, verifica-se que nas escolas de Guetim, Lomba, Quinta da Seara, Monte e Calvário o argumento mais apresentado pelas crianças é o da aquisição/geração de conhecimento, enquanto nas outras escolas a escolha recai pela “criação do gosto pela leitura”.

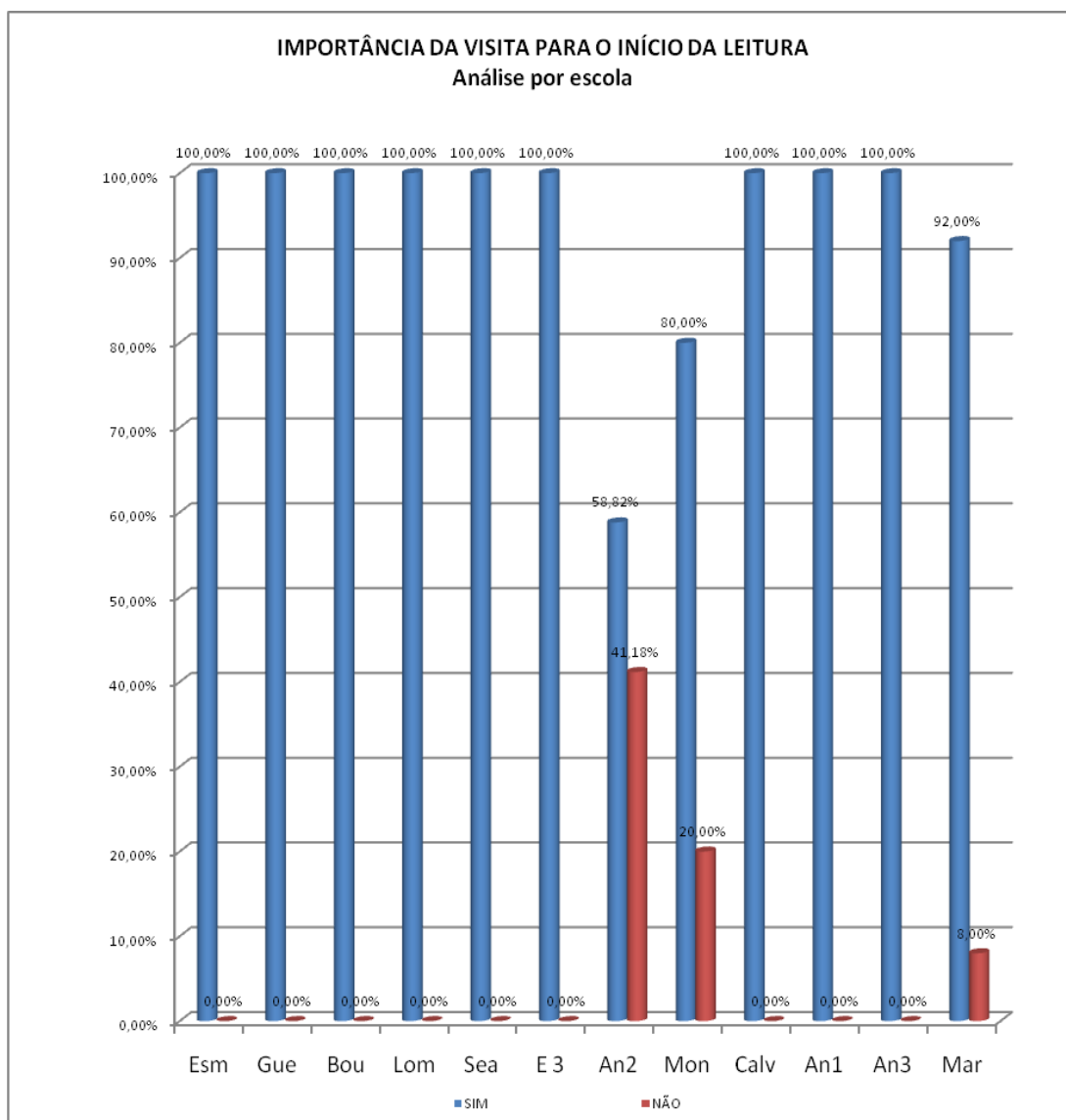


Gráfico nº 73

Se analisarmos os dados obtidos, numa óptica individual por escola, verifica-se que as respostas negativas são mais relevantes nas escolas de Anta 2 (41,18 %) e Monte (20,00 %), com estes alunos a afirmarem que não consideram importante a visita da Biblioitinerante para que as crianças comecem a ler.

Nestas duas escolas, onde as respostas são negativas, o peso relativo é superior nos rapazes no caso de Anta 2 (23,53 % contra 17,65 % das raparigas), sendo que na escola do Monte o peso relativo é igualmente distribuído pelos rapazes e raparigas (10,00 % em cada um dos casos).

**Pergunta 16 – FICASTE A GOSTAR MAIS DE LER, DESDE QUE A CARRINHA VEIO À TUA ESCOLA?**

Esta é talvez uma das mais importantes e directas questões a avaliar, no que concerne ao impacto deste serviço na motivação das crianças para a leitura. Os resultados servirão para avaliar o impacto efectivo na criação de hábitos de leitura nas crianças das escolas deste concelho.

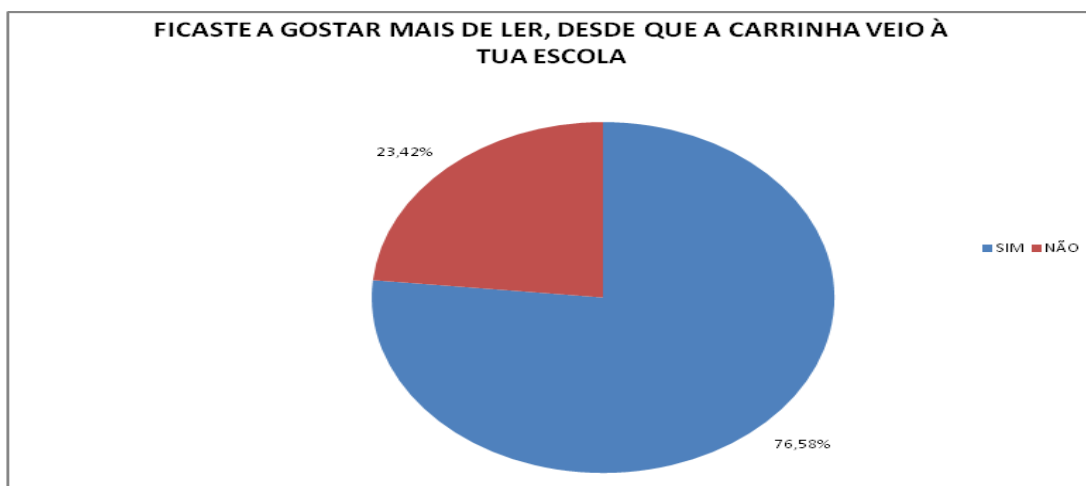


Gráfico nº 74

Verifica-se que grande parte dos inquiridos (76,58 %) respondeu que ficou a gostar mais de ler, desde que a carrinha veio à sua escola.

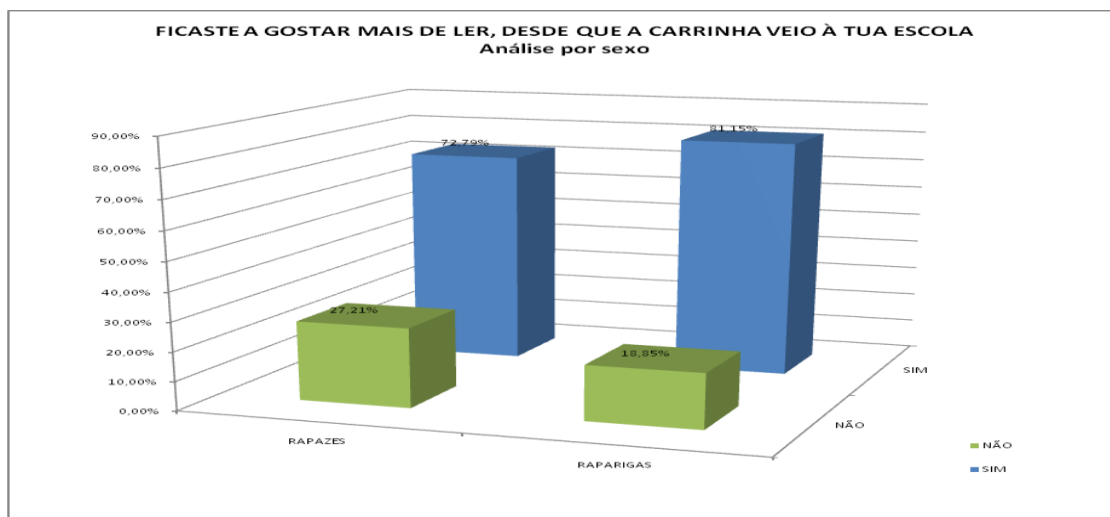


Gráfico nº 75

Os resultados são superiores nas raparigas (81,15 %) face aos dos rapazes (72,79 %). Apesar de na amostra o peso de rapazes ser superior, verifica-se que são mais as raparigas que ficam a gostar mais de ler, com a presença da carrinha na sua escola.

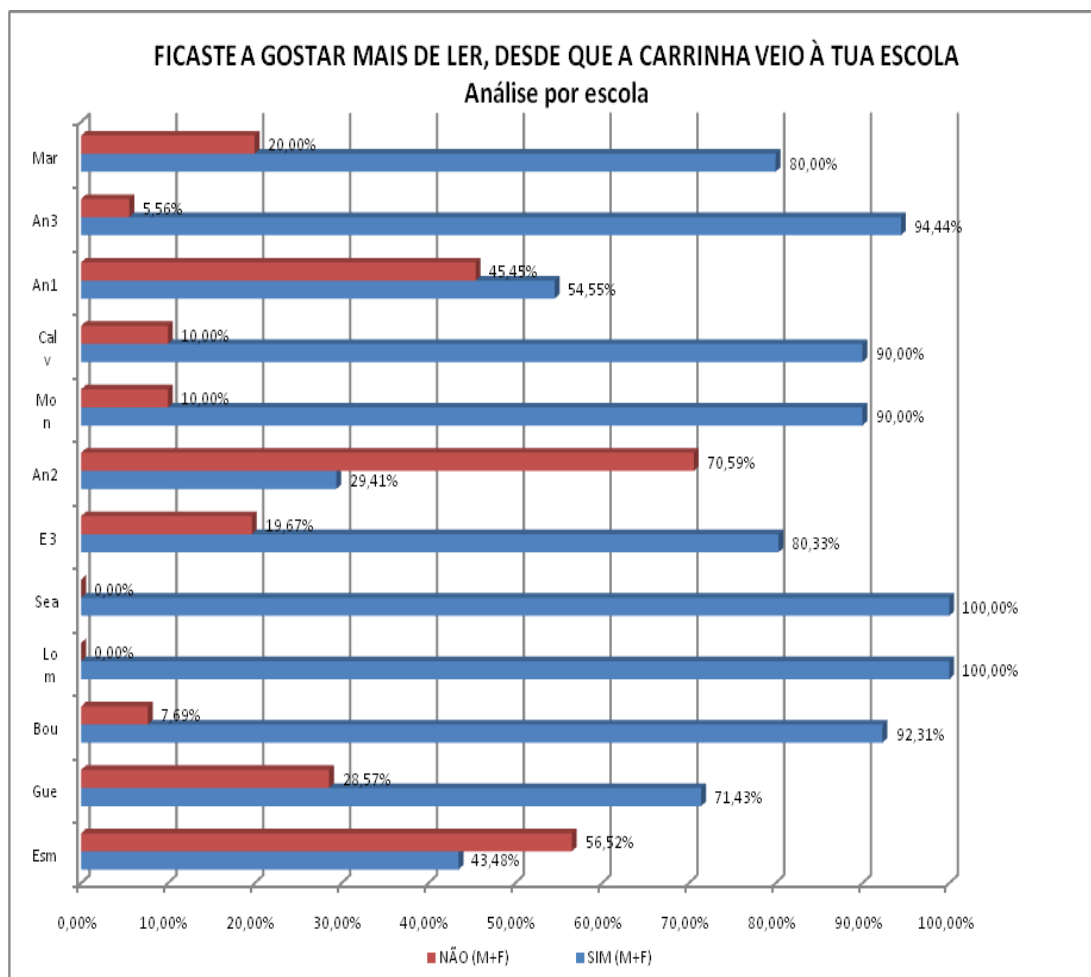


Gráfico nº 76

Se analisarmos os dados obtidos, numa óptica individual por escola, verifica-se que as respostas negativas são mais preponderantes nas escolas de Anta 2 (70,59 %), Esmojães (56,52 %) e Anta 1 (45,45 %)

Nas escolas de Lomba e Quinta da Seara, todos os alunos ficaram a gostar mais de ler, desde que a carrinha da biblioteca itinerante começou a visitar a sua escola, seguindo-se Anta 3 com 94,44 %.

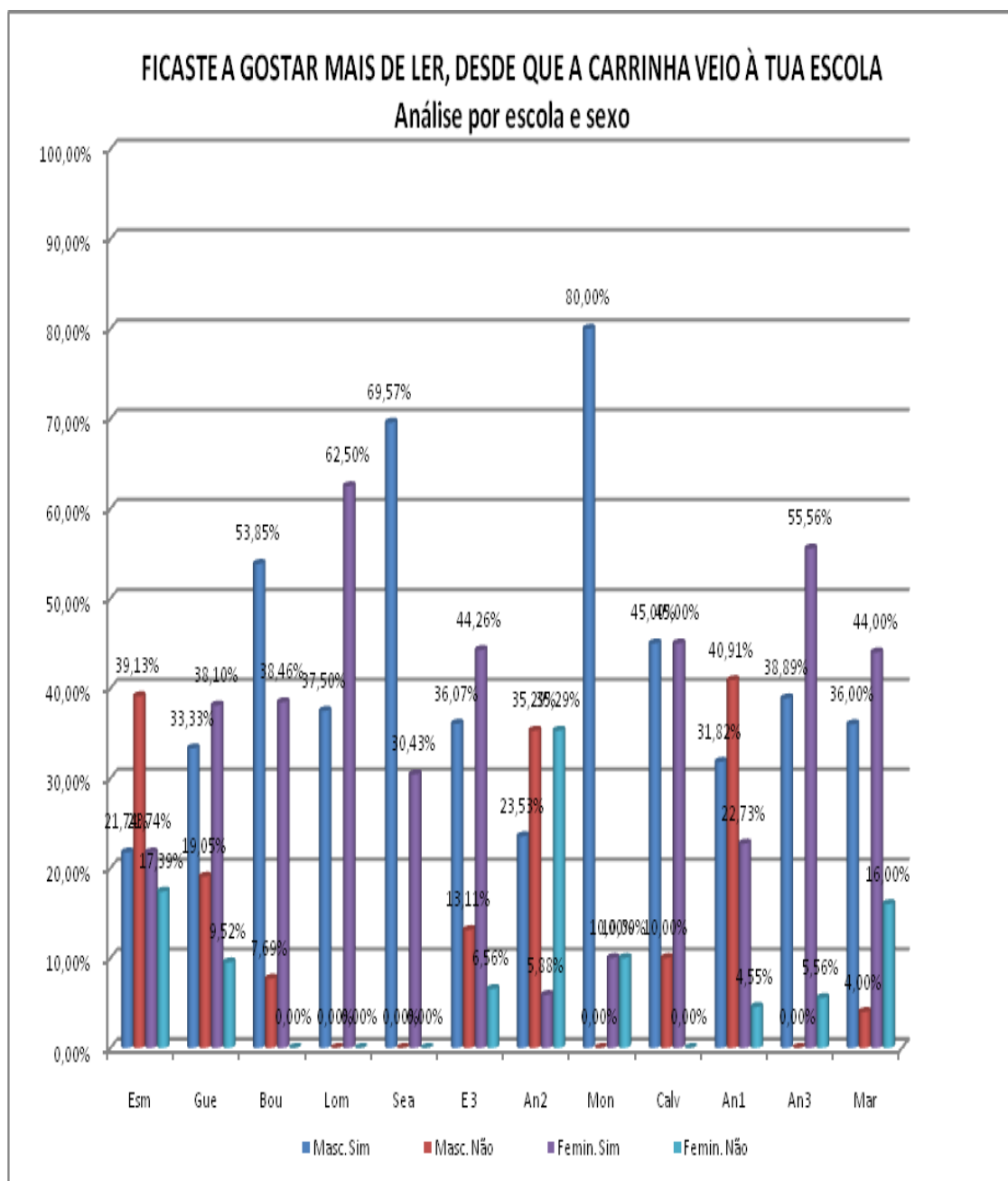


Gráfico nº 77

Nestas escolas, onde as respostas são negativas, o peso relativo é superior nos rapazes em Esmojães e Anta 1, sendo que em Anta 2 existe a curiosidade de o número de rapazes e raparigas ter o mesmo peso relativo (35,29 %).

Contudo, nas escolas de Monte e Seara, os rapazes destacam-se com respostas positivas (80,00 % e 69,57 %), enquanto que na Lomba e Anta 3, as

raparigas revelam um efeito superior das visitas da carrinha sobre os seus hábitos e gosto pela leitura.

### **Pergunta 17 – GOSTAVAS QUE A CARRINHA VIESSE MAIS VEZES À TUA ESCOLA?**

Como consequência da questão anterior, poderá ser necessário redefinir escalas de visitas do serviço às escolas. Desta forma, procuramos saber se a dinamização deste serviço, poderá contribuir ainda mais para a motivação das crianças para a leitura.

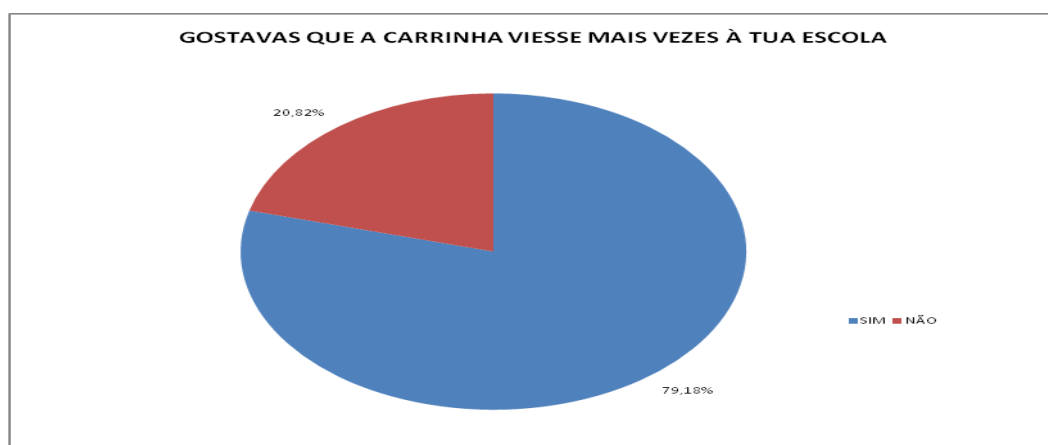


Gráfico nº 78

Verifica-se que 79,18 % dos alunos gostava que a carrinha viesse mais vezes à sua escola.

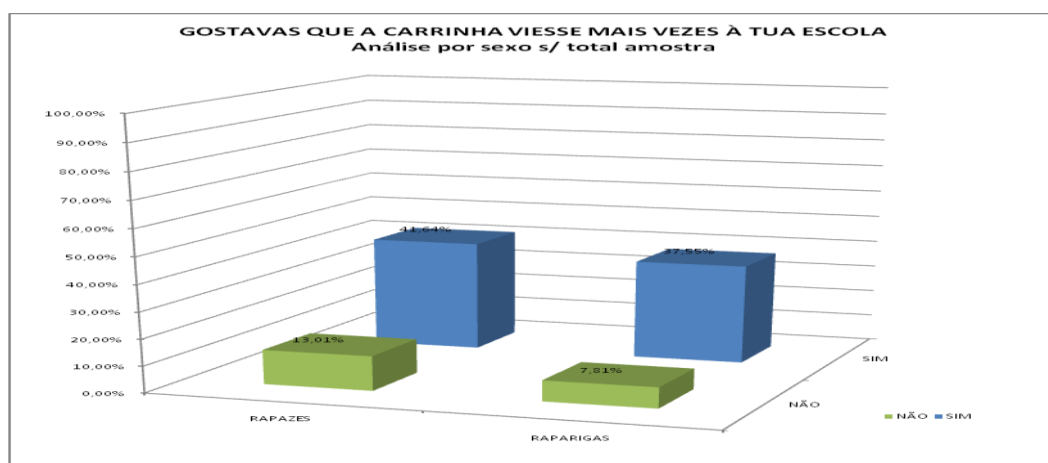


Gráfico nº 79

Os resultados são superiores nas raparigas 82,79 %, do que nos rapazes 76,19 %. Apesar de na amostra o peso de rapazes ser superior, verifica-se que as raparigas continuam a demonstrar um maior interesse na utilização deste serviço.

É evidente, através destes resultados, que as crianças gostam da visita da carrinha e demonstram o seu interesse numa frequência menos esporádica. As visitas a carrinha itinerante de Espinho funcionam quinzenalmente.

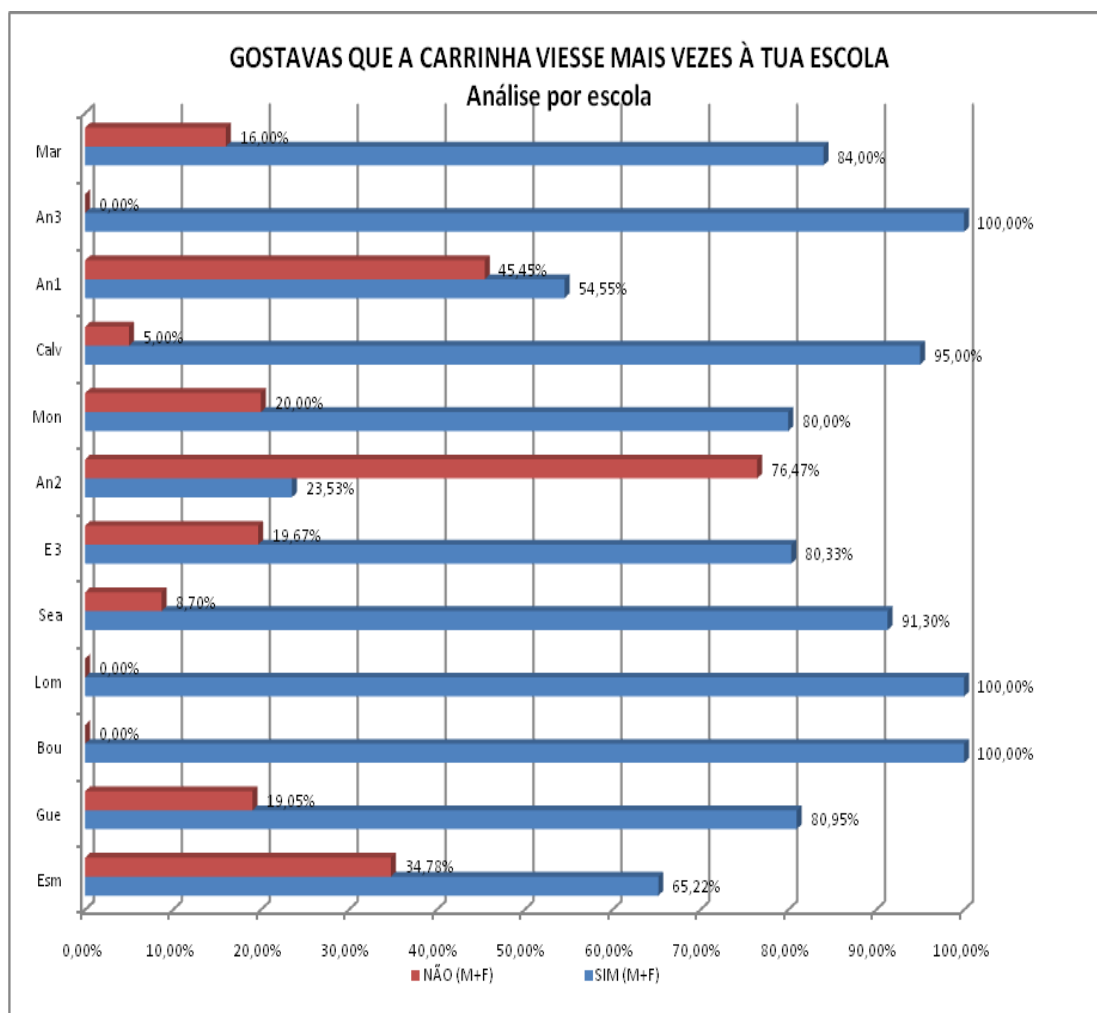


Gráfico nº 80

Se analisarmos os dados obtidos, numa óptica individual por escola, verifica-se que as respostas negativas assumem elevado destaque na escola de Anta 2 com 76,47 % e Anta 1 com 45,45 %.

Nas escolas de Lomba, Bouça e Anta 3, 100 % dos alunos querem que a carrinha visite mais vezes a sua escola, e na do Calvário, 95 % dos 20 alunos, têm o mesmo desejo.

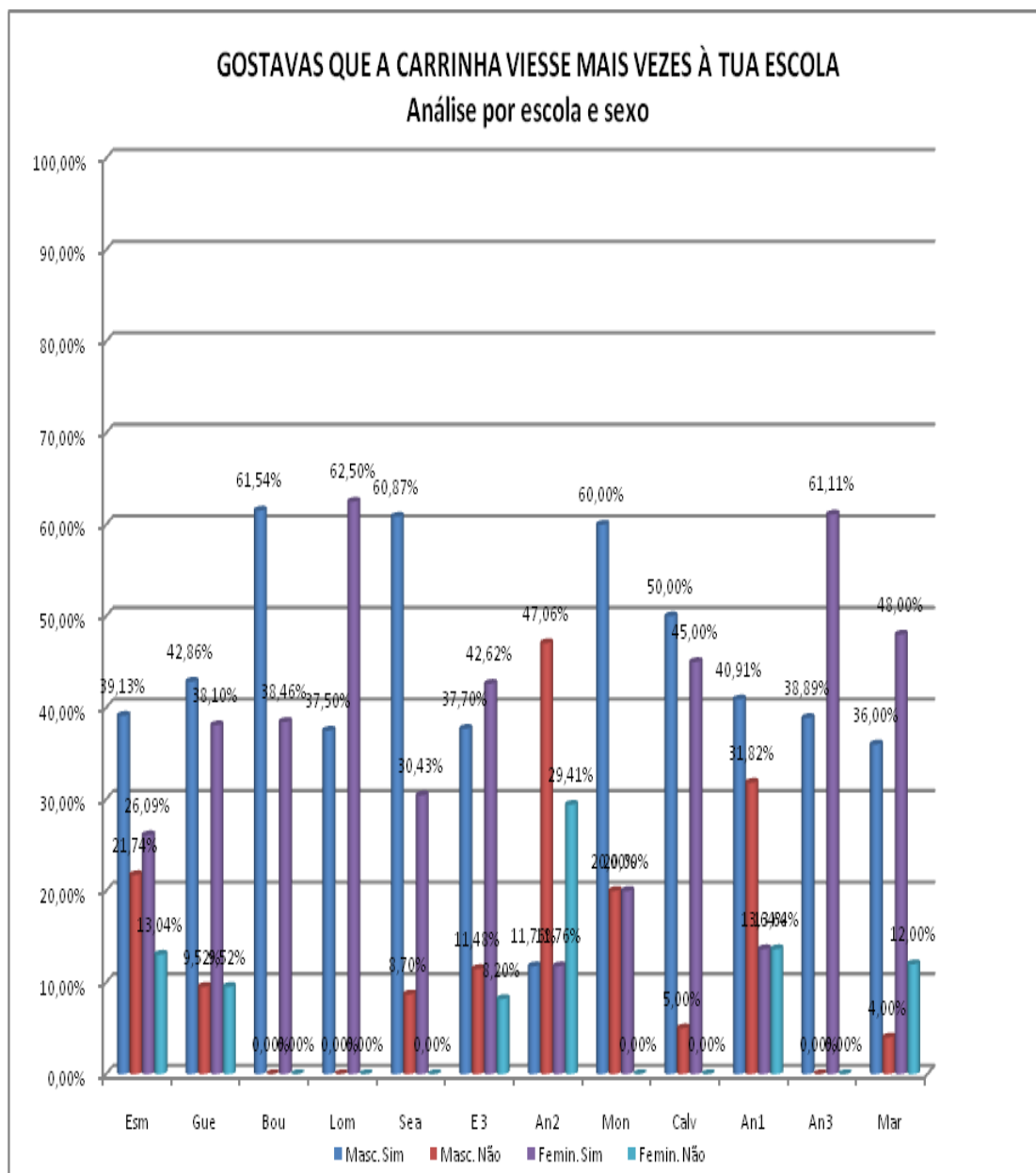


Gráfico nº 81

Nestas duas escolas, onde as respostas são negativas, o peso relativo é superior nos rapazes (Anta 2 com 47,06 % e Anta 1 com 31,82 %).

Ao nível das respostas positivas à questão colocada, os rapazes destacam-se nas escolas de Bouça, Seara e Monte, enquanto as raparigas se evidenciam mais nas escolas de Lomba e Anta 3.

### **Pergunta 18 – VAIS CONTINUAR A VISITAR A CARRINHA?**

É importante que, apesar de as crianças quererem que a carrinha possa ou não visitar mais vezes a sua escola, utilizem efectivamente este serviço. Assim sendo, considera-se igualmente como uma informação de relevo, saber se elas continuarão a visitar a carrinha da Biblioteca itinerante, uma vez que com isto se pode avaliar a sua motivação para a leitura, perante o que lhes é disponibilizado e oferecido.

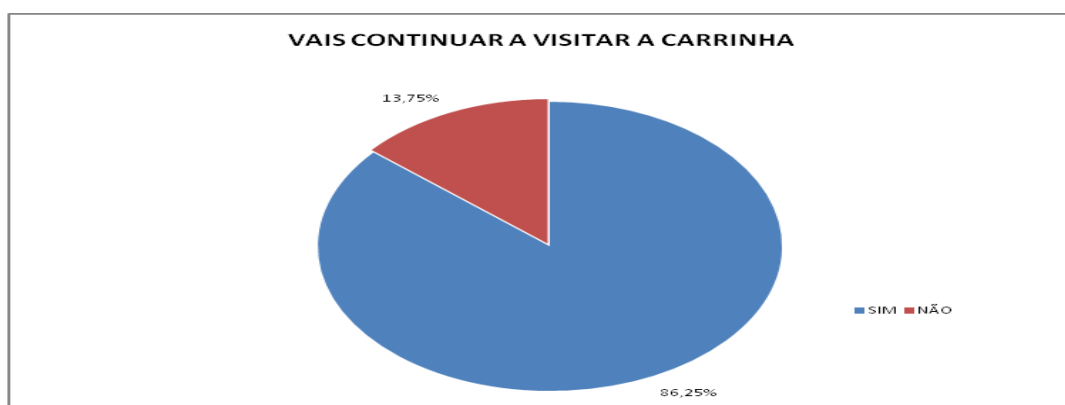


Gráfico nº 82

Verifica-se que grande parte dos inquiridos respondeu que vai continuar a visitar a carrinha (86,25 %).

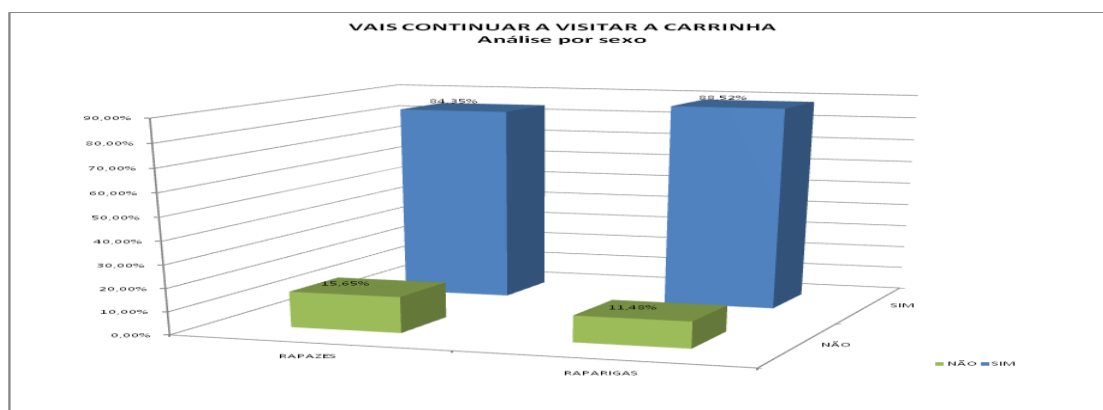


Gráfico nº 83

Os resultados são maiores nas raparigas (88,52 %) do que nos rapazes (84,35 %). Continua aqui a verificar-se uma maior motivação para a utilização deste serviço por parte das raparigas.

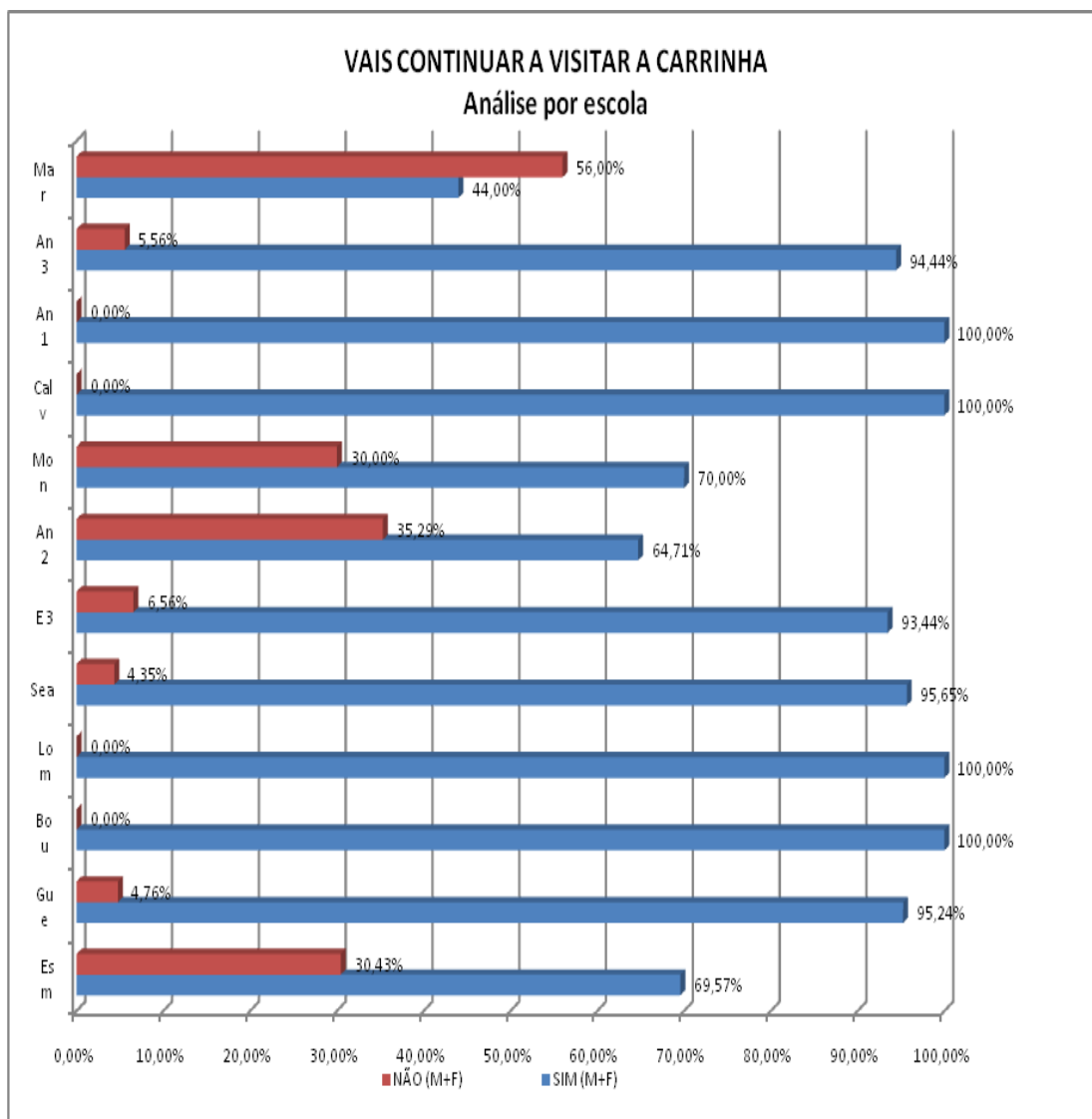


Gráfico nº 84

Se analisarmos os dados obtidos, numa óptica individual por escola, verifica-se que as respostas negativas são mais preponderantes nas escolas da Marinha (56,00 %), Anta 2 (35,29 %), Esmojães (30,43 %) e Monte com 30,00 %.

As escolas da Bouça e Lomba são aquelas que, juntamente com Calvário e Anta 1, são aquelas em que todos os alunos pretendem continuar a visitar a

carrinha, apresentando as escolas de Quinta da Seara um valor de 95,65 % do seu universo, e Guetim 95,24 % dos seus 21 alunos.

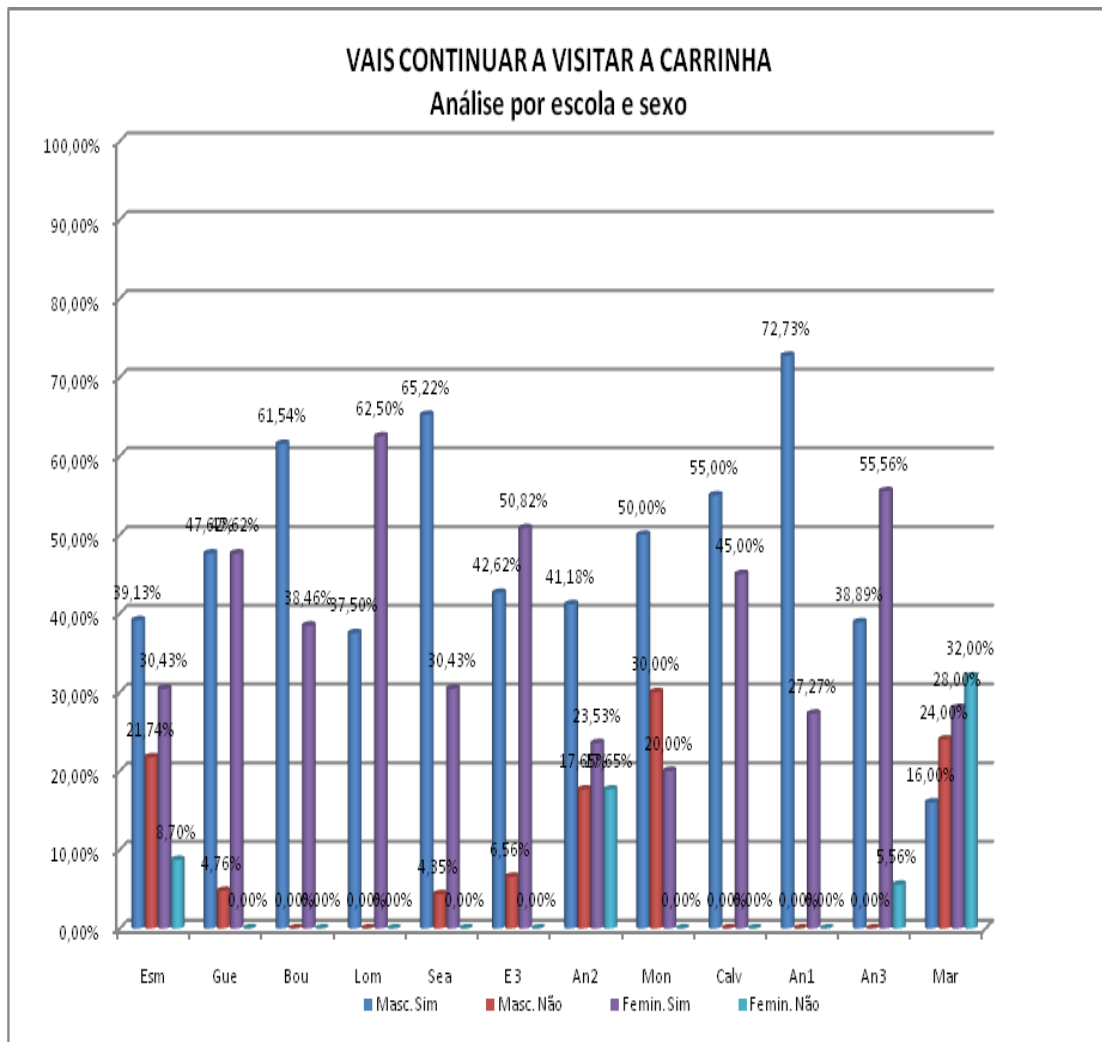


Gráfico nº 85

Os rapazes assumem um maior peso nestas escolas, com excepção de Anta 2 (onde existe um empate no peso relativo entre rapazes e raparigas) e Marinha (onde são mais as raparigas a não querer continuar a visitar a carrinha).

**Pergunta 19 – QUE TIPOS DE LIVROS GOSTAS MAIS DE LER?**

A motivação que o serviço da Bibliotinerante pode causar nos alunos avaliados, no que concerne aos seus hábitos de leitura, deve ter igualmente por base os gostos das crianças. Como tal, este serviço deve ser conhecedor dos gostos de cada um, procurando adequar a qualidade e quantidade do

fundo documental disponível, de forma a ir ao encontro das necessidades desta faixa etária. Deve, contudo, privilegiar igualmente uma grande diversidade de documentos, permitindo uma variabilidade temática grande, dando assim a conhecer documentos e assuntos que poderão vir a interessar às crianças.

Trata-se de uma questão de resposta múltipla, pelo que a análise obtida visou captar informação que nos permitisse adequar o fundo documental existente às necessidades e gostos das crianças.

Assim, indicamos algumas temáticas aos alunos, solicitando que sugerissem outras do seu interesse e que não estivessem ali contempladas. As nossas sugestões foram “Aventuras”, “Banda desenhada”, Poesia”, “História”, “Animais e Estudo do Meio”, “Saúde e Corpo Humano”, “Contos” e “Adivinhas e Lengalengas”. Obtivemos, por sugestão das crianças, outros temas e que foram “Rir/comédias”, “Terror”, “Suspense”, “Livros técnicos”, “Literatura clássica” e “Teatros”. Estas escolhas de temas em função das sugestões dadas pelas crianças, tiveram como base as suas respostas, sendo que destacamos algumas delas em cada um dos casos:

“**RIR**”, se sugeriram “Histórias de rir” ou “Livros de anedotas”; “**TERROR**” se a escolha dos alunos era livros de “Terror”, “Mortes” ou “Assustadores”; “**SUSPENSE**” se a temática era “Suspense” ou “Mistério”; “**TÉCNICOS**” agregou uma maior diversidade de escolhas, mas tendo sempre por base que a temática tinha uma forte especificidade que a poderia considerar como técnica, como são os casos de “Livros de motas e carros”, “Livros de desportos (ginástica, futebol, natação, luta, voleibol, andebol, futsal, ténis)”, “Livros sobre o Universo”, “Livros de culinária”, “Livros sobre construção e trabalhos manuais” e “Livros sobre guerras e pistolas”; “**CLÁSSICOS**” se a temática escolhida se relacionava com “Livros Clássicos”, “Livros de prosa”, “Romances” e “Lendas e Histórias do mundo”; e “**TEATRO**”, se era essa especificamente a temática escolhida pela criança.

Das temáticas indicadas por nós e sugeridas pelos alunos, obtivemos os seguintes resultados:

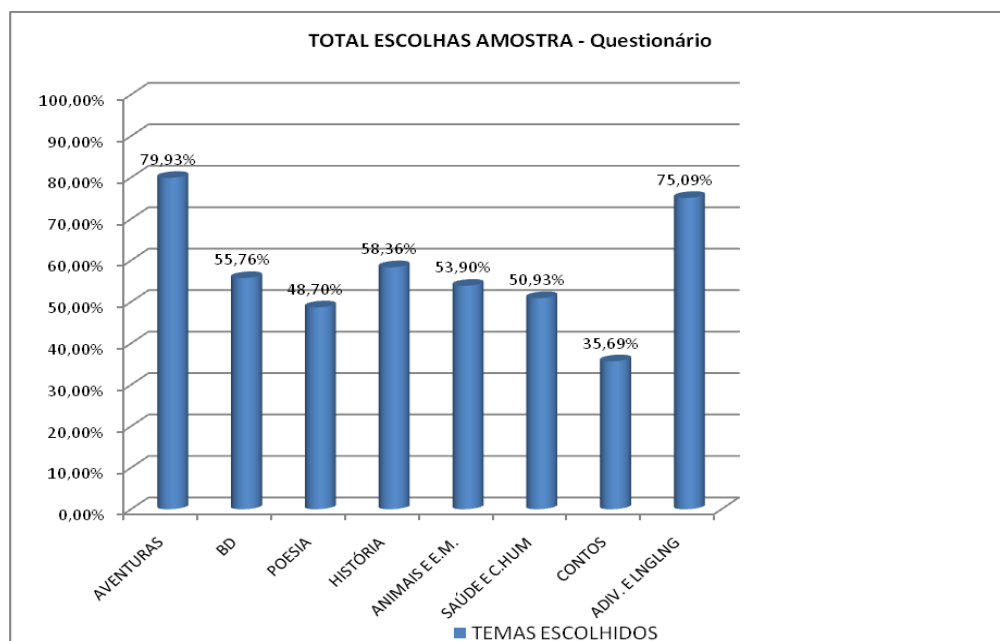


Gráfico nº 86

“Aventuras” e “Adivinhas e lenga-lengas” foram as temáticas preferidas dos alunos, com 79,93 % e 75,09 % das escolhas do universo dos 269 alunos da amostra. Esta escolha é feita por 84,35 % dos rapazes e 74,59 % das raparigas.

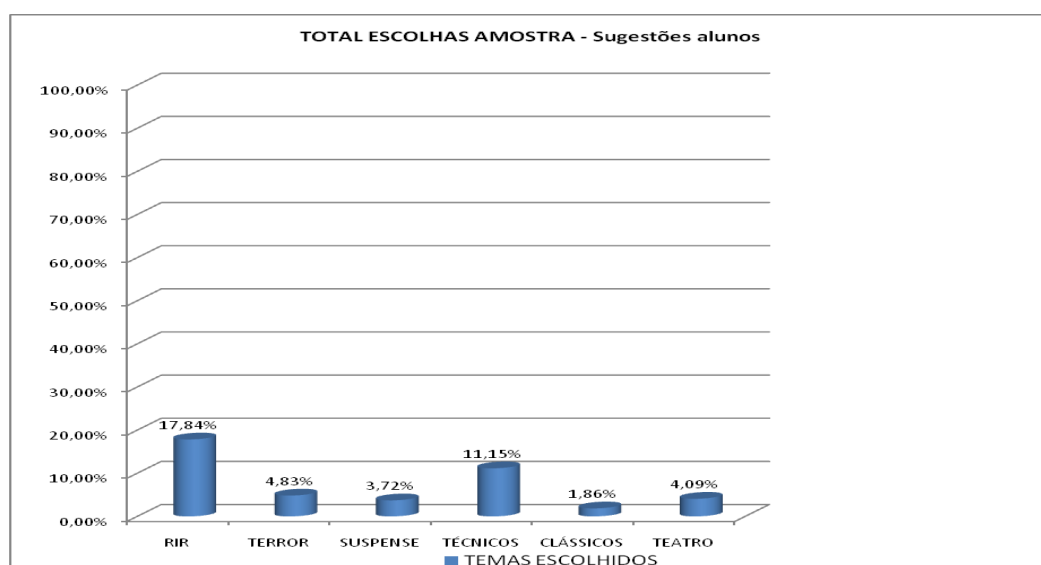


Gráfico nº 87

Ao analisarmos as sugestões dos alunos, destaque para os temas “Rir”, com 17,84 % das escolhas dos alunos da amostra e para os “Livros Técnicos” para 11,15 % dos alunos analisados na amostra.

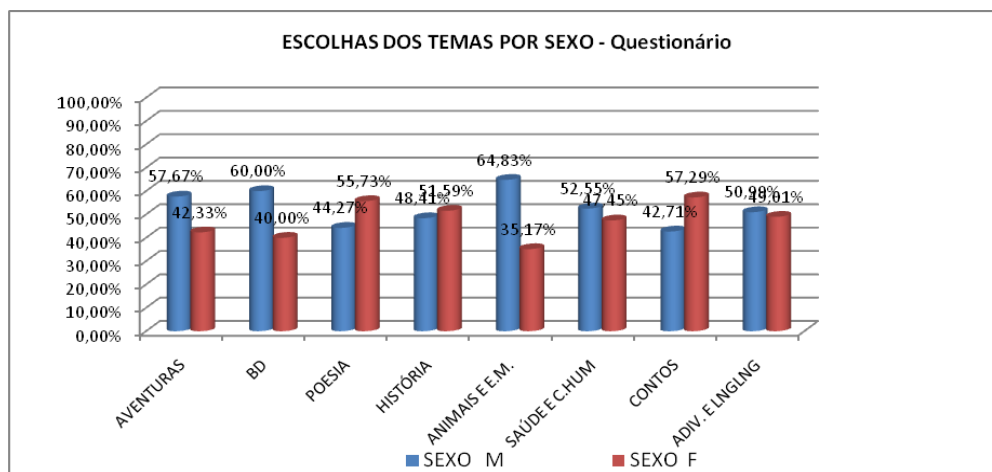


Gráfico nº 88

“História”, “Banda desenhada”, “Animais e Estudo do Meio” e “Saúde e Corpo Humano”, foram as escolhas seguintes, ainda acima dos 50 % das preferências da amostra, (respectivamente com 55,76 %, 58,36 %, 53,90 % e 50,93 % das respostas obtidas). A distribuição por sexo indica que na primeira (66,39 %) e na quarta (53,28 %) destas temáticas, a escolha é superior nas raparigas.

“Poesia”, e “Contos”, surgem num terceiro patamar de escolhas, com valores de 48,70 % e de 35,69 %. Sempre com uma maior preponderância de escolha por parte das raparigas.

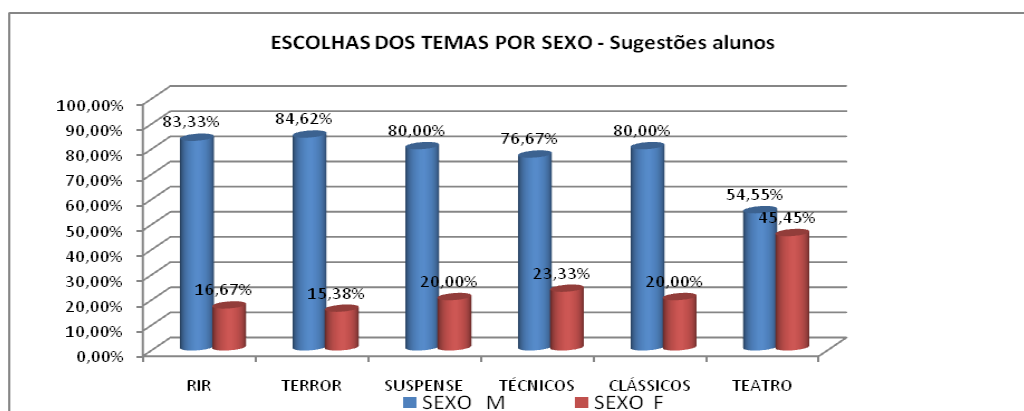


Gráfico nº 89

Ao avaliarmos as sugestões dos alunos, existe uma forte homogeneidade nos indivíduos do sexo masculino com valores que oscilam entre os 76,67 % (livros técnicos) e os 84,62 % (Terror) das escolhas, sendo que com a exceção do teatro, as sugestões das raparigas compreendem-se entre os 15,38 % (Terror) e os 23,33 % (Livros técnicos). Existe contudo um tema – exceção já indicada e que é o tema “teatro” - em que existe uma maior proximidade de resultados, mantendo-se contudo os rapazes em superioridade (54,55 %) face às raparigas (45,45 %).

Outra forma de analisarmos os resultados desta pergunta considerada neste questionário, e que consideramos relevante para podermos obter conclusões importantes, é a avaliação da escolha dos sexos face a cada um dos temas, ora previamente consideradas ora de acordo com as suas sugestões.

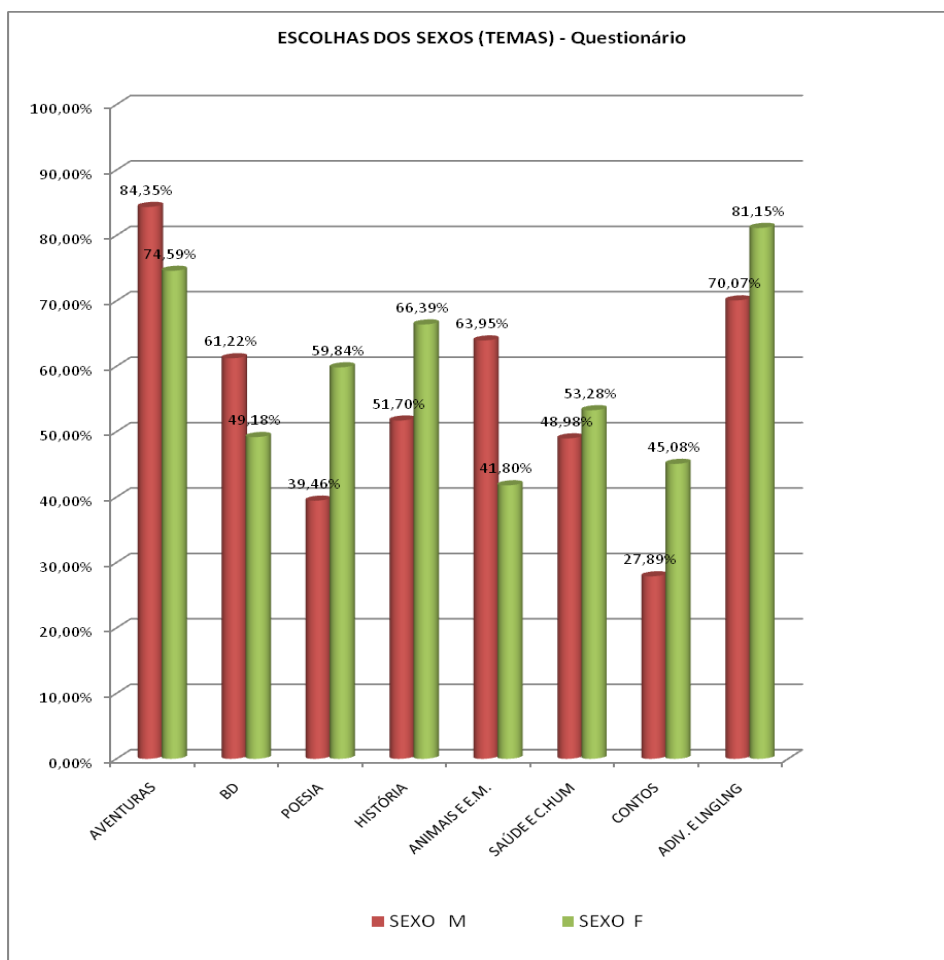


Gráfico nº 90

Dos indivíduos inquiridos e incluídos no sexo masculino, estes apresentam-se mais vocacionados para as “Aventuras” (84,35 %), a “Banda Desenhada” (61,22 %) e os “Animais e Estudo do Meio” (63,95 %), sendo que nas restantes classes, são as raparigas que se destacam, na “Poesia” (59,84 %), “História” (66,39 %), “Saúde e Corpo Humano” (53,28 %), “Contos” (45,08 %) e “Adivinhas e Lenga-lengas” (81,15 %).

Se a nossa análise quiser ainda, no âmbito deste gráfico, destacar os valores mais divergentes entre ambos os sexos, podemos dizer que a maior preferência de rapazes é no tema de Aventuras (84,35 %) e a menor é na temática dos “Contos” (apenas 27,89 %) e no caso das raparigas, a maior preferência recai sobre as “Adivinhas e Lenga-lengas” enquanto a menor será a de “Animais e Estudo do Meio” (41,80 %).

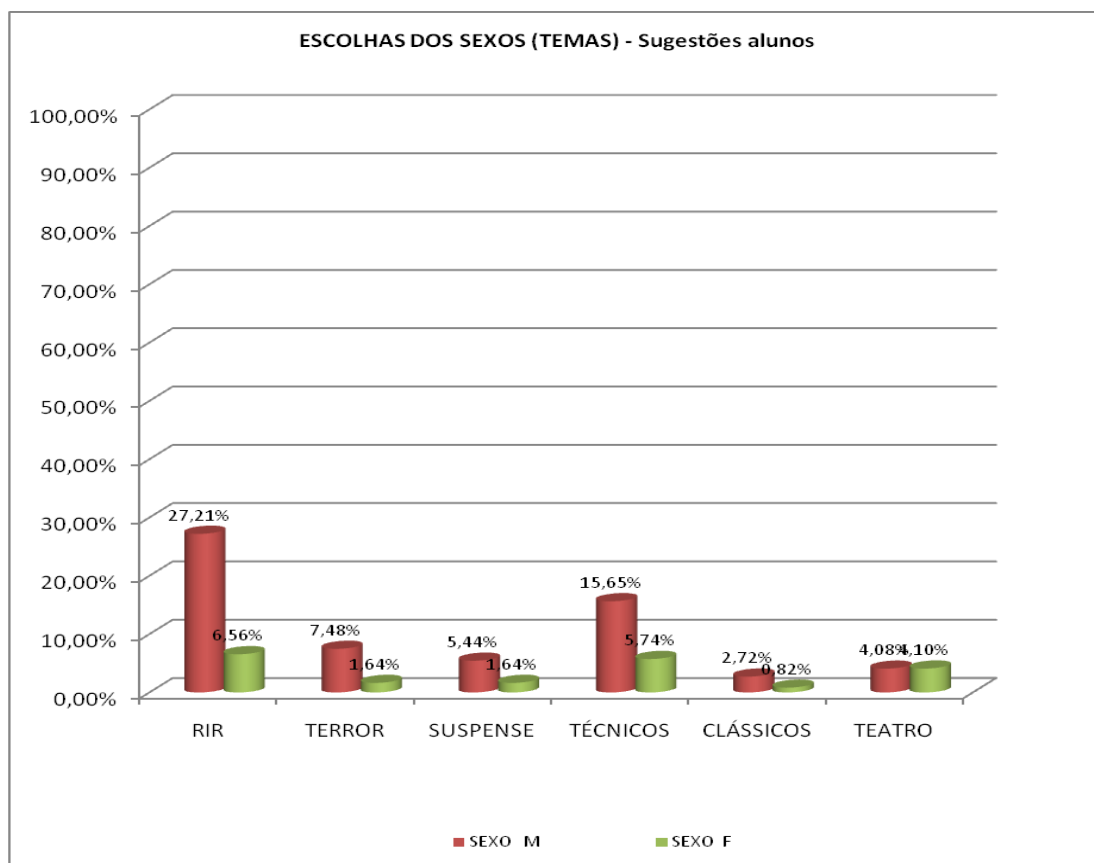


Gráfico nº 91

Ao analisarmos as sugestões dadas pelos alunos, podemos verificar que no caso dos indivíduos inquiridos do sexo masculino, estes indicam como preferências os “Livros de Rir” (27,21 %) e os “Livros Técnicos” (5,65 %), sendo que no caso das raparigas as sugestões mais indicadas são exactamente as mesmas ainda que em percentagens inferiores (6,56 % e 5,74 %, respectivamente). Curiosidade com algum relevo seráá o facto de em todos os casos de sugestões indicadas, os rapazes serem sempre em maior número do que as raparigas, pelo que as indicações dadas inicialmente no questionário poderão ser já uma escolha mais adequada às raparigas.

***Pergunta 20 – DEIXA AQUI ALGUMAS IDEIAS/SUGESTÕES:***

***a) Para melhorar o aspecto da carrinha***

Conforme foi avaliado nas questões 7 e 8, o aspecto visual da carrinha utilizada no serviço de Biblioitinerante é um aspecto fundamental para que as crianças se sintam impelidas a visitá-la, descobrindo novos conceitos e mais informação, utilizando-o como forma de criar um maior gosto para a leitura. Como tal, procuramos saber junto dos alunos a amostra, a sua opinião sobre quais os aspectos a melhorar na carrinha.

Apesar de ser igualmente uma questão que permitia a escolha múltipla, aqui não foram por nós sugeridas quaisquer respostas, pelo que as sugestões indicadas, resultam da opinião específica das crianças. Assim, agrupamos as respostas em 5 características que os alunos pretendiam ver alteradas: “Pintura e aspecto exterior da carrinha”, “Novos livros”, “Organização e arrumação dos livros”, “Dimensão da carrinha” e “Mobiliário e ar condicionado”.

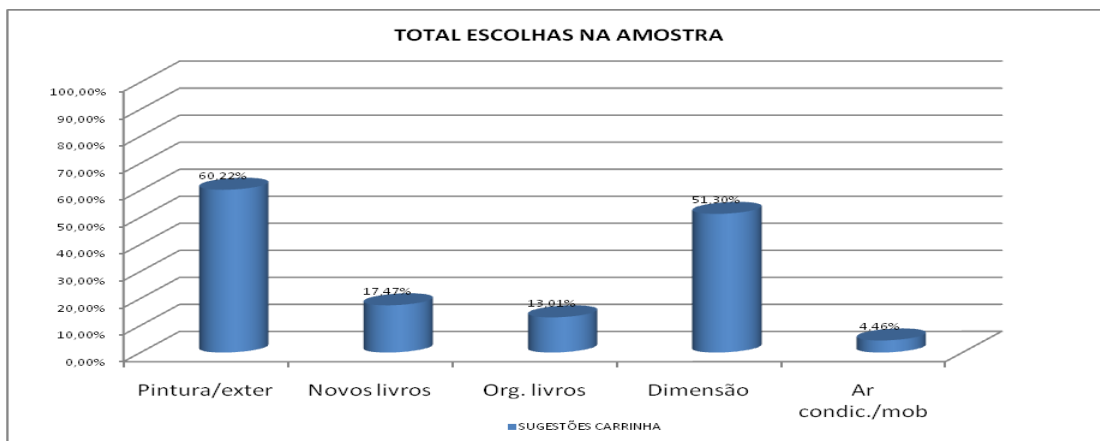


Gráfico nº 92

Os aspectos mais visíveis da carrinha, foram sem dúvida os que foram mais destacados nas sugestões das crianças, sendo que no caso da pintura e aspecto exterior as escolhas recaíram sobre 60,22 % das crianças, seguindo-se a questão da dimensão da carrinha, com 51,30 % das escolhas. No primeiro caso, foram as raparigas que mais escolheram este item (63,11 % do seu universo, contra 57,82 % dos rapazes), sendo que a dimensão foi alvo da escolha maioritária dos rapazes (52,38 % do seu universo, face à escolha de exactamente metade das raparigas).

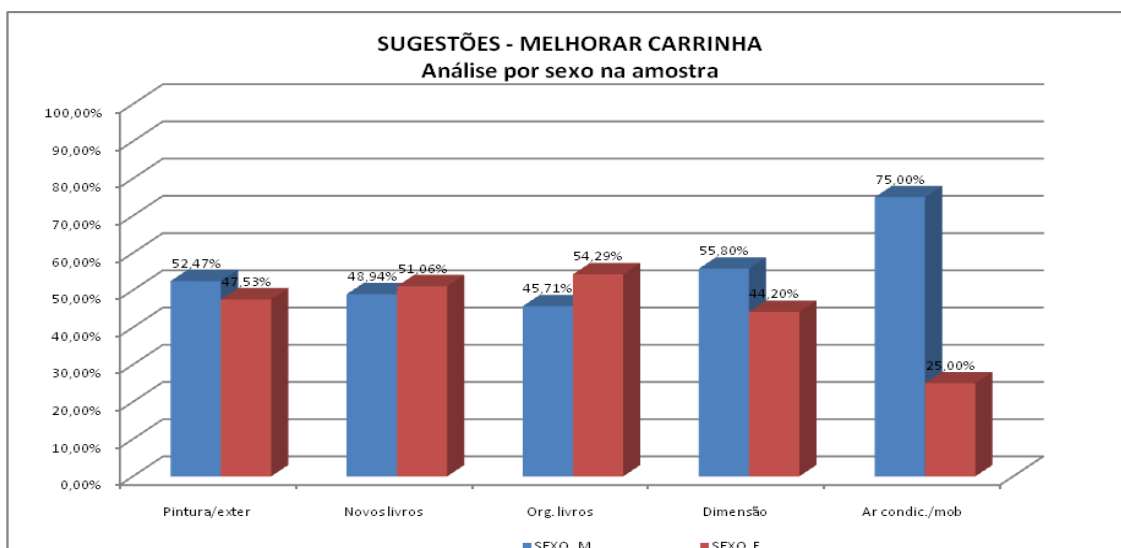


Gráfico nº 93

As sugestões referentes ao fundo documental apresentaram valores inferiores a 20 % nas escolhas do universo da amostra, sempre com maior relevo nas que resultam dos elementos do sexo feminino.

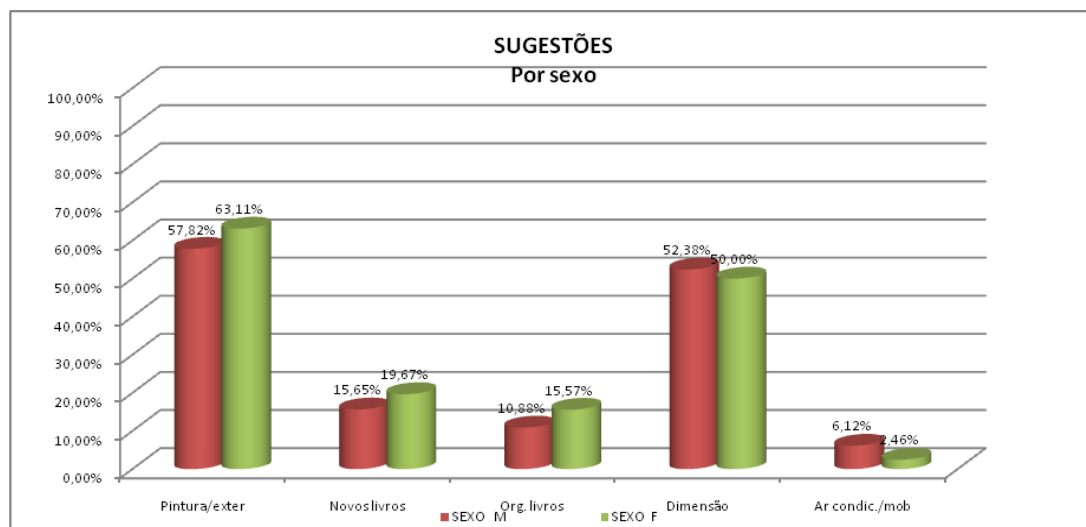


Gráfico nº 94

**b) Que outras actividades gostavas que estivessem disponíveis na carrinha?**

Na sequência da avaliação dos gostos e desejos das crianças, para poder criar pontos de motivação para a utilização deste serviço e para a dinamização dos hábitos de leitura, procuramos identificar outro tipo de actividades que pudessem ser introduzidas na Biblioitinerante, para uma maior utilização e satisfação das necessidades de leitura (ou associada) dos alunos.

Mais uma vez, utilizamos uma resposta de escolha múltipla, sem sugestões previamente definidas por nós. Resultaram desta pergunta as seguintes actividades: “Playstation”, “Vídeos”, “Música”, “Jornais”, “Outros livros”, “Jogos interactivos”, “Trabalhos manuais” e “Internet”.

As actividades tiveram estas denominações e resultaram fundamentalmente das respostas dadas pelos alunos nos questionários apresentados e que passamos a justificar com algumas delas:

“**PLAYSTATION**”, quando mencionam “Jogos específicos para a Playstation e PSP” e “A existência destes equipamentos na carrinha”; “**VÍDEOS**”, ao mencionarem a pretensão em terem “Filmes de vídeo e equipamento para visualização no local” bem como “Filmes de vídeo para poderem requisitar”; “**MÚSICAS**” é a intenção de “Haver CD’s de Música para ouvir no local ou levar para casa” e “Música ambiente na carrinha”; “**JORNAIS**”, se o aluno sugere a existência de “Jornais diversos” ou “Revistas diversas”; “**OUTROS LIVROS**”, são casos apontados de algumas temáticas como “Livros de História Antiga”, “Livros terror e suspense” ou “Bíblias”; “**JOGOS INTERACTIVOS**” é uma das sugestões mais vastas e indicadas, dando como referências “Jogos lúdicos (sobre Experiências, sobre corpo humano)”, “Jogos de mesa (Bingo, Xadrez, damas, dominó)”, “Teatro (Hora do conto, fantoches, teatro de sombras)”, “Jogos para PC” e ainda “Ensinar música”; já quanto aos “**TRABALHOS MANUAIS**”, a indicação dada pelas crianças seria em situações como “Fazer desenhos ou pinturas”, “Material escolar diverso para fazer trabalhos” ou “Escrevermos e contarmos as nossas próprias histórias”; no que concerne à “**INTERNET**”, a escolha do tema teve por base respostas como “Ter acesso e poder utilizar Internet”, “Ter computador para utilizar com jogos” e “Ensinar a trabalhar com os computadores”

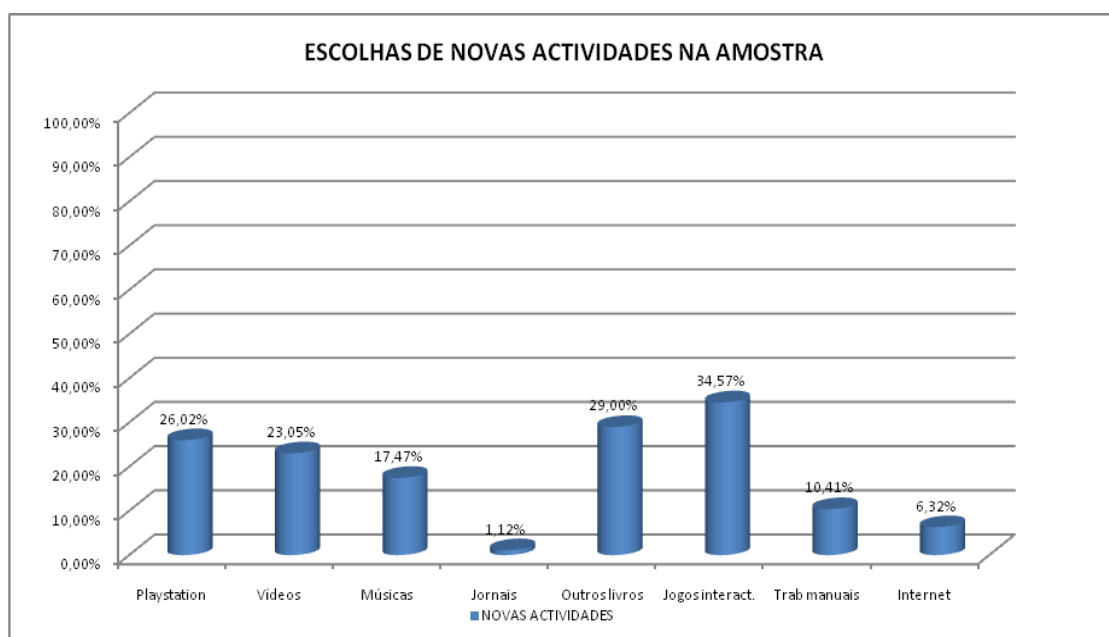


Gráfico nº 95

As principais actividades sugeridas foram os “Jogos interactivos” e “Outros livros”, com valores de 34,57 % e 29,00 %, e sempre com maior preponderância de escolha nos rapazes (ainda que no primeiro os valores apurados sejam praticamente iguais).

Seguiram-se a “Playstation” e os “Vídeos”, como sendo escolhas de aproximadamente 25 % das crianças. A “Música” e os “Trabalhos Manuais” representaram valores entre os 10% e os 20 % das sugestões indicadas, deixando para um valor residual a “Internet” (6,32 %) e os “Jornais” (apenas 1,12 % das escolhas a amostra).

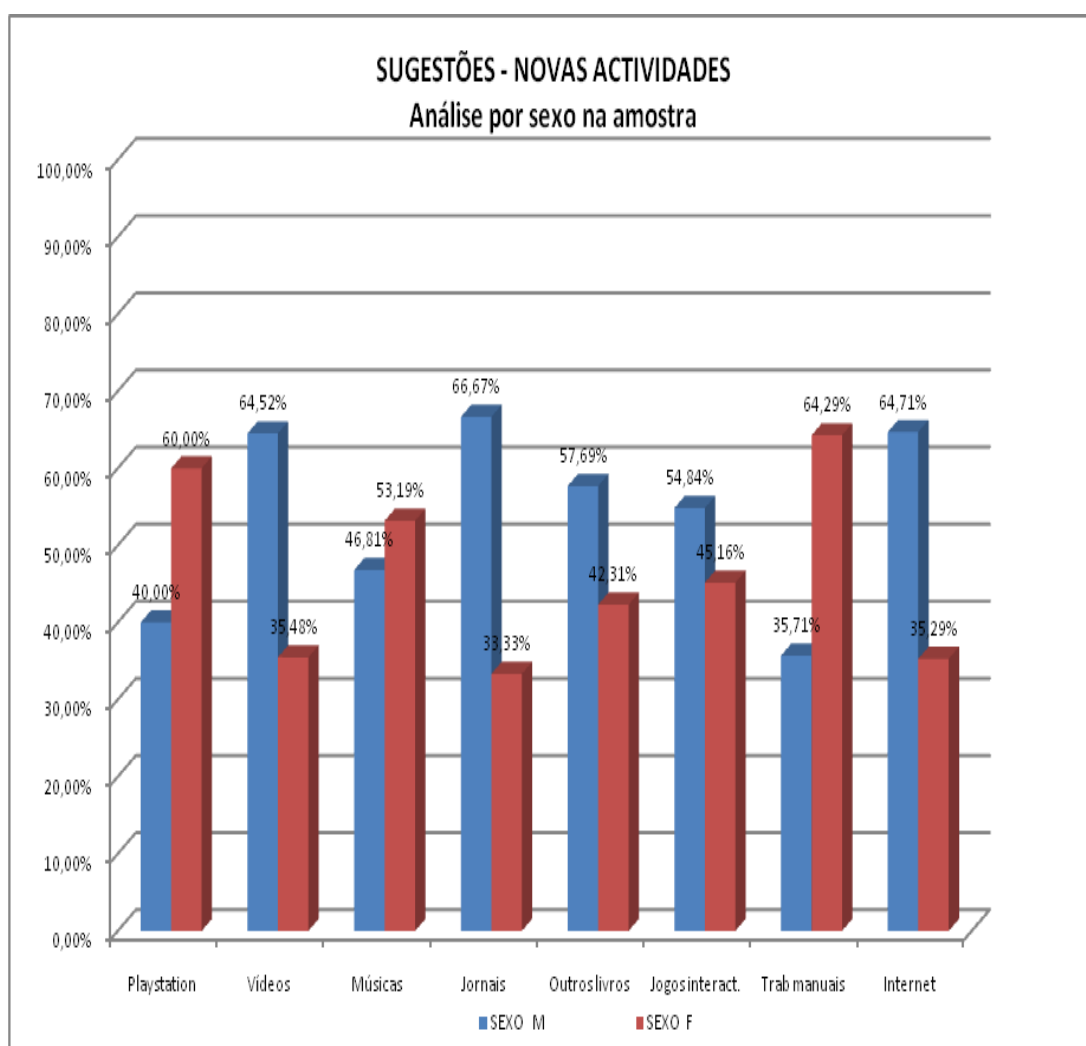


Gráfico nº 96

Com excepção da “Música”, da “Playstation” e dos “Trabalhos manuais”, as escolhas dos rapazes apresentam sempre valores superiores.

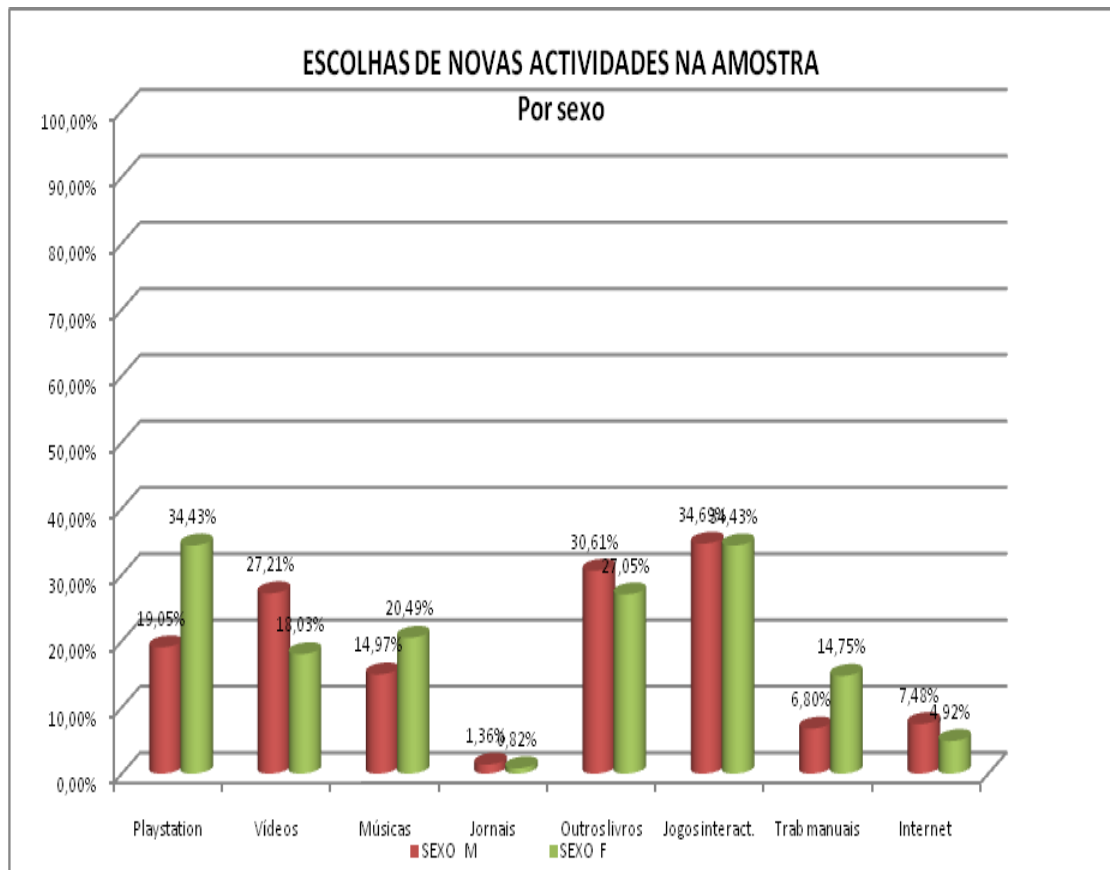


Gráfico nº 97

### 5.3. Conclusões gerais

Considerando a hipótese formulada, bem como os objectivos que lançados para a sua análise, este trabalho permitiu-nos obter importantes conclusões.

Assim, podemos concluir que apesar de a amostra ser composta por mais rapazes do que raparigas, verifica-se que na grande maioria das respostas dadas, não existe uma diferença significativa nos comportamentos e gostos demonstrados perante a carrinha, quer pelas raparigas, quer pelos rapazes. No entanto, existem alguns aspectos onde os gostos das raparigas se destacam, como por exemplo, o aspecto estético do interior e do exterior da carrinha, a

assiduidade nas visitas, ainda na qualidade do acervo documental existente na carrinha e ainda um maior gosto pela leitura, motivado pelas visitas do serviço itinerante da carrinha. Já no caso dos rapazes, destaca-se apenas uma maior vontade nas visitas da carrinha à sua escola.

Já nos aspectos menos positivos, verifica-se a não existência de diferenças significativas entre as respostas dos rapazes e das raparigas, nomeadamente no que concerne à facilidade e rapidez em encontrar os livros que necessita, e por outro lado, na falta de colaboração por parte das funcionárias, na escolha de livros.

Se avaliarmos esta análise no âmbito das respostas ao nível das escolas, aqui sim, verificam-se algumas diferenças relevantes. Assim, as escolas de Anta 2, Esmojães, Quinta da Seara, Monte e Marinha apresentam uma menor empatia com o serviço de biblioteca itinerante, ainda que sobre os mesmos aspectos que foram negativamente marcados ao nível dos sexos.

Se bem que no caso das escolas de Esmojães, Quinta da Seara, Marinha e Monte se possa admitir um maior distanciamento perante os serviços da Biblioteca (menos inscrições, menos visitas e menos relacionamento com os livros), já para o caso de Anta 2 não encontramos uma explicação plausível, até porque se situa numa zona de maiores recursos sócio-económicos.

Em contrapartida, destacamos os efeitos positivos que a carrinha itinerante exerce sobre as escolas de Anta 3, Calvário e Lomba, as quais se situam em zonas mais isoladas e com populações mais desfavorecidas (ciganos, toxicodependentes, etc.).

Este trabalho permitiu-nos obter outras conclusões importantes, se considerarmos os diversos objectivos específicos que pretendemos avaliar.

Assim, a grande maioria dos alunos diz conhecer a Biblioteca Municipal de Espinho e já a terá visitado, não havendo diferenças relevantes entre rapazes e raparigas. Já numa análise ao nível das escolas, apenas num caso (Quinta da Seara) os alunos dizem não conhecer a Biblioteca Municipal de Espinho.

Curiosamente, é também nesta escola que a maioria dos alunos afirma nunca ter visitado uma biblioteca, o que acaba por reiterar o desconhecimento acerca desta instituição. Não se encontra, contudo, uma justificação para esta discrepância.

Outro dos aspectos avaliados tem a ver com as taxas de inscrição e utilização dos serviços da Biblioteca, incluindo o da Biblioteca Itinerante. Assim, a maioria dos alunos está inscrito na Biblioteca Municipal de Espinho e costuma utilizar os seus serviços, incluindo a carrinha itinerante. Não existem assim, diferenças ao nível dos rapazes e das raparigas, pese embora em algumas escolas, os níveis de adesão à carrinha sejam inferiores. São os casos de Anta 1, Anta 2, Anta 3 e Monte. Se analisarmos os motivos para o não recurso a este serviço, encontramos em 50,45 % dos casos a ausência de cartão (perdeu-o ou ainda não tem) e em 23,42 % das situações, o aluno não tem disponibilidade, tendo sido alegado que não podem visitar a carrinha porque têm outras coisas para fazer ou porque a visita não se destinava à sua classe. Mas os motivos apresentados pelos alunos, denotam comportamentos muito semelhantes quer nos rapazes quer nas raparigas. Verifica-se ainda que em nenhuma resposta dada, o motivo indicado foi o não gostar de ler.

O aspecto visual da carrinha itinerante é outro dos indicadores que consideramos importante de ser avaliado, uma vez que poderia influenciar o recurso a este serviço. Pudemos concluir que, excepto no caso dos alunos da escola de Esmojães – quer sejam rapazes quer sejam raparigas – todos gostam dos aspectos exterior e interior da carrinha. Consideramos assim que esta excepção não se apresentou relevante, pelo que o impacto visual da carrinha itinerante é francamente positivo.

Entrando já no âmbito mais restrito do fundo documental disponível no serviço da carrinha itinerante, começamos a verificar já algumas respostas mais diversas. Apesar de a maioria dos alunos gostarem dos livros que este serviço lhes apresenta como disponíveis para requisição e leitura, queixam-se da dificuldade ao seu acesso, nomeadamente pelo facto de não os encontrarem com a facilidade que pretendem ou que julgam ser a melhor para satisfazer as

suas necessidades. Ao nível das escolas, não encontramos diferenças relevantes, quando afirmam que gostam dos livros; o mesmo acontece quando se fala das dificuldades no seu acesso, onde também não são encontradas diferenças notórias.

Procuramos também, como forma de avaliar os gostos dos alunos e a sua propensão para o contacto com os livros, identificar as suas preferências, de modo a dotar o serviço itinerante de um acervo documental mais completo e diversificado. Se de uma maneira geral, as escolhas recaíram sobre livros tradicionais, as crianças apresentaram também sugestões interessantes e em alguns casos curiosas, como sejam documentos humorísticos e livros técnicos. Aqui cumpre destacar o facto de terem sido os rapazes a apresentar maior volume de sugestões, não havendo no entanto um motivo para tal discrepância. Isto permitiu-nos também concluir que os alunos utilizam de forma activa e dinâmica o serviço da biblioteca itinerante, procurando no seu fundo documental, a satisfação das suas necessidades de leitura.

Consideramos igualmente como sendo um dos fundamentos deste trabalho, a avaliação da importância das visitas da carrinha itinerante às escolas, bem como o seu impacto nos hábitos e gostos pela leitura. Em todas as escolas analisadas, a maioria dos alunos gosta da visita da carrinha itinerante, tendo apresentado como principal motivo o facto de aqui existirem livros que permitem aos alunos aprender, o que vai de encontro ao outro motivo apresentado de que “é bom ler”. Não se verificaram aqui diferenças relevantes entre sexos.

Ainda avaliando a análise às visitas da carrinha itinerante, a quase totalidade dos alunos (independentemente do sexo) consideraram importante a ida deste serviço às suas escolas para que os meninos comecem a gostar de ler. Curioso é que os motivos identificados apresentaram uma repartição quase equitativa entre a criação do gosto pela leitura e a aquisição e geração do conhecimento. Aqui se denota que os alunos relevam a importância dos livros no seu desenvolvimento pessoal e social.

Apesar de a maioria dos alunos ter considerado que este serviço influenciou de forma positiva o seu gosto pela leitura, afirmando que ficaram a gostar mais de ler desde que começaram a usufruir das visitas da carrinha itinerante, verificamos que em três escolas a maioria dos rapazes não o considerou. Falamos dos casos de Esmojães, Anta 1 e Anta 2, escolas que apesar de evidenciarem alguma preponderância em respostas negativas a este serviço, não se apresentam como relevantes na análise global.

A avaliação dos recursos humanos é também um aspecto muito importante e que pode causar um impacto mais ou menos positivo sobre os alunos. Se por um lado, os alunos consideraram na sua grande maioria que as funcionárias são simpáticas, não havendo diferenças relevantes quer entre escolas quer entre sexo, já no que respeita à sua disponibilidade em ajudar as crianças a encontrarem o que necessitam, quase metade das crianças (rapazes e raparigas) consideram que esta mesma disponibilidade é reduzida. Mas, este pode nem ser um aspecto tido como negativo, porque em alguns casos, pode mesmo de forma inconsciente permitir às crianças um contacto com outro tipo de leitura que não seja aquele a que estejam habituadas; contudo, o tempo das visitas, bem como o elevado número de alunos que recorrem a este serviço, pode motivar esta falta de disponibilidade.

Finalmente, se avaliarmos a vontade de continuar a usufruir destas visitas e deste serviço, com excepção da escola de Anta 2 (não relevante no universo da amostra), em todas as outras escolas a intenção demonstrada é francamente positiva. Isto permite-nos concluir que o serviço da carrinha itinerante da Biblioteca Municipal de Espinho tem um efeito muito positivo sobre os hábitos de leitura das crianças, quer no que respeita aos seus gostos, quer no que concerne à sua vontade de aprender mais, quer ainda no aspecto de complementaridade ao ensino e valorização pessoal.

A qualidade deste serviço é um dos aspectos a ser melhorado pela Biblioteca Municipal, e como tal, as sugestões indicadas pelas crianças, quer no que diz respeito ao seu aspecto e funcionalidade, quer ainda no âmbito das suas actividades foram bastante interessantes. A vontade de ver a carrinha com uma

melhor imagem e a introdução de actividades com um carácter mais interactivo e lúdico, foram indicações dadas pelas crianças como objectivos a serem satisfeitos por este serviço. Mais uma vez, foram os rapazes que deram mais sugestões, ainda que não tão expressiva como no caso do fundo documental.

Em conclusão, a dinamização deste serviço itinerante da Biblioteca Municipal de Espinho, poder-se-á apresentar como uma solução com efeito muito positivo sobre os hábitos de leitura das crianças, nomeadamente sobre aquelas que residem e estudam na periferia da cidade de Espinho, onde as alternativas de socialização são inferiores e não tão diversas.

#### **5.4. Reflexões finais: estratégias a seguir**

O presente trabalho teve por base a pergunta de partida “*O que pensam os alunos do 4º ano de escolaridade, das diversas escolas do concelho de Espinho, da visita da carrinha Biblioitinerante?*”

As perguntas do questionário foram efectuadas com o intuito de obter respostas perante os objectivos estabelecidos, e como tal, mantendo uma análise pelas quatro temáticas atrás mencionadas, estas reflexões finais serão apresentadas de forma individual, ou seja, pergunta a pergunta. Mediante a análise dos resultados dos gráficos, comparando-os e interligando-os com as temáticas abordadas nos capítulos anteriores, passamos a descrever as reflexões que este trabalho nos permitiu obter.

O primeiro tema de análise procurou enquadrar os alunos com a leitura, com a Biblioteca Pública e com o seu serviço itinerante.

Na primeira questão procuramos avaliar o gosto pela leitura revelado pelo público-alvo, e verificamos que a esmagadora maioria dos alunos gosta de ler (aproximadamente 97,00 % dos alunos da amostra). Este gosto pela leitura é igualmente validado pelas respostas a outras questões, como sejam o gosto pelos livros que são disponibilizados pela carrinha itinerante (cerca de 70 % da amostra), o que denota interesse das crianças pela leitura e espírito crítico

acerca do fundo documental disponível, e a avaliação dos gostos literários das crianças, uma vez que para além das sugestões por nós indicadas, são mencionados por aquelas outros temas que indicam igualmente que de facto as crianças terão hábitos de leitura interessantes (destaque para os livros técnicos). Apesar de a bibliografia consultada para a realização deste trabalho, fazer referência a deficitários níveis de literacia em Portugal, os resultados obtidos com este trabalho indiciam que no concelho de Espinho, estes níveis apresentam uma tendência positiva, para a qual não será estranho o facto de nas escolas se estar cada vez mais a promover hábitos de leitura regulares, e por outro lado, a existência de uma biblioteca pública com serviço itinerante, contribuir para esta melhoria.

A segunda, a terceira e a quarta questões, procuraram analisar a relação existente entre os alunos (e as suas escolas) e a Biblioteca Municipal de Espinho (actualmente Biblioteca Municipal José Marmelo e Silva, inaugurada em Maio último nas suas novas instalações). Assim, é elevado o conhecimento existente desta instituição (recordo que, quando da realização do inquérito, a biblioteca funcionava noutras instalações), uma vez que em média, 80 % dos alunos da amostra já a visitaram e inclusive estão inscritos nesta Biblioteca. Há contudo resultados negativos numa das escolas (Quinta da Seara), onde a maior parte dos alunos não conhece esta Biblioteca (aproximadamente 80 %, sendo que 50 % são rapazes) e cerca de 50 % não estarão mesmo inscritos como utilizadores da mesma. Isto conduz-nos à necessidade de actuar rapidamente, no sentido de procurar que todos os alunos das escolas do 1º ciclo do concelho de Espinho estejam inscritos na Biblioteca Municipal, de forma a poder cada vez mais difundir os seus serviços e, através do serviço itinerante, contribuir para o crescimento dos hábitos de leitura. Outra acção passará por dar a igualmente a conhecer a todos estes alunos, as novas instalações, promovendo visitas guiadas.

As questões cinco e seis procuraram averiguar se as crianças recorrem aos serviços da biblioteca itinerante, e se o fazem com regularidade. Apesar de a grande maioria utilizar este serviço, apenas pouco mais de 50 % o fazem

regularmente. Dos que não o fazem, a maior preponderância incide sobre os rapazes (cerca de 60 % das respostas negativas). Estes resultados verificaram-se nas escolas da freguesia de Anta (escolas nº 1, nº 2 e nº 3), tendo sido apontadas como principais justificações o esquecimento do cartão ou a ausência de inscrição e a disponibilidade do aluno (por não querer ou por estar a efectuar outras actividades). Aqui, será fundamental efectuar um novo plano de acção para apresentação e divulgação do serviço de Biblioteca Itinerante, como já foi atrás mencionado, com o intuito de cativar os alunos, proporcionando-lhes um reforço contínuo pelo seu gosto pela leitura, servindo como complemento aos hábitos adquiridos na escola ou em casa (aproveitando actividades com animação, por exemplo, conforme sugestões indicadas pelas crianças na pergunta vinte).

As questões sete e oito foram direccionadas para a temática do equipamento, procurando saber se as crianças gostavam da carrinha utilizada para este serviço, quer em termos de aspecto exterior, quer de espaço interior. Apesar de mais de 80 % das crianças gostarem do interior da carrinha (modelo Renault, já com mais de 20 anos), apenas menos de 70 % gostam do seu aspecto visual (com especial relevo para as raparigas). Procuramos igualmente, através da questão vinte, obter algumas sugestões para melhoria dos aspectos da carrinha, uma vez que estávamos em negociações para aquisição e preparação de uma nova viatura. Aqui, o aspecto exterior (pintura) e a dimensão (nomeadamente em termos de interior), foram os aspectos mais referidos (indicados por mais de 50 % dos alunos da amostra). Dado que para o próximo ano lectivo (2011/2012) a nova carrinha estará já disponível, torna-se de facto extremamente importante a sua apresentação a todas as escolas, esperando obter uma melhor aceitação do equipamento e conseqüentemente maiores níveis de utilização do serviço itinerante.

A segunda temática abordada neste trabalho pretendeu avaliar a qualidade e disponibilidade do fundo documental, bem como dos recursos humanos alocados a este serviço.

As questões nove, dez e onze pretenderam avaliar a qualidade e disponibilidade do fundo documental. Apesar de mais de 90 % dos alunos da amostra gostarem dos livros disponíveis e entenderem que os mesmos os ajudam a aprender mais, existe uma grande dificuldade em encontrar rapidamente os documentos que pretendem consultar ou requisitar (dificuldade esta referida por cerca de 65 % dos alunos). E esta é uma dificuldade referida pelos alunos de quase todas as escolas, sendo que a sua repartição por sexo é muito idêntica. Como tal, é imperativo proceder-se a uma análise da forma como o fundo documental se encontra organizado, factor este que está já previsto e considerado no novo equipamento que, conforme foi dito, iniciará a sua utilização no ano lectivo de 2011/2012. Aliás, na pergunta vinte é outra das sugestões referidas pelos alunos (organização dos livros, mencionada por 13,00 % da amostra).

As perguntas doze e treze avaliam a qualidade dos recursos humanos e a sua capacidade e disponibilidade no auxílio à satisfação das necessidades dos alunos da amostra. Apesar de revelarem simpatia para com estes (quase 90,00 % das respostas da amostra), existe um problema no que respeita à disponibilidade destas funcionárias em ajudar as crianças na escolha dos livros (quase 45,00 % das crianças referem este facto como negativo, com maior preponderância dos rapazes). Reportando-nos à bibliografia consultada e às indicações da mesma, nomeadamente as directrizes da IFLA para as bibliotecas móveis, os recursos humanos deste serviço devem ser cada vez mais profissionais, com formação específica para a execução do mesmo, e com um elevado nível de envolvimento com os utilizadores. Por outro lado, as funções dos bibliotecários e dos técnicos de biblioteca, devem ser também de assessoria e auxílio na escolha dos documentos mais adequados à satisfação das necessidades dos utilizadores. Desta forma, outra das áreas onde urge actuar, é na preparação e formação destes recursos humanos específicos, uma vez que a exigência é cada vez maior.

A terceira temática do trabalho apresentado pretende avaliar a influência que as regulares visitas da Biblioteca Itinerante podem exercer nestes alunos e no

aumento dos seus hábitos de leitura e, conseqüentemente, dos seus níveis de literacia.

Nas questões catorze a dezassete, procuramos saber se os alunos consideravam importante a visita da carrinha à sua escola, sendo que a sua esmagadora maioria deu uma resposta positiva (quase 96,00 % do total da amostra), apontando como principal justificativo para tal o facto de, naquele serviço, existirem livros relevantes para a sua aprendizagem (cerca de 75,00 % das respostas afirmativas). Procuramos também avaliar a opinião dos alunos acerca da importância destas visitas, para que as crianças comecem a ler e melhorem as suas capacidades de leitura; a sua esmagadora maioria considerou como razões para este facto, a aquisição de conhecimento e a criação do gosto pela leitura. Quisemos igualmente saber se as crianças ficaram a gostar mais de ler com estas visitas e, se gostariam que estas fossem mais regulares; com excepção da escola de Anta 2 (cerca de 70,00 % dos seus alunos, com especial incidência nos rapazes), as respostas foram positivas, com aproximadamente 80,00 % dos alunos da amostra a pretenderem mais visitas e a considerarem que, com a existência das visitas deste serviço itinerante, o seu gosto pela leitura aumentou, o que poderá contribuir para a melhoria dos seus níveis de literacia.

A pergunta dezoito assume uma relevância especial, uma vez que nos dá uma ideia acerca da continuidade de visita por parte dos alunos, a qual serve para a preparação de uma melhor planificação dos itinerários e calendários do serviço de biblioteca itinerante, mais adequada às necessidades dos seus utilizadores. Mais de 85,00 % dos alunos pretendem continuar a visitar a carrinha itinerante, o que nos leva a concluir da importância deste serviço. Refiram-se apenas os resultados da escola da Marinha (56,00 % de respostas negativas), uma vez que entretanto passou a dispor de uma biblioteca escolar fixa, pelo que deixará de usufruir deste serviço itinerante.

Se juntarmos os resultados desta resposta aos das questões um (gosto pela leitura), quinze (importância das visitas para a criação dos hábitos de leitura) e dezassete (periodicidade e regularidade das visitas), bem como aos planos de

acção já sugeridos (mais visitas, maior número de inscritos, formação recursos humanos, apresentação e divulgação do novo equipamento e visitas guiadas à biblioteca), podemos concluir que o serviço de biblioteca itinerante da Biblioteca Municipal de Espinho, poderá e deverá continuar a assumir um papel fundamental e complementar à criação e melhoria dos hábitos de leitura dos alunos do 1º ciclo.

## Conclusão

Este trabalho revelou-se num importante instrumento de reflexão no que diz respeito ao funcionamento da Biblioteca Itinerante do Município de Espinho. Teve em vista servir de ponto de partida para melhorar o acesso à informação, a toda a comunidade que se encontra mais afastada geograficamente da Biblioteca Municipal ou que por algum motivo de saúde, temporária ou permanente, esteja impedida de se deslocar à Biblioteca Municipal.

Através de um inquérito passado aos alunos do 4º ano do 1º ciclo das escolas deste concelho, percebemos por um lado quais as mais valias resultantes da visita deste serviço móvel e por outro, quais as melhorias a implementar e acções a desenvolver, no âmbito do mesmo.

Apesar dos baixos níveis de leitura evidenciados em diversos estudos, nesta faixa etária, a grande maioria dos alunos da nossa amostra demonstra um forte gosto pela leitura, aprecia a visita da Biblioteca itinerante e procura um vasto número de obras, com temas específicos, aquando da sua visita.

Não obstante, há situações que devem ser melhoradas, nomeadamente ao nível do serviço de referência e às condições físicas da carrinha, obstáculo este que quando ultrapassado, permitirá melhorar a arrumação dos documentos e facultar o seu mais fácil acesso aos leitores.

Durante a realização deste trabalho deparamo-nos com algumas dificuldades, em particular no que diz respeito à escassa bibliografia existente sobre bibliotecas itinerantes. Uma outra adversidade teve a ver com a impossibilidade de obter os questionários preenchidos em tempo real, uma vez que o tempo disponível para os alunos estarem presentes na carrinha para esse mesmo preenchimento, era escasso; desta forma, foi solicitado aos respectivos professores, a sua colaboração para o preenchimento dos referidos inquéritos durante o período das aulas, o que levou a que fosse de todo impossível controlá-lo. Um dado que também poderá ter influenciado os resultados é o

facto da escola da Marinha ter passado a usufruir de uma Biblioteca Escolar fixa, durante o período de passagem deste questionário.

Cabe à Biblioteca Municipal, em conjunto com os seus utilizadores, melhorar e continuar a dinamizar o serviço da Biblioteca Itinerante de forma a cumprir com uma das suas prioritárias missões que é promover a leitura, permitindo o acesso à informação sem obstáculos e de uma forma motivadora.

## Referências Bibliográficas:

*A nave voadora – directório de Bibliotecas itinerantes portuguesas* (2011). Retirado em Fevereiro 28, 2011 de <http://anavevoadora.wetpaint.com/>

Arranz, Roberto Soto (2009). *As bibliotecas itinerantes e a componente tecnológica: significado de uma relação proveitosa*. Retirado em Janeiro 3, 2011 de <http://www.slideshare.net/robertosotoarranz/las-bibliotecas-itinerantes-y-la-componente-tecnologica-5433857> .

Azevedo, Ricardo (2006). *Aspectos instigantes da literatura infantil e juvenil*. Retirado em Março 22, 2011 de [www.ricardoazevedo.com.br/16.doc](http://www.ricardoazevedo.com.br/16.doc).

Bardin, Laurence (1977). *Análise de Conteúdo*. Lisboa: Edições 70.

Boletim informativo Nº 1, série 1 (1960). *O leitor e as bibliotecas*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian

Boletim informativo Nº 1, série 1 (1960). *Variedade na leitura*. Lisboa.:Fundação Calouste Gulbenkian

Boletim informativo Nº 2, série 1 (1961). *As bibliotecas itinerantes! Um facho vivo de luz percorrendo as estradas de Portugal*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian

Boletim informativo Nº 2, série 1 (1961). *As bibliotecas itinerantes e a vulgarização agrícola*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian

Boletim informativo Nº 5, série 2 (1966). *A finalidade das bibliotecas itinerantes* Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian

Boletim informativo Nº 7, série 1 (1963). *Instruções para utilização das bibliotecas itinerantes*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian

Brandão, Francisco Azevedo (1991). *Anais da história de Espinho: 895-1926*. Porto: Gráfica Firmeza.

Brandão, Francisco Azevedo (1995). *Vida associativa de Espinho (125 anos de história)*. Espinho: Junta de Freguesia

Cabral, Maria (1996). *Bibliotecas acesso, sempre*. Lisboa: Colibri.

Caldine, Clarice Fortkamp (2001). *O bibliotecário, a criança, e a literatura infantil – algumas ponderações*. Retirado em Março 19, 2011 de [www.revista.acbsc.org.br/index.php/racb/article/download/362/429](http://www.revista.acbsc.org.br/index.php/racb/article/download/362/429).

- Calixto, José António (2004). *Literacia da informação: um desafio para as bibliotecas*. Retirado em Janeiro 30, 2011 de <http://ler.letras.up.pt/uploads/ficheiros/artigo5551.PDF>.
- Câmara Municipal de Espinho (2011). Retirado em Março 20, 2011 de <http://portal.cm-espinho.pt/pt/>
- Campos, Maria Garcia de Paula (2007). *Literatura infantil no ensino fundamental*. Retirado em Abril 13, 2011 de <http://www.docstoc.com/docs/32940732/Literatura-infantil-no-ensino-fundamental-an%C3%A1lise-da-recep%C3%A7%C3%A3o-na>.
- Carneiro, Liliane Bernardes (2008). *Leitura de imagens na literatura infantil: desafios e perspectivas na era da informação*. Retirado em Fevereiro 2, 2001 de [http://bdtd.bce.unb.br/tesesimplificado/tde\\_busca/arquivo.php?codArquivo=3289](http://bdtd.bce.unb.br/tesesimplificado/tde_busca/arquivo.php?codArquivo=3289).
- Castro, Eline Fernandes de (2008). *A importância da literatura infantil para o desenvolvimento da criança*. Retirado em Maio 7, 2011 de <http://www.webartigos.com/articles/9055/1/A-Importancia-Da-Literatura-Para-O-Desenvolvimento-Da-Crianca/pagina1.html>.
- Eco, Umberto (1998). *A Biblioteca*. Lisboa: Difel.
- Faccini, Regina Áurea Pupin; Bertani, Íris Fenner. *O desenvolvimento do hábito de ler na construção da cidadania*. Retirado em Fevereiro 15, 2011 de <http://www.franca.unesp.br/O%20DESENVOLVIMENTO%20DO%20HABITO.pdf>.
- Faria, Maria Isabel; Pericão, Maria da Graça (1999). *Novo dicionário do livro: da escrita ao multimédia*. [Lisboa]: Círculo de leitores.
- Fontes, Olga Maia (2009). *Literatura infantil – raízes e definições*. Retirado em Março 22, 2011 de [http://repositorio.esepf.pt/bitstream/handle/10000/338/SeE14\\_Literatura\\_Infantil\\_Ra zes e Defini es.pdf?sequence=1](http://repositorio.esepf.pt/bitstream/handle/10000/338/SeE14_Literatura_Infantil_Ra zes e Defini es.pdf?sequence=1).
- Gascuel, Jacqueline (1987). *Um espaço para o livro: Como criar, animar ou renovar uma biblioteca*. Lisboa: Dom Quixote.
- Gill, Philip (2001). *Os serviços da biblioteca pública: Directrizes da IFLA/ UNESCO (2001)*. [S.L.]: Caminho.
- IFLA (2010). *Mobile library guidelines*. Retirado em Janeiro 10, 2011 de <http://www.ifla.org/files/hq/publications/professional-report/123.pdf>
- Jolibert, Josette (1994). *Formando crianças leitoras*. Porto Alegre: Artes médicas.
- Junta de Freguesia de Anta (2004). Retirado em Março 20, 2011 de <http://jf-anta.pt/>

- Junta de Freguesia de Guetim. Retirado em Março 20, 2011 de <http://jf-guetim.pt/>
- Junta de Freguesia de Paramos (2005-2011). Retirado em Março 20, 2011 de <http://jf-paramos.pt/>
- Junta de Freguesia de Silvalde. Retirado em Março 20, 2011 de <http://jf-silvalde.pt/>
- Magalhães, Ana Maria; Alçada, Isabel (1988). *Ler ou não ler – eis a questão*. Lisboa: Caminho.
- Manifesto da UNESCO sobre bibliotecas públicas* (1994). Retirado em Março 15, 2011 de <http://archive.ifa.org/VII/s8/unesco/port.htm>.
- Manzano, Mercedes (1988). *A criança e a leitura: Como fazer da criança um leitor*. Porto: Porto Editora.
- Martins, Maria da Esperança de Oliveira; Sá, Cristina Manuela Branco Fernandes de (2008). *As crianças e a leitura na pós-modernidade: contributo dos manuais escolares de Língua Portuguesa do 1º Ciclo*. Retirado em Fevereiro 6, 2011 de [http://www.casadaleitura.org/portabeta/bo/documentos/ot\\_criançasLeitura\\_a.pdf](http://www.casadaleitura.org/portabeta/bo/documentos/ot_criançasLeitura_a.pdf).
- Martins, Maria de Fátima (2010). *Representações das crianças em relação às bibliotecas como espaços de aprendizagem*. Tese de mestrado, Instituto de Educação da Universidade de Lisboa, Lisboa, Portugal.
- Melo, Daniel (2004). *A Leitura Pública no Portugal Contemporâneo 1926-1987*. Lisboa: Imprensa de Ciências Sociais.
- Mesquita, José (2010). *Sessão nº 7 – o ensino da leitura*. Retirado em Janeiro 13, 2011 de [www.slideboom.com/presentations/141772/7%C2%AA-sess%C3%A3o\\_ensino\\_leitura](http://www.slideboom.com/presentations/141772/7%C2%AA-sess%C3%A3o_ensino_leitura).
- Ministério da Educação (2007). *Apresentação do Plano Nacional de Leitura: justificação*. Retirado em Abril, 2011 de <http://www.planonacionaldeleitura.gov.pt/pnlv/apresentacao.php?idDoc=3>
- Neves, Rui Manuel (2005). *Bibliotecas em movimento: as bibliotecas móveis em Portugal*. Retirado em Novembro 15, 2010 de <http://www.bibliobuses.com/documentos/ruineves.pdf>.
- Nunes, Henrique Barreto (1996). *Da biblioteca ao leitor: Estudos sobre a leitura pública em Portugal*. Braga: Autores de Braga.
- Oliveira, Cristiane Madanêlo (2005). *Literatura infantil*. Retirado em Maio 25, 2011 de <http://graudez.com.br/litinf/origens.htm>.
- Piaget, Jean (1995). *A Psicologia da Criança*. Porto: Asa.

- Portugal (1997). *Constituição da república Portuguesa: depois da quarta revisão constitucional*. Mem Martins: Sporpress.
- Prole, António (2005). *O papel das bibliotecas públicas face ao conceito de literacia*. Retirado em Março 22, 2011 de [http://www.casadaleitura.org/portalpha/bo/documentos/ot\\_bibliotecas\\_literacia\\_a.pdf](http://www.casadaleitura.org/portalpha/bo/documentos/ot_bibliotecas_literacia_a.pdf).
- QREN (2009). *O novo norte: programa operacional regional do norte*. Retirado em Março 6, 2011 de <http://www.qren.pt/download.php?id=1036>.
- QUINTA, João (1999). *Espinho*. Espinho: João Quinta.
- Quivy, Raymond & Campenhout, Luc Van (2003). *Manual de investigação em ciências sociais*. Lisboa: Gradiva.
- Ranganathan, Shiyali (1931). *The five laws of library science*. Bombay: Ásia Publ. House.
- Rebello, José (1993). *Dificuldades da leitura e da escrita em alunos do ensino básico*. Rio Tinto: Asa.
- Salgado, Lucília (2001). *A literacia e a aprendizagem da leitura e da escrita*. Retirado em Fevereiro 12, 2011 de <http://ebim.drealentejo.pt/moodle/mod/resource/index.php?id=104>.
- Silva, Carina da Conceição Sousa da (2007). *A literacia da informação*. Retirado em Fevereiro 14, 2011 de <http://literaciadainformacao.web.simplesnet.pt/Ficheiro/Versao%20impressa%20do%20tema%20a%20literacia%20da%20informacao.pdf>.
- Sim-Sim, Inês (2006). *Ler e ensinar a ler*. Porto: Asa.
- Sousa, Maria Elisa; Gomes, José António (1994). *Ler é preciso? : a escola e a leitura*. Pombal: Centro de Formação dos professores de Pombal.
- Stringer, Ian (2009). *101 cosas que hay que saber sobre las bibliotecas mobiles*. Retirado em Janeiro 5, 2011 de <http://www.bibliobuses.com/documentos/Ian%20StringerPP.pdf>.
- Usherwood, Bob (1999). *A Biblioteca Pública como conhecimento público*. Lisboa: Caminho.
- Vieira, Eliezer de Jesus (2011). *Monografia: a importância da diversidade de géneros literários da alfabetização*. Retirado em Julho 21, 2011 de <http://www.pedagogiaaopedaleta.com/posts/monografia-importancia-diversidade-generos-literarios-alfabetizacao/>.

Vilà, Núria (2005). *La participación de los bibliobuses en el fomento de la lectura*.  
Retirado en Janeiro 7, 2011 de  
<http://www.bibliobuses.com/documentos/laparticipacionDOC.pdf>.

# Anexos

Espinho, 10 de Novembro de 2010

Exmo(a) Sr.(ª) Coordenador(a) da Escola

---

Venho desta forma solicitar a vossa colaboração na concretização do estudo para dissertação de mestrado na área de Educação e Bibliotecas.

Sou aluna do 2º ano de Mestrado em Educação e Bibliotecas pela Universidade Portucalense, estando a ser orientada pela Prof. Doutora Isabel Freitas.

Pertenço ao quadro da Câmara Municipal de Espinho, estando a exercer as funções de Bibliotecária, na Biblioteca Municipal de Espinho.

A minha dissertação versa sobre a temática do serviço da “Bibliotinerante” de Espinho, nomeadamente na avaliação do seu espaço e funcionalidade, assim como no impacto da visita deste serviço móvel sobre os alunos do 4º ano.

Desta forma, solicito a V/ autorização, no sentido de me permitirem a utilização do questionário anexo, junto dos alunos do 4º ano da vossa escola, o qual se revelará de elevada importância para a concretização do estudo aqui referido.

Agradeço desde já a vossa maior atenção, solicitando desta forma a confirmação da autorização solicitada, no espaço abaixo constante deste documento.

Subscrevo-me respeitosamente.

Andrea Pinto de Magalhães

---

-----  
Autorizamos a utilização de questionários, no âmbito da dissertação acima identificada.

O (A) Coordenador(a) da Escola

---

## Questionário de Avaliação do Serviço da Bibliotinerante da Biblioteca Municipal de Espinho

Idade				
Sexo	M		F	
Ano de Escolaridade				
Nome da tua escola				

Responde a estas perguntas, colocando uma cruz (X) na tua escolha

		SIM	NÃO
1	Gostas de ler?		
2	Já visitaste alguma Biblioteca?		
3	Conheces a Biblioteca Municipal de Espinho?		
4	Estás inscrito na Biblioteca?		
5	Costumas vir à Carrinha - Biblioteca Itinerante?		
6	Se respondeste sim, vens sempre que ela visita a Escola?		
	Se respondeste não, porquê?		
7	Gostas do espaço interior da Carrinha?		
8	Achas que a carrinha é bonita por fora?		
9	Gostas dos livros que a carrinha tem para te emprestar?		
10	Achas que os livros que requisitas na carrinha te ajudam a aprender mais?		
11	Encontras rapidamente os livros que gostas?		
12	As funcionárias que te atendem na carrinha, são simpáticas?		
13	As funcionárias que te atendem, ajudam-te na escolha dos livros?		
14	Achas importante a carrinha vir à tua escola?		
	Se sim, porquê?		
15	Consideras que a visita da carrinha é importante para que os meninos e meninas comecem a gostar de ler?		
	Se sim, porquê?		
16	Ficaste a gostar mais de ler, desde que a carrinha veio à tua escola?		
17	Gostavas que a carrinha viesse mais vezes à tua escola?		
18	Vais continuar a visitar a carrinha?		

19 Que tipo de livros gostas mais de ler

(coloca uma “X” no tipo de livros que gostas mais e acrescenta outros que não estejam aqui indicados)

Aventuras	
Banda Desenhada	
Poesia	
História	
Animais e estudo do meio	
Saúde e corpo humano	
Contos	
Adivinhas e lenga-lengas	

20 Deixa aqui algumas ideias/ sugestões:

Para melhorar o aspecto da carrinha:

---

---

---

---

Que outras actividades gostavas que estivessem disponíveis na carrinha:

---

---

---

---

Obrigada!

Andrea Pinto de Magalhães

## **Entrevista a actuais e ex-funcionários da Biblioteca Municipal de Espinho**

Pela dificuldade em obter dados em suporte documental, acerca da história da Biblioteca Municipal de Espinho, bem como da evolução dos seus serviços, efectuamos uma entrevista a actuais e a ex-funcionários desta Instituição, com o intuito de recolher informação sobre esta temática.

Para tal, criamos seis questões que nos permitissem obter informação generalizada acerca da evolução cronológica e geográfica da Biblioteca Municipal de Espinho, nomeadamente desde a criação do Pólo da Biblioteca Calouste Gulbenkian.

1. Trabalha ou trabalhou na Biblioteca Municipal de Espinho? Desde quando?
2. Sabemos, por registos históricos, que a Biblioteca Municipal de Espinho passou, ao longo de vários anos, por diversos edifícios. Consegue-nos estabelecer uma cronologia destas alterações identificando os referidos edifícios e o respectivo período temporal em que funcionaram?
3. Ainda de acordo com registos actuais existentes, a Biblioteca Municipal de Espinho está integrada na Rede de Bibliotecas Escolares. Existirão assim, várias unidades que permitem um mais fácil acesso aos seus serviços e à informação, a um maior e mais diversificado universo de utilizadores. Pode-nos indicar de que forma se apresenta actualmente estruturada a Biblioteca Municipal de Espinho?
4. E consegue-nos dizer quando foram criadas as diversas estruturas que nos acaba de identificar na questão anterior?
5. Existe assim um serviço de Biblioteca Itinerante em funcionamento há alguns anos. Quais os fundamentos que assentaram na sua criação?
6. Pode, de forma resumida, explicar-nos o seu funcionamento? Fale-nos de alguns dos seus procedimentos, dos seus itinerários e cronogramas, dos recursos existentes (humanos, materiais e documentais) e do seu público-alvo.